

*Susan  
Wiggs*

Mesa  
para  
Cinco



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

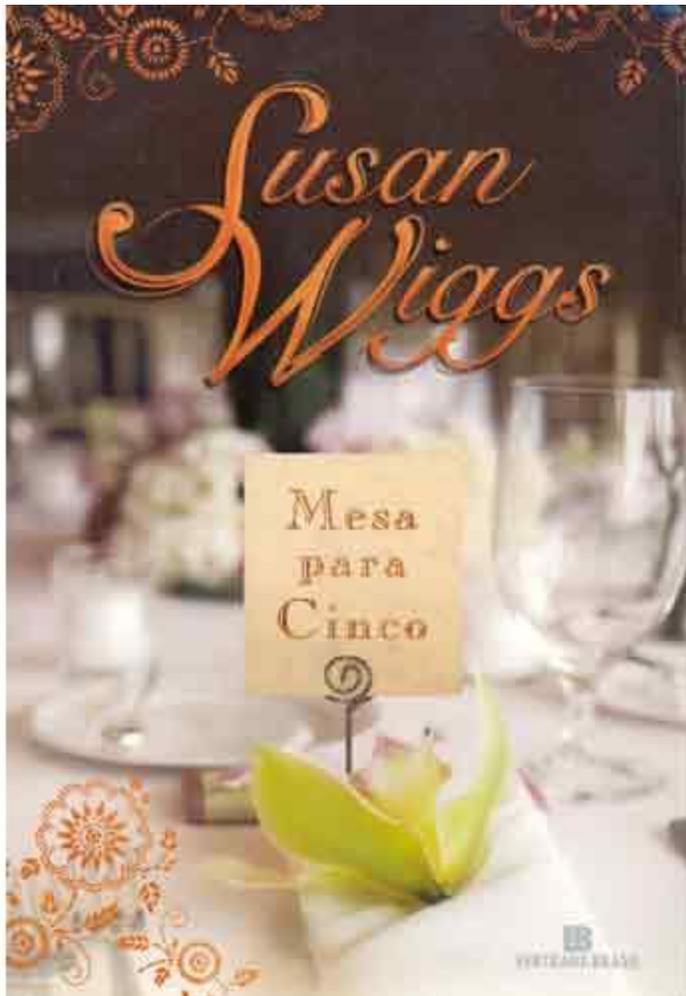
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***





[www.LivrosGratis.net](http://www.LivrosGratis.net)

Ficha técnica

Título: Uma mesa para cinco

Título original: Table for five

Autor: Susan Wiggs

Editora: Bertrand Brasil

Gênero: Romance

Digitalização: Silvana Bayer

Revisão: Marcilene Chaves

Numeração de páginas: rodapé

Sinopse

"Susan Wiggs retrata os pormenores dos relacionamentos humanos com a destreza de um mestre."

Jodi Picoult

ÀS VEZES É PRECISO ARRISCAR PARA LEVANTAR VÔO...

Professora talentosa, Lily Robinson adora seus alunos, embora seja uma defensora ferrenha do seu estilo de vida independente. No fundo, teme entregar-se ao amor, sob o risco de sair ferida.

Somente sua melhor amiga, Crystal, foi um dia capaz de aproximar-se dela. Agora, uma tragédia repentina arrasta Lily para a vida desmantelada da

família de Crystal, família esta que de uma hora para outra passa a precisar dela.

Sean Maguire é um homem sem raízes, acostumado a viver à sombra do irmão, Derek, golfista consagrado.

Mesmo tendo traçado o próprio caminho e agido de acordo com as próprias regras, tudo muda numa noite de abril, quando um acidente fatal de carro deixa órfãos os filhos de Derek e Crystal. Da noite para o dia, Sean vê-se

no papel de tutor.

Sean e Lily se encontram no desenrolar dessa tragédia, unidos pelo sofrimento e pelo amor mútuo por essas crianças. Mas educar três crianças é um trabalho monumental, e Sean percebe que tem diante de si um encargo além da sua capacidade.

E, embora Lily Robinson seja a tia do coração daquelas crianças desde o dia em que nasceram, a perspectiva de estreitar laços emocionais com elas significa correr riscos - riscos que ela não sabe ao certo se é capaz de enfrentar.

Os altos e baixos do amor e da vida familiar podem ser uma volta numa montanha-russa - excitante, imprevisível e aterrorizante, mas, ainda assim, repleta de um prazer

indescritível. E Sean e Lily estão prestes a descobrir possibilidades que talvez

façam tudo parecer valer a pena: um futuro cheio de esperança, felicidade e a

certeza

de que a crença no amor é a melhor de todas as escolhas.

SUSAN WIGGS é a aclamada autora de vários romances comoventes e inesquecíveis, verdadeiros bestsellers. Mora com o marido e a filha numa ilha

no noroeste do Pacífico,

onde está atualmente escrevendo o seu próximo romance.

Para Jay

Algumas coisas são tão inesperadas que ninguém está preparado para elas.-;

. - Leo Rosten

Capítulo 1

Sexta-feira - 14:45

-Olá, srta. Robinson, quer saber como descobrir o seu nome de estrela pornô?

- perguntou Russell Clark, saltitando na ponta dos pés na direção do ônibus escolar.

- Acho que consigo passar o dia sem isso. - Lily Robinson pôs a mão no ombro

do menino para impedi-lo de saltar da calçada coberta para a chuva torrencial.

- Ah, vamos lá, é fácil. É só dizer o nome da rua onde a...

- Não, obrigada, Russell - respondeu Lily no seu tom de "já chega", esperando

do fundo do coração que ele não soubesse o que era uma estrela pornô. - Isso

não é

muito apropriado e, além do mais, é você quem vai puxar a fila hoje à tarde.

- Opa! - Ao ser lembrado do privilégio, Russell empertigou-se e marchou compenetrado em linha reta, guiando os vinte e três colegas do terceiro ano primário até

a área coberta junto ao estacionamento. - Vou para o Echo Ridge hoje - disse,

dirigindo-se para o ônibus número quatro. - Tenho aula de golfe.

- Com esta chuva?

- Aposto que o tempo vai melhorar. Até mais, srta. Robinson. - Russell foi correndo para o ônibus, saltando por entre as poças d'água do estacionamento.

Lily distribuiu acenos e votos de bom fim de semana para o restante dos alunos, observando-os se dispersarem como um bando de patinhos agitados para os ônibus e

carros particulares. Charlie Holloway e sua melhor amiga, Lindsey Davenport,

eram as últimas da fila e conversavam de mãos dadas enquanto esperavam a sra. Davenport

chegar de carro.

Quando os olhares de Charlie e Lily se encontraram, a menina abaixou a cabeça e olhou em outra direção. Lily sentiu uma pontinha de compaixão pela

garotinha que

sofria ciente da vinda dos pais para uma reunião depois da aula. A menina pareceu-lhe pequenina e frágil tentando se esconder dentro da capa de chuva

amarela. Lily

sentiu vontade de confortá-la, dizer-lhe para não se preocupar.

Mas Charlie não lhe deu uma oportunidade.

- Lá está a sua mãe - disse, puxando a mão da amiga. - Tchau, bom fim de semana! - Charlie gritou para Lily, e as duas meninas correram para a caminhonete Volvo

azul. -

Lily sorriu e acenou, esforçando-se para não parecer preocupada, mas, ao ver as duas amigas íntimas saindo correndo juntas, lembrou-se da sua própria

melhor amiga

de infância - Crystal, mãe de Charlie. Aquela reunião não ia ser fácil.

- Ei, qual o problema? - perguntou Greg Duncan, o professor de educação física. Embora conhecido como um paquerador em tempo integral, depois da

aula ele treinava

o time de golfe do ensino médio.

- Fico surpresa por você perceber que há algum problema - disse-lhe Lily.

Greg abriu um largo sorriso e aproximou-se dela. Grandalhão e simpático como

um são-bernardo, tinha olhos castanhos aveludados, mãos que mais pareciam

enormes patas

e um apito prateado pendurado no pescoço.

- Sei muito bem qual é o problema - disse ele. - Você não tem um encontro hoje à noite.

Lá vamos nós de novo, pensou Lily. Ela gostava muito de Greg, gostava mesmo, mas ele a exauria com sua necessidade de atenção. Ele era um exagero de homem, da mesma

forma que um são-bernardo é um exagero de cachorro. Divorciado duas vezes,

Greg já havia namorado quase todas as mulheres que ela conhecia e, de uns tempos para

cá, tinha cismado com ela.

- Você está enganado - respondeu, devolvendo o sorriso. - Tenho planos para

hoje.

- Mentirosa. Você está apenas tentando poupar os meus sentimentos. Acusada

injustamente, pensou Lily.

- Ele está dando em cima de você de novo? - Edna Klein, a diretora da escola,

juntou-se a eles sob o toldo. Aos sessenta e poucos anos, com cabelos grisalhos pela

cintura e olhos azuis intensos, ela parecia uma vovó do festival de Woodstock.

Usava sandálias Birkenstock com meias, um colar indígena de prata e turquesa, e vivia

numa comunidade chamada Montanha Anuviada. Não obstante, todos tinham

grande respeito por ela. Apesar daquela aparência hippie, Edna acumulava um

doutorado em Berkeley,

três ex-maridos, quatro filhos adultos e dez anos de abstinência alcoólica no

AA. No que dizia respeito à administração da escola, era uma profissional exemplar:

apoiava os professores, encorajava os alunos, inspirava confiança nos pais.

- Assédio sexual no ambiente de trabalho - declarou Lily. - Estou pensando em

formalizar uma queixa.

- Eu é que vou me queixar - disse Greg. - Estou dando em cima dessa mulher

desde o Dia dos Namorados e tudo o que consigo é levá-la ao cinema uma vez

por mês.

- Pelo menos deixo você escolher o filme. O Inferno na Terra foi realmente o

máximo para mim.

- Você é uma donzela sem coração, Lily Robinson - disse, tomando o rumo do

ginásio. - Tenham um bom fim de semana, senhoras.

- Ele está gastando o charme dele com a pessoa errada - Lily comentou com Edna.

- Você é implacável assim com todos os homens ou só com o treinador Duncan?

Lily riu.

- Qual o problema de se fazer trinta anos? De uma hora para outra todo mundo

passou a se interessar pela minha vida amorosa.

- É claro, querida. Porque todos nós queremos que você tenha uma. As pessoas viviam perguntando a Lily se ela estava saindo com alguém ou se pretendia ter filhos.

Todas pareciam querer saber quando ela ia assentar. Elas não entendiam. Lily

estava assentada. Sua vida era exatamente como queria que fosse. Os relacionamentos

a assustavam. Entrar num relacionamento amoroso era o mesmo que entrar num carro com um motorista embriagado: a pessoa ficava sujeita a uma corrida

desenfreada e,

com certeza, alguém sairia ferido no final.

- Estou me intrometendo, não estou? - admitiu Edna. - "

- Com certeza.

- Não consigo me controlar. Eu adoraria ver você com alguém especial, Lily.

Lily tirou os óculos e limpou as lentes com uma ponta do suéter. O mundo se

transformou num borrão cinza e verde encharcado pela chuva, a paleta predominante da

primavera em Oregon.

- Por que ninguém acredita que estou satisfeita com as coisas exatamente do jeito que estão? "- Satisfação e felicidade são duas coisas diferentes. Lily colocou

os óculos e o mundo voltou a entrar em foco.

- A satisfação me faz feliz.

- Qualquer dia desses, minha amiga, você vai querer mais - advertiu-a Edna.

- Não hoje - respondeu Lily, pensando na reunião que estava por vir.

Um grupo de alunos reuniu-se à sua volta para se despedir. Edna aproveitou a

oportunidade para falar com cada um pessoalmente e todos foram embora com

um sorriso

no rosto.

Lily sentiu uma certa inquietação. Satisfação e felicidade são duas coisas diferentes. Já era difícil ser feliz sozinha, que dirá se tivesse de partilhar a felicidade

com mais alguém, pensou. Mesmo assim, quando olhava à sua volta, era forçada a admitir que via as pessoas conseguindo isso todos os dias. A mãe que despertava risos no bebê, o marido que trazia flores para a esposa, a criança que abria a lancheira e encontrava um bilhetinho carinhoso de casa.

Mas a felicidade nunca durava para sempre. Ela sabia disso.

Lily ficou por lá mais alguns minutos, enquanto as crianças iam sendo liberadas

para o fim de semana. Elas corriam para as mães, ganhavam abraços, mostravam seus

trabalhos artísticos, conversavam alegremente e eram recompensadas com

sorrisos afetuosos. Enquanto as observava, Lily sentiu-se como uma turista diante de uma cultura diferente. Aquelas pessoas não eram como ela. Elas sabiam o que era ter laços com alguém. Em contrapartida, sentiu-se curiosamente alheia e desimpedida, tão leve que seria capaz de flutuar.

Enquanto aguardava a chegada dos Holloway, Lily arrumou a mesa de reunião,

uma mesa baixinha, redonda e brilhante, rodeada por cadeirinhas também de

tamanho diminuto.

As mesinhas estavam alinhadas em fileiras retas, as cadeiras com os pés para

cima para que as faxineiras do turno da noite pudessem passar o aspirador de

pó. O cheiro

de poeira de giz e do desinfetante, junto com o aroma seco dos livros mais usados, misturava-se com o perfume indescritível de açúcar queimado das crianças pequenas.

Lily arrumou duas coisas sobre a mesa - uma pasta de papel manilha cheia de

trabalhos de Charlie e a indispensável caixa de lenços-de-papel, lencinhos

perfumados

que comprara no atacado na Costco, uma loja virtual que vendia de tudo.  
Uma

sala de aula cheia de crianças entre oito e nove anos costumava consumi-los rapidamente.

Foi até o correr de janelas e ajustou as persianas para que ficassem todas baixas até a metade. As vidraças estavam decoradas com recortes de patos de

galochas feitos

pelas crianças, todos carregando a lição de caligrafia do dia: "As chuvas de abril trazem as flores de maio." Do lado de fora, um raio dentado arranhou o

céu ratificando

o antigo ditado.

Fazendo uma careta, virou-se para o calendário preso no quadro de avisos e contou silenciosamente a coluna das sextas-feiras. Nove semanas para terminar o ano letivo.

Nove semanas pela frente, e então haveria sol, céu azul e a viagem que vinha

planejando há meses. Uma viagem à Europa sempre parecera um sonho muito

ambicioso, nada razoável para uma professora de uma cidadezinha

do estado de Oregon, mas talvez fosse isso o que a tornasse tão atraente.

Todos os anos Lily economizava o seu dinheiro e ia para algum lugar diferente.

Esta seria

sua viagem mais ambiciosa até então.

Deixou de lado os pensamentos acerca do verão e concentrou-se em preparar-

se para aquela reunião difícil. Inspecionou a sala de aula como sempre fazia antes das

reuniões. Acreditava ser importante para os pais verem que seus filhos passavam o dia num ambiente limpo, arrumado e atraente.

Na frente da sala, no meio da parede, ficava o quadro-negro. Haviam-lhe oferecido uma lousa branca, mas ela recusara. Preferia ver a clareza e a definição da caligrafia

Palmer na superfície lisa e perene do quadro-negro. Gostava do frio do material

em contato com a sua mão e a forma como as pontas dos seus dedos deixavam uma marca

umedecida antes de evaporarem para o nada. O barulho do giz num quadro-negro antigo infalivelmente a lembrava do lugar onde sempre se sentira segura

na infância

- dentro da sala de aula.

Aquele era o seu mundo, o lugar onde se sentia em casa. Não podia imaginar

uma outra vida para si.

Dando uma olhada no relógio, foi até a porta e a abriu. A plaquinha identificadora do lado de fora trazia seu nome, "Srta. Robinson - sala 105", e estava rodeada

pelo nome de cada aluno, caprichosamente impresso num papelão amarelo cortado no feitio de uma estrela, junto com uma foto de cada um.

Lily adorava crianças - as dos outros. Durante o período de um ano, um ano especial na vida daquelas crianças, era responsável por elas, cuidava delas, educava-as

e o fazia de todo o coração. Graças ao seu trabalho, podia dizer às pessoas que tinha filhos, vinte e quatro filhos. E, no outono, receberia vinte e quatro filhos

diferentes. Eles lhe davam tudo o que pudesse querer de uma família legítima -

alegria e risadas, sofrimento e lágrimas, triunfo e orgulho. De vez em quando

partiam

seu coração, mas, na maioria das vezes, davam-lhe uma razão para viver.

Ela amava seus alunos de setembro a junho e, quando o ano letivo terminava,

mandava-os de volta para casa, devolvendo-os às suas famílias quilos mais gordos, centímetros

mais altos, treinados na tabuada, lendo dentro das expectativas ou até melhor.

No outono, voltava a atenção para a próxima leva de alunos. E assim por diante, ano

após ano. Este era o sentimento mais agradável do mundo e, melhor ainda, era

seguro.

Agora, ter filhos legítimos não, isso não era seguro. Filhos são parte de você

para o resto da vida, sujeitando-a ao ápice da felicidade e às profundezas amargas

do sofrimento. Algumas pessoas tinham jeito para isso, outras não. Uma boa

parte não tinha, mas acabava se apaixonando e tendo filhos mesmo assim.

Depois, normalmente

se desapaixonava e qualquer um no raio de um metro acabava se

machucando. Os pais de Charlie Holloway eram um exemplo, refletiu Lily.

A lição de redação criativa do dia tinha sido "Minhas coisas favoritas". As

crianças tiveram três minutos para escrever o maior número possível de suas

coisas favoritas.

Lily sempre fazia os exercícios junto com os alunos e os levava a sério. As crianças se sentiam mais interessadas e envolvidas desta forma. Sua lista, escrita às

pressas, mas com capricho numa tira larga de papel, incluía:

tangerina japonesa

dias de neve

projetos científicos

o canto das crianças

minisséries de TV

romances de suspense

primeiro dia de aula

restaurantes que entregam em casa

visitas a pontos turísticos

histórias onde todos acabam felizes para sempre

Ela rasgou a tira de papel e fez uma bolinha com a mão. Um tanto reveladora demais aquela lista. Não que fosse surpreender Crystal Holloway. Elas se

conheciam desde

que Lily tinha a idade de Charlie - talvez até menos - e Crystal fora sua babá

pré-adolescente que estourava bolas de chiclete na boca.

Que longo caminho trilhamos juntas!, pensou Lily. Mas aquela seria uma nova

estrada para as duas. Dizer aos pais que a filha deles não ia passar de ano na terceira

série não era nada fácil. O fato de ela e Crystal serem grandes amigas apenas

tornava as coisas ainda mais difíceis. Para fazer o que julgava melhor para

Charlie,

Lily precisaria dizer algumas coisas difíceis para a sua querida amiga. E, acima

de tudo, o casal, divorciado, não se tolerava.

Normalmente, a idéia de dar aulas para os filhos de Crystal era extremamente

gratificante. Lily era como uma tia especial e quando cada um deles nasceu -

primeiro

Cameron, depois Charlie e finalmente Ashley - ela chorara de alegria ao lado

da amiga.

Cameron era brilhante, ávido por agradar e tão rápido para entender a matéria

quanto para pegar as dicas de balanço no golfe que recebia do pai, jogador profissional.

Agora com quinze anos, ele era o melhor jogador do time de golfe do ensino médio.

Charlie, no entanto, era uma outra história. Desde o primeiro dia de aula, tivera

dificuldades e empacara diante de conceitos básicos. Lily tinha se encontrado

com

Crystal e Derek separadamente durante o ano. Eles contrataram um professor

particular e garantiram que ajudariam Charlie, sistematicamente, na leitura fora

da escola.

Mas, apesar dos esforços de todos, a menina não mostrava sinais de melhora.

Ela parecia presa num bloqueio misterioso que não podia ser atribuído a um distúrbio

de aprendizagem ou a uma disfunção diagnosticável. Ela estava simplesmente... emperrada.

Lily olhou novamente para o relógio e alisou o suéter de malha lilás sobre os

quadris. O casal Holloway estava para chegar a qualquer momento.

- Que tal umas garrafas de água para a reunião? - perguntou Edna, enfiando a

cabeça dentro da sala de Lily.

- Obrigada. Acho que eles vão se atrasar por causa do tempo. Edna olhou para

as janelas, deu um arrepio exagerado e puxou seu xale indígena tricotado a mão mais

para os ombros. A seguir, colocou um pacote com seis garrafas d'água em cima

da mesa.

- Para dizer a verdade - disse Lily -, não estou muito ansiosa por essa reunião.

Edna analisou a foto escolar de Charlie no centro da estrelinha amarela. Ela se

parecia com a menininha sapeca do desenho animado Pippi Longstocking, com

suas marias-chiquinhas

ruivas, sardas e um dente da frente faltando.

- Suponho que ela não esteja lidando bem com o divórcio.

- Tem sido um caos. O Derek e a Crystal se divorciaram há apenas um ano e pegaram todo mundo de surpresa. Embora, é claro - acrescentou lembrando-se

da própria família

-, um casamento infeliz nunca seja surpresa para os filhos.

Olhando para o próprio reflexo meio fantasmagórico na vidraça, Lily lembrou-se

do dia em que Crystal procurou-a com a notícia da separação, cerca de três anos atrás.

Ela estava barriguda, em decorrência da terceira gravidez, e suas faces brilhavam. Até então, Lily julgara que Crystal levava uma vida encantadora.

Antiga Miss Oregon,

a amiga se tornara esposa e mãe devotada com três filhos lindos e um marido

extremamente bem-sucedido. Sua vida parecia um sonho. Lily ficou chocada quando ela anunciou

o fim do seu casamento.

- Eles administraram a separação tão bem como se podia esperar nessas circunstâncias - acrescentou, tomando cuidado para ser justa com as duas partes. Crystal quisera

a guarda das crianças, mas Derek levava a questão ao tribunal, forçando-a a aceitar a guarda compartilhada. Desde que o acordo familiar fora concluído no

ano anterior,

as crianças passavam semanas alternadas na casa de um dos pais. O verão

seria dividido entre os dois, cinco semanas com Crystal e cinco com Derek.

Edna hesitou, analisando Lily.

- Isso vai ser difícil para você, não vai?

- Você conhece a minha opinião sobre o Derek como marido. Ele é bem melhor

como ex, mas sempre o achei um bom pai. Prometo a você que vou manter o

foco na Charlie.

- Se você quiser que eu participe da reunião, farei isso com prazer - ofereceu-

se Edna.

A proposta era tentadora. Calma, centrada e madura, Edna sempre levava equilíbrio e lucidez à mesa. As duas trabalhavam juntas desde que Lily se formara na faculdade

e tinham desenvolvido uma confiança mútua. No entanto, a autoridade indiscutível de Edna poderia também ser uma desvantagem e lançar uma sombra sobre o papel da

professora da turma.

- Obrigada, mas para essa reunião acho melhor lidar com os pais do meu jeito.

- Lily endireitou os ombros.

- Tudo bem. Preciso dar uma olhada em outra coisa. Tem um carro no

estacionamento com os faróis acesos. Depois disso, estarei no meu gabinete.

Me avise se precisar

de mim.

Um raio cortou o céu fazendo com que as luzes piscassem, e uma trovoadá irrompeu ecoando por todo o prédio.

Sozinha na sala de aula, Lily massageou o pescoço, mas a dor não passou.

Ela se sentia dividida entre a lealdade para com uma amiga e as necessidades

de uma aluna.

Em toda a sua vida tivera apenas uma amiga verdadeira - Crystal. Eram mais

íntimas do que irmãs. Crystal fora, em primeiro lugar, a razão de Lily ter ido

morar na

cidade de Comfort. Ela havia fechado o seu coração para qualquer outra pessoa.

Capítulo 2

Sexta-feira 15-15

Derek Holloway foi o primeiro a chegar, um furacão com uma capa de chuva

escura e chapéu impermeável de abas largas.

- Desculpe o atraso - disse, tirando o chapéu ensopado. -

- Me dê isso. O casaco também. - Segurando-os longe do corpo, Lily levou as

roupas ensopadas para o vestiário e as pendurou acima da bandeja para sapatos. A capa

era de Gore-Tex e, de acordo com a etiqueta, tamanho GG. A logomarca da empresa - Legends Golf Clubs - estava bordada no peito. Provavelmente um

dos seus patrocinadores, pensou.

O calor do seu corpo e o perfume exótico amadeirado da sua loção pós-barba

permaneceram no tecido, e Lily repreendeu-se pelo simples fato de tê-los percebido. Instinto animal em ação. Derek Holloway era um patife, um homem

que traía a esposa grávida. O fato de ser atlético e atraente, ter um sorriso deslumbrante e cheirar tão

bem não valia como compensação, embora algumas mulheres acreditassem que isso bastava como motivo para desculpas.

- Sinto muito pelo chão. - Derek puxou várias folhas de papel do porta-toalhas

acima da pia e as espalhou bem ao longo da trilha molhada.

- Não tem problema, - Lily deu-lhe as boas-vindas com um sorriso que

esperava não ter saído forçado. Era melhor começar de forma amigável.  
Não

podia lembrar-se do

fato de, não havia muito, Crystal quase ter tido um colapso de tanto chorar  
por

causa dos termos que ele a forçara a aceitar na assinatura do divórcio.

Hostilidade,

Lily disse para si mesma, não ajudaria Charlie em nada.

- Posso lhe oferecer alguma coisa para beber? Temos água aqui na sala e  
café

e refrigerante na sala dos professores.

-- Não quero nada, obrigado.

O tamanho da mobília da sala fez com que ele parecesse ainda maior, ou  
seja,

imenso. Derek estava impecavelmente vestido com calças sociais de lã com

vinco batido

e um suéter fino de cashmere com decote em V. Ele estava um pouco  
diferente

do dia do seu casamento, há dezesseis anos. Sua aparência fora ficando  
mais

madura e

refinada ao longo dos anos, e seu estilo pessoal, mais sofisticado. E, é claro,

sua autoconfiança crescera junto com o seu sucesso como jogador profissional

de golfe.

Como um dos melhores jogadores do circuito PGA, ele parecia não ter dúvidas

de merecer tudo o que aparecia em seu caminho, e isso incluía as mulheres que se atiravam

em seus braços durante os torneios.

- Aqui estão alguns dos trabalhos artísticos da Charlie. - Ela apontou para uma bandeja plástica com o nome "Charlene" caprichosamente impresso numa

etiqueta. -

Você pode dar uma olhada enquanto esperamos pela Crystal. - Lily não o via

desde a última reunião sobre Charlie. E naquela reunião tanto ele quanto Crystal tinham

concordado em contratar um professor particular, o que fizeram, e em dar prioridade às dificuldades da filha, o que não fizeram. -

Derek deu uma olhada no seu relógio, um Rolex, provavelmente mais um brinde de algum patrocinador.,

- Ela está sempre atrasada.

O que ele pensava? Que ela concordaria com ele?

- O tempo está horrível - observou Lily. - Tenho certeza de que chegará logo.

Embora estivesse tomando cuidado para não demonstrar, Lily também estava

um pouco irritada. Aquela reunião era sobre a filha deles. Ela não os tinha chamado por chamar. O mínimo que Crystal podia fazer era aparecer na hora.

- Este aqui é uma gracinha - disse Lily ao ver Derek analisando o desenho de

um coala com o filhote agarrado às costas, feito com giz de cera. - Ela o desenhou depois

de um passeio ao Zoológico de Portland. Charlie tem um bom olho para os detalhes. Quando se interessa, não deixa escapar nada.

Derek concordou e olhou para o desenho seguinte. Era uma escada que ia desde a base da folha em pé até o topo, com uma prancha no alto e uma figura

pequeninha

prestes a pular dentro de um balde de água ainda menor.

- E este?

- Foi um trabalho sobre vocabulário. Acho que a palavra do dia era desafio, -

As outras crianças tinham escrito desafio em seus desenhos, menos Charlie.

Ela evitava

escrever ou ler qualquer coisa. - Ela é muito esperta - disse Lily. - É criativa e

usa alguns padrões de pensamento sofisticados.

Derek chegou ao desenho de uma casa cercada por um gramado verde e espetado com flores viçosas, céu azul e sol brilhante ao fundo. A casa tinha quatro janelas dispostas

em fila. Todas rabiscadas de preto.

Quando Lily perguntou a Charlie por que tinha rabiscado as janelas de preto, a

garotinha deu de ombros.

"Para ninguém ver o que tem lá dentro." Ela sempre procurava dar a resposta

mais lacônica possível.

Derek não fez perguntas sobre o desenho, passando para o seguinte, um esboço impressionantemente bem desenhado de um cãozinho marrom e branco com uma mancha preta

em torno de um dos olhos.

- E este?

- Mais um exercício sobre vocabulário. A palavra era desejo.

- Ela vive me pedindo para lhe dar um cachorro. Talvez neste verão.

Só não diga talvez para ela, a não ser que signifique sim, pensou Lily. Charlie

já tinha muita incerteza na vida dela.

Finalmente, Crystal chegou afobada, distribuindo pedidos de desculpa.

- Meu Deus, me desculpem! - disse rapidamente enquanto Lily pegava o seu casaco, chapéu e guarda-chuva. - As estradas estão um pesadelo. Quase morri na Rodovia 6

tentando chegar na hora. "- Quando Lily voltou do vestiário, Crystal ofereceu-

lhe um sorriso de miss, sua marca registrada. Apesar do tempo, sua maquiagem parecia recém-aplicada. Conhecendo-a

bem, Lily supôs que ela havia arrumado um tempinho dentro do carro para ajeitar o cabelo e a maquiagem.

- Olá, Derek. - Exalando a fragrância Gucci Rush, Crystal deslizou em frente ao

ex-marido e sentou-se, seu cachecol de seda Hermes esvoaçante sobre os ombros, suas

pernas bem torneadas cruzadas com recato na altura dos tornozelos, apesar da estranheza da cadeira baixinha. Crystal sempre soubera usar o poder da sua beleza.

Juntos, ela e Derek lembravam um comercial de pasta de dentes. Mas a semelhança com todas as histórias americanas de sucesso não tinha salvado o

casamento deles.

Lily colocou os óculos. Mesmo sendo de marca, com armação de metal montada a mão, ela sabia que eles a faziam parecer uma panaca. Seria melhor parar de gastar dinheiro com óculos caros, pois assim que os colocava eles costumavam ficar com aparência de ordinários. Havia alguma coisa em seu rosto sisudo que podia transformar armações de marca em artigos promocionais. Já havia tentado lentes de contato, mas tinha uma reação alérgica cada vez que as colocava.

Batendo leve e continuamente com a pasta de papelão sobre a mesa, respirou

fundo e olhou para Crystal e Derek, que se sentiam tão desconfortáveis quanto

ela naquelas

cadeiras pequenas. Lily pegou Crystal num momento de descuido com uma expressão surpreendente no rosto. Ela olhava para Derek com um desejo puro

e indisfarçável,

seu belo rosto denunciando a dor perplexa de um animal ferido.

Ela sentiu pena da amiga, mas, ao mesmo tempo, sentiu também uma pontinha de exasperação. O assunto do dia era Charlie e não Crystal e Derek e

o que eles tinham

deixado o amor fazer com eles.

Com movimentos controlados e precisos, Lily entregou uma cópia da listagem

do RTLO para cada um.

- Este gráfico mostra os resultados do Relatório dos Testes de Leitura de

Oregon - explicou. - Ele é aplicado a qualquer aluno da terceira série do estado

de Oregon,

todo mês de março. - Com a borracha na extremidade do lápis, acompanhou a

linha cinza do gráfico. - Esta é a nota média de todo o estado. Esta linha vermelha aqui

em cima é a média dos alunos da nossa escola, a Laurelhurst. - Sendo uma

escola particular e seletiva, a Laurelhurst sempre mostrava resultados acima da

média.

Lily limpou a garganta.

- A linha azul mostra o resultado da Charlie no teste. - A linha se movimentava de forma deplorável entre os resultados percentuais mais baixos, de quando

em quando

até mesmo chegando a zero. Ela olhou para o rosto dos pais, vendo as já

esperadas surpresa e decepção. Também estava desapontada, mas não surpresa. Como professora

da terceira série de Charlie, tinha percebido as dificuldades da menina desde o

primeiro dia de aula. Já havia tentado preparar os pais em reuniões anteriores,

mas

eles simplesmente não perceberam a realidade. Talvez hoje percebessem.

Crystal olhou para Lily, os olhos cheios de perplexidade. Ela parecia frágil, como se tudo a ferisse ultimamente. Derek apenas parecia aborrecido, defensivo talvez.

Ambas as reações eram típicas de pais afetuosos. Ninguém gostava de ver o filho com problemas e, quando isso acontecia, o fracasso da criança não apenas afligia

como feria o orgulho dos próprios pais.

- Como vocês sabem - disse Lily -, não sou fã destes testes-padrão. Este foi uma exigência do estado. Portanto, este teste, na verdade, não nos diz nada além do

que já sabemos a respeito da Charlie. -..,

- Ela ainda não sabe ler. - O tom de voz de Derek foi quase acusador. Ele

pressionou as mãos graúdas e bronzeadas, em decorrência de uma rodada de

golfe recente

em Scottsdale, em cima do tampo da mesa. - Sabe de uma coisa? Estou ficando de saco cheio de ouvir esta mesma história. Pago aquele professor

particular, quanto,

cem dólares a hora? E nós ainda não estamos vendo resultados. Que tipo de professora você é?

- Derek! - Crystal esticou a mão como se para tocar a manga da sua camisa, mas então pareceu pensar melhor. Cruzou as mãos com força, as unhas bem pintadas cintilaram.

- Não culpo vocês por estarem aborrecidos - disse Lily. - Acho que todos nós

estamos, inclusive a Charlie. Acreditem, sei o quanto todos vêm se esforçando

durante

o ano. - Lily estava sendo cuidadosa com a escolha das palavras. Era verdade

que, além de contratarem um professor particular, os pais de Charlie também

tinham-na

submetido a uma infinidade de exames, desde um check-up pediátrico e

avaliações psicológicas a uma bateria de testes com um especialista em leitura

em Portland.

Os resultados não foram conclusivos. Não havia um nome específico para o tipo de bloqueio que Charlie parecia experimentar. Lily gostaria de poder acreditar que

os deveres de casa que mandava por Charlie para serem feitos com os pais fossem feitos com cuidado. Mas ela sabia que não. Crystal e Derek amavam a

filha, mas, por

causa do momento que estavam passando em suas vidas, não tinham dado prioridade aos trabalhos escolares da menina.

- Sei que todos nós esperávamos ver mais progresso - acrescentou. - No entanto, não é este o caso agora. Como faltam nove semanas para o fim do ano letivo, precisamos

falar sobre as opções da Charlie para as férias de verão e para o próximo ano.

Crystal concordou com a cabeça e piscou os olhos para conter as lágrimas.

- Acho que não devemos deixá-la passar de ano - disse Crystal.

- Ah, sim, agora estamos falando em reprová-la. Isso é simplesmente fantástico! - disse Derek.

Lily se calou e não esboçou nenhuma reação. Derek claramente tinha problemas com o fracasso. Mas o assunto era Charlie e não ele. Não era nem mesmo Crystal, cujo coração se partia bem em frente aos seus olhos. Insistir na repetência era normalmente a reação instintiva de pânico dos pais. Sem qualquer conhecimento de todas as outras opções, alguns pais tendiam a favorecê-la, inconscientes de como essa solução extrema poderia traumatizar a criança.

- Não acho que repetir o ano seja a solução neste caso.

- Então vocês vão continuar promovendo a menina da mesma forma como vêm

fazendo desde a primeira série? - As lágrimas de Crystal evaporaram com o calor da própria

raiva. - Isso tem sido uma ajuda e tanto, vou te contar. Uma ajuda e tanto!

Lily engoliu em seco, sentindo a dor da amiga. Uma reunião de pais era como

um teatro da alma. Todos os envolvidos se encontravam completamente vulneráveis, as emoções

sinceras e à mostra. Muito da identidade dos pais era transferida para a criança: amor, orgulho, auto-estima, aprovação. Este era um fardo injusto para

um ser humano

tão pequenino, mas toda criança o suportava: carregar a grandiosa e aparentemente inalcançável expectativa dos pais.

- Analisei várias alternativas para ela - disse Lily, entregando uma pasta a cada

um. - Vocês podem dar uma olhada nelas em casa. Por enquanto, vamos pensar que

veremos algum progresso neste verão e que ela passará para a quarta série aqui em Laurelhurst.

- Em outras palavras - Derek argumentou rispidamente -, você não a quer de volta no ano que vem.

Lily sentiu uma dorzinha de cabeça começando a queimar como um fósforo riscado atrás do olho esquerdo. A Laurelhurst era uma escola particular reconhecida em todo

o território nacional; a lista de espera por uma vaga levava anos. Um homem

como Derek - bem-sucedido, talentoso, privilegiado - considerava qualquer outra escola

inferior.

- Estou falando sobre o que é melhor para a Charlie e não sobre o que eu quero ou deixo de querer. Mas sobre o que nós realmente devemos nos

concentrar neste verão.

Tenho esperança de que uma prática intensiva no Instituto de Leitura Chall, em

Portland, dê início a uma melhora substancial para ela. - O programa seria um

verdadeiro

investimento de tempo e de dinheiro para toda a família, mas o índice de sucesso era inigualável.

- É um programa de dez semanas! - disse Crystal, analisando o folheto. Ela olhou angustiada para Lily e abriu uma agenda surrada de couro. - Nós já reservamos dez

dias na Disney em junho. Em julho, ela tem colônia de férias na escola de equitação. Em agosto...

- Em agosto as crianças estarão comigo - emendou Derek. - Temos uma casa

alugada na ilha Molokai.

Lily tinha se preparado para manter o controle e escolher cuidadosamente as

palavras durante a reunião. Era especialmente difícil, neste caso, estabelecer as necessidades

da criança. Como seria fácil simplesmente dizer "Que ótimo! Boas férias!". E no ano seguinte Charlie seria problema de outra professora.

No entanto, Charlie era a maior preocupação de Lily, independentemente do

que sentisse por Crystal. O resultado daquela reunião poderia muito bem pôr à

prova aquela

amizade de uma vida inteira. Mas o futuro de uma criança estava em jogo e Lily

estava determinada a salvá-la a qualquer custo.

- Pretendo dar especial atenção às necessidades da Charlie durante todo o verão - disse Lily.

- Você não ouviu? É uma viagem para a Disney - disse Crystal, impaciente.  
-

Tem tudo a ver com crianças e diversão. Venho prometendo essa viagem para

elas o ano

inteiro. E a colônia de férias tem tudo a ver com a Charlie. Você não imagina

como tive que usar a minha influência para conseguir uma vaga para ela. É em

Sundance,

pelo amor de Deus! Ela certamente competiu com os filhos da Demi Moore para conseguir uma vaga lá neste verão.

- Quanto esta colônia de férias vai custar? - perguntou Derek.

- Provavelmente menos do que a droga da casa que você alugou em Molokai -

rebateu Crystal.

- Eu ainda estou pagando a viagem de Natal de vocês para Sun Valley.
- Eu sei a sua colocação no ranking do circuito PGA. Para sua infelicidade, descobro isso fácil na ESPN. Você pode bancar Sun Valley.
- Mas não a forma como você gasta dinheiro. Você deu um significado inteiramente novo à expressão "pensão alimentícia".

Lily ficou impassível, mordendo o lábio até senti-lo doer. Quando um casal brigava por causa de dinheiro, nunca era uma questão de dinheiro, mas sim de

poder, auto-estima

e opinião; isso Lily tinha aprendido com os próprios pais na época em que ficava acordada à noite no escuro, como a sobrevivente de um naufrágio, desorientada numa

tempestade cada vez mais ameaçadora em alto-mar.

Durante seus oito anos como professora, ela já havia presidido algumas reuniões, passado por muitas discussões e descoberto que o melhor era deixar

os pais desabafarem. Era como deixar uma panela de pressão liberar um pouco de vapor, deixando espaço lá dentro para alguma outra coisa - neste caso, sua sugestão

do que deveria ser feito com Charlie.

A dor de cabeça ficou mais intensa, como uma flechada penetrando numa região mais sensível atrás do olho. Nem Crystal nem Derek pareciam perceber.

Lily já havia

presenciado inúmeras vezes cônjuges medindo forças um com o outro, aquele

velho cabo-de-guerra pelo mais frágil dos prêmios - uma criança.

Às vezes precisava de todo o seu autocontrole para não deixar transparecer sua indignação, para não explodir. Vocês poderiam ouvir o que o outro tem a

dizer? Como

vão ajudar a filha de vocês dessa forma? E ela ainda não tinha falado tudo sobre Charlie. Sentiu a breve tentação de não falar mais nada, de guardar o segredo da

menina para si, mas não podia fazer isso. A garotinha dera um grito de socorro.

- Podemos voltar a falar da Charlie? - pediu. - Por favor? - Aproveitando a pausa na discussão, acrescentou: - Ainda precisamos discutir mais um assunto.

Crystal e Derek entreolharam-se, hostis, claramente deixando a briga para depois. Derek cerrou os dentes e cruzou os braços sobre o peito tão logo se virou para

Lily. Crystal apertou os lábios em desaprovação e fechou a agenda, também dirigindo sua atenção para ela. Quaisquer que fossem suas diferenças, eles ainda tinham

em comum o amor pelos filhos e estavam tentando deixar de lado os próprios

problemas pelo bem de Charlie.

Lily fez o possível para ignorar a dor de cabeça lancinante e voltar a atenção

para os dois.

- Falamos bastante sobre os desafios escolares da Charlie - disse ela -, mas ultimamente também tenho percebido algumas mudanças no seu comportamento.

- O que você quer dizer com mudanças no seu comportamento? - Derek permanecia na defensiva, o que não era surpresa para Lily.

Mas ela não queria pôr panos quentes em nada.

- Nas últimas semanas, ela vem cometendo pequenos furtos.

A sala foi preenchida pelo silêncio. Um silêncio opressor e cético. Os dois foram incapazes de esboçar qualquer reação. Finalmente Lily tinha conseguido

a atenção

deles.

Aproveitando o silêncio, continuou:

- Primeiro, preciso esclarecer que o furto é uma prática comum em crianças nesta idade. Muitas passam por isso. E segundo, na maioria dos casos, e sem

dúvida no

caso da Charlie, o furto não tem nada a ver com os objetos furtados.

- Espere aí - Derek manifestou-se. - Só um minutinho. Roubando? Você disse

que ela está roubando? Do que é que você está falando?

- Nós sempre demos a Charlie tudo o que ela precisou ou quis - jurou Crystal, e

Lily sabia que ela realmente acreditava no que dizia.

- É claro que sim - concordou, embora sua voz denunciasse um mas nas entrelinhas. - Como eu disse, é um comportamento bastante específico. Numa

menina essencialmente

honesto como a Charlie, isso não é o que parece ser. - Perguntou-se até onde deveria ser técnica naquela altura dos acontecimentos. A síndrome era

profunda, complexa

e de amplas conseqüências. Ainda assim, era um problema solucionável se tratado apropriadamente. Por enquanto, pensou, precisava informá-los sobre o

que estava acontecendo

e deixar que eles trabalhassem o próprio choque e a negação.

Numa voz suave, acrescentou:

- Me deixem falar o que tenho observado e o que acho que está acontecendo com ela.

- Por favor, faça isso - disse Crystal com a voz falhando. Por um momento, ela

pareceu tão perdida e triste que Lily imaginou-a como a adolescente que fora

uma vez

e que desempenhara para ela o papel de ídolo e modelo a ser seguido. Desde

o início tinham precisado uma da outra, mas agora seus papéis estavam invertidos. Era

Crystal quem precisava mais de ajuda naquele momento. E Lily estava desesperada para ajudá-la.

Lily sentiu uma estranha má vontade emanando de Derek. Não seria a primeira

vez que um pai a consideraria com suspeita e desconfiança. "Ossos do ofício",

Edna sempre

lhe dissera.

Tentando demonstrar tranquilidade para resolver o assunto, continuou:

-No início da semana, uma segunda-feira depois da aula de educação física, um aluno reclamou comigo que a gaita que tinha trazido para a sua apresentação não estava

na bandeja dele. - Lily apontou para a bandeja. - Esta aqui é a bandeja plástica

que cada criança recebe para guardar as suas coisas. Achei que ele tinha guardado

a gaita numa bandeja errada, mas mesmo quando o ajudei a procurar, não conseguimos encontrá-la.

- Uma droga de gaita - disse Derek.

- Shhh, deixe-a terminar - Crystal repreendeu-o.

- Então, na terça-feira, depois da aula de música, outras três crianças perderam

suas coisas. Naquele momento, questionei toda a classe. Ninguém respondeu,

mas percebi

que a Charlie ficou agitada. - Lily tinha questionado também o professor de educação física e a de música, e os dois se lembravam de que Charlie tinha pedido para

ir ao banheiro durante a aula. - Como eu disse antes, ela é uma menina muito

honesto. Enganar não é da natureza dela.

Crystal pegou um lenço-de-papel da caixa sobre a mesa e rasgou-o involuntariamente.

- Ela nunca foi boa para esconder as coisas.

- Concorde - respondeu Lily. - Na hora do recreio falei com ela em particular e

perguntei de novo se sabia alguma coisa sobre os objetos que tinham sumido.

Ela não

me olhou nos olhos e, quando perguntei se me mostraria o que havia na carteira e na bandeja dela, ficou chateada. Expliquei que seria muito melhor se

os objetos

aparecessem logo do que se fossem encontrados mais tarde. Uma das meninas me disse que a pulseira dela era herança de família, portanto eu estava ansiosa para encontrá-la

antes do fim do dia. - Lily não contou que a vítima do furto tinha sido Mary Lou

Mattson, a fricoteira da sala, que tinha jurado que o pai, um famoso advogado,

ganharia

milhões da escola na justiça. - A Charlie foi muito cooperadora. Ela foi direto

pegar a mochila, abriu o zíper de um dos bolsos e me devolveu os itens que

tinham

desaparecido.

- Ah, meu Deus - disse Crystal, quase murmurando. - Uma gaita? Uma pulseira? Será que ela não sabia que eu compraria essas coisas para ela se me pedisse?

- Talvez seja esse o problema - rebateu Derek. - Você sempre dá tudo o que ela quer. Ela é mimada.

- Na verdade - interrompeu Lily -, acredito que esse comportamento tenha mais

a ver com o desejo de outras coisas.

- O que mais ela poderia querer? - perguntou Crystal. - O que mais essa menina poderia querer?

Lily tinha uma lista.

- É bom falarmos sobre isso. Deixe-me apenas acabar de narrar o resto da semana para vocês. Falei sobre essa situação com a diretora e com a psicóloga da escola.

Juntas, concordamos em abafar o assunto. Normalmente, quando uma criança

furta, o procedimento correto é pedir a ela para devolver os objetos e pedir desculpas.

No caso da Charlie, dissemos a ela que eu devolveria tudo e não sealaria

nada sobre isso. Dessa forma iríamos poupá-la e as crianças receberiam suas

coisas de

volta. Tudo o que eu queria era a palavra dela de que isso não aconteceria novamente e a promessa de que conversaríamos sobre as razões de ela ter agido assim. Na

quarta-feira não houve nenhum incidente, mas ontem percebi que um objeto meu havia sumido.

- Ótimo - disse Derek. - Você a deixou sair impune da primeira vez, aí ela fez

de novo.

- Não é tão simples assim. - Não fique na defensiva, disse para si mesma.

Apenas tente resolver o problema. - Resumindo, perguntei a Charlie e ela me

devolveu. -

Lily pegou o globo de neve que servia de peso de papel e que Charlie roubara

da sua mesa. Tinha sido um presente do primeiro filho deles, Cameron, sete anos antes,

quando ele fora aluno de Lily. A figura dentro do globo era a de um anjinho no

inverno, enrolado num robe branco transpassado. - Depois que ela o devolveu,

decidi

chamar vocês aqui em vez de esperar pela semana de conferências em que falamos sobre as notas dos testes.

- Você fez muito bem - Crystal disse em apoio à amiga. - Precisamos ir ao fundo desse problema, e imediatamente.

- Nós já chegamos ao fundo - disse Derek. - O que mais pode dar errado com essa criança? Ela não consegue ler e agora partiu para uma vida de crime.

- Talvez ela esteja com problemas por causa da sua hostilidade - disse Crystal.

- Talvez ela esteja com problemas porque você a mimia tanto que ela não sabe

distinguir o certo do errado - retrucou ele.

Lily tentou voltar ao assunto.

- Tem havido alguma mudança recente na vida ou na rotina dela? Acho que esse comportamento poderia ser a reação a alguma mudança.

- Ela tinha seis anos quando nos separamos, sete quando nos divorcamos - disse Derek. - Teve tempo de sobra para se adaptar.

Lily se perguntou se ele fazia idéia de como era difícil para uma criança de qualquer idade se ajustar ao divórcio dos pais. Emocionalmente, era como se

tivessem

puxado o tapete sob os seus pés e ela ainda estivesse tentando se equilibrar.

- Ela pode estar com problemas para se adaptar à sua namorada - disse

Crystal, destacando cada palavra com a precisão de uma lâmina.

- A Charlie conhece a Jane há três anos - disse Derek.

- Desde que você começou a ter um caso com ela. - Crystal lançou um olhar

desdenhoso e virou-se para Lily. - Dizem que alguém sempre se apaixona pelo

seu ex-marido.

Eu devia ter permanecido casada com ele pelo bem das outras mulheres.

Lily limpou a garganta. Esta seria uma oportunidade excelente para levar a conversa de volta para Charlie.

- Na verdade, a Charlie tem nos falado muito sobre o tio dela, Sean. Ela parece gostar muito dele. Ele veio do exterior recentemente, não veio?

- Todo mundo gosta do meu irmão mais novo - disse Derek.

- Todos, exceto a Pan-Asian Golf Association - acrescentou Crystal ainda

destacando as sílabas e virando-se para Lily. - O irmão dele passou os últimos

dez anos

jogando na Ásia. Até o dia em que trapaceou num torneio e foi

desclassificado...

- Ele é que foi passado para trás - Derek emendou rapidamente.

-. e acabou expulso do torneio.

- Foi pura politicagem - disse Derek.

- Ele tem fobia de compromisso - Crystal disse a Lily. - Sempre fugiu de qualquer situação que o desafiasse. Acho que é por isso que você ainda não o

conheceu. Ele

anda muito ocupado fugindo das dificuldades.

Lily tinha apenas uma vaga lembrança de Sean... seu sobrenome não era Holloway porque ele e Derek eram meios-irmãos, filhos de pais diferentes.

Maguire, isso.

Sean

Maguire. Ela o conhecera havia dezesseis anos, quando tinha quinze e ele era

um adolescentezinho arrogante de dezoito. Ambos estiveram no casamento de

Derek e Crystal.

Lily se sentira nervosa e importante com seu vestido azul-arroxeadado de dama

de honra com os sapatos combinando. Quando o viu na pista de dança, teve certeza de que

ele tinha aprendido aqueles passos no filme Dirty Dancing, seu favorito naquele ano. Sean ficara roubando cerveja de trás do bar e paquerando todas as

garotas

do

salão com seu sorriso doce e lânguido e sua voz rouca: Está a fim? Mas ele não fez essa pergunta para Lily, é claro. Ninguém dava em cima dela, a não ser para gozar

dos seus óculos ou do aparelho nos dentes.

- Pelo que entendi, ele está morando definitivamente em Comfort? - perguntou,

ávida para voltar a falar de Charlie.

- Não acredito que Sean faça alguma coisa em caráter definitivo - disse Crystal. - Talvez a Charlie tenha aprendido a roubar com ele.

- Talvez ela tenha aprendido com a doida varrida da sua mãe - replicou Derek.

Com isso, Crystal irrompeu em lágrimas.

- Não acredito que você disse uma coisa dessas! - Amassou o lenço-de-papel

na mão e enxugou os olhos. - O que o Derek falou de uma forma tão brutal me

lembra que

houve outra mudança na vida da Charlie. Eu... eu acabei precisando botar a

mamãe numa das melhores clínicas geriátricas de Portland. Eu sabia que isso

ia acontecer,

que seria inevitável, mas não tinha idéia de como seria difícil. - Crystal fixou o

olhar no punho apertado.

Antes de Lily sequer poder reagir, Derek já havia se levantado da cadeira e se

apoiado num dos joelhos em frente à ex-esposa. Pôs uma das mãos na borda da mesa e

a outra no encosto da cadeira, num abraço que não chegou a tocá-la.

-Jesus Cristo, não acredito que eu disse isso! Não posso mesmo acreditar. Por

favor, me perdoe, por favor.

Seu pedido de desculpas sincero e comovido fez até mesmo Lily sentir vontade

de chorar. Aquele era o charme e o carisma de Derek Holloway, sua habilidade

para dissipar

a raiva e o ressentimento com algumas palavras

bem escolhidas, com um tom macio de voz. Até mesmo Crystal, apesar de todo

o ódio que sentira nos últimos dois anos, não parecia imune a isso.

- Eu sempre tive a sua mãe na mais alta conta - acrescentou. - Lamento muito

que isso esteja acontecendo com ela.

- Eu sei - murmurou Crystal, enxugando a última de suas lágrimas. - Eu sei.

Lily fechou os olhos por um momento, sentindo um eco daquele sofrimento. Ela

também adorava Dorothy Baird, mulher que conhecera desde que tinha a idade

de Charlie.

Já mais crescida, Lily às vezes escapava da sua vida familiar sombria entrando

no mundo de Crystal, uma casa sem o estigma de uma tragédia, onde as pessoas sabiam

perdoar umas às outras. Era terrível saber que um derrame cerebral fulminante

tinha tirado Dorothy do convívio de todos, até mesmo de si própria.

Lily sentiu que aquele momento de profunda emoção sinalizava o fim da reunião. Ela pôde senti-los se recolhendo e deixando o problema de Charlie suspenso no ar.

A conversa estava longe de concluída, mas ela sabia que eles precisavam de tempo para refletir sobre o que lhes havia falado.

- Ainda há muito mais coisas para conversarmos sobre a Charlie - disse, sem saber ao certo se eles estavam ouvindo. - Por enquanto, espero que

cada um

de vocês converse

calmamente com ela, e, em particular, sobre os furtos. Façam-na perceber que

isso precisa parar e tentem fazê-la falar sobre o que está por trás disso.

Podemos voltar

a conversar na segunda-feira.

- Não estarei em Comfort na segunda-feira - disse Derek. - Tenho um torneio.

- E eu vou coordenar uma reunião com os patrocinadores das paraolimpíadas

na segunda-feira à tarde - disse Crystal. - Eu ia pedir à sra. Foster para ficar com as

crianças até mais tarde.

Era por isso, Lily concluiu com triste resignação, que Charlie estava cheia de

problemas.

Capítulo 3

Sexta-feira - 15:45

- Eles querem acertar - Lily contou a Edna na sala dos professores após a reunião. - O problema é que estão tão envolvidos com outros assuntos que não

estão vendo

a Charlie.

Edna tomou um gole de chá de ervas. Enquanto a maioria dos professores tomava café aos litros, ela preferia misturas herbóreas e homeopáticas, todas

preparadas para

trazer paz interior. Lily também evitava deliberadamente café e só tomava ervas orgânicas, mas estas não lhe traziam paz interior. Talvez apenas uma melhora no sono.

Ela e Edna eram as duas últimas pessoas ainda na escola. A Escola

Laurelhurst tinha um quadro de professores relativamente pequeno. Numa sexta-feira chuvosa como

aquela todos estavam ávidos para chegar em casa e ficar com seus entes

queridos ou se preparar para o fim de semana. Já era sabido que Lily e Edna eram as únicas

pessoas sozinhas do corpo docente. Lily quase endeusava Edna, mas também

sentia um pouco de pena dela. A qualidade mais marcante da diretora era a sua predisposição

para mergulhar de cabeça nos relacionamentos afetivos e expor o seu coração.

Já havia partido o coração várias vezes, mas sempre colava os caquinhos e mergulhava de novo em outro relacionamento já condenado. Lily não entendia.

Por que se expor ao sofrimento?

- Bem, o fato de eles a adorarem significa que vão trabalhar junto com você -

disse Edna, acrescentando mais um pouquinho de mel de ervas ao chá.

- Espero que sim - respondeu Lily, examinando o quadro de avisos da sala dos

professores. "Ofereço-me para tomar conta de casa no verão", dizia um dos anúncios,

"de preferência na praia ou em área ribeirinha." Nessa época do ano os professores só pensavam no verão, e Lily não ficava atrás, tinha planos também. Planos grandes,

enormes. Isso era uma das coisas que adorava em seu trabalho - os

professores tinham o verão inteiro para se recuperarem das emoções de amar,

educar e cultivar um

grupo de crianças. -

Os pais nunca tinham essa chance, refletiu, pensando em Derek e Crystal. Não

há descanso quando se tem filhos. - -,

- Vai ser bem puxado para a Charlie - disse para Edna. - Nós ainda nem

conversamos direito sobre o instituto de leitura. Eles não me pareceram muito

dispostos a

falar sobre o assunto, a não ser para dizer que isso iria interferir diretamente nos planos de Crystal de ir para a Disney e para uma colônia de férias e os de

Derek

de passar um mês no Havaí.

- Agora, bem que eu queria ser filha deles - brincou Edna.

- Acho que eles já têm filhos suficientes - respondeu Lily.

- Talvez o instituto de leitura não seja a opção certa para essa família - disse a

diretora. - Talvez eles precisem de mais flexibilidade. - Tomou um gole do chá

e observou Lily pensativa. - Você poderia dar aulas particulares para ela.

Mesmo sem achar a idéia sensata, Lily sentiu-se atraída por ela. Assim como

todos os outros, adorava Charlie e achava que se lhe desse aulas particulares

a menina

receberia o incentivo que precisava. Infelizmente, a situação era complicada.

- Eu nunca poderia fazer isso - disse. - Você conhece as minhas regras.

Preciso manter a minha vida pessoal separada da vida escolar. E também

acredito que todas

as crianças merecem o mesmo tratamento.

- Mas nem todas precisam de você da mesma forma - observou Edna.

- Não seria possível - disse Lily. - E, com essa família em particular, seria uma

faca de dois gumes.

- Achei que seria muito mais fácil, já que você e a mãe da Charlie praticamente

criaram juntas.

- O ex dela não me suporta - disse Lily. - Ele acha que sou uma péssima professora.

Edna balançou a cabeça.

- Assim como ele é um péssimo jogador de golfe.

- Não é bem isso - respondeu Lily. - Um jogador profissional perde uma partida,

talvez um bocado de dinheiro ou até mesmo o seu cartão PGA. Grande coisa!

Quando

um professor erra, isso afeta uma criança.

- Certo. Mas não é isso o que vejo acontecendo com a filha dele. Você vem

fazendo um bom trabalho, mesmo que até o presente o desempenho dela não

reflita isso.

- Venho trabalhando nisso o ano inteiro. Mas não tenho tempo para pôr a Charlie nos eixos. - Lily podia ler os pensamentos de Edna. Então dedique mais tempo a ela.

Uma parte de Lily ansiava por fazer justamente isso, aproximar-se mais daquela garotinha. Mas isso... bem, isso seria perigoso. A vida não havia preparado Lily para esta aproximação - muito pelo contrário. Desde novinha tinha aprendido a proteger o seu coração até mesmo de uma criança como Charlie. Talvez principalmente de uma criança como Charlie.

Do lado de fora, um raio e um trovão estouraram tão perto que as janelas trepidaram. A chuva desceu pelos vidros deturpando a visão do estacionamento praticamente

vazio. Lily distinguiu dois focos vermelhos de lanternas de freio à medida que

um carro saía do estacionamento. A julgar pelo tamanho, talvez fosse o carro

de Derek.

- Ficarei feliz quando chegarem as férias - disse Lily, apertando o cinto da capa

de chuva para ajustá-la ao corpo. O verão significava renovação e fuga dos problemas

que não podia resolver. Ela precisava disso, precisava de tempo para se recuperar da instabilidade emocional do período escolar.

- Sinto muito por essa família. - Edna suspirou, lavando a caneca na pia. -

Conheço os Holloway desde que matricularam o Cameron aqui, há dez anos.

Levei um susto

quando soube do divórcio.

Nenhum casal, pensou Lily, nem mesmo o mais perfeito, parecia conseguir ficar junto para sempre. Podia estar extremamente feliz num dia e pedindo o divórcio no outro.

Crystal sempre insistia com Lily para ela se casar, formar uma família e Lily não

entendia por quê. Depois de tudo o que passara, Crystal ainda era uma defensora

do casamento. Mas Lily não. Ela era prática, planejadora. O que era fácil quando não tinha de fazer planos para ninguém, só para si mesma.

Sua vida corria exatamente da forma como desejava. Tinha crianças para amar

e tempo para si própria. Essa era a sua receita pessoal de felicidade, e ela a

protegia

de tudo o que pudesse comprometer o seu equilíbrio, nunca se permitindo questionar o porquê.

Capítulo 4

Sexta-feira - 15:45

Crystal Baird Holloway enfiou a chave na ignição do seu Subaru Outback. Fez

um esforço para respirar fundo, fechar os olhos e contar até dez. Precisava se

controlar.

Num tempo como aquele, dirigir zangada não seria mesmo uma boa idéia.

Abriu os olhos e pôs-se a procurar pelo cinto de segurança. A chuva torrencial

encobria o pára-brisa com veios de água foscos e prateados distorcendo sua visão de

Derek. Ele pareceu-lhe fantasmagórico e indistinguível embaixo do seu guarda-chuva Ping branco e preto à medida que andava espalhando água pelo asfalto

do estacionamento

até a sua caminhonete Chevy Tahoe. Um corvo com as penas eriçadas passou

correndo à sua frente e levantou voo. Observando o ex-marido entrar no seu luxuoso utilitário

esporte último tipo e dirigir até uma cortina de névoa, Crystal sentiu uma pontada de ressentimento. Todos os anos ele ganhava um carro novo de um patrocinador.

Havia várias coisas das quais ela definitivamente sentia falta da época em que

eram casados, embora nunca admitisse isso.

Tudo bem, pensou, percebendo como os vidros tinham se embaçado

rapidamente. Nada de ataques, como o Cameron diria. A Charlie vai ficar bem.

Como não ficar bem, tendo a Lily como professora? Está certo, foi um dia daqueles, mas o pior já passou. -?;

Dando um meneio categórico com a cabeça, como um gênio que num passe de mágica coloca ordem no caos, virou a chave na ignição.

Clic.

Aquele clic seco e surdo foi mais do que o suficiente para perceber que estava

em apuros. Mesmo assim, tentou ainda virar várias vezes a chave, por desencargo de

consciência. Clic. Clic. Clic. Nada além de uma pequena vibração, como o ritmo de um coração parando no monitor.

Ótimo. Que diabo estava errado agora?

Ah, Crystal - pensou. Não acredito que você fez isso. Seus dedos tremeram assim que girou o botão dos faróis, seu estômago ficou pesado. Eles tinham ficado acesos.

- Como é que você foi fazer uma estupidez dessas? - resmungou. Mesmo sabendo que não ia adiantar, tentou acender a luz interna do carro. Quem dera!

O carro estava

mais morto do que... um casamento desgastado.

Droga de tempo! Onde mais, exceto na Cidade da Chuva, em Oregon, você precisaria andar com os faróis acesos em plena luz do dia, sabendo que um dia, quando estivesse

transtornada ou apressada, sairia correndo do carro sem apagá-los?

Tudo isso era culpa de Derek. Todos os problemas do mundo podiam ser atribuídos ao sorridente, sexy, talentoso, charmoso e renomado Derek Charles

Holloway. Não fosse

por ele, nunca teria se mudado para lá, o lugar mais chuvoso do planeta. Não

fosse por ele, estaria bem agora, muito bem. Mas Derek ocupava espaço demais na vida

de uma mulher. Ele se destacava em todos os departamentos: no da habilidade

atlética, no da aparência, no dos gastos. Ah, e no do apetite por mulheres.  
Não

podemos

nos esquecer disso, pensou Crystal. Ele com certeza se destacava muito  
nesse

departamento.

Era por causa de todo o seu apetite, da sua ganância, da sua negligência nas  
questões do coração que ela se encontrava dentro de um carro sem bateria,  
com a chuva

caindo no vidro, chorando copiosamente.

Vou odiá-lo para sempre, Derek Charles Holloway, pensou, procurando a  
caixa de lenços-de-papel dentro da bolsa. Encontrou de tudo, menos os  
lenços: uma

receita médica

(ainda teria de passar na farmácia antes de pegar as crianças), uma chupeta

velha com fios do forro da bolsa grudados nela (Ashley tinha largado a  
chupeta

há seis

meses), dois marcadores e dois suportes para bola de golfe com as iniciais  
de

Derek (aquela bolsa era tão velha assim?), um pacotinho com três maços de  
cigarro Virginia

Slims distribuídos gratuitamente num torneio (sim, aquela bolsa era mesmo

velha), uma caixinha de fósforos do Campo de Golfe Bandon Dunes. E ela ainda não tinha

encontrado os lenços-de-papel.

Àquela altura os vidros do carro já estavam tão embaçados que qualquer transeunte acharia que estava rolando um amasso lá dentro. Pois sim, amasso

era coisa do passado

para Crystal. Fora por causa de um amasso que estava lá agora, em primeiro lugar. E em segundo lugar. E em terceiro.

Meu Deus, o que aconteceu com a minha vida? - perguntou-se. Derek.  
Derek

Holloway foi o que aconteceu.

Crystal era estudante da Universidade de Portland e tudo corria bem na sua vida. Era uma mulher deslumbrante, pelo amor de Deus! Chegara ao topo como Miss Oregon

em 1989, ficando entre as favoritas na conquista pelo título nacional. E, na seqüência, veio Derek. Três meses depois ela estava passando alegremente a

coroa para

sua concorrente mais próxima, uma loira burra do Condado de Clackamas, com dentes clareados a laser.

Crystal estava tão perdidamente apaixonada que nem sequer chorou ao abrir  
mão do título. Estava grávida - propositadamente, embora Derek nunca  
tivesse

sabido disso

- e prestes a se casar com um homem que, aos vinte e dois anos, já tinha  
sido

três vezes capa da revista Sports Illustrated. Sinceramente, chorar pelo quê?

Debulhou-se em lágrimas sobre a manga molhada da sua capa de  
microfibra,

lamentando o tempo perdido. A manga era péssima como lenço, então

simplesmente desistiu

de chorar.

- Chega! - disse para si mesma. E mais uma vez: - Controle-se! - De um  
jeito

ou de outro, conseguiu controlar-se. Ficou parada por um momento num  
silêncio perturbador.

Aquilo era apenas um carro sem bateria, pelo amor de Deus, não um  
diagnóstico de câncer! Ela já havia passado por três partos, uma decepção  
amorosa, infidelidade, divórcio, maternidade solitária, ruína financeira e o  
mundo não havia acabado. Certamente não ia ser uma bateria  
descarregada que ia acabar com ela.

Isso fará alguma diferença daqui a cinco anos? A pergunta favorita do seu

terapeuta veio-lhe à mente. Definitivamente, a resposta era não. Não, essa droga desse

carro parado que era obrigada a dirigir porque a sua advogada idiota não conseguira arrancar uma pensão alimentícia razoável de Derek, não seria nada

mais do que

uma lembrança amarga dentro de cinco anos. Crystal deu uma olhada em uma

folha rosa amassada, o resultado de um exame laboratorial, em cima do painel

do carro. Pegando-o

subitamente, enfiou-o debaixo do quebra-sol. Aquilo sim faria diferença dentro

de cinco anos. Aquilo faria diferença para sempre.

Desejou que não-estivesse chovendo. Se o sol aparecesse, deixaria a droga daquele carro lá mesmo, iria com o seu andar de passarela até uma concessionária Lexus

e deslizaria direto para o interior quentinho de um carro confortável, novinho

em folha, todo revestido de couro, daqueles que desligam os faróis sozinhos se

o motorista

se esquece de fazê-lo. Levaria o vendedor na conversa para conseguir um

financiamento e sairia dirigindo rumo ao sol poente.

Dirigir. Ela e Derek costumavam sair juntos de carro para todos os lugares.

Depois que se mudaram para Comfort, a poucos quilómetros da magnífica costa do Pacífico,

costumavam ir de carro a todos os cantos e percorrer a sinuosa estrada costeira sobre o despenhadeiro até a exaustão. Às vezes chegavam até mesmo a parar num mirante

e fazer amor na traseira da caminhonete.

Estava chovendo mais forte do que antes. Crystal chegou a pensar em pedir ajuda a Lily, mas desistiu da idéia. Sabia que Lily largaria tudo para ajudá-la.

Enfrentaria

um dilúvio se ela pedisse. Mas ela não queria pedir. Lily sempre fora tão amiga,

ajudando-a a sair de uma enrascada atrás da outra. Já estava mais do que na hora

de ela começar a cuidar de si própria. E, francamente, Crystal já estava cansada de se sentir uma idiota.

Tão logo pegou o celular na bolsa, prendeu a respiração. Se o telefone também

estivesse sem bateria, daria um tiro na cabeça. Imaginou-se se arrastando até

a escola,

duas vezes perdedora, precisando usar o telefone.

- Funcione, por favor, funcione - implorou, abrindo o aparelho.

A tela logo deu sinal de vida com seu azul brilhante, exibindo uma mensagem

bem-humorada: "use-me". Finalmente alguma coisa dera certo naquele dia.

Não apenas isso,

Crystal tinha também, num exemplo de organização e competência, prendido o

cartão do seguro-reboque no quebra-sol. Ponto para ela.

Ligou para o número gratuito e seguiu as instruções, digitando o número do seu cartão.

- Sinto muito - disse uma voz feminina suave. - Este número não é mais válido.

Por favor, ligue para nosso serviço de atendimento ao cliente, entre 9:00 e

**18:00,**

horário da costa leste, para a renovação do seu seguro.

- Vai se foder! - murmurou Crystal, apertando a tecla end. O relógio do celular

avisava que já havia passado bastante das 18:00 no horário estúpido da costa

leste.

Como tudo o mais no casamento deles, Derek tinha deixado o seguro do carro vencer e nem se dera ao trabalho de avisá-la.

Praguejando baixinho, pegou a amostra de cigarros Virgínia Slims e a caixinha

de fósforos do hotel. Colocou um dos cigarros jurássicos entre os lábios e o acendeu.

Engasgou com a fumaça, já que era uma fumante ocasional na melhor das hipóteses, mas acender um cigarro era um ato de rebeldia, uma reação a todas

as frustrações

que se avolumavam dentro dela. Por um momento, podia fazer algo idiota, sem

sentido, perigoso, e a única pessoa a sentir as conseqüências seria ela.

Mais calma com o cigarro, Crystal apertou o botão do cinto de segurança, que

voltou serpenteando para o lugar, fazendo-a sentir-se instantaneamente aliviada. Livre.

Por fim, soube exatamente o que iria fazer. Iria matar Derek. Sorriu, deu mais

uma tragada no cigarro e pegou o celular mais uma vez. Seus dedos ainda se

lembravam

do número do telefone dele e sabiam discá-lo sozinhos. Ela nem sequer precisava olhar.

Ele atendeu ao primeiro toque, pois ela o instruíra a sempre atender rapidamente. Com três crianças, nunca se sabia o que poderia estar acontecendo.

- Meu carro está morto - disse ela sem rodeios. - Preciso que você volte para a

escola e transfira carga para a minha bateria.

- Ligue para a seguradora - respondeu ele sem pestanejar. - Estou ocupado.

Ela ouviu o rádio ao fundo tocando uma música dos Talking Heads.

- Você deixou o seguro do carro vencer - respondeu ela.

- Eu não. Você é que se esqueceu de renová-lo.

- Eu o teria renovado se você tivesse me dito que ele tinha vencido.

- Então ligue para um reboque.

- Tudo bem. Isso vai custar cento e cinquenta dólares. Eu te mando a conta.

- Ah, não, você não...

- E já que vou ficar horas esperando aqui, você terá de apanhar as crianças, embora hoje seja o meu dia. Tenho certeza de que você não tem planos para esta noite.

- Espere aí, Crys. Peça a alguém da escola para ajudar você. Lily. Peça à sua amiga, a professora, para ajudar. Talvez ela possa ser mais útil a você do que

tem

sido a Charlie.

- Ah, não comece. - Crystal admitiu para si própria que não se tratava apenas

de conseguir carga para a bateria do carro. Ela queria que Derek o fizesse para

ela.

- Pare de tentar jogar os seus problemas nas costas dos outros.

- Deve ter algum auxiliar de manutenção na escola ou...

- Derek, neste tempo que estamos gastando discutindo você já poderia estar voltando para cá e transferindo a carga. Depois disso, você será um homem livre.

- Você está enchendo o meu saco, Crys! Está mesmo enchendo o meu saco!

Ela sorriu.

- Até daqui a pouco.

A ligação caiu. Crystal tirou o telefone do ouvido e olhou para a tela. Dizia "ligação finalizada" e não "falta de sinal". O filho-da-mãe tinha desligado na cara

dela.

Pensou no que fazer a seguir. Numa tempestade forte, ao cair da noite, num carro sem bateria, ninguém ouviria os seus gritos.

Abriu a porta e jogou o cigarro velho fora. Então, através do pára-brisa embaçado, viu os faróis de um carro se aproximando. Amigo ou inimigo?, perguntou-se. O dia

parecia mais escuro do que antes. Os faróis reluziram, cegando-a com seu clarão branco-azulado. O automóvel aproximou-se rapidamente, bem na sua direção. Crystal

ficou assustada demais para gritar. Agarrou-se ao volante e preparou-se para o

impacto.

O automóvel parou a poucos centímetros do pára-choque frontal do seu carro.

Ela piscou diante do forte feixe de luz que lhe feria os olhos e viu um brilho azul-cobalto.

Derek, graças a Deus, aquele filho-da-mãe tinha voltado para ajudá-la.

## Capítulo 5

Sexta-feira - 15:55

A desgraçada ficou lá, parada feito uma rainha, como se mal percebesse a presença dele. Derek estava com os faróis altos acionados de propósito, e assim os deixou,

bem nos olhos dela. Segura essa.

Ele lhe dirigiu uma seqüência de adjetivos tão grosseiros que Crystal ficaria com as orelhas vermelhas caso pudesse ouvi-lo. Mas não podia, é claro, o que

o fez

indagar-se por que estava gastando saliva à toa.

Ele enfiou os braços nas mangas da jaqueta Gore-Tex e puxou o capuz para cima da cabeça. Aproximou-se do capô do carro e o abriu. Sem dar a menor confiança para

Crystal ou sequer olhar em sua direção, foi até a mala do Chevy e tirou os cabos.

Percebeu que ela o observava e soube exatamente o que estava pensando.

Aquilo era um jogo de poder. Ambos sabiam disso. E, ao obrigá-lo a voltar para

ajudá-la, Crystal

tinha ganhado a primeira batalha. Mas a guerra ainda não havia terminado.

Ambos sabiam disso também.

Escorando o capô aberto, sentiu os primeiros filetes gelados da chuva entrando

nos sapatos. Olhou para baixo e viu que a água estava na altura dos tornozelos.-

- Porra! - xingou, torcendo para ser ouvido, pois ela odiava aquela palavra. -

Porra, porra, porra!

Ajustou os cabos nos terminais correspondentes da bateria, desejando

ardentemente tê-lo feito da forma correta. Então voltou a atenção para o carro

de Crystal. Correção:

para o carro dele. O carro que ela roubara dele junto com a casa e tudo o mais na assinatura do divórcio.

Pelo menos ela fora esperta o bastante para levantar a alavanca do capô sem ele ter precisado pedir. Derek encontrou os terminais da bateria cobertos de ferrugem

e precisou remover as crostas com seu canivete. A seguir, ajustou os cabos e saiu debaixo do capô. Virou o pulso sinalizando para ela virar a chave. Estava

chovendo

tão forte que ele não conseguia ouvir o barulho do motor.

Ela abriu a porta e gritou:

- Não está pegando..

- Tente de novo.

Crystal deu um olhar rápido para ele e virou a chave. Com a porta aberta, ele

podia vê-la tentando. Nada - nenhuma luz no painel, luz interna, nada de nada.

Completamente

morto.

- Tente de novo! - gritou ele. Ela balançou a cabeça negativamente.

- Ainda não está pegando!

Sem paciência, Derek gesticulou para que ela pulasse para o banco do carona.

Crystal precisou passar por cima do console, provocando-o brevemente com a

visão de

suas belas pernas de miss. Mesmo com os pés enfiados numa poça d'água no meio de uma tempestade, mesmo ciente de todas as razões pelas quais tinha se divorciado dela,

Derek sentiu uma onda tão irracional de desejo que gemeu alto.

Este, sem dúvida, era o grande trunfo de Crystal. Fora por isso que ele ficara

com ela quinze anos e não quinze minutos. Ela era a mulher mais sexy que ele

já havia

conhecido.

Agora lá estava ela sentada ao seu lado, calada e ingrata, cheirando a perfume

caro e... ele a olhou especulativamente.

- Fumando, Crys?

Ela ofereceu-lhe um maço de cigarros estreito e amassado, que já havia vivido

dias melhores.

- Esse troço ainda vai te matar.

- Temos de morrer de alguma coisa.

Derek balançou a cabeça, contrariado, ao confirmar o que já havia desconfiado

desde que vira o estado da bateria.

- Está morto - disse.

A água da chuva escorreu por sua jaqueta, molhando o estofamento do carro.

Ela não disse nada. Não precisava. Seus lábios apertados, seu rosto pálido e seus olhos semicerrados diziam tudo.

- Porra! - xingou ele, batendo no volante com o pulso. - Porra, porra, porra!

Crystal costumava piscar quando ele falava daquela forma. E aquela era, na verdade, a razão principal para ele falar assim. Agora, como não esboçara nenhuma reação, ele calou-se. Então deu um suspiro profundo e purificador para desanuviar a cabeça e encher ao máximo os pulmões de ar, como lhe ensinara seu fisioterapeuta respiratório.

Sim, ele tinha um fisioterapeuta respiratório. Ele tinha fisioterapeutas e treinadores para tudo, para sua saúde física e mental. Se não tomasse cuidado, qualquer dia acabaria com um treinador para fazer xixi.

O carro estava com uma morrinha danada. Um amontoado de lenços-de-papel molhados denunciava que ela se sentira tão mal com a reunião na escola quanto ele. Um par de brincos que ele não conhecia repousava dentro do cinzeiro. Crystal tinha o hábito de espalhar suas coisas pelo carro, marcando-o com sua presença. Ele estava impregnado de lembranças também. Aquele fora o carro zero -quilómetro em que levaram Charlie para a escola no seu primeiro dia de aula no jardim-de-

infância. Ela

chorara copiosamente enquanto seu irmão mais velho, Cameron, observava-a,

entediado.

Então, dando-se conta de que o ninho estava mesmo vazio, foram até Lovers

Lane, um estacionamento pago na beira do penhasco adjacente à estrada.

Aquele era um lugar

do qual Derek se lembrava desde a época do ginásio, uma massa rochosa tão

alta e íngreme que um carro de passeio ficava parecendo a cabina de uma espaçonave. Naquele dia, com os dois filhos pela primeira

vez na escola, ele fizera amor com ela na traseira do Subaru sobre o carpete cinza e áspero, cheio de suportes para bolas de golfe, cartões de contagem, brinquedinhos

de lanchonete e moedas soltas. Ele poderia tê-la levado para casa, para a cama deles, mas em casa o trabalho e as chamadas telefônicas o esperavam.

Naquele mesmo dia, ela o envolvera com suas pernas grossas e nuas e gemera de prazer. Agora, entregava-lhe o seu celular.

- Ligue para o seu seguro.

Ele arrancou o telefone da mão dela, pegou o número na carteira e fez a

ligação. A chuva apertou. O atendente disse que o primeiro reboque disponível

chegaria em

três ou quatro horas. Quando Derek disse isso a Crystal, ela respondeu:

- Eu não vou esperar aqui.

- Vá para a escola e espere lá dentro.

- Isso é ridículo. Preciso pegar o Cameron daqui a uma hora e meia. E depois a

Charlie. Ela está brincando na casa de uma amiguinha dela, a Lindsey. Não sei

por

quanto tempo você pediu para a babá tomar conta da Ashley.

A garotinha não estava com a sua babá habitual, mas Derek não ia contar isso

para Crystal enquanto não fosse necessário. Ela já estava bastante irritada com ele.

- Já sei - disse-lhe. - Peça a Lily para te dar uma carona até em casa que eu pego as crianças e as deixo em casa.

- Não, não vou dar trabalho a Lily.

- Mas ela é a sua melhor amiga! - disse ele, agora gritando, - Ela vai quebrar o

seu galho sem reclamar.

- Eu sei, ela o quebraria se eu pedisse. Mas não vou pedir. Nossos filhos não são responsabilidade da Lily. - Ela o observou com seus belos e frios olhos azuis,

com um olhar de tamanha obstinação que Derek admitiu sua derrota sem dizer uma palavra sequer.

Ter uma família sempre parecera um projeto sensato para ele. Uma esposa e filhos. O que poderia ser mais simples ou mais prazeroso?

Onde Crystal estava envolvida nada era simples e menos ainda prazeroso. Isso

sem falar nos malabarismos que era preciso fazer para criar três crianças: quilos de

roupa para lavar, telefonemas, deveres de casa, transporte escolar, horário do

esporte e das aulas de música. Caramba, era preciso ser um controlador de tráfego

aéreo para dar conta de tudo.

Pudera que Charlie tivesse problemas. A bomba estourara na mão dela e ela estava indo mal na escola. Derek sentiu um nó de culpa no estômago. Charlie.

O seu pequeno

grande desafio.

Derek olhou para o relógio. Ainda precisariam esperar uma hora e meia antes

de pegar as crianças. Ele colocou o capuz, abriu a porta do carro com o ombro

e saiu

na chuva torrencial. Desconectou os cabos, fechou o capô dos dois carros, foi

até a porta do carona onde estava Crystal e a abriu.

- Entre na caminhonete! - gritou.

- Mas por quê...

- Entre na droga da caminhonete! - Virou as costas, entrou no carro, apertou o

cinto e ficou observando a ex-mulher. Mesmo debaixo de uma tempestade, ela

se movimentava

com a graça plácida de uma rainha, abrindo a sombrinha vermelha e então

descendo do Subaru. Crystal entrou na caminhonete, fechou a sombrinha e a

colocou debaixo

do banco.

- Você deixou as chaves no carro? - perguntou ele.

- Claro. Não sou nenhuma idiota, Derek.

- Não - disse ele, dando ré. - Não é mesmo. - As coisas seriam muito mais

simples se ela fosse. -

Ele virou à direita na estrada inundada, os limpadores de pára-brisas dançando

rapidamente de um lado para o outro.

- Aonde você está indo?

- Temos uma hora para conversar - respondeu ele, ignorando sua pergunta. -

Portanto, pode falar.

Ele sentiu o seu olhar enquanto ela colocava o cinto de segurança.

- A Charlie está com problemas. Ficar uma hora brigando não vai resolver nada.

Ele olhou de relance para ela e não viu qualquer expressão de sarcasmo em seu rosto.

- Então não vamos brigar. - Imaginou se ela teria notado o cansaço na sua voz.

Era extenuante tentar descobrir o que fazer com um amor que tinha dado errado, principalmente

quando havia filhos envolvidos.

Após muita relutância, a chuva diminuiu e finalmente parou por completo.

Derek saiu da estrada molhada e subiu a ladeira que levava à via principal. Na

estrada costeira

o sol tentava espiar através das negras nuvens soturnas e bojudas sobre o mar agitado.

A vista era espetacular, independentemente de quantas vezes ele a contemplasse. Ele e Sean tinham crescido em Comfort e nos finais de semana gostavam de ir até a costa para ficar na praia ou jogar uma partida de golfe nos campos adjacentes. Mesmo depois de mais velhos, quando cursavam a faculdade em Portland, continuavam a ir para lá. O mirante no acostamento era o local perfeito para levar as garotas para tirar um sarro.

A primeira vez que saíra com Crystal, levara-a lá. Não fora por acaso que escolhera aquele local agora.

Ele manobrou a caminhonete ao longo da estrada sinuosa, encontrando-a deserta, salvo um esquilo saltitante ou um cervo que ocasionalmente a cruzava

a esmo. A recessão

económica tinha atingido o país em cheio, e seus problemas financeiros se mostravam nas más condições do local. Havia buracos por todos os lados, muretas caídas

ou completamente destruídas. O acostamento estava desmoronando em algumas partes por causa dos deslizamentos de terra.

O asfalto estava escorregadio e Derek sentiu os pneus da caminhonete querendo patinar. Com o sol surgindo rapidamente, nuvenzinhas de vapor subiam do asfalto molhado.

Derek tentou pensar em alguma coisa para falar que não desencadeasse uma briga. Algo impossível de se evitar com Crystal atualmente. Ela andava tão frágil e sensível

quanto seu próprio nome sugeria, e o menor aborrecimento poderia fazê-la partir-se em pedaços. No entanto, com Charlie cheia de problemas, teriam uma

conversa difícil

pela frente.

- Então - disse finalmente -, o que você achou da nossa reunião com a sua amiga?

- Lily estava falando conosco como professora da Charlie - salientou -, não como minha amiga. E, para ser franca, fico feliz que o problema da Charlie tenha vindo à tona. Já está na hora de a gente parar de se iludir. Desde a nossa última reunião com a Lily, em setembro passado, ficou claro que a Charlie estava ficando para trás. Agora precisamos decidir o que fazer.

- A Charlie nunca teve problemas até ter aulas com a Lily - disse Derek, rangendo os dentes. Isso ia aborrecer Crystal. Que se dane. Estavam falando sobre Charlie.

Sua filha, seu coração.

- Ah, então você acha que é por causa da Lily que ela está roubando e indo mal na escola? A Lily é a melhor professora que nossos filhos já tiveram!

Derek parou a caminhonete no mirante. Por um momento, lembrou-se claramente da primeira vez que levara Crystal para lá. Ela era a sua miss de Beaverton, ele era

um craque no golfe lutando para conseguir o seu cartão PGA e ambos estavam

apaixonados. Ela abdicou da coroa por ele, e ele jurou abandonar seu lado boêmio por ela.

O futuro deles era brilhante.

E aquele futuro brilhante tinha perdido o brilho com a patina do tempo, da traição e de toda sorte de pressão que enfrentara para tentar permanecer em forma.

- Estou dizendo para você considerar a idéia de que a Lily talvez possa ser mesmo parte do problema.

- O que seria muito mais fácil do que considerar a idéia de você ser parte do problema. - Crystal percebeu seu olhar estupefato e corrigiu-se: - Tudo bem,

talvez

nós dois sejamos parte disso. Confio plenamente na Lily. Quando ela deu aulas

para o Cameron, há sete anos, você não teve do que reclamar. Ele desabrochou nas mãos dela.

- Educar o Cameron é fácil. Até um macaco poderia ter dado aulas para ele. Ele era a criança perfeita. - Derek perguntou-se se o filho sabia que ele pensava assim.

Justamente naquela manhã tinham tido a discussão de sempre sobre o assunto de sempre: o golfe.

- Por que essa cara? - perguntou Crystal, que ainda podia ler direitinho os seus

pensamentos.

- O Cam me encheu o saco de novo - confessou Derek. - Ele não quer jogar no

torneio desta semana. Não entendo. Ele é um golfista brilhante! - Bateu com a

mão no

volante. - Vai ver ele só estava tentando me provocar. Na verdade, agora que a

chuva parou, ele deve estar batendo um balde cheio de bolas para treinar. Ele

não consegue ficar sem jogar.

- O que mostra como você conhece bem o seu filho - disse Crystal.

- Agora você está insinuando que ele não gosta de golfe.

- Ele gosta de você. Ele acha que precisa jogar golfe para você lhe dar atenção.

- Isso é besteira! - Derek pensou na conversa tensa que tivera com o filho naquela manhã. A tensão tinha evoluído para uma hostilidade total de ambos

os lados. De

alguma maneira, brigar com o filho despertava o pior nele. - Não acredito que

ele esteja brigando comigo por causa do golfe. Quando me ofereci para falar

com o treinador

Duncan sobre isso, o Cam se descontrolou, descontrolou completamente.

- Não fale com o Grég Duncan! - Crystal respondeu rápida e rispídamente.

Derek franziu a testa.

- Deixe que eu falo com o Cameron... mais tarde. - Crystal soltou o cinto de segurança e desceu, indo até a frente da caminhonete. Ele não teve outra escolha a não

ser acompanhá-la. O ar ainda estava úmido e cheirava a asfalto molhado, cedro e medronheiro. Ao longe, as ondas quebravam nos rochedos produzindo

arco-íris luminosos.

Aquele lugar guardara tal magia para eles. Até mesmo o velho farol abandonado em Tillamook Rock, a milhas da costa, fizera parte do encanto.

Um columbário famoso

onde descansavam ossos e cinzas antigos. Eles diziam que queriam ter suas cinzas jogadas lá quando morressem, após envelhecerem juntos.

- Agora precisamos nos concentrar na Charlie - disse Crystal. - Não no Cameron. E nem na Lily.

- Ela é parte dos problemas da Charlie - insistiu Derek.

- Ela é a minha melhor amiga - disse Crystal.

- Talvez isso esteja atrapalhando o seu julgamento.

- Mas que droga, Derek! Encare os fatos. A Charlie ainda não sabe ler e está roubando. A Lily não é a causa do problema. Ela está tentando resolvê-lo.

Precisamos

repensar os nossos planos para o verão.

- O que quer dizer...

- O que quer dizer que a Lily espera que façamos o melhor para a Charlie, não

o melhor para a sua carreira.

- Ah, então você vai simplesmente cancelar a sua viagem e ficar em casa levando a menina todos os dias para estudar em Portland?

- Acho que deveríamos pensar no assunto. Sinto muito se isso interfere nos

seus planos.

Derek deu uma risada curta e alta.

- Não interfere, não, querida. Arruína-os completamente. Você sabe que não vou fazer nada neste verão sem a Charlie. "

- É uma pena você e a Joan terem de desistir da ida ao Havaí.

- É Jane - disse automaticamente, mas é claro que ela sabia. - E deixar de ir ao

Havaí não é problema. O problema é que preciso jogar no Majors. Como você

acha que

vamos pagar as despesas de uma clínica particular em Portland e tudo o mais

que você diz precisar?

- Talvez, se você administrasse melhor o seu dinheiro, não precisaria se preocupar com isso. -

- Que diabo você quer dizer?

- Você ganha uma fortuna, Derek, mas gasta uma fortuna ainda maior. Quantas

pessoas têm na sua folha de pagamento agora, uma dúzia? Vinte? Você precisa mesmo viajar

com o seu massagista particular?

- Na verdade, preciso, sim. O meu pessoal é o motor que mantém este trem

aqui nos trilhos. Você sabe disso, Crystal. Você sabe. - Lançou um olhar significativo para

os sapatos de grife dela e para o diamante pendente de seu pescoço. - Talvez você pudesse parar um pouco com as compras. Já pensou nisso?

Ela o encarou com raiva e olhou para o relógio. ""

- É melhor irmos embora. Está na hora de pegar a Ashley na casa da sra.

Foster e o Cameron no clube. - Voltou para a caminhonete e apertou o cinto de

segurança.

Era uma pessoa totalmente dona de si, sempre na expectativa de que o mundo

lhe daria tudo de bandeja.

Derek entrou e ligou a caminhonete. Ainda saía vapor do capô e do asfalto.

Não estava mais chovendo, mas havia um nevoeiro baixo e denso nos fossos e

vales que rodeavam

a estrada.

- O Cameron não se importa de ficar no clube - disse ele, na esperança de desviar sua atenção sobre quem estava cuidando de Ashley - Agora que o

Sean trabalha

lá,

eles às vezes jogam uma partida juntos - Deu ré rapidamente e arrancou com o

carro, a traseira derrapando no asfalto escorregadiço da estrada

- Acho que o Cameron está passando tempo demais com o seu irmão

- Pelo amor de Deus, Crystal! As crianças têm o direito de conhecer o tio delas.

O Cameron gosta dele. O Sean faz bem para o jogo dele.

- Dando dicas do tipo "como roubar"?

Derek fez a curva seguinte um pouco rápido demais, resvalando na direção do

acostamento, passando por cima das pedras

- Isso é sacanagem sua! Ele não é nenhum trapaceiro.

- Não? Então ele foi expulso do Asian Tour por. por quê? Porque o cabelo dele

não estava bonito?

- Porque se envolveu com a mulher errada - disse-lhe. Então o diabinho dentro

dele o fez acrescentar - Só Deus sabe como sei o que isso quer dizer.

- Seu idiota, você. - ela se interrompeu, olhando para a estrada - Você acabou

de perder a entrada para a cidade.

- Vou pela avenida Echo Ridge.

- Você vai precisar atravessar a cidade para chegar à casa da babá - observou

Crystal

Tudo bem, pensou Derek. Ele também ia botar para quebrar.

- A Ashley não está com a babá. Ela está com a Jane. Crystal respirou ruidosamente pela boca.

- Bem, isso é simplesmente fantástico! A idéia da minha filha nos braços da sua

namorada menor de idade me fez ganhar o dia.

- A Jane Coombs tem vinte e quatro anos e já tem doutorado.

- Você adora me lembrar disso. Não dou a mínima para as credenciais acadêmicas dela.

Derek sabia que ela dava. Crystal brincava que tinha saído da faculdade apenas com a credencial de SRA., mas o fato de nunca ter concluído os estudos era uma fenda

aberta, algo que provavelmente só ele sabia.

- A Jane adora a Ashley - disse ele. A seguir, respirou fundo. - E é bom você

saber também que ela vai morar comigo.

- Ah, vão viver em pecado! Você é mesmo um exemplo para os seus filhos!

- Nós não vamos viver em pecado! - As mãos dele ficaram subitamente

encharcadas de suor, pegajosas sobre o volante. - Crystal, nós vamos nos casar. Estamos planejando

contar às crianças no próximo fim de semana.

- Seu cretino - disse ela com a voz assustadoramente baixa. - Seu cretino filho-

da-puta!

Ele olhou de relance para ela e teve a estranha sensação de já ter ouvido aquilo antes. Então riu. Ele era mesmo um cretino. Seu pai adotivo costumava

lembrá-lo

disso o tempo todo. E quanto a ser um filho-da-puta? Bem, com certeza era também. Ele fodia com qualquer coisa que balançasse o traseiro para ele, e num circuito

profissional de golfe o que não faltava era gente balançando o traseiro.

- Você acha engraçado? - perguntou ela, irritada.

- Acho hilário. Nós somos hilários. Céus, olhe só para nós, Crystal, Veja a bagunça que fizemos, eu com o meu pau e você com a sua boceta. - Riu

baixinho, sentindo-se

tolo e leviano como se tivesse acabado de virar uma dose de tequila. Olhou para Crystal e viu que ela o encarava com os sentimentos estampados nos olhos.

- Droga, Crystal! - disse. - Eu era tão apaixonado por você, mas você estragou

tudo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas e, por um breve instante, ele viu a garota que ela fora, a amante perfeita que ele achou que gostaria de ter pelo resto da

vida. Ela costumava idolatrá-lo com um fervor que o excitava. Onde tinha parado aquele fervor?

- Por Deus, Derek - disse ela -, é tão mais simples do que você... Cuidado!

Ele voltou os olhos rapidamente para a estrada a tempo de ver uma corça e seu filhote pintado saltando do nevoeiro exatamente para a pista, bem na frente

do carro.

Derek havia crescido naquele lugar. Conhecia cada curva da estrada, cada afloramento, cada paredão íngreme de rocha, o diâmetro de cada cedro grosso

e de cada pinheiro-do-oregon

que rodeava aquela estrada deserta. Sabia até que a família Huffelmann era proprietária da próxima milha ao longo da estrada, onde havia colocado o aviso

de "Proibido

ultrapassar". O velho Huffelmann nem sequer dera permissão ao Departamento

de Estradas e Rodagem para pôr uma mureta ao longo do declive íngreme, portanto não havia

nenhuma proteção capaz de mantê-los na estrada.

Os pneus cantaram no asfalto molhado e ele girou o volante freneticamente para o lado oposto da derrapagem. Crystal ficou completamente muda, embora

tenha jogado

as mãos para a frente e se agarrado ao painel. De alguma forma, Derek conseguiu voltar com o carro para a pista.

Crystal olhou furiosa para ele.

- Você dirige feito um doido.

- Você costumava gostar da forma como eu dirigia.

- Eu costumava gostar de muitas coisas em você.

- Ei, pelo menos eu não esmigalhei o Bambi e a mamãe dele. - Derek percebeu

que ela não estava para brincadeiras. Bom, pensou. Ele aproveitaria aquela oportunidade

e acabaria de vez com o que ainda lhe restava de humor. - Acho que esta é uma boa hora para eu dizer que não poderei ir à festa de aniversário da Ashley.

- Espere aí, Derek...

- Sinto muito, mas preciso ir para Vegas para um torneio dos grandes, por isso

gostaria que você trocasse a data da festa.

- Não vou trocar droga nenhuma.

- Ela só tem dois anos. Não vai perceber. É apenas um bebê. Isso não tem tanta importância assim. - Dois medronheiros com o tronco descascado deixando à mostra galhos

vermelho-sangue cresciam ao lado da curva fechada à frente. Derek ignorou a

placa de sinalização amarela e preta e acelerou.

- Isso não tem tanta importância assim. - Crystal repetiu suas palavras, a voz macia pela raiva reprimida. - Bem, então também acho que essa é uma boa

hora para

dizer que a Ashley não é sua filha.

A beleza de um compromisso forte e duradouro é quase sempre mais bem compreendida por homens incapazes de cumpri-lo.

- Murray Kempton

Capítulo 6

Sexta-feira - 17:00

aqui está o oponente, Sean Maguire, visando o green quem sabe para acertar

o buraco com duas tacadas abaixo do par. Ninguém respira na plateia enquanto o oponente

escolhe um taco forjado da Titleist, para distâncias curtas, assumindo sua famosa pegada. Um balanço fácil, atlético, uma tacada sem falhas e... ele está

dentro,

senhoras e senhores. Ele está no green rolando seis, quatro, três! Ele está a apenas três jardas do buraco, o que significa a apenas uma tacada de uma vitória histórica.

Ele não só levará um milhão de dólares para casa e o trofeu do campeonato, como também fará amor com duas loiras, gêmeas idênticas que, num passe de

mágica, se transformam

em cerveja e pizza à meia-noite. Senhoras e senhores, o momento é de silêncio absoluto à medida que o competidor se aproxima para bater na bola.

Tudo o que existe

entre ele e a vitória são três jardas de campo. O que não parece ser nada de mais para o lendário Maguire. Ele ajusta sua pegada, levanta suavemente o pulso para

o seu famoso movimento de subida do taco, preparando-se para entrar para a

história. A cabeça do taco desce suavemente em direção à bola, com estudada

precisão,

e...

- Ei, senhor.

O braço de Sean tremeu e ele perdeu a pontaria. A bola de golfe rolou para longe do buraco. Trincando os dentes, frustrado, empertigou-se e olhou zangado para

a

criança que estava de pé na lateral do campo de treino.

- Fale. - Sean lamentou logo o tom de irritação da sua voz. O garoto de olhos

arregalados era provavelmente um fã querendo o autógrafo do lendário Sean

Maguire.

- Em que posso ajudá-lo?

- O senhor tem troco para um dólar?

Era só o que lhe faltava. Revistou o bolso em busca de uns trocados. Tinha apenas trinta e cinco centavos. As moedas pareceram leves e pequeninas na sua mão.

Ele inclinou-se e pegou a bola do green ensopado por causa da chuva. Seu aluno das quatro não tinha aparecido, provavelmente por causa da

tempestade, portanto passara

o tempo treinando o próprio jogo. Para que ele não tinha a menor idéia.

- O que você quer mesmo, garoto?

- Troco para a máquina de Coca-Cola. - O menino se remexeu, aborrecido e,

provavelmente lembrando-se do que lhe ensinara a mãe, acrescentou: - Por favor, senhor.

- Pode me chamar de Sean.

- Seno?

- Foi o que eu disse. Posso arrumar troco na sede do clube. - Meneou a cabeça

na direção do prédio comprido e baixo. O prédio onde trabalhava. Encerrara sua carreira

de sucesso como golfista profissional exatamente ali onde a começara, no Echo Ridge.

Tão logo o garoto pôs-se a acompanhá-lo, Sean perguntou:

- Qual o seu nome?

- Russell Clark. Apertaram-se as mãos e continuaram andando.

- Ei, quer saber como descobrir o seu nome de estrela pornô?

- Meu o quê?

- Você sabe, o seu nome de estrela pornô. As estrelas pornô nunca usam o próprio nome.

O menino devia ter uns dez anos, se tanto. O que ele sabia sobre estrelas pornô?

- Essa é uma pergunta que você faz para todo mundo ou foi só para mim?

Russell encolheu os ombros, então Sean disse:

- Está bem. Com certeza. Com certeza. Estou louco para saber.

- Me diz o nome da rua onde você mora.

- Avenida Ridgetop. - Em mais um apartamento fuleiro. Nunca tinha morado

num lugar do qual realmente gostasse.

- Agora me diz o nome do primeiro bicho de estimação que você teve.

- Quando eu tinha mais ou menos a sua idade, tive um vira-latas chamado Duke.

O garoto soltou uma gargalhada.

- Então o seu nome de estrela pornô é Duke Ridgetop. Nossa, isso é demais, pensou Sean. Simplesmente demais.

- Talvez ele pague algumas contas para mim.

- Adivinha o meu. Garanto que você não consegue.

- Tem razão, não consigo.

- Pepper McRedmond. Legal, né? - Russell riu, dando um tapa na coxa.

- Você é que sabe, garoto.

Dentro da sede, Sean conseguiu troco e Russell correu para a máquina de Coca-Cola. As crianças são de outro planeta, pensou. Nunca as entenderia.

Balançando a

cabeça,

encontrou o seu salário semanal dentro da caixa de correspondência.

Enfiou-o

dentro do bolso da jaqueta sem sequer checar a quantia. Sabia que devia se

sentir feliz

por ter um salário fixo, mas, caramba, ele costumava dar mais de gorjeta para

o seu caddie após uma única partida do que recebia agora. Costumava.

Deu uma olhada no relógio. Já havia terminado o expediente por lá, mas dentro de três horas voltaria para o bar no andar de cima, para preparar drinques

como Manhattans

e Cosmopolitans para os advogados da cidade e os aposentados de pele

curtida. Não valia a pena passar em casa nesse intervalo. Maura, sua

namorada, ficaria no hospital

até tarde, e logo cedo na manhã seguinte teria de ir para Portland para um

seminário. Sean ficou surpreso ao sentir-se ligeiramente incomodado com

isso; sentiria saudades dela. Ultimamente, não confiava no seu próprio julgamento com relação às mulheres.

Por causa do turno em que estava trabalhando, Maura se arrastava logo para a

cama quando chegava em casa. Eles não moravam exatamente juntos, mas ultimamente dormiam todas as noites na casa dele e, item por item, as coisas

dela iam migrando para lá. Dois dias atrás, levava seus CDs e uma foto da família. Aquilo era o mais perto

de um relacionamento permanente que Sean já havia chegado a ter com uma

mulher. Bem, mais ou menos.

Ele olhou ao redor do salão, onde circulavam alguns grupos de golfistas comparando pontos e checando despesas. Por causa da tempestade, não havia muitos deles por

lá. Apenas os aficionados estavam expostos àquele tempo que fizera durante

toda a tarde. Sean os ouviu rindo e conversando, o que o fez lembrar-se de que o golfe

era para ser divertido. Um jogo. Sentia saudades daqueles tempos.

No vestiário, tirou a calça esporte e a jaqueta com a logomarca do clube - o Echo Ridge não permitia o uso de jeans - e vestiu sua calça Levis predileta.

O telefone celular tocou e, tão logo ele reconheceu o número, seu coração disparou.

- Alô?

- Alô para você também, bonitão! - A voz de Harlan "Red" Corliss, empresário

de Derek, soou clara e sorridente.

- Você parece feliz. - Inclinando a cabeça para apoiar o telefone, Sean transferiu as miudezas dos bolsos da calça do uniforme para os da calça jeans.

- O que você vai fazer no próximo sábado, Maguire? - perguntou Red.

Sean largou as chaves e segurou firme o telefone.

- Você me botou no torneio Redwing.

- É, botei. Tenho algumas vagas para jogadores sem patrocínio e usei uma delas só para você, garoto.

Jogo de torneio. Era o que costumava ser a razão de viver de Sean, aquilo que o definia. Ele fora uma estrela em ascensão, o herói do jogo.

Hoje lá estava ele sob a sombra da desgraça, herói de ninguém.

Independentemente do que fizesse, podia ainda experimentar a sensação odiosa de vergonha e culpa que

havia caído sobre ele como uma mortalha.

- Alô? - perguntou Red quando a pausa ficou muito longa. - Você não está

preocupado com o seu jogo, está?

Sean andou de um lado para o outro no vestiário.

- O talento permanece intacto.

- Esqueça isso. Você tem um talento quase sobrenatural. Mas isso não é o mais importante. Esqueça que sabe bater numa bola e comece a treinar. - Red

se calou por

um momento. - Não é isso, é?.,

- Você sabe que não, Red.

- Escute, você não pode ficar se preocupando com aquela história. Você não trapaceou. Eles é que te passaram para trás. Antes que você perceba, isso vai virar coisa

do passado. Não: já virou coisa do passado.

Sean encostou a testa na porta do vestiário. Não fazia diferença se ele tinha ou não sido passado para trás. Era culpado por estupidez. Merecia voltar ao ponto

de

partida e sair aos poucos do buraco que ele mesmo tinha cavado.

- Entendi, Red. Coisa do passado. - Endireitou a postura, virou-se e olhou pela

janela. Revigorado por causa da chuva e rodeado de cedros antigos e

majestosos, o

campo de golfe estava verde e brilhante a ponto de ofuscar os olhos. Foi naquele momento que ele despertou. Aquela era a sua chance de voltar ao jogo.

- Que se dane, Red. - Deixando as dúvidas de lado, Sean abriu um sorriso tão

largo que seu rosto doeu. Finalmente! Com certeza Maura diria que não achava sensato

ele sair correndo atrás de um jogo, e Derek diria que ele ainda não estava pronto, mas ele não queria nem saber. Essa era a oportunidade pela qual estava esperando.

Uma outra chance no esporte que amava. Tinha chegado aos Estados Unidos

tarde demais para competir no Q-School, torneio no qual os golfistas se classificavam - ou

reclassificavam - para obter os seus cartões PGA, e já estava resignado com a

idéia de aguardar mais um ano para passar por todo o processo. Mas Red era

um dos melhores

no negócio e o estava colocando no caminho mais rápido.

- "Que se dane" quer dizer sim. Vou mandar o Gail entregar o contrato e te ligo amanhã para falar dos detalhes.

Sean ainda estava rindo quando a porta do vestiário se abriu e fechou em seguida. "

- O que há de tão engraçado? - perguntou Grég Duncan, o treinador do time de golfe da escola.

- Você sabia que existe uma maneira de descobrir o seu nome de estrela pornô? - Sean não queria contar as novidades para Duncan. Daria a impressão de que estaria

se vangloriando. Grég Duncan era um ótimo jogador que não disfarçava a vontade de conseguir o seu cartão PGA. Ele havia competido algumas vezes

no Q-School, mas

nunca ultrapassara a seletiva. O camarada precisava de uma chance, mas assim era o golfe. Um jogo sem coração, como Red sempre dizia.

- Tio Sean? - Batendo com os sapatos enlameados no capacho, seu sobrinho,

Cameron, chamou-o da porta. - Oi, treinador.

- Olá, Cameron. - Grég Duncan guardou os sapatos de golfe no escaninho e bateu a porta para fechá-lo. - Estou indo embora. Vejo você no domingo, certo?

- Sem esperar

por uma resposta, saiu na direção do estacionamento.

A semelhança de Cameron Holloway com Derek era quase assustadora. Tinha

o mesmo cabelo loiro e olhos intensos, a mesma estrutura esguia que se movia

com uma graça

surpreendente, o mesmo talento espantoso ao balançar um taco. Ele era a melhor coisa que tinha aparecido no time de golfe da cidade em anos. E, a

julgar pela sua

aparência - bochechas vermelhas por causa do vento, cabelo úmido e sapatos

enlameados -, estivera treinando lá fora.

- O que você conta de novo? - perguntou.

- Hum, era para a minha mãe vir me buscar há meia hora, mas acho que ela esqueceu. - Ele parecia aborrecido. - Ela se esquece de tudo ultimamente.

Sean não morria de amores pela ex-cunhada, que quase tinha levado Derek à

falência durante o divórcio, mas também não lhe parecia correto deixar o menino falar

mal dela.

- Ela deve ter se atrasado por causa da chuva - sugeriu. Havia muitas coisas que Sean invejava em Derek, mas com certeza não invejava aquela maluca

da sua ex-esposa.

Crystal era o suficiente para levar qualquer um à loucura.

-Não, ela esqueceu mesmo e não está atendendo o telefone. Nem o meu pai.

Sean procurou pelas chaves no bolso.

- Vou te dar uma carona.

- Obrigado.

- Me encontre no estacionamento.

Sean avisou Duffy, o responsável pelo campo de golfe, que estava saindo e foi para a caminhonete. Cameron carregava seus tacos, um jogo de Callaways

com vara

de grafite, tacos de melhor qualidade do que os que muitos médicos ricos costumavam usar no Echo Ridge. Os tacos tinham lhe sido repassados por Derek, que todos os anos ganhava um jogo novo dos patrocinadores.

Sean lembrou-se de que seu irmão tinha conquistado a fama passo a passo, torneio por torneio. Derek merecia cada mordomia que lhe era oferecida. E ele... bem,

ele

também tinha o que merecia.

Tão logo saíram do estacionamento e desceram a estrada íngreme e sinuosa,

Sean disse:

- Por que você não liga para a sua mãe e diz que pegou uma carona comigo até em casa, para ela não precisar vir buscar você?

Cameron pegou o telefone e discou o número.

- Ela não vai atender.

- Deixe recado.

Houve um silêncio, então Cameron disse:

- Sou eu. Você está atrasada para me buscar e o tio Sean está me dando uma carona até em casa. Tchau.

Sean o olhou de esguelha.

- Isso foi quase uma agressão.

- Agressão é me deixar preso aqui.

- Tenho certeza de que há uma explicação.

- Sempre há.

- Você não devia tratar a sua mãe assim.

- E por que não?

Ele ignorou a pergunta e ligou o rádio. Nickel Creek estava tocando "Angels

Everywhere". Tentou lembrar-se se aos quinze anos ficava tão zangado assim

o tempo inteiro.

Tinha quase certeza de que não. E mais uma vez percebeu que não tivera

motivos para sentir raiva. Tinha sido uma criança feliz e despreocupada, obcecada por golfe e garotas, nesta mesma ordem. Todos esses anos depois, uma infinidade de coisas havia mudado. Talvez devesse ficar automaticamente zangado com o seu sobrinho. Mas ele ainda só pensava em golfe e mulheres.

- Você jogou uma partida esta tarde? - perguntou, a fim de puxar conversa.

- Não, bati três baldes de bolas e treinei umas tacadas altas. Vai ter um torneio

esse fim de semana contra o Portland Prep.

- E como está o seu jogo?

- Bom.

- Só bom?

-- Bom o bastante para vencer no fim de semana - falou com confiança, não com vaidade.

- Então está bom.

- Acho que sim.

Sean perguntou-se por que o garoto não mostrava um pouquinho mais de entusiasmo, mas percebeu que não cabia a ele perguntar.

Tão logo virou para o bairro bem cuidado e arborizado onde Crystal morava,

ocorreu-lhe que nunca fora à casa na Candlewood Street. Enquanto casado,

Derek vivera

anos lá, mas Sean nunca visitara a casa que seu irmão dividia com a bela

esposa. Sean estivera fora do país jogando no Asian Tour e não voltara aos

Estados

Unidos

até as circunstâncias o forçarem a fazê-lo.

No entanto, conhecia aquela casa. Era a maior e mais antiga de Saddlebrook

Acres, uma área de mansões elegantes construídas na época dos barões da

madeira. Quando

ele e Derek eram crianças, costumavam passar de bicicleta em frente a essa

mesma casa, admirando o vasto gramado, a cúpula branca brilhante e a

varanda coberta.

"Um dia vou morar aí" tornou-se uma promessa de criança. Ainda assim, por

estranho que pareça, a promessa partira de Sean e não de Derek. Aquele era

um lugar

de tradição e esplendor, o tipo de lugar onde uma pessoa poderia se imaginar

vivendo a vida inteira. Mas em algum momento ele havia posto aquele sonho

de lado, encontrando

um tipo de vida completamente diferente como golfista profissional. E, de alguma forma, Derek se apropriara do sonho que Sean passara a ver como uma impossibilidade.

Durante muito tempo, seu meio-irmão conseguiu que tudo desse certo - a carreira, a família, a casa, tudo. Do ponto de vista de Sean, as coisas pareciam funcionar

exatamente como o planejado. Ele não podia acreditar que Derek tinha dado um jeito de arruiná-las. Dava para pensar, com tanta coisa em risco, que Derek

podia ter

mantido o pinto dentro das calças naquele torneio em Monte Carlo. Mas, segundo Sean, aquilo era assunto do irmão. A julgar pela forma como a ex-esposa o havia limpado

no contrato de divórcio, Crystal Baird Holloway devia ser um osso duro de roer.

Ainda assim...

Lançou um breve olhar de soslaio para Cameron. Ele era um bom menino, mesmo enquanto navegava pelas águas turbulentas da separação dos pais. É claro que andava mal-humorado ultimamente, mas quem não andaria, sendo jogado de uma casa para outra em fins de semanas alternados? Esta era uma

das cláusulas no acordo do divórcio de que Derek não abria mão. Ele queria os

filhos cinquenta por cento do tempo, e seu advogado, cujos honorários fizeram

até mesmo Derek tremer, conseguiu a custódia partilhada.

- Como vai indo na escola? - perguntou ao sobrinho, tentando encurtar o silêncio entre eles.

- Acho que bem.

Sean riu por cima do volante.

- Péssima pergunta. Eu devia ter pensado melhor antes de fazer uma pergunta

dessas.

- Não tem importância.

A comunicação, em termos de diálogo, nunca fora o forte na família, refletiu.

Aparentemente, Cameron estava seguindo a tradição.

Sean parou o veículo no asfalto lisinho da entrada de carros da casa na Candlewood Street. Tinha a clara intenção de deixar o sobrinho na porta, correr

até sua

própria

casa para uma chuveirada e beliscar alguma coisa antes de voltar ao trabalho.

Mas algo o fez desligar o motor e sair do carro.

- Vou pegar os seus tacos - ofereceu-se, abrindo a mala da caminhonete.

- Obrigado. - Cameron pôs a mochila nas costas e saiu para abrir a porta lateral

da casa.

Sean o seguiu até dentro de casa, recostando os tacos na parede do vestibulo lotado de sapatos de todos os tamanhos, um carrinho de bebê dobrado, uma coleção

de guarda-chuvas e chapéus e uma cesta cheia de luvas. De algum lugar da casa, o toque distante de um bipe pontuava o silêncio.

- A secretária eletrônica - disse Cameron. - É melhor eu atender. Entraram na

cozinha e Sean teve uma visão geral do lugar com uma única olhada. Aquela

fora a

casa dos seus sonhos de menino, mas ele nunca tinha entrado lá. Agora lá estava ele e a casa inteira parecia envolvê-lo. A cozinha bagunçada tinha piso

de madeira e armários

com portas de vidro repletos de louça verde no estilo Martha Stewart. Na porta da geladeira havia um calendário, listas variadas e desenhos das crianças.

Assim que

seguiu Cameron até o hall de entrada, viu uma parede revestida por painéis de

madeira, uma escada imponente e porta-retratos com fotos das crianças

espalhados por

toda parte.

Cameron ligou a secretária eletrônica. A primeira mensagem era de alguém

que se identificava como Lily. "Olá, Crystal. Liguei somente para saber como

você está.

"Espero que tenha achado a reunião produtiva. Ligue para mim."

- A professora da Charlie - explicou Cameron.

Ela soara mesmo toda certinha, pensou Sean, imaginando uma mulher de cabelos azulados e óculos bifocais.

- Ninguém quer discutir com uma mulher dessas - disse, cutucando o menino.

Próxima: "Crystal, aqui é Jane Coombs..." Ouvia-se o som de uma criancinha

agitada ao fundo. "Eu estava esperando o Derek pegar a Ashley agora de tarde, mas parece que ele está atrasado. De qualquer forma, preciso sair para

dar aula à noite, portanto eu ficaria grata se você pudesse pegá-la assim que receber esta mensagem."

- Xi, a mamãe vai adorar essa! - disse Cameron. A terceira mensagem era de

alguém confirmando presença para a festa de aniversário de Ashley. Parecia estranho, era

como planejar uma festa num campo de guerra. A sobrinha mais nova de Sean tinha nascido no meio do tumulto de um casamento em dissolução, mas,

das três crianças,

fora a menos afetada, pequena demais para entender o que havia perdido.

Charlie tinha deixado uma mensagem também: "Venha me buscar", disse numa voz petulante. "Estou

na casa da Lindsey e você disse que viria me buscar e ainda não veio. Venha

logo, você está atrasada."

A última mensagem era quase ininteligível, mas Sean percebeu que era de uma menina que ria de maneira mais articulada do que falava. Ela claramente

queria falar

com Cameron. Mais claramente ainda, ele ficou morto de vergonha por ela ter

ligado para lá. Sean percebeu o calor subindo pelas orelhas vermelhas do garoto, o

olhar desviado, as mãos enfiadas nos bolsos dos jeans.,- "Fim das mensagens", disse a voz mecanizada da secretária. Sean sentiu um aperto estranho no estômago. -

- Ligue novamente para a sua mãe.

Cameron encolheu os ombros e discou o número.

- Não atende - disse ele.

- Agora para o seu pai.

Conforme levou o telefone ao ouvido pela segunda vez, Cameron mostrou seu

primeiro sinal de preocupação: um leve tremor no queixo.

- Não responde - disse novamente. - Já deixei recado para eles.

- Alguma idéia de onde possam estar?

- Não.

Era de esperar. As crianças não costumam prestar atenção ao que os pais fazem. E agora?, perguntou-se.

O telefone tocou, assustando os dois. Cameron atendeu logo.

- Alô? - Seu rosto se iluminou momentaneamente de esperança, então se fechou. - Ah, oi, Jane. Não, a mamãe não está aqui. Acho que você pode deixar a Ashley aqui comigo, já que estou em casa. - Fez uma pausa. - De nada. - Desligou o telefone. - Tenho quilos de dever de casa para fazer, mas agora é que não vou fazer mesmo - disse ele. - É um saco tomar conta da

Ashley.

A sobrinha mais nova de Sean era tão engraçadinha que seria preciso ser uma rocha para não gostar dela. Tomar conta dela, porém, era uma história completamente diferente.

A perspectiva de tomar conta de uma criança pequena que nem sabia falar direito era apavorante para Sean.

- Aposto que sua mãe vai chegar a qualquer momento - disse ele. Cameron deu de ombros novamente.

- E quanto à Charlie? - perguntou o tio.

- Parece que ela quer vir para casa. "

- Você faz idéia, de quem é a Lindsey? Onde ela mora?

- Não. - Cameron olhou para a telinha da secretária eletrônica. - O número está

no identificador de chamadas.

- É melhor eu ligar para lá. - Sean apertou o número. Uma voz feminina atendeu e por um minuto ele ficou sem saber o que falar, então disse: -

Senhora, aqui é o tio da Charlie Holloway, Sean Maguire. Estou ligando por causa da minha sobrinha.

- Ah, sou Nancy Davenport. O senhor gostaria de falar com ela?

- Na verdade, estou telefonando para avisar que... acho que a mãe dela não vai

poder buscá-la. Ela está... atrasada. O irmão dela está aqui comigo, portanto sou

eu que vou buscá-la.

- Não se preocupe - disse a mulher. - Eu a deixo em casa. Não jantei ainda.

Sean agradeceu e desligou. Olhou para Cameron.

- Não sei o que aconteceu - disse o garoto, dirigindo rapidamente o olhar para

a porta e então para o chão. - A mamãe sempre se mete em alguma coisa. Ela

provavelmente

se esqueceu de avisar.

Sean andou pela cozinha. Observou o calendário preso com imãs na geladeira. Tinha uma anotação para aquele dia: "R.c Lily e D., 15:15."

- O que isso quer dizer? - perguntou ao menino.

- Lily, a professora que deixou recado na secretária eletrônica. A srta.

Robinson. Ela foi a minha professora da terceira série e agora é professora da

Charlie. Vai ver a mamãe tinha uma reunião com ela. A Charlie tem andado

devagar na escola desde o início do ano. - Cameron revirou os olhos. - Como é

que uma

criança repete a terceira série, isso é algo que eu gostaria de saber.

Eles esperaram. Falaram um pouco sobre golfe para quebrar o silêncio e talvez

se distraírem.

- Então você tem um torneio no próximo fim de semana - observou Sean, vendo o calendário do time preso com imãs na geladeira.

Cameron virou as costas.

- Não me contagie com o seu entusiasmo, certo? - completou o tio. O garoto curvou os ombros ainda mais.

- O meu treinador é um saco, está bem?

- O Grég Duncan? Ele me parece bom.

- Ah, deixa pra lá. Sean vasculhou o bolso e tirou de lá uma moeda indiana.

- Esta era a minha moeda da sorte. Eu a usei como marcador de bola desde que era mais jovem do que você.,

Cameron virou-se, pegou a moeda e a examinou.

- Legal.

- Quer emprestada?

- Você acabou de dizer que é a sua moeda da sorte.

- Era. Eu disse "era". Ela meio que me abandonou.

Cameron fez que sim com a cabeça. Sabia do fiasco que trouxera Sean de

volta para casa.

- Você gostava de jogar lá para aqueles lados? No Japão, na Indonésia, esses lugares?

- Claro, enquanto durou. - Tentou imaginar o que estaria fazendo agora como

jogador profissional no Asian Tour. Quando começara a sair com Asmida, aproveitava qualquer

oportunidade para jogar na Malásia. Às partidas seguiam-se sempre muita bebedeira e muito sexo gratificante e descomprometido, ora nos quartos opulentos dos hotéis,

ora dentro de carros luxuosos. Não durou, claro. Como algo assim poderia durar? Principalmente, lembrou-se sentindo uma pontada de dor, com a filha de

um membro

da máfia japonesa? Com certeza ninguém jamais poderia considerá-lo um homem de bom senso. Derek vivia insistindo para que traçasse um plano de carreira. Mas, para isso, Sean precisaria primeiro ter uma carreira.

Cameron pôs a moeda no bolso. Ligaram novamente para Derek e Crystal e não obtiveram resposta. O menino tomou um gole de leite direto da embalagem

e a ofereceu ao tio, que não aceitou.

Ele não gostava daquela sensação desconhecida no estômago. Um aperto frio

e forte, rápido e intenso como um murro gelado. Não disse nada para

Cameron. Não havia

razão para preocupar o garoto.

Deu uma volta pelo andar de baixo, examinando a casa. Aquele tinha sido o

mundo de Derek por mais de uma década. Parecia estranho que nunca tivesse

ido lá. Andara

ocupado demais correndo atrás de dinheiro e de mulheres fáceis pelo mundo

afora e não se preocupara em voltar nem mesmo para uma visita. A casa

contava com uma grande

sala de estar e um corredor comprido onde, segundo imaginou, o irmão devia

praticar obsessivamente suas tacadas curtas. Na sala de jantar, viu uma mesa

rodeada por

cadeiras e uma cristaleira praticamente vazia que provavelmente tinha

abrigado os trofeus favoritos de Derek. Sean balançou a cabeça pensando no

irmão, sentindo

amor, admiração e inveja, tudo junto numa mesma onda.

- Você não precisa ficar aqui - disse-lhe Cameron. - Eu dou conta das crianças.

- Não, senhor - disse Sean. - Vou ficar por aqui até a gente descobrir onde a sua mãe se meteu.

A noite foi caindo lentamente, lançando suas sombras pelas paredes dos

quartos grandes e vazios. Sean acendeu duas luminárias. O silêncio opressor

da casa foi

quebrado

quando Cameron ligou o rádio, sintonizando-o numa estação de hip-hop.

Decorridos alguns minutos, um carro parou em frente à casa com as luzes dos

faróis invadindo as paredes da sala de estar. Sean sentiu o nó no estômago aliviar.

Crystal

talvez não ficasse feliz em vê-lo, mas ela que se danasse, pois ele tinha algumas palavrinhas quentes na ponta da língua para ela.

Sua tranqüilidade evaporou quando viu que a visita era Jane Coornbs, puxando

Ashley com o rostinho vermelho e uma bolsa de fraldas lotada.

Sean simpatizava com a namorada de Derek, embora mal a conhecesse.

Naquele momento, porém, ela não estava com cara de muitos amigos. Tinha

os lábios apertados

e aquela expressão de "não mexe comigo" que as pessoas costumam exibir quando estão apenas por um fio.

- Ah, oi, Sean - disse ela claramente surpresa em vê-lo. - Não acredito que a Crystal esqueceu a filha dela desse jeito. De qualquer forma, aqui está ela. -

Colocou

Ashley nos braços dele. A garotinha de dois anos olhou apreensiva para o tio. -

- Você falou com o Derek? - perguntou Sean, segurando desajeitado a menina.

- Nem uma palavra. Acho que todos nós ficamos com as linhas cruzadas.

Escute, estou superatrasada - continuou Jane -, por isso preciso correr. -

Avistando Cameron,

disse: - Você pode vir comigo para pegar a cadeirinha no carro? Puxa, obrigada, você é um anjo!

Quando Ashley viu o irmão, soltou um gritinho de felicidade e se esticou para

ele.

- Cam! Cam!

- Tá bom, eu já volto - disse e acompanhou Jane até o carro. Quando Ashley percebeu que o irmão estava saindo, curvou-se e soltou um grito tão

penetrante quanto

uma bala perfurando uma armadura.

- Ei - disse Sean, o peito se enchendo de pânico. - Vai ficar tudo bem. Ele já volta.

Ashley sacudiu a cabeça de um lado para o outro e chorou ainda mais alto.

Puxou a camisa do tio alternadamente com as duas mãozinhas, dando-lhe socos. Sean lembrou-se da criatura que saiu do estômago de um homem insuspeito no filme Alien. Que diabo acontecia com as crianças pequenas?, perguntou-se irritado. Elas eram como uma outra forma de vida para ele, uma

forma de vida perigosa e sinistra. Ela gritava e cheirava também mal. Sean desconfiou de que Jane, na sua pressa egoísta, não se importara em checar a fralda da menina.

Cameron pareceu demorar uma eternidade até voltar com a cadeirinha. Tão

logo o avistou, Ashley parou imediatamente de chorar e impulsionou o corpo na

sua direção,

quase se jogando dos braços do tio. Sean agarrou aquele corpinho que se contorcia para impedi-lo de cair e rapidamente o entregou para Cameron.

- Acho que ela não gosta de mim.

- Nada disso, ela só está mal-humorada. Deve estar com fome e cansada, não

é, minha lindinha? - Cameron a balançou sobre o quadril. - Vou arrumar alguma coisa para ela comer.

- Nanana. Quer uma nanana. - Ashley riu bem-humorada assim que ele a colocou no chão e a levou para a cozinha. Num passe de mágica, ela passara

de um diabo-da-tasmânia para um anjinho. Como conseguira aquilo tão rápido?

Momentos depois, Charlie entrou feito uma bala pela porta da frente, um dínamo de cabelos loiros.

- Tio Sean!

Ele a pegou nos braços. Suas pernas e braços magrinhos pareceram-lhe surpreendentemente fortes e alguma coisa, seu cabelo ou sua pele, cheirava a

chiclete. Charlie jogava no seu time, era uma sobrinha que gostava mesmo dele.

- Olá, pinguinho de gente. Como vai você?

- Estou morrendo de fome - disse ela, segurando o estômago e aconchegando-

se em seus braços. - Onde está a mamãe?

Ele a colocou cuidadosamente no chão, mantendo os braços em seus ombros.

- Vou ficar com vocês até a mamãe chegar.

Ela o olhou desconfiada, semicerrando os olhos e enrolando uma das mairias-

chiquinhas com o dedo.

- Vai mesmo? "

- Vou. Algum problema?

- Talvez. - Ela gritou de alegria assim que ele saiu correndo atrás dela até a cozinha.

Lá, Ashley estava toda contente, enfiando um pedaço enorme de banana na boca. Charlie também pegou uma.

- Você sabia que os macacos descascam banana assim, de baixo para cima?  
-

E demonstrou.

- Nesse caso, acho que você é um macaco.

- Eu queria ser um macaco - disse Charlie.

- Você se parece com um - rebateu Cameron. Charlie pôs a língua para ele.

- Macaco - Ashley repetiu com a boca cheia de banana.

- Por que você gostaria de ser um macaco? - perguntou Sean.

- Assim eu não precisaria ir para aquela merda de escola chata.

- Merda - repetiu Ashley.

Sean olhou para Cameron. "

- Ela pode falar essas coisas?

- Acho que não.

" Sean virou-se para Charlie. -

- Não diga "merda".

- Tá bom. - Charlie deu uma mordida na banana.

- Merda - Ashley repetiu de novo.

- Eu já volto. - Sean saiu apressado da cozinha e foi até o telefone no hall.

Pegou o aparelho e ficou olhando furioso para ele. Que diabo estava acontecendo?

Isso já estava começando a ficar mesmo... uma merda. Perguntou-se quanto tempo deveria esperar até ficar realmente preocupado.

Franzindo a testa, discou o número do celular de Derek. Ele sempre atendia ao

telefone, sempre checava os recados. Quando a secretária eletrônica atendeu,

Sean

deixou a mensagem: "Oi, mano, sou eu. Estou aqui com as crianças na casa da Crystal e ela ainda não apareceu. O que está acontecendo? Ligue para mim." Encontrou o número

do celular de Crystal ao lado do telefone, ligou e deixou uma mensagem parecida na secretária eletrônica. Desejou, apenas por um momento, conhecê-

la melhor. Gostaria

de saber se ela era o tipo de mulher capaz de esquecer temporariamente os filhos.

E agora?, perguntou-se. Tentou falar com Maura. Não sabia por quê. Sua namorada mal conhecia Derek e nunca tinha visto Crystal ou as crianças. As

pessoas da vida

dele não conheciam umas às outras. Suas relações familiares eram incompatíveis e superficiais, algo que nunca lhe tinha ocorrido até o momento.

- Doutora Riley - atendeu Maura com firme eficiência. Aluna do quarto ano de

medicina, ela trabalhava no Hospital Portland Legacy.

- Olá, doutora, sou eu.

- Sean! - Um sorriso iluminou-lhe a voz. - O que houve?

-- Não sei ao certo, estou com os filhos do meu irmão Derek. Houve algum mal-

entendido e os pais deles ainda não apareceram.

- Então ligue para eles e...

- Não consigo achar nenhum dos dois.

- Bem, então... olhe, estou passando visitas agora. Vou ficar na cidade para um

seminário, eu te contei? Posso ligar daqui a pouco?

- Claro, quando quiser. Tchau. - Não fazia idéia de que reação estava esperando. Ela nem sequer conhecia aquelas crianças. Aquilo, com certeza, não era problema seu.

Ashley estava gritando e batendo com alguma coisa na cozinha. Cameron tinha

ligado o rádio alto de novo.

Sean apertou o botão de ligações recebidas do telefone e olhou para a tela. O

primeiro nome apareceu como "particular", o segundo era "Jane Coombs". O

seguinte

era ...

"Lily Robinson".

A "sargentona", pensou. Havia algo vagamente familiar naquele nome. Talvez

já a tivesse encontrado antes, embora duvidasse. Não costumava andar com "sargentonas",

mas talvez isso estivesse prestes a mudar.

- Socorro, srta. Robinson - murmurou enquanto digitava o número do telefone

dela. " "

Capítulo 7

Sexta-feira - 19:30

Lily deu um suspiro de contentamento e aconchegou-se em sua poltrona macia

favorita. Havia uma tigela cheia de pipocas, uma taça de vinho tinto ao seu lado

na mesa

e um mapa aberto da Itália com a rota sinuosa da península Sorrentina destacada em amarelo na mesinha de centro à sua frente. Os nomes das cidades que ela havia

circulado de vermelho eram nomes tirados dos livros de história e das lendas -

Positano, Amalfi, Ravello, Vietri Sul Maré.

Mais dois meses, pensou. Então chegaria o verão e ela voaria rumo à aventura

com a qual sonhava havia mais ou menos seis meses. Estaria completamente

sozinha, gloriosamente, extaticamente sozinha.

Seus colegas da escola achavam estranho ela gostar de viajar sozinha, mas

para Lily viajar por conta própria e não ter de dar satisfações a ninguém era a

parte favorita

da aventura. Sua viagem anual de verão era extremamente importante para ela. Sempre fora. Viajar dava-lhe equilíbrio e perspectiva e fazia com que se sentisse uma

pessoa diferente. Ocorreu-lhe perguntar-se por que gostaria de se sentir uma pessoa diferente, mas não deu muita atenção ao assunto.

Adorava conhecer novos lugares e fazer novos amigos. Crystal sempre lhe perguntava o que havia de errado com os velhos. Nada, pensou Lily, exceto que às vezes eles

a esgotavam emocionalmente. Lily era boa em um monte de coisas, mas não

em cultivar laços profundos e às vezes dolorosos de intimidade verdadeira. A

vida simplesmente

não a tinha preparado para isso. Ela podia entender o coração de uma criança,

podia encontrar caminhos para aconselhá-la e ensiná-la, mas nunca fora capaz

de mergulhar

de cabeça num compromisso duradouro. Algumas pessoas, concluía havia

tempo, não eram destinadas para a aventura atordoante e perigosa de amar alguém até doer.

Isso não queria dizer que fosse imune a ataques ocasionais de desejo. Talvez

até tivesse um romance neste verão. Um flerte livre de complicações e compromisso. Algo

supostamente fácil de acontecer na Itália. No final do verão retornaria para Comfort revigorada e pronta para dar as boas-vindas a um novo grupo de alunos.

Este, o ciclo do ano letivo e do verão, era o ritmo da sua vida, ritmo que fazia

total sentido para ela. Bastava apenas olhar para a própria família para ver como

estava certa. No rastro de uma tragédia, tanto envolvida em mistério como gravada na memória de todos, os pais passaram sua vida inteira de casados fazendo um ao

outro infelizes. E assim estavam até hoje.

Tendo aprendido a lição, Lily planejava a vida com muito cuidado. Sua irmã caçula, Violet, tinha tomado o caminho inverso optando por se casar cedo, ter

dois filhos,

um marido que ganhava muito pouco e uma casa muito grande em Tigard, cujo

aluguel não conseguiam pagar.

Em contrapartida, Lily tinha um emprego que adorava, uma casa própria, pequena, porém confortável, e a liberdade de fazer o que bem entendia. Ela queria manter sua

vida assim, tranqüila e segura.

Você está completamente sozinha, disse-lhe uma voz interior.

Ela ignorou a voz que soara surpreendentemente parecida com a voz de Crystal e tomou um gole do vinho enquanto lia um artigo sobre uma loja de cerâmica em Ravello

de onde Hillary Clinton e Dustin Hoffman encomendavam seus pratos. Após

algum tempo, pôs o mapa de lado e olhou para o relógio. Seu programa habitual de sexta-feira

à noite era um filme no pavilhão do Echo Ridge, mas tinha começado a chover

novamente e ela não estava disposta a sair.

Um filme água-com-açúcar então, pensou, dando uma olhada nos seus DVDs.

Esta era uma outra vantagem de ser independente. Se tivesse um homem, provavelmente não estaria escolhendo um filme como Flores de Aço ou

Expresso para Katmandu. Até onde sabia, nenhum homem na face da Terra jamais assistira a Razão e Sensibilidade de boa vontade.

Reduziu o leque de opções para Sob o Sol da Toscana, que poderia colocá-la

num clima italiano, e Sorte no Amor, que falava de uma professora liberada sexualmente

que se envolvia com Kevin Costner, em seu melhor papel. Lembrou-se do seu

famoso discurso de três semanas sobre o beijo e estava feita a escolha.

Quando estava vendo os créditos iniciais, o telefone tocou.

- Ótima hora! - murmurou, parando o DVD para atender o telefone. Crystal, provavelmente ligando para falar sobre Charlie.

Este mero pensamento fez o seu coração ficar pesado. Ela normalmente mantinha os assuntos da escola estritamente separados dos assuntos pessoais, mas, neste caso,

eles se encontravam. Sua melhor amiga e a filha querida da sua melhor amiga.

Charlie parecia gostar de se dar com sua professora fora da escola. A garotinha quase sempre trazia um sorriso secreto no rosto quando chamava Lily de "srta. Robinson",

embora nunca tivesse tirado proveito do conhecimento íntimo da sua vida

peçoal. Na escola, Charlie procurava não chamar qualquer atenção para si -  
motivo pelo qual

esse hábito corrente de roubar era tão alarmante.

- Alô?

- Hum, é... é a srta. Robinson? - A voz masculina soou grossa e forte,  
totalmente desconhecida.

- Sinto muito, mas não atendo ligações de telemarketing - disse ela  
friamente,

já se preparando para desligar.

- Não é... espere. É sobre a Crystal Holloway.

Lily franziu a testa e acomodou o bocal do telefone contra o rosto. Será que  
Crystal estava saindo com alguém? A última vez que falaram sobre isso, ela  
dissera que

estava desistindo dos homens de uma vez por todas.

"Os homens são responsáveis por todos os meus problemas", dissera lhe  
com

dramaticidade, não há muito tempo.

"Você não está se referindo a uma pessoa especificamente?", perguntara-lhe  
Lily.

"Na verdade, não." Crystal não se estendera mais.

- Quem está falando? - perguntou Lily.

- Sean Maguire. Sou o tio da Charlie.

Ah, sim, pensou Lily. O lendário tio Sean, um dos assuntos favoritos da Charlie para os dias de apresentação na sala de aula. Desde que ele voltara para a cidade,

Charlie tinha contado várias, inúmeras histórias sobre ele, mas o ponto principal sempre se perdia. Normalmente, o assunto era "idolatria pelo herói".

Segundo Crystal, Sean era farinha do mesmo saco que Derek, "apenas mais jovem".

Lily tinha uma vaga lembrança dele no casamento da amiga. Ele a lembrara Brad Pitt em seu primeiro filme, mas isso apenas fez com que gostasse menos dele.

"Nunca confie num homem bonito", Crystal lhe dissera uma vez.

- Alô? - Sua voz suave, um tanto perturbadora, pontuou-lhe os pensamentos.

- Sr. Maguire - disse Lily. - Em que posso ajudá-lo?

- Na verdade, não sei. - Lily ouviu um som abafado, como se ele estivesse secretamente protegendo o bocal para não ser ouvido. - Estou aqui na casa da

Crystal tomando

conta das crianças. Ela não chegou ainda.

- Sei. - Que panaca, pensou. Não conseguia tomar conta dos sobrinhos, sangue do seu sangue, sem pedir ajuda. - E como posso ajudá-lo? - perguntou.

- Achei que a senhorita talvez soubesse onde ela está, - Sua voz mostrava sinais de tensão. -

- Bem, não sei - disse Lily. - O senhor deveria ligar para o celular dela. Posso

lhe dar o número ou o senhor pode pegar com as crianças...

- Passei a tarde inteira tentando ligar para o celular dela - interrompeu ele. - Mas ela não responde, nem o Derek.

Lily segurou o telefone com mais força e franziu a testa, fazendo com que seus

óculos escorregassem pelo nariz.

- Eles não são disso. - Com três crianças e duas casas, tanto Crystal quanto Derek tomavam cuidado para ficarem comunicáveis o tempo todo. Tinham atormentado um

ao outro durante a separação e o divórcio, mas era preciso reconhecer que tentavam poupar as crianças do pior de uma separação.

- Concordo - disse o desconhecido do outro lado da linha.

- Quando foi a última vez que o senhor falou com eles?

- Pelo que eu sei, a senhorita foi a última pessoa a falar com eles - disse ele, e

Lily imaginou se tinha detectado um tom de acusação em sua voz. - A Crystal

esqueceu

de pegar o Cameron na aula de golfe e a Charlie na casa da amiga. A senhorita faz alguma idéia do que está acontecendo?

A essa altura, o telefone já estava úmido e escorregadio na mão de Lily.

- Não, infelizmente não.

- Sei. Bem, então... - suspirou impaciente, deixando claro que estava para desligar. - Acho que... obrigado.

Lily chegou a pensar em desligar, voltar a ver o filme, terminar o vinho e ler sobre a costa amalfitana. Agora, porém, não seria mais possível. Simplesmente

ficaria

a noite inteira preocupada com Crystal e as crianças.

- Por que o senhor telefonou para mim, sr. Maguire? - perguntou.

- Ouvi seu recado na secretária eletrônica, portanto achei que a senhorita poderia saber alguma coisa.

Lily imaginou o que Crystal acharia do ex-cunhado na sua casa, ouvindo os seus recados.

- Bem, não sei onde ela está. Sinto muito.

- Tudo bem, mesmo assim achei que deveria ligar. Trabalho à noite e imaginei

que... deixa para lá. Vou ligar e avisar que não posso comparecer.

- Sr. Maguire - Lily desistiu de falar quando percebeu que ele havia desligado. -

Ótimo - resmungou, colocando o telefone no gancho. Andou de um lado para o

outro,

tentando decidir o que fazer. Há apenas alguns minutos aquela era a sua sala de estar, seu refúgio, um lugar aconchegante cheio de livros e uma prateleira

repleta

de porta-retratos. A foto favorita dela e de Crystal, sorridentes na praia em frente a Haystack Rock, chamou-lhe a atenção. Lily sentiu no seu coração que

alguma coisa estava acontecendo.

Ao pegar a bolsa e procurar pelas chaves, olhou-se no espelho do hall.

- Ótimo - disse novamente com uma inflexão ainda mais sarcástica.

Estava vestida para assistir a um filme, com calças de ioga cinza-mescla e um

moletom largo de hóquei, única coisa de valor deixada por Trent Atkins, do Trailblazers

de Portland. Ele não fora um namorado sério, apenas alguém com quem saíra

algumas vezes. Não conseguia se lembrar de por que um jogador de basquete

tinha uma camiseta

de hóquei, mas decidiu deixar para lá.

Estava sem maquiagem, com os cabelos castanhos presos para trás com um elástico. E daí?, pensou, calçando um par de botas de borracha vermelhas e complementando

o visual com um chapéu de chuva. "Brega" seria um bom termo para descrevê-

la.

Como se isso tivesse alguma importância, pensou, pegando a capa de chuva e

saindo apressada pela porta.

## Capítulo 8

Sexta-feira - 19:40

Sean Maguire não era mais um homem bonito, observou Lily no momento em

que abriu a porta. Ele era extremamente, desnecessariamente, injustamente lindo. Ele era

o que suas colegas na escola gostavam de chamar de "pacote completo": jeans justos e desbotados, camiseta de golfe com a logomarca do Echo

Ridge,

cabelos caindo negligentemente sobre a fronte, contrastando com o azul penetrante dos seus olhos, e uma barba por fazer emoldurando os traços fortes

do seu rosto. Sua boca fez Lily lembrar-se do discurso de Kevin Costner em Sorte no Amor, embora, no momento, Maguire não estivesse sorrindo.

- Eu tinha esperança de que fosse a Crystal - disse ele, mantendo a porta aberta.

Muito simpático da parte dele.

- Lily Robinson - disse ela em seu tom mais afetado. Ela sempre soava terrivelmente afetada quando se sentia na defensiva, e sempre se sentia na defensiva perto

de homens encantadores. Sem dúvida, sentia-se assim agora, toda molhada da chuva, parada sobre o capacho. Seu chapéu impermeável, embora funcional, era pouco atraente

com sua aba larga servindo, naquele momento, de calha para a chuva. Uma gota contínua escorreu bem entre os seus olhos e pingou no capacho.

Lily tirou o chapéu e o pendurou num gancho atrás da porta, preparando-se para não se sentir envergonhada quando tirasse a capa de chuva. Sean era muito mais

alto do que ela, mais alto até do que seu irmão mais velho. Contra sua vontade,

ela sentiu uma contração muscular breve e sutil por causa daquela proximidade.

Ele era apenas um homem, lembrou-se. Não fosse pelas crianças, não teriam

nada a ver um com o outro.

- Onde estão as crianças? - perguntou, tirando os óculos embaçados.

- Lá em cima. Eu disse para elas que provavelmente houve alguma confusão.

As meninas estão assistindo a um vídeo e o Cameron está tomando conta delas.

Ou, o mais provável, pensou Lily, ele estava checando as mensagens na internet. Aquele homem não entendia mesmo nada de crianças.

- Alguma notícia da Crystal ou do Derek? - Limpou os óculos e os colocou de

volta no lugar.

- Nenhuma. - Olhou para as escadas. - Vamos para a cozinha. Isso foi tudo.

Nem um "obrigado por ter vindo". Ele estava preocupado, reconheceu Lily. E

ela também.

Ao segui-lo, não pôde deixar de perceber a absoluta perfeição do traseiro dele.

Crystal tinha lhe dito que sua carreira como golfista ia de mal a pior. Com um

traseiro

daqueles, poderia arrumar emprego como modelo da Levis.

Momentos depois, Lily percebeu que ele se virara e a flagrara olhando. Morta

de vergonha, ela desviou o olhar para três caixas de pizza empilhadas em cima

da mesa

desarrumada.

- Quer um pedaço? - perguntou.

Por um instante, ela se sentiu desorientada e um pouco confusa.

- - Não, não, obrigada.

- Bem, eis o resumo da ópera - disse ele, engatando os polegares nos bolsos

traseiros das calças e andando pela cozinha. - Jane, a noiva do Derek, também

não faz

idéia de onde ele está.

- Ela é noiva dele? - Lily sentiu um aperto no estômago. Crystal não sabia disso. Se soubesse, teria lhe contado imediatamente. Na verdade, a cidade inteira já teria

ouvido seus berros.

- Acredito que sim. Eles oficializaram o noivado no fim de semana passado.

- Quando ele estava planejando contar à Crystal? - Ela sentou-se num banquinho bem diante da mesa da cozinha. Olhou novamente para as pizzas,

mas sentia-se nervosa

demais para comer. Principalmente pizza. Há décadas que não comia nem um

pedaço. Era um pesadelo nutricional e empanturrar-se de carboidratos e gordura não ia ajudar

em nada.

Ao longo dos anos, passara horas e horas naquela cozinha tomando chá de ervas com mel orgânico e uma fatia de laranja na companhia da sua melhor amiga. Era esquisito

estar lá, especulando com um estranho.

- Ah, meu Deus! - disse ela. - Aposto que ele contou para ela hoje. Talvez seja

por isso que não vieram para casa.

- Por que eles desapareceriam com os celulares desligados?

- Talvez tenham ido para um lugar fora da área de cobertura. Ele virou-se e olhou para ela, com uma sobrancelha arqueada de desconfiança. Como ele conseguia mexer

com uma só sobrancelha?, perguntou-se Lily.

- Não entendi - disse ele. Nem entenderia.

- Pense bem. Se o Derek se casar novamente, a vida dessas crianças vai mudar drasticamente. A Crystal e o Derek têm muito o que conversar. - Lily não

deu mais detalhes.

Talvez Maguire soubesse mais sobre a situação, talvez não. Lily achou que não cabia a ela explicar.

- Não consigo acreditar que eles tenham saído sem se preocupar com as crianças - disse baixinho, como se falasse sozinho.

Lily tamborilou com os dedos na bancada. Um desaparecimento inexplicável

não era impossível. Nos últimos anos do casamento deles, Derek e Crystal ficaram conhecidos

como o Scott e a Zelda Fitzgerald do circuito PGA, dados a festas, paixões e

brigas em público.

Eles tinham uma forma tão absorvedora de se dirigir um ao outro quando brigavam que parecia que o resto do mundo desaparecia. Não seria exagero nenhum imaginar os dois tão enfronhados na discussão a ponto de se esquecerem temporariamente dos filhos.

O amor fazia coisas estranhas com as pessoas, refletiu Lily, sentindo um arrepio com o próximo pensamento. Teriam agredido um ao outro?

Forçou-se a fazer a pergunta mais difícil da noite:

- Você chamou a polícia? Ele estremeceu.

- Chamei. Eu disse a eles a marca e o modelo dos dois carros. Eles não têm nenhuma notícia de acidente.

Lily sentiu uma pequena sensação de alívio.

- Fico feliz em ouvir isso. Mas eles os estão procurando? Sean balançou negativamente a cabeça.

- Não. Uma vez estabelecido que a Crystal e o Derek são adultos sem qualquer restrição médica, me deixaram na espera. Vinte e quatro horas parece ser o

número mágico.

- Isso não vai levar vinte e quatro horas - disse Lily, pondo a mão no bolso para

não roer a unha. -".

- E agora? - perguntou Sean.

Antes que ela pudesse responder, ouviram um estalo no andar de cima, seguido por um grito alto e zangado de Ashley.

Tanto Sean quanto Lily correram até a escada. Ele subiu de dois em dois degraus seguido de perto por ela.

Havia alguns anos que Crystal tinha reformado o andar de cima, criando uma

sala em comum para os brinquedos das crianças e um cantinho para a TV e para o computador.

Lily encontrou Ashley gritando ao lado de uma luminária quebrada, diante dos

lábios apertados de Charlie, numa expressão de censura espantosamente parecida com a

da mãe. No computador, Cameron ignorava as duas sem se dar ao trabalho de

esconder as janelas instantâneas e coloridas que preenchiam a tela e a janela do browser

com o título execrável de "Pôneis Pornográficos".

Lily registrou toda a cena numa só olhada. Abaixou-se e pegou Ashley no colo.

Ela sempre se sentira maternal com relação aos filhos de Crystal.

- Olá, querida - disse num sussurro suave. - Você está bem?

Os soluços da menina cessaram. Então ela olhou para Sean e começou a gritar de novo.

- Não gosto de você - choramingou. Ele levantou as mãos com as palmas para

cima.

- Nunca fiz nada para ela - disse ele.

- Eu gosto de você, tio Sean - disse Charlie, escalando-o como se ele fosse uma árvore. - Oi, Lily. - Fora da escola ela podia chamar sua professora de Lily.

Charlie

se pendurou de cabeça para baixo no braço do tio e deu um sorriso desdentado.

- Como vai a minha garota? - Lily bateu nas costinhas de Ashley.

- Estamos esperando pela mamãe - disse Charlie.

- Eu sei. - Lily aproximou-se de Cameron. - Saia dos Pôneis Pornográficos - murmurou. - Agora.

- Pôneis Pornográficos? - Sean franziu o cenho. - Você está vendo pornografia na internet?

- Ele sempre vê pornografia - disse Charlie, descendo até o chão.

- Não vejo nada - respondeu Cameron.

- Vê sim. - Ela pôs a língua para ele. - Você vê tanto que apósto que o seu equipamento pornográfico vai pifar.

- Debilóide. - Ele clicou o mouse e a tela ficou preta. Ashley parou de chorar e

enfiou o dedo na boca.

Não posso esquecer, pensou Lily. Verificar o controle dos pais sobre a internet.

- O que você está fazendo aqui, Lily? - perguntou Charlie. - Se veio ver a mamãe, ela ainda não chegou em casa.

- Ouçam bem o que vou dizer - disse Lily. - Você e o Cameron vão tirar aquela luminária dali. O seu tio vai ajudar vocês, e eu vou arrumar a nossa bonequinha

aqui

para dormir.

A boca de Ashley fez um som de sucção quando ela retirou o dedo.

- Cama não - disse e voltou com o dedo para a boca.

- Tem razão. Você precisa tomar um banho primeiro, está meio fedorenta.

Enquanto levava a garotinha para o banheiro, Lily escondeu a preocupação atrás de um sorriso. Conversou alegremente à medida que enchia a banheira com pouca água e tirava as roupas e a fralda de Ashley. O banheiro estava lotado de brinquedos coloridos de plástico, vidros de xampu, banhos de espuma, escovas, escovas de dentes, presilhas de cabelo e toalhas desencontradas.

Crystal sempre fazia aquilo parecer tão fácil, refletiu Lily, tentando não soltar a

menina que se contorcia, enquanto abria um frasco de xampu para bebê.  
Sem

poder

nem pensar em soltar Ashley ou desviar os olhos dela por um segundo sequer,

abriu o frasco com os dentes. Sentiu o gosto do xampu se espalhando na boca.

- Eca - disse, limpando a boca no ombro.

Ashley riu e bateu as mãozinhas na água.

E pensar que a noite tinha começado na Itália com uma garrafa de vinho e Kevin Costner na sua melhor atuação, pensou Lily. Agora, a cada minuto que

passava, a convicção

de que sua melhor amiga estava desaparecida pressionava-lhe o peito.

Desaparecida. Não poderia haver outra explicação. Alguma coisa estava muito

errada.

Capítulo 9

Sexta-feira - 21:00 -

Sean ficou na cozinha e olhou para as caixas de pizza vazias. Quase vazias.

Pegou então o último pedaço do sabor hambúrguer com azeitonas pretas e enfiou-o na

boca.

Quem alguma vez já havia ouvido falar no sabor hambúrguer com azeitonas

pretas? Aquilo fora sugestão de Charlie. Nada mal, pensou, limpando as mãos

nas calças.

Finalmente, tudo estava calmo no andar de cima. Lily Robinson tinha assumido

o comando. Ashley estava dormindo, e Lily e Charlie estavam lendo juntas na

cama de

Charlie.

"Srta. Robinson: o resgate." Ela não era aquela professora corpulenta do interior com cabelos azulados que ele havia imaginado. Apenas tinha a personalidade de uma

pessoa assim. Não obstante, Sean estava grato por ela ter vindo ajudar.

Cameron estava novamente conectado à internet, provavelmente navegando em busca de pornografia, embora o tio lhe tivesse alertado para não fazê-lo.

Sean tinha

descido para jogar fora a luminária quebrada e limpar a cozinha.

As caixas de pizza tinham sido projetadas por alguém que jamais as jogara no lixo, concluiu. Não havia jeito de caberem dentro da lata. Colocou uma delas no

chão,

pisoteou-a e dobrou-a uma vez, duas, então a enfiou dentro da lata,

empurrando-a com o pé. Repetiu o processo com a segunda caixa, então com

a terceira.

Quando Lily entrou na cozinha, Sean estava com o pé dentro da lata de lixo e

a boca cheia de pizza. Lily olhou para ele como se fosse uma das crianças da

sua

sala, não com antipatia ou desaprovação, mas com uma espécie de tolerância

desconcertada, o que despertou nele a vontade de se comportar mal.

Este era o dom das professoras autoritárias, pensou. Com apenas um olhar elas podiam fazer um adulto sentir-se pequenininho, com um centímetro de altura.

Ele deu um jeito de engolir o último pedaço e tirar o pé com um puxão, pulando

para trás e segurando-se numa cadeira para não cair.

- Oi - disse, procurando agir normalmente, cruzando os pés na altura do tornozelo. - As crianças já estão na cama?

- As meninas estão. A Charlie acabou de dormir. O Cameron está fazendo o dever de casa.

- Vou ligar novamente para a polícia - disse Sean.

- Acho melhor mesmo. - Ela estava pálida e girava seu anel de prata e turquesa

no dedo.

Não era feia por trás daquelas lentes grossas, pensou Sean, assim que pegou o telefone. Pelo menos para uma professora.

Apertou a tecla errada e foi atendido pela então já conhecida gravação do menu

de opções, a seguir apertou a tecla três antes que a gravação, uma voz artificialmente

macia, terminasse as instruções.

- Aqui é o policial Brad Heníey.

- Quero falar com o policial... - Sean consultou o nome que tinha rabiscado às

pressas. Sem conseguir achar um pedaço de papel, anotara-o com uma caneta

esferográfica

na palma da mão. Lily não disse nada, mas franziu a testa ao ver aquilo.

- Nordquist - disse Sean.

- Já foi embora - disse Heníey numa voz entediada. Ótimo, eles haviam trocado

de turno.

- É sobre o assunto que me levou a ligar mais cedo - disse Sean. - Meu nome

é Sean Maguire.

- Hum-hum. Como posso ajudá-lo?

- Liguei para comunicar o desaparecimento do meu irmão, Derek Holloway, e

sua ex-mulher, Crystal. - Sean prestou atenção ao silêncio que se seguiu por alguns

segundos.

- Sim, está aqui. Estou vendo aqui no registro de ocorrência. O que posso fazer

pelo senhor, sr. Maguire?

"Encontre-os", quis gritar pelo telefone. Encontre-os e traga-os para casa para que eu possa voltar à minha rotina. Para a droga da minha rotina. E quem

sabe, se

as coisas derem certo no torneio da próxima semana, eu tenha uma chance de voltar à cena.

- Ainda não sei onde eles estão. Não recebemos nenhuma notícia deles. -

Sean olhou para Lily, que o observava franzindo, preocupada, as sobrancelhas.

A conversa

soou ligeiramente surrealista quando ele disse:

- Meu irmão e a ex-mulher dele estão desaparecidos. Acho que vocês deveriam começar uma busca.

Outra pausa. Sean pôde ouvi-lo digitando no teclado.

- Um dos dois tem algum tipo de problema de saúde ou deficiência que...

- Eu já respondi tudo isso antes - disse Sean, esforçando-se para manter o tom da voz. - Os dois estão em perfeita saúde física e mental. O que faz do desaparecimento

deles algo muito estranho.

- Senhor, no momento não se trata de uma situação de emergência, portanto não podemos divulgar a notícia nem tentar localizar adultos desaparecidos.

- Por que não?

- Porque eles nunca estão desaparecidos - disse o policial com a voz atravessada. - Por ora, vou passar a informação para a radioperadora.

- O que é isso? -

- A radiopatrulha.

- Há três crianças envolvidas nessa história - Sean lembrou-o. - Isso está nos

seus registros? "

- Elas estão em perigo? - perguntou o policial.

- Não. De jeito nenhum.

- Então não posso... - Houve uma pausa na linha. - O seu irmão, Derek Holloway, é o golfista?

As celebridades tinham algumas vantagens.

- Ele mesmo.

- Bem, não podemos fazer uma tentativa de busca por enquanto, mas vou mandar alguém até aí - disse Henley. - Qual o endereço?

Sean olhou para Lily. "- -

- Qual o endereço daqui? - cochichou.

Ela lhe entregou um envelope que estava sobre a pilha de correspondências em cima da mesa.

Bem pensado. Pelo menos um deles ainda conseguia usar a cabeça. Ele passou o endereço por telefone.

- Tem alguém vindo para cá - disse a Lily, após desligar.

- Quando?

- Ele disse "logo em seguida". Presumo que isso queira dizer "imediatamente".

- E se não for?

Sean sentiu um tremor nervoso no queixo.

- Olhe aqui, "logo em seguida" quer dizer "logo em seguida". Ou seja, agora.

- Não precisa ficar irritado.

- Não estou irritado.

- Está, sim.

- Ei, não preciso de ninguém me dando bronca por aqui.

- Não estou dando bronca. - Inspirou ruidosamente. - Apenas não gosto que falem comigo desse jeito.

- Eu não... - Sean fez um esforço para parar. Tolicie a sua ficar discutindo com aquela mulher enquanto Derek estava sabe-se lá onde. - Está bem - disse ele,

levantando-se

para continuar a andar. - Está bem, sinto muito. Eu não queria falar dessa forma.

Ela virou-se para a pia e começou a enxaguar rapidamente a louça.

- Estou tão preocupada quanto o senhor, sr. Maguire.

- Sean. Me chame de Sean. Lily abriu a lava-louças e puxou a bandeja para fora.

- E por que eu deveria?

- Porque, com toda certeza, eu não vou continuar a chamar você de srta.

Robinson, Lily.

Lily virou-se bruscamente e começou a encher a lava-louças. Ele checkou as mensagens no celular sem encontrar nada de novo. Ela alinhou os pratos na lava-louças e

separou os talheres nas cestas de acordo com sua categoria: todos os garfos em uma divisão, as colheres em outra. Ficou sem saber o que fazer com uma

escumadeira,

até colocá-la na bandeja de cima. Então colocou os copos, emborcando-os de

acordo com a altura. Por fim, pegou a caixa de sabão em pó e fingiu que lia as

instruções.

- Quer ajuda? - perguntou ele, guardando o telefone.

- Não. É que eu nunca usei esta marca antes. Aqui diz superconcentrado, portanto acredito que talvez precise de menos. Ah, aqui está. Cinquenta gramas para o ciclo

normal. - Abriu uma gaveta e a revirou. - Bem, bem, cinquenta gramas.

Acredito que seja o equivalente a duas colheres de sopa rasas...

Sean não conseguiu se conter. Arrancou a caixa de sabão em pó da mão dela, derramou um pouco no recipiente para o sabão até enchê-lo e fechou-o com força. Finalmente,

fechou a lava-louças e virou a maçaneta até ouvir o barulho de água escorrendo.

Quando terminou, viu que ela o encarava como se estivesse furiosa. Droga, talvez estivesse mesmo.

Sean deu com os olhos numa caneca de café perdida em cima da bancada.

A

borda estava suja de batom. Sem tirar os olhos de Lily, abriu a lavalouças e enfiou a

caneca de qualquer jeito, então a fechou novamente empurrando a porta com o

quadril.

- Pronto - disse ele. - Está pronto.

- Obrigada - ela respondeu de forma quase inaudível.

- Acho que posso botar o lixo para fora - disse ele, apontando para a lata transbordante.

- Acho que as caçambas estão na garagem. Não deixe de ver se as tampas estão bem fechadas, por causa dos ratos.

- Sim, madame - respondeu ele com exagerada cortesia. Pegou o lixo da cozinha e saiu pela porta dos fundos. Quando se virou para fechá-la, viu Lily abrir a lava-louças e pôr cuidadosamente a caneca no lugar correto.

## Capítulo 10

Sexta-feira - 21:25

De uma certa forma, pensou Lily, Sean Maguire era uma bênção. Ele era tão incrivelmente detestável que a fazia esquecer de como estava preocupada a ponto de entrar em desespero. Portanto, supôs, ele servia para alguma coisa.

Lily não percebeu quando Sean retornou após sair com o lixo. Estava

ocupada esvaziando o tampo das bancadas da cozinha para então lhes dar uma boa limpeza.

Não que aquilo fosse um encontro social, pensou, sentindo-se surpreendentemente na defensiva. Eles não teriam nada a ver um com o outro,

não fosse a situação bizarra

em que se encontravam.

-- Vou dar uma olhada no Cameron - disse ele.

- Acho uma boa idéia. - Ela baixou a garrafa de limpa-vidros. - Ele está muito

preocupado?

- Bastante. Não é típico do Derek simplesmente sumir, sem qualquer explicação.

- A Crystal também nunca faria isso.

- Ah, não? - Ele ergueu uma das sobrancelhas. - Ela os deixou dormir na casa

do Derek há duas semanas.

- Isso é diferente. Ela perdeu o avião e ficou o tempo todo em contato com eles

por telefone. Escute, a Crystal é a minha melhor amiga. Eu a conheço desde que tinha

a idade da Charlie. Ela é uma boa mãe e tenho certeza de que há uma

explicação para o que quer que esteja acontecendo.

Sean a analisou longamente, com um olhar que de tão investigativo era quase

insultante.

- A gente já se viu antes?

Ela voltou a limpar as bancadas.

- Por que a pergunta?

- Você me parece familiar.

Lily terminou de limpar as bancadas e passou para o fogão. Havia muitos respingos de gordura para atacar. Crystal nunca fora uma grande dona-de-casa. Quando era

casada com Derek isso não fazia diferença, pois tinham uma empregada doméstica trabalhando o dia inteiro. Agora, ela estava por conta própria.

-Nós dois estávamos no casamento do Derek e da Crystal - disse-lhe.

- Ah. - Ele não pareceu surpreso.

- Dezesesseis anos atrás - ela o lembrou. - Eu era uma menina - acrescentou. -

Você não se lembraria de mim.

Ele estalou os dedos.

- Para falar a verdade, eu me lembro. Gozei dos seus óculos e do seu aparelho. "Desde quando trilhos de trem têm quatro olhos?" Lembra? Achei aquilo tão engraçado.

Lily esfregou furiosamente um dos botões do fogão.

- Você era muito simpático.

- Eu era um delinqüente - disse ele calmamente. - Você devia ter me mandado

passar.

- Acho que foi isso mesmo que eu fiz. - Agitada, partiu então para as portas dos armários, borrifando a fileira inteira acima da bancada. Quando chegou ao final

da fileira, Maguire meteu-se no meio do caminho, recostando-se sobre a bancada. Como ele não se mexeu, ela o borrifou também.

- Opa! - disse. - Desculpe!

Sean segurou-a pelo pulso e tomou gentilmente o limpa-vidros da mão dela.

- Tive uma idéia, Lily - disse. - Vamos os dois falar com o Cameron.

O toque da mão dele arrancou um suspiro rápido e violento de Lily. Ela se afastou e segurou o pulso com a outra mão.

- Tudo bem - disse, virando a cabeça para outro lado. Para sua infelicidade, sentiu que tinha ficado vermelha. Que coisa mais estúpida! Ele mal a tinha tocado e

ela estava agindo como se fosse uma sabina raptada.

Disse a si mesma para se controlar, mas a verdade era que homens atraentes a intimidavam. Estava convencida de que eles sempre faziam troça dela. Isso

era ridículo,

sentir-se assim naquela idade, mas não tinha jeito. Não era de admirar que preferisse a companhia de crianças da terceira série.

O telefone tocou. Sean correu para atendê-lo, falou brevemente e desligou.

- Encontraram o carro da Crystal sem bateria no estacionamento da escola.  
O

que você acha disso?

- Que provavelmente eles estão juntos.

- Pelo menos temos alguma coisa para dizer para o Cameron. Encontraram Cameron com um livro de biologia aberto em cima da escrivaninha à sua frente, mas, em vez de estudar, estava olhando para o relógio.

- Ei, rapazinho. - Sean aproximou-se da mesa e debruçou-se sobre ela.

Lily teve de admitir que ele parecia tranquilo e natural perto de Cameron. Assim

como ela, ele estava tomando cuidado para não parecer desesperado.

- Tem um minuto? - Sean perguntou ao sobrinho.

- Quem era no telefone? O que está acontecendo?

- Bem, para início de conversa, o carro da sua mãe foi encontrado sem bateria

no estacionamento da escola da Charlie. Então agora a gente acha que o seu

pai deu

uma carona para ela.

- Uma carona pra onde? Pra Chicago? Eles saíram faz horas!

- Ainda não sabemos onde eles estão, mas vamos descobrir. A polícia vai vir

para cá para pegar algumas informações com a gente.

- Quando? Quando a polícia vai chegar?

- Disseram que estavam mandando alguém logo em seguida - disselhe Lily.

- Como assim, "logo em seguida"? Sean olhou para Lily.

- Eu juro, vocês dois.... logo, está bem? E tenho certeza de que vão querer falar com vocês.

- Não tenho nada para falar com eles - disse Cameron, fechando o livro com um baque zangado. - Tudo o que sei é que a desajustada da minha mãe não apareceu...

- Cameron - Lily o interrompeu. - Olhe como fala da sua mãe! - Calou-se para

não levar o assunto adiante. Pensou como ele se sentiria culpado se viesse a saber que

alguma coisa terrível tinha acontecido.

- Falo do jeito que eu quiser - respondeu ele.

- Não seja malcriado - advertiu-o Sean.

- Não fui malcriado.

- Foi, sim. E ainda está sendo.

A campainha tocou e os três ficaram petrificados. Então, juntos, desabalaram

pelas escadas e correram para atender a porta.

Capítulo 11

Sexta-feira - 22:00

Que saco!, pensou Cameron, olhando desconfiado para os policiais sentados em volta da mesa da cozinha. Ter os pais desaparecidos era mesmo bem pior

do que tê-los

por perto.

Eram um homem e uma mulher. O homem era jovem e tinha um jeito meio esquisitão, tomando notas em algum tipo de palmtop Blackberry. A mulher era

mais velha, calma

e com o temperamento prático e direto de uma professora de matemática.

O tio Sean estava nervoso, mas deu respostas diretas para as perguntas.

Infelizmente, não podia dar pistas. Conhecia o pai de Cameron há mais tempo

do que qualquer

outra pessoa, mas não fazia a menor idéia de onde ele poderia ter ido. Lily

estava tentando parecer corajosa, mas Cameron podia jurar que ela estava em

pânico. Por

trás das lentes grossas, seus olhos pareciam muito brilhantes, como se estivesse febril. Ela tinha roído as unhas de uma das mãos e provavelmente começaria a roer

as da outra quando ninguém estivesse olhando.

Quanto a Cameron, estava extremamente irritado com toda aquela situação.

Decerto não era nada de mais, apenas um mal-entendido idiota.

Não seria a primeira vez que seus pais causavam uma confusão daquelas, deixando todos nervosos por nada. Faziam isso havia anos. Só porque estavam divorciados não

queria dizer que iriam parar.

- Então eles saíram da escola às quinze e quarenta e cinco - disse o policial Vessey, o homem com o Blackberry.

Lily concordou com a cabeça, seu rabo-de-cavalo castanho balançando como o

de uma líder de torcida.

- Saíram. Fui à sala dos professores para falar com a diretora e olhei para o relógio acima da cafeteira. Eram quinze e quarenta e cinco.

- O sr. Holloway ou sua ex-mulher sofrem de alguma doença incapacitante?

Todos ficaram perplexos. A policial Franklin disse:

- Às vezes essa é a causa dos desaparecimentos.

- Os dois são normais - disse Cameron, e isso saiu de forma agressiva. Que se

danem, pensou.

Sean disse:

- Vocês já têm essa informação.

- Srta. Robinson, a senhorita os viu saindo juntos? - perguntou a policial

Franklin, sem se sentir desconcertada.

Lily sorveu um gole do seu chá de ervas. Crystal sempre guardava uma caixa de chás sortidos para ela. Lily era aficionada por saúde, e chá de camomila

talvez fosse

a coisa mais forte que já havia experimentado. Não era de admirar que roesse

as unhas.

- Eles saíram juntos da minha sala - disse Lily. - Saíram à mesma hora da escola. Mas, na verdade, não os vi entrando juntos no carro do Derek.

- A senhorita teria ficado surpresa se os tivesse visto saindo juntos de carro?

Cameron percebeu pela forma como Lily se mexeu na cadeira que ela não tinha gostado da pergunta.

- Talvez sim. Talvez não. Os dois demonstram um interesse muito louvável

pelos filhos. Agora que sabemos que o carro da Crystal ficou sem bateria, sabemos por que

saíram juntos no carro do Derek. Faz total sentido.

- E como estava o humor deles? A senhorita poderia nos descrever?

Lily arriscou uma olhada rápida para Cameron, que trazia uma expressão entediada no rosto, como se não desse a mínima para aquilo.

- Bem, como eu disse antes, não foi uma reunião alegre. A filha deles, Charlene, está tendo dificuldades na escola.

Como se isso fosse alguma surpresa, pensou o menino. "

- Eles estavam brigando na reunião?

Lily levantou a mão para roer a unha, então pareceu pensar melhor e a enfiou

sob a perna.

- Eu não diria brigando. Estavam nervosos, talvez. Escute, se você está tentando descobrir se eles seriam capazes de agredir fisicamente um ao outro,

a resposta

é não. Definitivamente não.

- A senhorita tem certeza? Era assustador, pensou Cameron, a forma como esses policiais pensavam o pior dos pais dele. Ser policial devia ser mesmo um

saco. Era

preciso lidar com as pessoas nos piores momentos de suas vidas, sem nunca chegar a ver o lado bom delas.

- Certeza absoluta - disse Lily. - Eu já lhe disse. Conheço a Crystal desde que

ela tinha treze anos e eu oito. Somos tão íntimas como se fôssemos irmãs, talvez

até mais. Sou madrinha dos filhos dela e ela é uma pessoa gentil, amável e sensata.

Cameron sentiu o ceticismo do tio. Ele não chegou exatamente a revirar os olhos, mas mexeu-se na cadeira e deixou escapar um suspiro inquieto. Fez o possível para

se manter indiferente, para esperar para ver. Mas estava ficando cada vez mais

difícil. Começou a se arrepender por ter comido tanta pizza mais cedo. Do jeito

que

seu estômago doía, corria o risco de dar um espetáculo ali.

Os policiais mantiveram o foco em Lily, como se ela pudesse estar escondendo

alguma informação.

- Srta. Robinson, há quanto tempo conhece o sr. Derek Holloway?

- Desde que eles ficaram noivos, há dezesseis anos. Não posso dizer que sempre fomos amigos e, desde o divórcio, apenas o vi na posição de professora da Charlie.

- Qual era a sua opinião sobre ele?

Vá em frente e fale, pensou Cameron. Você não suporta o cara mesmo.

- Ele adora os filhos - disse Lily. - Sei que jamais faria mal à Crystal.

- E a senhorita não faz idéia de onde possam estar agora?

- Nenhuma - disse Lily. - Não é típico da Crystal deixar de voltar para casa para

ficar com as crianças. - Houve uma certa hesitação na voz de Lily, o que foi como

uma punhalada para Cameron.

Ele se sentiu agredido, incitado a falar.

- Não seria a primeira vez - disse o menino.

Todos se viraram para ele. Dava para ouvir o chiado da lava-louças em meio

ao silêncio. Cameron sentiu as orelhas ficando vermelhas.

- Ela não pegou a gente no mês passado quando o voo dela se atrasou em Denver.

- Ela ligou para avisar que se atrasaria - disse Lily, com sua voz de dona da verdade.

- É, mas só depois que já estava umas quatro horas atrasada e o papai já tinha

saído da cidade para um torneio - disse Cameron, irritado e ressentido. - Eu tive que dar jantar para as meninas e botá-las para dormir. - Não consegui se

conter. Olhou para o relógio acima do fogão. Mais de quatro horas já haviam se

passado.

Perguntou-se se devia dizer mais alguma coisa. Tendo vivenciado o casamento

dos pais de perto, sabia de coisas que ninguém mais poderia saber.

- Isso é completamente diferente - disse o tio Sean, parecendo mais calmo e sensato do que qualquer um deles. - Alguém sabia onde os dois estavam.

Então chegou a sua hora de ser entrevistado.

- Sr. Maguire, pode descrever a sua relação com o seu irmão? Cameron trincou

os dentes, frustrado. Estavam revendo a vida da sua família excêntrica, quando

deveriam

estar procurando pelos pais dele. Mas onde? Onde?

O queixo do tio começou a tremer, e Cameron percebeu que ele estava impaciente também. Sean respirou fundo.

- Somos meios-irmãos. Temos a mesma mãe. O pai dele faleceu nos anos

sessenta e a nossa mãe casou com o meu pai. Nós dois crescemos juntos aqui

em Comfort. Nós dois jogamos golfe e nos tornamos profissionais. Eu fui jogar

no Asian Tour e o Derek continuou no circuito PGA. Voltei para cá e estou trabalhando

no campo de golfe.

Cameron sabia que havia muito mais a ser acrescentado àquela história. Muito

mais mesmo. Como o fato de que o pai do seu pai nunca tinha sido casado com a sua avó

e de que estava falido quando morrera. E o fato de que sua avó tinha se casado com Patrick Maguire apenas seis meses após a morte do seu avô. E de

que o tio Sean

tinha nascido poucos meses depois disso. Mas tudo isso era passado.

Certamente não iria ajudá-los a descobrir onde estavam seus pais.

Algo não tão antigo assim queimou-o por dentro como uma úlcera sangrenta.

Ele nunca deveria ter sabido sobre Ashley, mas havia descoberto e agora aquele peso recaía

sobre ele. Não caberia a ele falar, lembrou-se, principalmente para uma sala cheia de pessoas estranhas.

- Quando foi a última vez que o senhor viu o seu irmão? - a policial perguntou a

Sean.

- Ontem à noite. Ele foi tomar um drinque no bar do clube e nós conversamos.

- O senhor percebeu se havia algum problema? - continuou ela. - Algum problema entre o seu irmão e a ex-mulher?

Apenas que eles se odiavam, pensou Cameron, amargurado. Apenas que guardavam segredos um do outro.

- Nada - disse Sean. - A Crystal é a mãe dos filhos dele, e ele sempre foi bom

para ela.

Cameron esteve a ponto de reagir àquela afirmação, mas ele não disse nada.

Não poderia fazê-lo. Não podia se imaginar conversando com estranhos sobre

coisas que

mal se permitia pensar. Além do mais, poderia estar enganado.

Agora era Lily que ficara cética. Ela não chegou a revirar os olhos, mas apertou

os lábios como se pensasse "Hum-hum, com certeza".

O telefone da cozinha tocou de repente. O coração de Cameron disparou.

Todos em volta da mesa pularam para perto do aparelho. Cameron atendeu o

telefone - afinal

de contas, era ele que morava lá.

-Alô.

- Cameron, é a Jane.

Ótimo, pensou. Olhou para os quatro rostos ansiosos em volta da mesa.

- É a Jane.

- A namorada do Derek - Sean explicou para os policiais.

- Você sabe onde o meu pai está? - perguntou o menino.

- Na verdade, é isso o que eu ia perguntar.

Cameron sentiu suas esperanças se esvaziarem como um balão furado.

- Acho que você devia vir para cá - disse-lhe numa voz entediada. - Nem ele

nem a mamãe chegaram em casa, e a polícia está aqui fazendo algumas perguntas.

Houve um silêncio breve e constrangido, e então ela emitiu um som terrível,

como se tivesse algo entalado na garganta. -Jane? - perguntou Cameron.

- Eu... bem, já estou indo para aí.

- Namorada? - perguntou a policial Franklin.

- Eles são muito amigos - explicou Sean, relanceando Cameron.

- Pode falar na minha frente. Eu já sabia mesmo - disse o menino, tentando

recuperar o equilíbrio após o telefonema. Preferia muito mais aquela  
impaciência entediada

à expectativa angustiante. - Ela ia morar com ele.

- A sua mãe sabe disso? - perguntou Lily com a voz preocupada. Cameron  
encolheu os ombros.

- Eu não contei para ela. Acho que o papai ia acabar contando.

Pouco tempo depois, Jane irrompeu pela porta sem bater. Tinha cabelos  
loiros

bem curtos e traços marcantes, e, no momento, cheirava a cigarro. Nunca  
fumava na frente

de Cameron ou das meninas.

Cameron sabia que a mãe às vezes fumava também. No outono passado,  
quando estavam concluindo o divórcio, ele a vira sentada nos degraus dos  
fundos da casa, tarde

da noite, fumando um Marlboro enquanto acendia e apagava um isqueiro,  
observando a chama.

Ela se virara para Cameron com o sorriso mais triste que ele já vira.

"Não fume nunca, querido", disse-lhe numa voz rouca e cansada. "Isso  
apenas mostra para as pessoas que você está infeliz."

"Tá bom, mãe. Nunca deixe os outros saberem que você está infeliz. Já  
entendi."

Cameron lembrou-se que a ferroada do seu sarcasmo atingira-a em cheio. Embora estivesse escuro do lado de fora, ele pôde vê-la tremer como se sentisse dor.

- Falei com ele hoje, pouco antes das três da tarde - disse Jane. - A ligação estava perfeita. Ele ia pegar a Ashley mais ou menos às quatro e meia e a traria para

a casa da mãe. Eu precisava dar aula hoje à noite, por isso eu mesma a trouxe

até aqui.

Descartando-a como se ela fosse o envelope de uma carta já aberta, Cameron

acrescentou silenciosamente. A verdade era que ele não tinha nada contra Jane, mas no

momento estava procurando alguém em quem pudesse pisar.

Todos logo passaram para ela as informações que tinham até então. Os dois haviam saído juntos da escola de Charlie, possivelmente porque o carro de Crystal não pegara.

Nenhum dos dois respondia às insistentes chamadas no telefone celular. Não

havia nenhuma ocorrência de acidentes, apesar do tempo ruim. Os policiais informaram que

alguns celulares tinham um equipamento GPS e podiam ser rastreados, mas aparentemente o celular deles não contava com esse serviço.

Inesperadamente, sem lhe dar chances de pensar nas respostas, a policial Franklin começou a questionar Cameron:

- Você falou com o seu pai antes de ir para a escola hoje de manhã?

- Sim, senhora. - "Brigou" com ele seria mais exato, mas ninguém precisava saber.

- Vocês falaram sobre algum assunto específico?

- Na verdade, não. Temos de trocar de casa todas as sextas-feiras. Está no acordo do divórcio. Eu disse que ia para o campo de golfe depois da escola e que o veria

daqui a uma semana. - O que ele dissera na verdade fora: "Eu te odeio, seu filho-da-puta. Espero nunca mais ver a sua cara de novo."

O pai tinha respondido mais ou menos no mesmo nível. "Isso mesmo, pode me

odiar, seu merdinha. Agora vê se não se ferra no torneio desse fim de semana."

"Até parece que você ia estar lá para ver eu me ferrar", concluía Cameron.

- Depois disso - disse ele - juntei as minhas coisas e peguei o ônibus para a escola.

- Você viu a sua mãe hoje?

- Não. Era para ela me pegar no campo de golfe, mas ela não apareceu. - Ele foi até a janela e ficou olhando para fora, vendo apenas seu reflexo

fantasmagórico na

vidraça. Assustava-o imaginar o que estaria passando pela cabeça dos

policiais sobre seus pais. Provavelmente achavam que os dois estavam zoando

por aí num motel

vagabundo, ou enchendo a cara e gritando um com o outro. - Escute, não dá

para vocês simplesmente irem procurar por eles? Vocês não vão conseguir

mais nada aqui.

- Ainda não podemos fazer uma tentativa de busca - disse a oficial Franklin.

-

Quando dois adultos com boa saúde desaparecem, eles acabam aparecendo.

Já comunicamos

à radioperadora onde as viaturas conversam umas com as outras, mas, até

que haja uma situação real de emergência, não podemos divulgar a notícia.

O que era a sua forma de dizer que eles estavam sem a menor sorte.

Ninguém

estava sendo protegido ou bem atendido, pensou Cameron, perguntando-se se

deveria falar

o que achava.

- Por enquanto - continuou a policial Franklin - vocês podem acionar a polícia

estadual e os hospitais locais. Entendo a preocupação de vocês, mas tenho certeza

de que eles vão aparecer com alguma explicação.

Sean levantou-se, os lábios apertados de raiva contida.

- Preciso botar gasolina no carro antes que o posto feche. Então, vou começar

a procurar.

Cameron levantou-se também.

- Vou com você.

- Precisamos que você fique aqui - disse a policial Franklin.

Embora ela tivesse falado em tom de ordem, Cameron percebeu compaixão em suas palavras. Seria um erro ele sair para procurar pelos pais desaparecidos.

Poderia não gostar do que pudesse encontrar.

Capítulo 12

Sábado - 0:45

- O que exatamente significa BOP? - Jane Coombs perguntou a Lily, sem

levantar os olhos da tela do celular. Mantinha os olhos fixos no aparelho como

se na esperança

de que Derek pudesse ligar.

- Significa boletim de ocorrência policial - disse Lily. - Quer dizer que cada

departamento de polícia dentro de um rato delimitado recebe uma mensagem

do alerta.

- E a polícia não vai fazer isso por nós - disse Jane com a voz trêmula.

- Não até que eles já estejam desaparecidos há vinte e quatro horas. Esse parece ser o número mágico. - Estava trêmula também. Odiava sentir aquele

nó gelado no

estômago.

Exceto pelo barulho do chuveiro no andar de cima por conta do banho de Cameron, a casa estava assustadoramente, desconfortavelmente silenciosa.

Pouco depois da chegada

de Jane a polícia havia partido com a promessa de que, se Crystal e Derek não

retornassem até as quatro horas do dia seguinte, eles começariam com o

trabalho misterioso

de conduzir uma busca. Até então, não havia nada a fazer a não ser esperar.

E

se preocupar.

Sean sentira-se como um leão enjaulado perambulando pela casa. Por fim, tinha esvaziado a cafeteira, passando o café para a garrafa térmica e saído com ela para sua própria busca.

"Consigno pensar melhor quando estou dirigindo por aí", dissera. Então deixou o número do seu celular com Lily e saiu.

Ele não lhe perguntara se estava disposta a ficar tomando conta das crianças.

Era claro que estava, mas teria sido gentil da parte dele perguntar. Naquela noite,

no entanto, Lily entendeu perfeitamente sua preocupação. Ela também não estava no seu estado normal. Coisas muito estranhas e terríveis estavam acontecendo. Ninguém poderia esperar que agissem normalmente.

Abalado pela ansiedade que não conseguia disfarçar, Cameron tinha avisado

que ia tomar banho. A água corria havia vinte e cinco minutos.

E Lily se encontrava estranhamente só com a namorada de Derek Holloway.

Procurou esconder seu ressentimento. Jane não parecia ser aquela bola de demolição que Crystal

tinha descrito. Segundo Crystal, Lily deveria usar um colar de alho em volta do

pescoço quando Jane estivesse por perto.

Ela não se parecia com o estereótipo da "outra". Se é que tal coisa existia.

Certamente Jane não era uma daquelas mulheres interesseiras de pernas lindas e cérebro

oco que ficavam atrás dos golfistas. Na verdade, aquela mulher tinha um doutorado. Era jovem e parecia estranhamente fragilizada, arruinada com o desaparecimento

do noivo. Mas isso não queria dizer que Lily tinha de gostar dela.

- Vou preparar mais chá - disse Lily. - Você quer?

- Sou adepta do café - respondeu Jane. - Aceito um café, por favor.

Lily demorou um momento para perceber que aquela bola de demolição a observava com certa expectativa. Virou-se, sentindo a borda da bancada batendo na sua cintura.

- Como preferir - respondeu Lily. - Estou no meu limite. Jane arregalou os olhos.

- Sou eu a grande sofredora aqui. Meu noivo está desaparecido com a ex-mulher dele.

A palavra noivo incomodou Lily, que deu uma olhada desde a porta da entrada

até a cozinha, na esperança de que Cameron não tivesse ouvido. Ficou tranqüila ao perceber que o chuveiro ainda estava aberto.

- A Crystal não sabia que o Derek estava planejando se casar com você. - Lily

sentiu-se mal. - Quando ele ia contar para ela?

- Para falar a verdade, hoje. O Derek e eu vamos contar às crianças na próxima sexta-feira. Já marcamos um belo jantar no clube.

Lily sentiu vontade de bater com o bule de chá no bocal do fogão. Baixou-o com cuidado exagerado e acendeu o fogo bem alto. Ficou olhando para as chamas, vendo nelas o azul translúcido dos olhos de Sean Maguire. Então se

repreendeu. Que história era essa de ficar pensando nele? Crystal estava prestes a receber o grande choque

da sua vida. Seu ex-marido, pai dos seus filhos, a grande paixão da sua vida,

tinha escolhido outra mulher.

Ah, Crystal, pensou Lily. Sinto muito. Muito, muito.

Lily sentiu vontade de atacar Jane e soltar uma saraivada de pensamentos mordazes em cima dela. Estaria esperando que a melhor amiga de Crystal lhe

desse os parabéns?

Teria de esperar sentada. Lily fechou os olhos por um momento.

Você vai se casar com o Derek?, quis perguntar. Corajosa! Você não sabe que

ele é mulherengo? Ah, mas é claro que você sabe disso. Ele saía com você enquanto era

casado com a Crystal. Depois que se casar com você, com quem será que irá

sair?

Seria melhor, concluiu, deixar o assunto morrer. Aparentemente, Jane pensava

da mesma forma. Procurou por mensagens no seu celular e serviu-se de uma

xícara do chá

de ervas que Lily tinha preparado.

- De acordo com o rótulo da caixinha - Lily disse -, é para a gente se sentir levemente mais calma e relaxada.

- Sério? - Jane deu um gole e fez uma careta. - Não está funcionando. Será que tem Coca Diet?

- Duvido. A Crystal só toma Tab.

- Eu nem sabia que ainda fabricavam o Tab. - Jane abriu a geladeira e encontrou uma latinha vermelha, a qual abriu. - Essa situação está me deixando maluca - disse. - Eu devia ter saído para procurar com o Sean.

- Você acha mesmo que ele saiu para procurar ou está apenas dando uma volta?

- Não sei. - Jane tomou um gole do refrigerante.

Por alguma razão, ver Jane tomar a latinha de Tab de Crystal foi profundamente ofensivo para Lily. Segurando a caneca de chá com as duas mãos, sentou-se à mesa e procurou se concentrar na própria respiração. Praticara ioga por anos. Devia saber fazer isso. Mas todas as aulas sumiram-lhe da mente.

- O que você acha do Sean? - perguntou Jane.

- Não tenho nenhuma opinião sobre ele - respondeu Lily. - Não o conheço.

- Ele é lindo de morrer - disse ela. - Mais bonito até do que o irmão.

- Talvez você esteja noiva do irmão errado.

- Não sou do tipo de mulher para ele.

Aparentemente, conhecimento gramatical e diploma de doutorado não andavam juntos, pensou Lily.

- Por que não? - perguntou, apenas para que a outra continuasse a falar, e não

ela.

- O Sean é bonito, mas vazio. Aposto que ele é bom de cama, mas não acredito que tenha outros atrativos.

- Como eu disse, não o conheço.

- Conhece quem? - Com o cabelo molhado penteado para trás e vestindo seu

agasalho de golfe, Cameron voltou para a cozinha.

Lily abaixou a caneca. Ela teve uma vontade louca de abraçar Cameron como

fazia quando ele era pequeno. Era quase um adulto agora, pensou,

observando suas mãos largas,

seus pés grandes, o queixo quadrado com a barba recém-aparada e olhos azuis penetrantes. Contudo, apesar da aparência adulta, ela ainda podia ver vestígios da criança

que ele havia sido. Ainda podia ver aquele rostinho iluminado de alegria no seu

aniversário ou quando Crystal chegara do hospital com a irmãzinha recém-nascida.

Ela ainda se lembrava do seu cheirinho de menino, como o de terra recém-revolvida, e ainda podia ouvir sua voz fina cantando junto com as trilhas sonoras da Disney.

Lily havia comemorado muitos aniversários com Cameron; tinha visto seus dentinhos caírem e se orgulhado das suas notas escolares. Ficara ao seu lado para lamentar

a morte e enterrar seu peixinho dourado e seu camundongo de estimação.

Tinha lhe ensinado fonética, redação e multiplicação. Fora às cerimónias dos

escoteiros, jogos

de futebol e torneios de golfe.

E agora Jane Coombs ia usufruir de tudo aquilo. Lily tentou não se sentir ressentida, mas foi difícil. Adorava aquele menino e desejava apenas coisas boas para ele.

Jane era uma coisa boa? Não fazia idéia.

- O seu tio Sean - disse em resposta à sua pergunta. - Não o conheço nem um pouquinho. Como ele é?

- Ele é legal. - Cameron abriu a geladeira e tirou uma embalagem de leite.

Antes que Lily ou Jane pudessem sugerir que pegasse um copo, ele virou a embalagem e,

impressionantemente, tomou o leite sem respingar uma gota sequer. Quando a

abaixou, olhou para as duas, seu rosto tenso de preocupação. - Sei o que vocês estão tentando

fazer. Querem me distrair para eu parar de pensar em todas as coisas ruins que podem ter acontecido com os meus pais.

- Eles tinham muito o que conversar - disse Lily cautelosamente. -

Provavelmente, perderam a noção do tempo.

- Até à uma da manhã? - Ele abaixou a tampinha da embalagem e a enfiou de

volta na geladeira. - Não conversavam tanto assim nem quando eram casados.

Jane pegou sua capa de chuva às pressas. Era de um daqueles estilistas do

Canadá. Segundo Crystal, o gosto para roupas de Jane tinha melhorado muito

desde que começara

a gastar o dinheiro de Derek.

- Quer saber de uma coisa? - disse Jane. - O Sean está certo. Ficar sentada

aqui esperando o telefone tocar é coisa de maluco. Vou para casa ouvir as

mensagens

da minha secretária eletrônica.

- Tudo bem - disse Lily, procurando não parecer ávida demais para se livrar

dela.

- Você tem o número do meu telefone de casa e do meu celular. - Vestiu o casaco e arrumou o lenço Hermes sob a gola. - Ligue para mim assim que

souber de alguma

coisa.

- Claro.

- Farei o mesmo, falo com você assim que ele ligar. - Um brilho diferente

reluziu em seus olhos, a ameaça das lágrimas.

Tudo bem, talvez ela amasse mesmo o Derek, admitiu Lily, e ofereceu um

breve sorriso.

- Dirija com cuidado. As estradas ainda estão molhadas.

Jane pendurou a bolsa Louis Vuitton no ombro e saiu pela porta da frente. Lily

demorou-se mais um pouco na varanda. A noite estava fria e úmida por causa

do dia

chuvoso, embora o céu estivesse limpo. Em contraste com a escuridão total, as

estrelas pareciam cacos de vidro arremessados para o céu.

Arrepiada, entrou e fechou a porta. Somente então é que lhe ocorreu que,

durante todo o tempo em que estivera lá, Jane não perguntara uma vez sequer

pelas meninas.

E, na hora de sair, tampouco se despedira de Cameron ou lhe dissera uma palavra de conforto.

E essa mulher ia ser a nova madrasta deles? O clima ficou diferente depois que ela foi embora. Lily arrepiou-se de novo, então se recompôs antes de voltar-se para

Cameron.

- Como você está?

- Como posso estar? - A voz dele traía irritação.

- Você acha que eu tenho uma resposta para isso? - Então se controlou. -

Olhe, desculpe. A última coisa de que precisamos agora é atazanar um ao outro.

- Ninguém mais fala "atazanar".

- Eu falo. Sou professora da terceira série, lembra? Eu "atazano" as pessoas o dia inteiro.

Ele quase sorriu. Então afundou no sofá da sala de visitas com os braços e as

pernas esparramados.

- Que saco! - disse. Lily sentou-se ao lado dele.

- É - disse -, é mesmo um saco.

- É um puta saco! - ele adicionou.

- É, é um saco... desse tipo aí que você falou. - Ela bateu na cabeça dele com

uma almofada.

Ele deu uma risadinha de lástima.

- Você nunca poderia ser golfista. Você não se sente nada à vontade com o linguajar deles.

Cameron pegou o controle remoto e sintonizou o programa de entrevistas de

Conan OBrien.

- Vou matar os dois assim que chegarem em casa.

- Boa idéia - disse Lily.

Capítulo Treze

Sábado - 4:45

Sean estava pensando nas formas como poderia cometer fratricídio, enquanto

dirigia ao longo das estradas desertas e escuras do oeste de Oregon. E ex-cunhadacídio

também, quer isso tivesse um nome ou não. O que eles tinham na cabeça para

abandonar os filhos daquela maneira?

Não estavam pensando nas crianças, com certeza. Estavam pensando em si mesmos. O que era a especialidade de Derek.

E isso normalmente funcionava para ele. Por pensar somente em si próprio, sempre se mantivera no auge do seu jogo. Nunca fora um jogador amado. Não

era nenhum John

Daly, nenhum Craig Stadler. Mas era, sem sombra de dúvida, respeitado e admirado. Respeitado por sua habilidade em se concentrar na vitória e seguir

em frente, admirado

por seu imenso talento atlético.

Sean era um dos poucos conhecedores da origem daquele talento que não era exatamente um presente dos céus. Vinha do hábito de bater mil bolas numa única sessão

de

treinos. Ou de praticar tacadas curtas no green até os rins doerem de tanto ficar curvado. Ou de praticar tacadas altas longas até a cabeça do taco ficar gasta. Assim como os golfistas de maior sucesso, ele sabia que não podia confiar apenas na sorte e no talento.

Ah, mas isso podia te levar longe, pensou Sean, refletindo na sua própria carreira de altos e baixos. Ele havia mamado até a última gota nas tetas da sorte e

do talento, mas, no final, tinha deixado de lado a parte dura do trabalho. Agora,

é claro, estava pagando o preço. Mas, pelo menos, não tinha ido à falência em

decorrência

de um divórcio mal resolvido.

Sean diminuiu a velocidade ao dobrar uma curva na estrada. Os faróis atravessaram a neblina que encobria os pontos mais baixos da paisagem. A ligação de Red sobre

o próximo torneio nem parecia mais real. Se fosse real, estaria dormindo agora.

Levantaria cedo e treinaria sem pensar em mais nada, a não ser no próprio jogo. Agora,

a oportunidade estava tão longe da sua mente como um sonho do qual não conseguia se lembrar.

Pegou a garrafa térmica e levou-a até a boca. Sobrara somente um gole de café e estava frio. O relógio do painel marcava 4:58. Ele piscou, os números retangulares

azul-esverdeados saíram de foco e voltaram em seguida, marcando 4:59.

Um vulto enorme atravessou rapidamente na frente dos faróis a centímetros do

pára-choque frontal.

Sean desviou bruscamente, a caminhonete quase bateu na mureta de

proteção. Os pneus cantaram e derraparam no asfalto molhado, enquanto ele

virava o volante com

as

duas mãos. O movimento o fez girar 180 graus e ele não parou. Como um carrinho de bate-bate, a caminhonete rodopiou, derrapando mais uma vez na

direção da mureta,

arremessando-o para tão perto dela que ele foi capaz de ver suas vigas de sustentação. Abaixo da borda da estrada, o paredão rochoso mergulhava numa

queda brusca

para o mar.

Sean preparou-se para a batida, seus pés agora apertando os freios. Ouvia o som dos vidros se quebrando e trincou os dentes à espera de um impacto devastador.

Segundos

depois, percebeu que era a garrafa térmica que tinha caído no chão com a força de um tufão, seu interior de vidro se estilhaçando com o impacto.

A caminhonete gemeu até parar, tremendo como um animal exausto.

Bem devagar, Sean virou a cabeça e olhou pela janela lateral, temendo ver-se

pendurado na beira do penhasco.

Não estava pendurado. O lado esquerdo da caminhonete estava apenas rente à mureta.

Um alce adulto banhado pela luz vermelha dos freios surgiu e se deteve, refletido no espelho retrovisor. Em seguida, subiu correndo uma rampa de terra

ao lado da

estrada e desapareceu.

- Droga! - disse Sean, ofegante. Estava molhado de suor, ainda que sua pele estivesse fria. O relógio do painel marcava agora cinco horas.

Como já estava parado, decidiu tentar falar com Maura. Ela atendeu com uma

voz sonolenta:

- Não estou de plantão.

- Não é do hospital.

- Sean! - Um roçar de cobertores ao fundo. - Onde você está?

- O Derek ainda não apareceu, estou dando uma volta para procurá-lo, para tentar descobrir onde ele pode estar.

- Você não é o guardião do seu irmão.

- Não. Mas fiquei preso tomando conta dos filhos dele.

- Você os deixou sozinhos?

- A Lily está com eles.

- Lily.

- A sargentona. A professora da Charlie.

- Ninguém mais chama professora de "sargentona".

- Você falaria, se conhecesse a Lily. - Sean enxugou a fronte com a manga. - Estou muito preocupado.

- Ele é um homem adulto, Sean. - Um bocejo prolongou suas palavras.

- Ele saiu com a ex-mulher ontem à tarde e ninguém mais os viu desde então.

- É claro que não. Eles estão se escondendo e não querem ser vistos. Venha para casa, Sean. Preciso ir para um seminário em Portland e quero ver você antes de sair.

Ele imaginou a cama desarrumada, seu corpo adormecido e quente, seu pijama cirúrgico favorito, bem largo, seus cabelos macios despenteados.

- Não sei quando vou voltar - disse ele.

- Ah, está certo. Faça o que tiver de fazer. - Outro bocejo. - Desculpe, tive um turno muito difícil. Dois IAM e um PLT.

Ele ficou quieto, tentando adivinhar as siglas. Maura estava no meio de uma troca de plantão e freqüentemente falava em jargão.

- Dois infartos agudos do miocárdio e um politraumatizado - traduziu para ele.

Sean estremeceu, pensando em Derek.

- É melhor eu ir. Eu só queria... queria saber como você estava.

- Eu queria que você estivesse aqui. - Suspirou ela ao telefone. Ele pensou em

como seus cabelos eram perfumados.

- É, eu também. Bem, acho que vou voltar para a casa da Crystal de novo.

Talvez eles tenham voltado.

- Venha para casa.

- Não. Me encontre lá.

- Eu não vou aparecer na casa da sua ex-cunhada. Preciso ir para Portland.

Não posso deixar de ir. Escute, me dê notícias, está bem?

- Pode deixar. - Desligou o telefone e esfregou as palmas úmidas nas coxas.

Aquela ligação não tinha servido praticamente para nada, exceto para interromper o sono

da sua namorada, que já sofria de insônia.

Engraçada a forma como ela se tornara sua namorada, literalmente da noite para o dia. A primeira vez que se encontraram, numa boate em Portland, ele estava procurando

fugir de mais uma noite solitária. Foi somente na manhã seguinte, olhando para

a claridade de um raro nascer do sol primaveril através das janelas desnudas do seu

apartamento, que descobriu que queria mais dela.

Ela era linda e inteligente, uma estudante do quarto ano de medicina com olhos

solitários e um charme discreto e despretensioso.

Sean declarara-se para ela sem rodeios naquela manhã enquanto preparava

o seu café. Sentira-se diferente ao lado daquela mulher. Ela trouxera à tona  
o

seu lado

sério.

Para um camarada que certa vez se referira a uma de suas namoradas como  
o

décimo nono buraco, aquilo fora um salto para a maturidade.

"Eu gostaria de ter me comportado melhor antes de termos dormido juntos",  
dissera-lhe.

Colocara um prato com ovos na frente dela e curvara-se para lhe dar um  
beijo

suave e sincero nos lábios. As pessoas achavam que ele tinha sorte com as  
mulheres.

Droga, ele achava que tinha sorte com as mulheres, mas a verdade era que  
nunca conseguira passar do tesão, da excitação, para ver o que havia do  
outro

lado. De vez

em quando se questionava sobre isso. "Agora que a gente já se conhece",  
dissera-lhe naquela primeira manhã, "podíamos fazer isso novamente."

Tentou sorrir com a lembrança, mas estava muito cansado e preocupado. E,  
sem ser convidada, a imagem de Lily Robinson, lábios apertados e olhar  
zangado, veio-lhe

à mente. Ele a havia deixado com Jane e as crianças, e ela nem sequer reclamara. Parecia ser uma pessoa interessante. Sim, essa era a palavra para ela. Interessante, com vários pensamentos secretos naqueles olhos castanhos aumentados pelas lentes fundo de garrafa. Sua compaixão pelas crianças era evidente, mas não era isso o que a fazia tão interessante. Era uma mulher severa e sentenciosa; ainda assim, ele sentia algo em Lily, como uma chama que ela ficava tentando apagar.

Devagar, ele voltou para a estrada vazia. Os faróis iluminaram as marcas da derrapagem em ambas as pistas. Aquilo fora o mais próximo que chegara de bater em alguma coisa, exceto uma vez na faculdade, quando Derek o levara até a estrada costeira para bater umas bolas de golfe na direção da paisagem distante.

Sean lembrou-se de que, quando estavam voltando para casa ao cair da noite, um guaxinim cruzou o caminho deles e o irmão o pegou em cheio. Depois disso, parou no acostamento e chorou.

Diante de tal lembrança, ficou com as mãos úmidas de novo. Por que isso agora?

Havia anos que não se lembrava da estrada costeira, não ia lá desde que voltara para os Estados Unidos. Mas quem sabe...

Sean dirigiu para o oeste. Não questionou a sensação terrível que o levava.

Nem mesmo achava que conseguiria encontrar o lugar novamente. Havia anos

que ele e

Derek

costumavam levar as garotas para lá, na esperança de que rolasse alguma coisa.

Não fazia idéia de por que Derek levaria Crystal para um lugar daqueles.

Talvez fosse o que Maura tinha dito ao telefone. Talvez ele e a ex-mulher tivessem mesmo

dado uma escapada.

Essa era, afinal de contas, a especialidade do seu irmão. Evitou pensar no assunto. Não era a pessoa mais indicada para julgar Derek.

Procurou não pensar no pior até o momento em que virou para a estrada costeira e percebeu marcas de pneus nas curvas fechadas. Todo mundo tinha problemas para dirigir por ali, disse para si mesmo.

Derek costumava dirigir carros moderníssimos com os mais sofisticados recursos. Um dos principais patrocinadores acabara de lhe dar um utilitário esportivo, uma

caminhonete leve, e ele sabia dirigir bem demais para bater com ela.

Era inacreditável a bajulação, os presentes e o dinheiro que seu irmão recebia.

E Derek, é claro, dava duro por todas essas coisas, o que fazia dele um alvo e

tanto

para os patrocinadores. Sean costumava ficar acordado no meio da noite,

lutando contra um sentimento nocivo de inveja. Ele quase sempre precisava se

lembrar de

que Derek sabia aproveitar tudo o que cruzava o seu caminho.

Ele e o irmão tinham tido as mesmas oportunidades. Na verdade, houve uma

época em que Sean esteve muito mais perto de uma carreira brilhante no

circuito PGA do

que Derek. Fora ele quem estivera cedo no auge da carreira, que contara com

um empresário hiperativo, com o clamor dos patrocinadores, e que estivera

entre os mais bem pagos do circuito. Não durara, é claro. Sean não sabia fazer as coisas durarem. A caminhonete rateou um pouco numa curva íngreme

e fechada da estrada. Os faróis

iluminaram a borda externa da curva e a mureta de proteção desapareceu

subitamente. Estava começando a amanhecer. Ele deu uma olhada ao redor.

Tinha uma vaga lembrança de uma disputa pelo arrendamento de uma propriedade que terminava exatamente ali, numa curva acentuada da estrada,

onde as marcas negras e furiosas de pneu davam diretamente em dois medronheiros quebrados.

Sean desligou o carro. Por um momento, talvez o espaço de três batidas do seu coração, ficou em silêncio profundo. Então desligou todo o resto - todos os sentimentos de medo e pânico - ao digitar cuidadosamente, um a um, o número do celular de Derek.

Enquanto esperava o celular começar a chamar, desceu da caminhonete, bateu a porta e ficou parado no silêncio que precedia o amanhecer, sem ouvir

nada, a não ser

o quebrar das ondas abaixo e... o toque distante de um telefone celular.

Feito um autômato, atravessou para o outro lado da estrada. Seus passos soaram como os de um robô, perfeitamente cadenciados, enérgicos, mas sem

pressa conforme

pisava ruidosamente nos pedregulhos do acostamento. Quando ouviu a gravação da caixa postal, desligou, fez uma pausa e ligou novamente. A

campainha tocou mais uma

vez, mais alta agora. mais perto.

Ele parecia uma máquina. Nada poderia penetrar na sua blindagem. Tinha uma

lanterna nas mãos. Sabia que precisaria de uma.

Não sentia nada. Nem se permitia sentir. Porque, mesmo antes de descer o declive íngreme, com sua vegetação danificada, na direção do toque do celular,

sabia o que

encontrava.

Tropeçou, caiu, segurou-se nas trepadeiras espinhentas que desciam

enroscadas pelo declive, praguejou e finalmente seguiu caminho por entre as

amoreiras silvestres

e os medronheiros avermelhados que iam surgindo pela lateral do penhasco.

Parou novamente para digitar o número e seguiu o toque da campainha. Um

galho espinhento

como garras arranhou-lhe o rosto. Sentiu alguma coisa escorrendo pela face e

bateu com a mão para afastá-la. Baixou-a toda manchada de sangue.

Perdeu o equilíbrio e escorregou, estava ofegante, respirando com dificuldade.

A luz do amanhecer começou a brilhar gradualmente. O dia estava nascendo,

embora as

mais escuras das sombras ainda recaíssem sobre as dobras primordiais do despenhadeiro. O foco da lanterna tremeluziu em alguma coisa que não pertencia àquele lugar

- o intestino opaco do chassi do Chevy Tahoe capotado.

Uma fenda se abriu na armadura de ferro que Sean se forçara a vestir e a flecha afiada da dor o atingiu, chocando-o com toda a intensidade.

Não. O urro de negação irrompeu por todo o seu ser, mas ele não emitiu um som sequer. Conforme se aproximava do veículo, a lanterna tremeu incontrolavelmente ao

iluminar a caminhonete de Derek.

Não! Lutou com a lanterna até dominá-la, forçando-se a parar de tremer. Que

titica de irmão era ele, tremendo como se fosse uma garotinha, quando sabia

muito bem

que seu irmão estava...

Não! Caiu de joelhos ao lado da janela. Ela se quebrara em zilhões de pedacinhos e, de alguma forma, fora arrancada do pára-brisas. Sean custou

um pouco a perceber

que a caminhonete estava balançando e que ainda havia uma boa altura para cair.

Meu Jesus! Ah, Jesus! Certa vez alguém o ensinara a rezar, mas isso fora muito tempo atrás. De qualquer maneira, era tarde demais. Ele sabia disso do

fundo do coração.

O foco de luz permaneceu estável e firme à medida que Sean se esforçava para ignorar o rangido precário da caminhonete vacilante. Lá do seu interior,

um telefone

celular apitava, sinalizando que alguém estava chamando. Encontrou um vão

no lugar onde fora a janela e iluminou o carro por dentro.

Esteja vivo, pelo amor de Deus! Esteja vivo, por favor! Encontrou Crystal.

Embora estivesse estirada num ângulo impossível, seu rosto de miss era uma

pintura perfeita.

Ela parecia a estátua de um anjo renascentista. Até mesmo seus olhos eram olhos de estátua, abertos, inertes, sem vida. Não havia qualquer expressão em

seu rosto.

Ele esforçou-se para dizer o seu nome, para tocá-la gentilmente, checar sua respiração e seu pulso. Nada. A julgar pela frieza assustadora da sua pele macia, ela morrera já havia algum tempo.

Sean vira sua mãe morta, mas isso era diferente. Por mais doloroso que tivesse sido, era de esperar que ela morresse. Após um ano sofrendo, doente,

todos esperavam

por isso, e ela fora devidamente arrumada para ser vista, uma católica irlandesa decente até o final. Não havia nada de decente naquela cena ali, percebeu, os pensamentos

se amontoando uns sobre os outros.

Derek. Onde estava Derek?

Sean foi açoitado pelo pânico. Chamou o nome do irmão, sua voz ecoou pelo

despenhadeiro, para o silêncio da alvorada. Parecia-lhe estranho, horrível gritar

com

Crystal

estirada lá, mas ele chamou novamente, assustando um casal de passarinhos que levantaram voo rumo ao céu.

Talvez Derek tivesse sido atirado para fora da caminhonete, ou talvez tivesse

sobrevivido e saído em busca de ajuda.

Ou talvez não.

Sean agachou-se e começou a limpar os destroços do pára-brisas. Alguma

coisa cortou sua mão, mas ele continuou trabalhando. A caminhonete balançou

mais um pouco,

mas mesmo assim ele continuou.

Tudo no carro tinha ido parar no lugar errado. Havia tacos de golfe soltos, enfiados no estofamento, um sapato perdido no painel esmagado. O aparelho

de DVD, do

qual Derek tanto se orgulhara, estava destroçado e esmagado. Ele viu a bolsa

de Crystal quase vazia, como se alguém a tivesse virado de cabeça para baixo.

Desesperado, praticamente engatinhando dentro da caminhonete, procurou pelo irmão. Roçou nas pernas finas de Crystal. Alguma coisa es-  
corregadia cobria o painel

suspenso. Um cheiro terrível infestava a cabine.

Então percebeu onde Derek estava.

Parou para pôr os pensamentos em ordem. Não conseguiria fazê-lo. Seria

impossível pensar. Devagar e cauteloso, saiu do carro escorregando no sangue. Sua mão tremia tanto que ele não conseguiu manter o telefone parado para conseguir digitar. Finalmente, caiu de joelhos, colocando o telefone no chão para que ficasse imóvel, enquanto apertava os números 9-1-1. Send.

## Capítulo 14

Sábado - 6:30

Lily acordou assustada. Não deveria estar dormindo, pensou, levantando-se logo do sofá e cruzando a sala de estar assim que seus pés tocaram o chão.

Não pretendia

pegar no sono. Não tinha o direito de baixar a guarda até ter certeza de que Crystal estava bem.

Olhou para o relógio de parede - 6:30 da manhã. Do lado de fora, o mundo era

de um cinza monocromático. Ela pegou o telefone e rapidamente checkou as chamadas recebidas a fim de se certificar de que não tinha perdido nenhuma ligação. Não tinha. Ainda assim, sentiu-se culpada por ter cochilado.

Talvez devesse ter tomado café com Sean Maguire. Não, pensou. Café é ruim

para você, mesmo numa emergência. A lembrança fez com que se sacudisse

toda, despertando de vez. Controle-se, Lily.

A TV, que ela havia deixado ligada sem volume horas atrás, reluzia com as cores hiper-realistas de uma programação por assinatura. Lily pegou o controle

remoto para

desligá-la. Então, um pensamento terrível lhe ocorreu e ela trocou o canal para

uma estação local, aumentando o volume. A imagem de uma repórter, intragavelmente alegre àquela hora da manhã, apresentava uma reportagem sobre a vida na fazenda.

Lily tirou o volume novamente, mas deixou a TV sintonizada no canal local.

Digitou o número do celular de Sean. Engraçado como ela o gravara na memória no momento

em que ele o dissera. Ouviu uma gravação e desligou sem nada dizer. Ele provavelmente estava fora de área. Então tentou o número de Crystal, rezando

com todas as células do seu corpo para que a amiga atendesse, risse e explicasse que tinha sido raptada e acabado num motel com o ex-marido.

Isso seria sorte demais.

Com um suspiro, subiu as escadas na ponta dos pés para ver como estavam

as crianças. A casa de Crystal era entulhada, mas bonita, os móveis clássicos

lhe davam um

ar especial de solidez. Parecia excessivamente íntimo, quase invasivo, observar os filhos dela dormindo.

Cameron estava de bruços, com braços e pernas espalhados, as cobertas emboladas nas suas pernas finas e compridas. A luz fraca que entrava pela janela iluminava

a bagunça do quarto: livros escolares, roupas sujas, toda a parafernália do golfe. Havia um cheiro peculiar de ténis e grama lá dentro e uma lata de lixo

transbordando

de embalagens vazias de comida pronta. Crystal lhe dissera que ele comia como se tivesse uma solitária na barriga.

Lily saiu do quarto, fechou a porta e foi ver as meninas. Charlie dormia no meio

de um monte de bichinhos de pelúcia. O brilho de uma luminária noturna do

Bob Esponja

dava aos brinquedos um olhar vidrado, uma aparência estranhamente sinistra,

embora Charlie parecesse bem feliz.

Do outro lado do quarto, Ashley estava toda descoberta. Ela se remexeu e fungou quando Lily inclinou-se ao lado do berço e puxou um cobertor por cima

dela. Assim

que a cobriu sentiu uma satisfação especial despertada pelo simples fato de vê-la dormindo. As meninas eram tão pequenas, totalmente dependentes. Para

alguém não

qualificada a ter filhos, Lily era ocasionalmente acometida por um impulso biológico, atacada por desejos inesperados, os quais não sabia como aplacar.

Sentiu um peso característico fazer pressão sobre ela. Iria matar Crystal por ser tão irresponsável e desaparecer daquele jeito.

Saiu na ponta dos pés do quarto de Ashley e desceu as escadas para pôr água

para ferver. Viu um reflexo de si mesma no espelho do hall e fez uma careta.

Seus cabelos

estavam eriçados, seu rosto com marcas da textura do estofamento do sofá.

Estava encantadora.

Foi para o banheiro para bochechar, jogar água no rosto e passar uma escova

nos cabelos. Então pressionou as mãos espalmadas na bancada da pia e

tentou fazê-las

parar de tremer.

Não funcionou. Nada funcionava. Apenas a visão de Crystal entrando pela porta, soprando beijos, acenando pedidos de desculpas com um lençinho de renda ajudaria agora.

A preocupação era como uma hedionda criatura viva contorcendo-se em suas

entranhas. Isso, pensou, nauseada e aérea, é o que o amor faz com a pessoa.

A partir do

momento em que começamos a gostar de alguém, esse alguém nos deixa desesperados de preocupação. Tão logo nos permitimos amar alguém, estamos condenados.

Enxaguou o rosto novamente e olhou-se no espelho. Era assim que seria dali a

quarenta anos, o rosto marcado por rugas de preocupação, olhos

atormentados e assustados

por fatores além do seu controle. Velha e medrosa - era assim que estava.

Crystal gostava de implicar com ela sobre sua mania de evitar os assuntos do coração.

"Você é como alguém que tem medo de água", dissera-lhe certa vez. "Eu tenho medo de água", Lily a lembrara. "E isso não faz o menor sentido."

"Não, entregar-se de corpo e alma a alguém na expectativa de que esse

alguém cuide de você, isso sim é que não faz sentido. Por que eu faria uma coisa dessas?"

Crystal oferecera-lhe um sorriso que, após o fim do seu casamento, saíra melancólico e triste, com uma sabedoria conquistada a duras penas. "Porque é

aí que a vida

finalmente começa a fazer sentido." Minha vida faz completo sentido agora,

pensou Lily, assim que saiu do banheiro. Ou melhor, fazia até a noite passada,

quando

então correria para lá para encarar uma situação de desaparecimento.

Colocou a bateria do telefone para carregar e foi preparar uma xícara de chá de ervas.

Ginseng naquela manhã, para ajudá-la a pôr a cabeça em ordem. O cheiro do

café era quase irresistível, mas ela nem se aproximou da embalagem azul do café italiano.

Quando a gente já está morta de preocupação, pensou, por que consumir algo

que vai irritar ainda mais os seus nervos?

Andou pela cozinha, esperando a água ferver. Crystal sempre chamava a

cozinha de Missão Controle, mas ela geralmente parecia uma Missão Fora de

Controle. Cartas,

contas, folhetos, tudo espalhado na mesinha embutida na parede. A geladeira

estava repleta de trabalhos escolares antigos e recentes, receitas e dicas de dieta,

tíquetes-alimentação vencidos, formulários da escola e autorizações de saída,

a maior parte deles desatualizada.

Lily guardou a louça limpa. Enquanto o fazia, encontrou uma caneca ainda com

a marca do batom favorito de Crystal. Pegou-a para lavar, então hesitou e pôs

a caneca

no peitoril da janela acima da pia. A seguir, tentou, agitada, arrumar a prateleira

de temperos. Ficou prestando atenção à água na chaleira e a tirou do fogo antes

que começasse a ferver, e então deixou curtir o chá.

Tentou gastar sua energia nervosa na arrumação dos armários. Estavam tão bagunçados que a cozinha quase não era funcional. Crystal era uma pessoa criativa, mas não

organizada.

Lily estava parada no meio da cozinha tentando decidir onde guardar um pirex

medidor de alimentos quando ouviu o barulho de um motor se aproximar e parar. Ouvia

o abrir e fechar rápido da porta de um carro.

Graças a Deus, pensou, correndo para a porta dos fundos. Ela finalmente chegou em casa.

Era a caminhonete de Sean Maguire, reconheceu, sentindo o estômago pesado. Ele estava sozinho. E caminhando devagar na sua direção.

O sol nascente coloria tudo com pinceladas precisas de tons rosados. Cada folhinha de grama, cada tijolo do caminho, a textura do tronco da árvore, os contornos

das folhas recém-brotadas - tudo era atingido em detalhes excruciantes e maravilhosos por aquela luz cintilante. As cores do sol nascente banharam os

ombros largos

de Sean, seus cabelos desalinhados.

Sua silhueta imponente ficou claramente visível tão logo a luz do sol nascente

brilhou às suas costas.

Lily ficou parada na soleira da porta da cozinha, seu coração percebendo a

verdade antes da sua mente. Não conseguiu distinguir a expressão que Sean trazia no

rosto enquanto vinha na sua direção, nem, obviamente, tinha obrigação de distingui-la. A verdade aterradora estava na rigidez dolorida do seu andar.

Houve um momento - na verdade, uma fração de segundo - em que ela se permitiu ter esperanças. Mas isso logo passou assim que ele parou sob o foco

da luz da cozinha

e ela viu seu rosto.

Lily decidiu falar primeiro. Ao menos ganharia mais alguns segundos. Mais alguns segundos para acreditar que o mundo estava normal. Mais alguns segundos para acreditar que nada havia mudado.

- As crianças estão dormindo - falou quase num sussurro. - Ele concordou com

a cabeça. Seu pomo-de-adão moveu-se para cima e para baixo conforme engoliu. Lily continuou

prestando atenção aos detalhes: na forma como a barba por fazer sombreava seu queixo, o belo movimento dos seus cílios. Percebeu um corte fino e recente atravessado

em seu rosto e comprimido por duas pequenas ataduras brancas. A verdade

era que ele parecia muito mais velho do que quando tinha saído de lá na noite

anterior.

Lily pensou em gritar. Se gritasse, talvez abafasse as palavras que ele inevitavelmente iria lhe dizer. Mas não gritou, é claro. Nenhum grito mudaria a

verdade.

Controle-se. Deu um jeito de controlar-se. Isso era absurdo.

- Onde está a Crystal? - perguntou por fim. Não, por favor, pensou mudando de

idéia, não diga, por favor, não diga. Um nó instalou-se na sua garganta.

- Foi um acidente - disse Sean.

Era o que ele não havia dito que soava mais alto em sua mente. Ele não disse

que Crystal estava bem. Não disse que estavam cuidando dela e que ela se recuperaria

totalmente. Não disse nada parecido com isso.

- Os dois? - Ouviu a si própria perguntando.

Ele concordou, os olhos torturados.

127

Lily esqueceu-se de que segurava o pirex até ouvir uma batida e perceber que

o deixara cair. Ele bateu na soleira da porta, rolando até o chão de cimento e,

de uma

forma inesperada e bizarra, permaneceu intacto.

Tanto Lily quanto Sean ignoraram-no.

Ela se sentiu caindo em câmera lenta e a única forma de parar foi caindo sobre ele, contra seu peito, deixando os braços daquele estranho a envolverem.

Ela sentiu a sua força, mas não encontrou nenhum conforto. Crystal já havia morrido e aquela notícia abria uma fenda enorme no mundo.

Então lhe ocorreu que aquele homem que a segurava havia perdido o irmão.

Ele não deveria a estar consolando quando tinha a própria perda para chorar.

Lily afastou-se dele. Precisava soltar gritos de choque e de horror, mas não os

soltaria. Faria pelo menos esse sacrifício por Crystal. Não deixaria seus filhos

verem-na chorando, fora de si.

Mais tarde, disse para si mesma, afastando-se de Sean Maguire. Chorarei mais tarde.

128

Capítulo 15

Sábado - 6:45

- Onde? - perguntou Lily, o corpo dolorido como se também tivesse sofrido o acidente.

- Na estrada costeira, a poucos quilómetros ao sul da saída de Seal Bay. Lily perguntou-se o que eles estariam fazendo lá.

- O que aconteceu?

- O carro saiu da estrada. O Derek deve ter virado bruscamente, tentando desviar de alguma coisa. O asfalto estava escorregadio e eles caíram numa ribanceira.

- Quando a patrulha rodoviária os encontrou? - A idéia de Crystal presa dentro

de um carro, machucada e apavorada, assombrou Lily. Ela viu o rosto de Sean se

transformar,

enrijecer-se de dor. - Ah, meu Deus! - exclamou. - Foi você que os encontrou,

não foi? - Dando um passo para trás, fechou os olhos para não ver a expressão

em seu

rosto.

- Há algumas horas. - A voz dele saiu baixa e grossa por causa do sofrimento e

da falta de sono.

- Sinto muito - disse ela, sentindo o ímpeto de pegar-lhe a mão, mas decidindo

que isso não ajudaria em nada. - Deve ter sido realmente terrível

129

para você. - Ficou imaginando como teria sido. Se tinham sofrido, se tinham

lutado para sobreviver, mas não conseguiu se controlar a ponto de perguntar.

Preferiu

acreditar que Crystal tinha morrido subitamente, sem saber o que havia acontecido com ela.

- E agora? - perguntou a Sean, apegando-se por um fio à sanidade.

- A patrulha rodoviária está mandando alguém para cá - disse ele, sua voz inexpressiva devido ao choque. - Pedi que me deixassem vir na frente, você entende. Eu

não queria que as crianças acordassem com um bando de carros-patrulha e estranhos por toda parte.

- Isso é... acho que é o melhor a fazer. - Como se fosse algo que pudesse saber. Lily sentiu a boca completamente seca. Não podia acreditar como era difícil falar,

mais ainda se mover. - Isso é horrível - murmurou, forçando-se a agir. Foi para

a cozinha e olhou para o armário arrumado pela metade. - Estou me descontrolando

e isso é horrível. Preciso me controlar por causa das crianças.

Sean atravessou a cozinha, segurou-a firme pelos ombros e olhou dentro dos

seus olhos. Seu gesto lhe pareceu inesperado, desconfortável, o toque de um estranho.

- Precisa mesmo - disse com a voz firme -, precisa mesmo. E vai conseguir. Nós dois vamos.

Como o simples fato de olhar momentaneamente nos olhos daquele homem pôde ajudá-la a recuperar a razão? Ela não tinha uma resposta, mas o seu olhar, na verdade um

olhar quase hipnótico, estava funcionando, talvez porque, no fundo dele, ela detectasse uma dor aterradora. Lily fez um esforço para enfrentar a verdade.

Crystal

estava morta, Derek estava morto. As crianças estavam vivas e precisavam dela.

- Certo - disse ela, limpando a garganta. - Tudo bem. As crianças. Elas são, acima de tudo, nossa prioridade máxima. A forma como contarmos a elas

agora vai afetar

a forma como vão lidar com isso.

- Exatamente. - Sean soltou seus ombros. - Concordo. A patrulha rodoviária também está mandando alguém do Serviço de Proteção ao Menor para ver como as crianças estão.

- Serviço de Proteção ao Menor? - Lily ficou confusa.

130

- Disseram que é o procedimento padrão em casos como esse, quando... quando os pais morrem ao mesmo tempo. - Fez uma pausa, mostrando dificuldade em respirar novamente.

Lily pensou mais uma vez em tocá-lo, da mesma forma como ele tinha feito com ela, mas suas mãos permaneceram ao lado do corpo, os punhos cerrados.

- Acredito que seja obrigação deles verificar se tem alguém tomando conta das

crianças - disse com dificuldade.

- Eu disse que elas estavam sãs e salvas, mas, por lei, eles têm de checar. -

Levantou a mão e sem perceber começou a massagear o pescoço. - Queriam mandar alguém

logo em seguida, mas eu disse que devia ser o primeiro a falar com eles.

Lily sentiu uma pontada de apreensão.

- Você mal conhece essas crianças - disse, imaginando o rosto doce e ingênuo

delas.

Ele olhou petrificado para ela.

- Eu sou tudo o que elas têm agora.

Em termos de laços sangüíneos, ele estava praticamente correto, refletiu Lily.

Crystal era filha única. Seu pai morrera antes de Ashley nascer e sua mãe estava numa

clínica geriátrica. Num bom dia, Dorothy Baird lembrava-se do próprio nome e nada mais. O último derrame a deixara praticamente incapaz de falar. Agora, a

redução

de suas capacidades mentais era uma bênção, pois não entenderia que a filha

tinha morrido.

Derek tinha um padrasto que morava em Palm Desert e isso era tudo. Isso, e

Sean Maguire.

- Ela é a minha... - Lily fez uma pausa, tomou fôlego, acalmou-se. - Ela era a

minha melhor amiga. - Pronto. Tinha conseguido falar. Tinha falado de Crystal

no passado.

- Essas crianças são como filhos para mim. - A força da sua própria convicção

surpreendeu-a. Ela nunca tinha falado daquela forma sobre a afeição que sentia por

aquelas crianças. Era movida por uma sensação estranha, o instinto de proteção de uma mãe águia abatendo-se sobre o ninho em defesa da própria ninhada. A situação

a assustava em toda a sua plenitude e ela percebeu que as crianças não precisavam dela como amiga ou professora. Precisavam dela de uma forma

131

que poderia mudar sua vida para sempre; precisavam de coisas que ela não tinha certeza se possuía.

Sean foi para a sala de estar.

- Vamos dar a notícia juntos.

- Elas não devem acordar por enquanto - disse ela. - Hoje não é dia de aula, então...

Ouviram um choro no andar de cima.

Não, pensou Lily. Ainda não, por favor. Deixe-as dormir mais um pouco, deixe-

as ter apenas mais alguns momentos felizes de ignorância.

O choro persistiu, tornando-se mais insistente. Lily e Sean se entreolharam.

- Eu vou lá - disse ela, indo na direção das escadas.

- Eu também.

Encontraram Ashley em pé no berço, as mãos agarradas na grade, o rostinho

enrugado preparado para mais um berreiro. Desistiu do choro quando avistou

Lily, sorriu

e estendeu as mãos que se abriram e fecharam como se para segurar o ar. Na

cama, do outro lado do quarto, Charlie se mexeu, mas não acordou.

Lily tentou acalmar Ashley enquanto a tirava do berço. A fralda da menininha

estava suja e pesada. Lily percebeu que Sean ficou hesitante sob o batente da porta

e a realidade conseguiu penetrar no torpor causado pelo seu estado de choque. Aquela criança estava completamente desamparada, era agora uma órfã sob os cuidados

de um tio que mais parecia uma criança grande e de uma mulher que tinha jurado nunca ter filhos.

- Eu cuido disso - disse ela, embora sua voz tenha soado trêmula de insegurança.

- Vou passar um café - disse ele, indo na direção das escadas. Lily ficou sozinha.

- Bela ajuda - murmurou, levando Ashley para o banheiro. - Exatamente do que precisamos.

- Tá bom - disse Ashley.

Lily achou que, fixando-se no rostinho de Ashley, conseguiria se controlar, mas

não foi o rostinho dela que precisou de atenção. Embora a garotinha

132

aguardasse com uma paciência curiosa, a falta de experiência de Lily ficou evidente quando se viu atrapalhada na troca da fralda.

A fralda até que saiu com certa facilidade, mas o macacão justinho de malha foi

difícil de tirar. Então Lily ficou com a fralda suja numa das mãos e a garotinha

na outra, tomando cuidado para que ela não caísse da mesa.

- Não posso simplesmente deixar você aqui para colocar isso no lixo - explicou

a ela.

Ashley arriscou algumas palavras e estalou os lábios:

- Quer suco - disse. - Quer biscoito.

- Daqui a um minuto. Vamos pôr a roupa primeiro. - Optou por deixar a fralda

em cima da bancada e colocá-la no lixo depois. Onde ficava a lata de lixo?, perguntou-se

desesperada.

Crystal podia não ser a rainha da organização, mas era de esperar que colocasse tanto o pacote de fraldas quanto a lata de lixo próximos do trocador.

- Lily tá triste - observou Ashley. - Chorou. Lily percebeu que estava com o rosto molhado.

- Tem razão - disse baixinho, passando um lençinho umedecido no rosto. -

Estou bem agora - assegurou, embora se sentisse tão descontrolada quanto um carretel se

desenrolando pelo chão afora. Não estava no domínio de si mesma. Sua melhor amiga estava morta e ela não podia se dar ao luxo de chorar por ela.

-

Vou ficar bem.

- Aplicou um sorriso no rosto. - Está bom assim? -Bom.

Deu uma olhada à sua volta, encontrando uma fralda, uma camiseta e uma calça de malha. Assim que levantou Ashley e a colocou no chão, viu rapidamente o seu reflexo

no espelho redondo da parede adornado por fadas cor-de-rosa.

Estava com a cara que achou que estaria, dadas as circunstâncias da noite que passara. Por dentro, nada mais seria como antes. Uma escuridão terrível se fizera,

obscurecendo todo o resto. Ao correr atrás da menininha que saiu em disparada na direção das escadas, Lily soube com irrevogável certeza que sua

vida nunca mais

seria a mesma. Sentia-se uma outra pessoa, uma estranha dentro do próprio corpo.

133

Asley segurou-se no dedo de Lily conforme foram descendo as escadas com uma lentidão excruciante, cada passo anunciando repetidas vezes a realidade

do que tinha

acontecido. Sean esperava ao pé da escada, seu rosto desprovido de qualquer expressão. Quando estavam no meio da escada, Lily pressentiu alguém atrás dela e virou-se.

- Charlie.

- Mamãe - disse Charlie numa voz sonolenta. - Cadê a mamãe?

- Mamãe! - repetiu Ashley com sua voz angelical.

Lily e Sean trocaram um olhar apavorado. A visão do rostinho de Charlie, inchado de sono, quase derrubou Lily novamente. Como?, pensou desesperada. Como contar para elas?

- Bom dia, querida - disse-lhe, acariciando os cabelos despenteados da garotinha.

- Oi, Lily, oi, tio Sean. Por que vocês estão com essa cara?

- Ei, pinguinho de gente - disse Sean. - Por que não vai ver se o Cameron já levantou?

- Ele nunca levanta cedo no sábado - observou Charlie. Séria, olhou para Sean e para Lííy. Seus olhos denunciaram uma compreensão profunda que fez

Lily sentir

um

arrepio na espinha.

- Está bem - disse com uma resignação silenciosa. - Vou buscá-lo.

- Ela sabe que alguma coisa está errada - disse Sean.

Lily pegou Ashley, levou-a para a cozinha e a acomodou numa cadeirinha alta.

- Ela sabe desde ontem. Sean pegou uma caixa de biscoitos e deu um para

Ashley, tomando conta dela como se fosse uma bomba-relógio. Ela o encarou

durante um momento

de silêncio eloqüente, para então pegar o biscoito da sua mão.

- Bigada - disse.

Parecia simpatizar mais com ele naquela manhã.

Lily pegou a xícara de chá que tinha deixado curtir mais cedo e tentou tomar

um gole, mas a infusão estava morna e amarga. Lembrou-se de que tinha

deixado o saquinho

na água antes de Sean chegar em casa. Isso acontecera décadas atrás,

numa era diferente, antes de ela saber que sua melhor

134

Amiga e Derek tinham saído da sua sala de aula no dia anterior e despencado

ribanceira abaixo.

- O que está acontecendo? - perguntou Cameron numa voz irritada de quem tinha acabado de ser acordado. Charlie correu na direção do tio.

- Eu o acordei e ele ficou zangado comigo.

Lily encheu de suco um copinho com tampa e o deu para Ashley. Cameron parou, impassível e desconfiado, uma das pernas sobre a soleira da porta, a

outra do lado de

fora, como se prestes a sair correndo.

Lily sentiu os olhos de Sean sobre ela. E agora?, ele parecia perguntar.

Essas pobres crianças, pensou Lily, trincando os dentes para reprimir um soluço. Estamos tão perdidos quanto elas.

Sean limpou a garganta. Ficou segurando a mão de Charlie e olhou dentro dos olhos de Cameron.

- Houve um acidente de carro ontem à noite...

Charlie enrugou o rostinho, encolheu os ombros e tremeu. Sean pôs os braços em volta dela. Lily aproximou-se de Cameron, com a mão estendida.

Ele ignorou o seu

gesto

e, bem defronte dos seus olhos, foi ficando tão frio quanto uma pedra, embora não esboçasse qualquer alteração em seu rosto.

- Sua mãe e seu pai estavam juntos no carro, tinha chovido bastante -

continuou ele com um sutil toque de incredulidade na voz - e o carro deles caiu,

bem... caiu

numa ribanceira.

Enquanto ouvia, Lily viu Sean ficando pálido e o rosto de Cameron privado de

qualquer expressão.

Uma gota de suor cintilou na frente e no lábio superior de Sean. Lily imaginou

o que aquela noite tinha representado para ele, enquanto o resto da casa dormia.

Analisou

os arranhões no seu rosto e nas suas mãos, sua camisa rasgada, as botas enlameadas do lado de fora da casa. Fora ele quem encontrara o irmão e

Crystal. O que aqueles

olhos assustados tinham visto? Será que ele os havia tocado? Teria chorado?

Imaginou todas essas coisas como se elas importassem, mas, para sua surpresa, estava anestesiada. Podia registrar os fatos, mas que Deus a ajudasse, não conseguia

associá-los a nenhum sentimento palpável.

135

Havia tantas coisas para sentir, para falar. Tantas coisas inexplicáveis para explicar. Abaixou vagarosamente a mão, tocando a de Cameron.

- Não sabemos o que dizer - murmurou ela.

- Vocês não têm que dizer nada. - Cameron encarou-a.

- Temos sim, mas não sabemos por onde começar.

- Por que vocês estão olhando para mim? - O menino soltou bruscamente a mão de Lily. Por uma fração de segundo, antes que aquela expressão perplexa

de um animal

ferido mascarasse seus sentimentos, seu rosto registrou choque e dor.

Vendo o seu sofrimento, sentindo-o atravessar a sua apatia, foi que percebeu algo ainda pior do que sua própria dor.

136

Capítulo 16

Sábado - 7:05

Sean lutou para encontrar as palavras e dizer o indizível. Sua boca estava seca como pó.

- E onde eles estão? - quis saber Cameron.

- Mamãe - disse Charlie num fio de voz.

- A equipe de resgate os tirou do carro. - Sean ainda podia ver o clarão das luzes dos refletores ligados a um gerador de energia, as faíscas da serra utilizada

para fazer uma incisão na cabine esmagada, a decepção mdisfarçável no rosto

já preparado dos bombeiros. Eles eram treinados para salvar as pessoas.

Recuperar cadáveres

era a última coisa que queriam fazer.

Um deles, carregando uma valise e um tanque de oxigênio, parara para ver o

estado de Sean.

"E você?", perguntara-lhe. "Você está bem?"

"Não estou ferido", respondera com a boca seca. Sentira uma névoa entorpecente o envolvendo, embotando a sua visão, amortecendo o som, abrindo uma distância entre ele e o mundo.

"Fique parado", dissera-lhe o rapaz. "Vou limpar esses cortes."

137

"Não precisa se..."

"É o meu trabalho." Jogou um cobertor por cima dos seus ombros e pôs a valise no chão, onde ela se desdobrou como um banquinho. Continha uma variedade de máscaras, tesouras, fórceps, tubinhos e bandagens, instrumentos que Sean não saberia identificar. Então o bombeiro acendeu a lâmpada do capacete e da sua lanterna.

Sean fez uma careta diante do clarão assim que a luz da lanterna golpeou suas pupilas.

"São só alguns arranhões."

"Então não vai demorar."

O bombeiro abriu um bastão adstringente, um anti-séptico, algumas ataduras

para fechar os cortes e, com uma delicadeza surpreendente, limpou os ferimentos do rosto

e das mãos de Sean.

Quando tentou protestar mais uma vez, o bombeiro olhou aborrecido para ele.

"Ei, meu camarada, você está um lixo, tá bem? É melhor não falar com a família desse pessoal assim,"

Ele tinha razão, mas Sean tremia tanto que um segundo bombeiro precisou vir

para mantê-lo quieto. As luvas de borracha pareciam quentes e ásperas em contato com

sua pele. Um deles estava mascarando chiclete de hortelã, o aroma era distinto e

forte, mas não o suficiente para disfarçar o cheiro desagradável de óleo de motor

e sangue. O bombeiro que segurava as ataduras posicionou-se entre Sean e o carro amassado, provavelmente de propósito, para que ele não visse o trabalho funesto

da remoção dos corpos. Por cima do ombro do bombeiro, Sean observou o

dia nascer além da ribanceira destruída, do precipício, das faixas de "proibido

ultrapassar".

"Eles têm família por aqui?", perguntara o bombeiro, revirando sem parar o chiclete entre os dentes da frente.

"Três filhos", dissera-lhe Sean.

"Cara, isso é duro."

Na cozinha agora banhada pelo sol dourado da manhã, Sean ainda estremecia com o eco dessas palavras.

- Seu pai e sua mãe não resistiram - disse ele às crianças. - Os bombeiros disseram que eles morreram... em seguida. Não sentiram qualquer dor nem pareciam assustados.

138

Sean sentiu Charlie tremer em seu colo feito um filhote de passarinho caído do ninho. Abraçou-a forte e abaixou a cabeça, repousando o queixo em seus cabelos

macios.

Ele queria envolvê-la por completo, engoli-la, formar com o seu corpo uma concha protetora ao seu redor.

- Estou tão triste - disse ele. - Tão, tão triste. - Nunca aquelas palavras soaram

mais inadequadas.

- Agora você vai dizer para a gente o que aconteceu com o seu rosto? -

perguntou Charlie num murmúrio cheio de medo.

- Foram só uns arranhões - respondeu ele baixinho. - Esbarrei nuns galhos.

- Está doendo?

- Vou ficar bem.

- Quem vai tomar conta da gente?

- Eu, querida. - O policial que estava no local do acidente verificara que Sean

era o parente mais próximo e que as crianças já estavam sob seus cuidados.

Mais

tarde,

uma assistente social avaliaria a situação para se certificar de que as crianças

estavam num ambiente adequado. Sean mal tivera tempo para analisar as conseqüências

daquela situação, mas não havia nada neste mundo que o faria olhar nos olhos

de Charlie e dar a ela menos do que o seu total comprometimento.

- Nós dois vamos - disse Lily. A voz firme, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Cameron ainda não tinha arrastado o pé do batente da porta. Ele estava

sofrendo, tenso,

mantendo as emoções guardadas só para si. Provavelmente mais do que qualquer um dos presentes, sabia bem que o seu mundo havia se partido como

um iceberg se parte

durante a noite e que nunca mais o poria de volta no mesmo lugar. A vida, da

forma como ele a conhecia, tinha acabado, sua infância tinha ficado para trás.

Lily pegou sua mão novamente, muito embora ele a tivesse rejeitado momentos atrás.

- Cameron, sinto muito.

Mais uma vez ele livrou-se dela e deu um passo para trás.

- E agora? - perguntou com a voz estridente de raiva.

Lily lançou um olhar para Sean, seus olhos tomados de tristeza. Ela parecia prestes a surtar, mas conseguiu controlar-se. Seus olhares se sustentaram

139

por um longo momento. Ele mal conhecia aquela mulher e, no entanto, reconhecia a dor que via em seus olhos. Então ela piscou e o momento passou, e eles se tornaram

apenas dois estranhos novamente.

- Cameron - disse ela -, nós ainda não sabemos ao certo. Temos que dar um passo de cada vez.

- Mais - disse Ashley, balançando o copinho.

Sean, Lily e Cameron moveram-se na mesma hora para atendê-la. Estavam todos desesperados para fazer alguma coisa normal: dar suco à pequenina, limpar uma migalha

da sua boquinha, atender o telefone.

Ele não podia acreditar que alguém estivesse ligando àquela hora da manhã.

Talvez fosse Maura. Talvez fosse a polícia rodoviária dizendo que tudo fora um

engano,

que ele tinha se deparado com um outro acidente. Afastou Charlie para o lado e arrancou o telefone da parede.

- Alô?

- Aqui é Melanie Larkin do Jornal KBUZ. Estou ligando para saber dos detalhes

sobre a tragédia na Estrada 101...

- Vá pró diabo! - gritou, batendo o telefone na cara da jornalista.

- Diabo! - repetiu Ashley, batendo com o copinho. Charlie observou-o com os

olhos arregalados.

Ele sentiu o pescoço ficando vermelho.

- Desculpem o meu linguajar. Era uma jornalista querendo saber sobre o acidente.

- Como eles sabem o telefone daqui? - perguntou Cameron.

- Eles monitoram toda a frequência da polícia e dos bombeiros pelo rádio - disse Sean. - Não faço idéia de como conseguiram o número...

O telefone tocou novamente.

- Dê uma olhada no identificador de chamadas - disse Lily. Cameron olhou para

a telinha.

- É de um celular. Não conheço o número.

- Então deixe tocar - disse Lily.

- Melhor do que isso, vamos desligar essa porr... essa droga de aparelho. - Sean arrancou a tomada da parede.

Num outro canto da casa, uma outra extensão continuou a tocar até ser atendida pela secretária eletrônica. A voz gravada de Crystal surgiu como um

fantasma diáfano

se movendo entre cada um deles.

140

Charlie deixou a cabeça cair para o lado ao ouvir a gravação.

- Mamãe - sussurrou.

No silêncio que se seguiu, Sean sentiu repentinamente cada centésimo de segundo da noite que passara sem dormir.

- Vamos nos sentar de novo - disse ele.

Charlie pulou de volta para o seu colo e ele achou o calor, o peso do seu corpinho e o cheirinho adocicado dos seus cabelos estranhamente

reconfortantes. Ao mesmo

tempo, sentiu-se culpado por encontrar conforto naquela criança apavorada e

ferida.

Lily pôs um pouco de cereal numa tigela plástica e a deu para Ashley.

- Bigada - agradeceu a menina.

- De nada.

Cameron ainda estava arredio, irritado. Empoleirou-se na cadeira como se pronto para escapar.

O telefone tocou novamente.

- Por que tem tanta gente ligando? - Charlie choramingou.

- Infelizmente, acho que muitas pessoas vão ligar - disse Lily.

- É por causa do papai - disse Cameron. - Porque ele é famoso.

- Porque tanto o seu pai como a sua mãe conhecem um monte de pessoas que

gostam deles e que estão preocupadas com vocês. Nós vamos ignorar as

chamadas e falar só

com quem sentirmos vontade, certo? - disse Lily.

- Estão enviando alguém da polícia rodoviária para cá a qualquer momento -

disse Sean.

- Para quê? - perguntou Cameron. - Vão multar o papai? - Sua raiva estava endurecendo como epóxi, ficando mais dura a cada minuto.

- Eles provavelmente vão fazer algumas perguntas. É o procedimento. - Não concluiu a resposta. Procedimento padrão num acidente fatal foi o que lhe disseram no local

do acidente. - Vão mandar uma assistente social para se certificar de que todo

mundo está bem. De qualquer maneira - continuou -, precisamos avisar a Jane.

- Ela já deve estar sabendo - deduziu Lily.

- Ainda assim precisamos ligar para ela. E vou ligar para o meu pai na Califórnia. - Sentiu-se tonto novamente. Como faria aquilo? Como pegaria

141

o telefone e diria as palavras o Derek está morto? - E quanto à família da Crystal?

- O pai dela já morreu, a mãe está numa clínica geriátrica - respondeu Lily. -

Ela não tem mais ninguém.

- A vovó Dot está doente - Charlie informou. - Ela não reconhece ninguém.

- Ela teve uma série de derrames e o último foi muito forte - explicou Lily.

Sean suspeitou de que ela não queria entrar em maiores detalhes na frente das crianças.

O peso de Charlie, por menor que fosse, estava começando a ficar excessivo.

Seu corpinho ossudo pressionava o dele.

- Então é melhor mesmo ligar para a Jane - disse Lily.

Alguma coisa naquele tom autoritário o incomodou. Deu uma olhada no relógio

e assentiu com a cabeça. Os jornais da manhã certamente fariam sobre o acidente. Pensou

em Maura. Enquanto voltava de carro do local do acidente, tinha ligado para

ela, mas não conseguira falar. Deixara um recado: "Ligue para mim assim que

receber esta

mensagem. É importante."

Ela ainda não tinha ligado.

Lily estava pálida e trêmula. Sean teve a impressão de ver uma espécie de halo à sua volta, fino e frágil como uma camada de gelo em torno de um

graveto. Não

demoraria

muito para ela se partir. Ele suspeitou que as crianças eram a única razão pela

qual ela se mantinha sob controle.

Sean acariciou a cabeça de Charlie.

- É melhor eu ligar.

Ela desceu do colo do tio e Lily abriu os braços.

- Bem-vinda a bordo.

Com o rosto triste, Charlie obedeceu encostando o rosto no peito de Lily. A menina estava chorando sem emitir um som sequer. Sean achou uma caixa de lencinhos-de-papel

e a pôs na mesa ao lado dela.

- Pra mim também - pediu Ashley, abrindo e fechando as mãozinhas. O tio olhou para Cameron. O filho de Derek estava perdido em algum lugar, os olhos

vidrados na

janela.

142

- Cameron, fique de olho na Ashley enquanto faço essa ligação - disse-lhe.

Cameron concordou e pôs mais suco no copinho da irmã.

Ele pegou um pedaço de papel com o telefone de Jane e fez a ligação do seu próprio celular. Como vou contar?, perguntou-se, percebendo como sua mão

tremia. Tentou

fazê-la parar de tremer. Enquanto aguardava, andou a esmo pelo pátio. Não

fazia idéia do que dizer àquela mulher, como dar a notícia a ela. Queria fazê-lo

da forma

correta, mas mal conhecia a namorada do irmão. Pensou que ele e Derek

ficariam mais próximos agora que tinha voltado do exterior. Pensou que teriam

todo o tempo

do mundo.

- Jane - disse, quando a secretária eletrônica atendeu. - Me ligue assim que

receber esta mensagem. - Deixou o número e respirou fundo ao sair pelo

portão do quintal.

O mundo parecia exatamente igual, como se nada estivesse errado. O ímpeto

de continuar andando era forte. Já havia fugido de outras coisas antes,

recusando-se a

fazer dos problemas dos outros um problema seu.

Então, tão logo chegou ao fim da entrada de carros, uma lâmpada ofuscou

seus olhos, cegando-o momentaneamente.

- Dêem o fora daqui! - gritou, incapaz de enxergar em decorrência do clarão da

luz vermelha de um flash.

143

Capítulo 17

Sábado - 14:15

- Obrigada por terem vindo - disse Lily, mantendo a porta dos fundos aberta para o policial da patrulha rodoviária e a assistente social.

- Me ligue a qualquer hora do dia ou da noite - disse Susie Shea, a assistente social que tinha abraçado aquela causa com unhas e dentes. Ela passara horas na casa,

ajudando-os a enfrentar o dia e explicando-lhes, passo a passo, o que iria acontecer. Embora compadecida, não pôs panos quentes na situação. As crianças estavam

agora, pelo menos temporariamente, sob proteção do Estado, sujeitas a uma supervisão rigorosa e a relatórios regulares.

Lily fechou a porta após a saída deles e descansou um pouco, apoiando a testa

no batente. Nunca se sentira tão exausta em toda a sua vida. Parecia que tinham aberto

um buraco nela e sugado toda a sua energia sem sobrar nada, exceto uma dor

devastadora. Afastou-se da porta e percebeu uma pilha de livros da biblioteca

em cima

da mesa do corredor - Um Cruzeiro pelo Caribe, Genética para Leigos, A Vida

nas Clínicas Geriátricas, Horton - o Elefante. De acordo com a etiqueta no verso, todos

já estavam com o prazo de entrega vencido. Ao lado dos livros, tinha um recibo

de

144

lavagem a seco e outro da revelação de um filme. A realidade veio à tona. Aquilo era uma vida interrompida, tarefas do dia-a-dia que nunca ficariam prontas; e a perspectiva de pôr tudo em ordem exerceu uma pressão violenta sobre o já insuportável peso do sofrimento.

Os filhos de Crystal estavam órfãos agora. Lily mal podia pensar no assunto.

Aquelas crianças estavam completamente sós no mundo. Por enquanto, o programa de adoção

as colocaria sob os cuidados de Sean Maguire e elas viveriam lá com ele. Lily

procurou não se deixar abater, dizendo a si mesma que este seria o procedimento

lógico

- sob a ótica do programa do bem-estar infantil. O parente consangüíneo mais

próximo, Dorothy Baird, não tinha condições de saúde de entrar em cena, portanto,

Sean

era o próximo da fila no momento, pelo menos até saberem se havia ou não algum tutor legalmente designado. Quando a sra. Shea lhe explicara os

procedimentos, ele

parecera extremamente chocado ao dizer-lhe: "Sim, acho que está tudo bem."

Lily não tinha certeza se ele tinha entendido. Certamente teria dado a mesma

resposta se ela tivesse perguntado: "Quer batatas frias como acompanhamento?"

Todas as três crianças começariam imediatamente a ser acompanhadas por uma psiquiatra. Charlie e Cameron corriam alto risco de ficarem traumatizados

por problemas

decorrentes do abandono. O risco de isso acontecer com Ashley era menor.

Ela talvez não sofresse nada; era muito cedo para dizer.

Enquanto empilhava cuidadosamente os livros ao lado da porta, Lily tentou convencer-se a aceitar a situação. O inconcebível havia acontecido, aquilo que

as pessoas

nunca acham que possa de fato acontecer. Tudo o que desejava era que

Crystal e Derek tivessem se preparado para uma situação dessas. Por um curto espaço de tempo,

Sean Maguire ficaria no comando. Sean Maguire.

- Que sorte a deles - Lily falou baixinho.

- Sorte de quem? - perguntou Sean.

Assustada com aquela voz masculina, Lily virou-se nervosa e secou as mãos

nas coxas. Maguire a deixava desconcertada, ou talvez não fosse ele. Talvez fosse toda

aquela situação surrealista.

145

- Onde estão as crianças? - Lily tentou desviar o assunto.

- Lá em cima. A Ashley está tirando uma soneca. A Charlíe assistindo a um filme e o Cam está.., está com o olhar parado na janela. Sorte de quem? -

perguntou ele

novamente.

- Nada. Eu só estava pensando alto. - Largou os livros e deu uma olhada no envelope na mão dele. Era a papelada que delineava os procedimentos para a

tutela das

crianças. - Você tem certeza de que está disposto a levar isso adiante? -

perguntou ela.

- Disposição não tem nada a ver com isso. São os filhos do meu irmão. Sou tudo o que eles têm.

- A Crystal gostaria que eu tomasse conta dos filhos dela - disse-lhe

abruptamente.

- E como você sabe disso? Ela deixou algum recado ou coisa parecida! Lily respirou fundo, esforçando-se para ignorar o tom daquela voz.

- Sou a madrinha deles. E conversamos sobre isso depois que a Ashley nasceu

e a mãe dela teve o primeiro derrame sério. Ela me disse que estava revendo o

testamento

e, se algum dia alguma coisa acontecesse a ela e ao Derek, eu tomaria conta das crianças. - Lily e Crystal tinham brincado com relação a isso.

"Você, com esse seu voto de nunca ter filhos", Crystal implicara com ela. "Pode ser que um dia desses você acabe com três." Riram juntas, imaginando o

mundo organizado

de Lily de pernas para o ar por causa do caos da vida familiar. É claro que tinham rido. Aquela idéia era ridícula.

Embora não tivesse dormido praticamente nada na noite anterior, Lily caminhou agitada pela sala.

- Sabe como é, foi uma dessas conversas sobre coisas que nunca vão acontecer.

Ele concordou com a cabeça.

- Entendo. A sra. Shea disse que a maioria dos casais não se preocupa em

fazer um testamento, mas tenho quase certeza de que o Derek e a Crystal fizeram. Ainda assim,

designar alguém para tomar conta dos filhos... - Sacudiu a cabeça. - A maioria

pensa: para quê? É como comprar seguro de passagem aérea.

146

- Eu sempre compro seguro de passagem aérea - disse Lily em voz baixa.

Estava começando a sentir-se cansada, talvez um pouco doente. - Eu disse a

Crystal que sim,

claro que eu tomaria conta dos filhos dela. Era para eu assinar alguma coisa

que a advogada dela ia redigir, mas nunca mais falamos no assunto. E por que

falaríamos?

Coisas assim simplesmente não acontecem.

Ele era um homem de uma frieza desconcertante, esse Sean Maguire. Em silêncio, após analisá-la com um olhar indecifrável, perguntou:

- E o Derek também queria isso?

Lily sentiu uma pontada de indignação.

- Não sei o que ele queria. - Exceto o divórcio. Ele queria isso e conseguiu nos

termos desejados, o que incluía a guarda partilhada das crianças.

Ela absteve-se de dizer qualquer coisa. Aquele homem tinha perdido um irmão.

A idéia que ela fazia de Derek não diminuiria o seu choque, a sua dor, tampouco a dela.

Tudo bem, disse a si mesma, controle-se. Cada vez que tentava pensar com clareza, um pensamento acachapante detonava em sua cabeça. Crystal estava

morta.

Como podia ser verdade?, perguntou-se, olhando ao redor da cozinha. A caneca com a marca do seu batom ainda estava no peitoril da janela. Não era

para ela ter morrido;

havia várias coisas a serem feitas, compromissos marcados no calendário com

sua caligrafia apressada. Era para ela voltar para casa, para as crianças, para a vida

dela. Parecia impossível que não voltasse.

Lily franziu os olhos e imaginou uma série de cenas claras como uma apresentação de slides favoritos - Crystal como uma adolescente espevitada, rindo ao ensinar

Lily a virar cambalhotas. E mais tarde como mulher jovem, emocionada com a

vitória, ao ser a escolhida entre as doze participantes de um concurso de

beleza. Crystal

como noiva, parecendo uma personagem de um conto de fadas, e depois como

mãe, banhada de suor e de triunfo momentos após dar à luz os filhos. Ontem

mesmo ela se

sentara na sala de aula de Lily, rasgando um lenço-de-papel, contendo as lágrimas enquanto falava sobre sua filha problemática. Fora sempre tão vibrante, tão espantosamente

viva. Como vou continuar a viver apegada a todas

147

essas lembranças?, perguntou-se. Como vou ajudar as crianças a viver assim?

Este pensamento ficou revolvendo-se sem rumo na cabeça de Lily. Seu coração abrigara uma amiga querida. E agora... nada mais, exceto um terrível

e intenso vazio

onde Crystal habitara.

Lily abriu os olhos e olhou para Sean.

- E você e o Derek alguma vez já falaram sobre isso?

- Não. Nunca. É como você disse. Não se pensa nisso. Ninguém pensa.

- Essas crianças precisam de respostas agora. Precisam saber o que vai

acontecer com elas, não só o que vai acontecer na próxima semana, mas no próximo ano e pelo resto da vida delas.

- Eu sei.

Susie Shea havia lhes pedido a elaboração de um plano temporário para as crianças, a fim de se certificar de que elas ficariam bem a curto prazo.

- Acredito que vamos descobrir mais coisas até o final da semana - disse Lily. -

Você sabe, quando os testamentos serão lidos.

Um silêncio constrangedor estabeleceu-se entre eles. O som distante da TV repercutia pela casa.

- E quanto a Jane Coombs? - perguntou Lily. - Achei que ela viria tão logo ouvisse as notícias.

- Eu também.

- Mas...?

- Ela ficou histérica quando soube. Ofereceu-se para vir em seguida, mas eu disse para esperar até que se controlasse. Não seria bom para as crianças vê-la daquele jeito.

- Ela estava prestes a se tornar a madrastra delas - disse Lily. - Como pôde ficar

de fora? - Levantou-se procurando por algo para endireitar ou limpar. Pegou a

caneca

com a marca do batom, começou a limpá-la, mas deteve-se. Guardou-a numa

prateleira alta, com batom e tudo. Virou-se e viu Sean olhando inexpressivo para ela.

Ela absteve-se de lhe dar qualquer explicação, dizendo:

- E agora? As crianças precisam de respostas, Sean. Elas precisam saber quem vai preparar o café da manhã delas, quem vai levá-las para a escola.

Precisam saber

com quem vão passar o Natal, quem vai assinar as

148

permissões de saída e levá-las ao médico quando estiverem doentes. É disso que precisam. E precisam disso exatamente agora, não depois do enterro ou

da leitura do

testamento.

- Epa, devagar. Uma coisa de cada vez. - Ele uniu as pontas dos dedos e franziu a testa. - Vamos traçar um plano.

Lily sentiu uma leve pontada de pânico no momento em que concordou com a

cabeça. Não estou pronta, pensou. Não posso fazer isso. Então se lembrou de

que eram os

filhos de Crystal. Não importava o quanto se sentisse despreparada para o incidente.

- Posso ficar durante os finais de semana - disse devagar. - Vou tirar a próxima

semana de folga para ficar com elas. - Lily analisou-lhe o rosto, os olhos assustados.

- Você concorda?

- Eu... concordo, obrigado. Por enquanto vamos ficar com esse plano. -Ele olhou na direção das escadas. - E para dormir?

-Vou ficar no quarto de hóspedes - ela se apressou em dizer. -Não poderia, de

forma alguma, dormir na cama de Crystal.

Ele olhou para a pilha de livros que a assistente social tinha deixado como ajuda - Crescendo Forte, Suporte e Aconselhamento para Crianças,

Entendendo o Programa

de Adoção, Dicas para a Transição da Infância para a Adolescência. Eram o tipo de livros que Lily via na sala dos professores ou na biblioteca da escola e,

até então,

eles sempre lhe pareceram remotos e teóricos. Agora, os próprios títulos a assustavam.

- Estou imaginando se, hum... - Sean fez uma pausa e engoliu em seco. -

Talvez você pudesse me ajudar com o quarto dela.

Lily sabia exatamente o que ele estava pedindo.

- Vamos mudar os lençóis e arranjar espaço no armário. Sei onde ela guarda tudo.

Grato, sua expressão se suavizou. Lily pôs-se a trabalhar feito um robô pegando lençóis limpos do armário e fazendo a cama. Havia uma certa familiaridade curiosa

e desconcertante naquela situação, e ela fez tudo apressadamente. Então encheu uma grande mala com acabamento de gobelino, colocando dentro dela

vestidos e lenços

de seda, saias, blazers e sapatos. Trabalhou apressada, tentando não pensar no que estava fazendo de fato - guardando aquelas coisas porque Crystal estava morta.

Tão logo fechou o zíper, percebeu a etiqueta presa à mala - "Manuseie com cuidado".

149

- Por enquanto, ponha isso na prateleira - disse a Sean. - Ainda é muito cedo

para... - Lily limpou a garganta. - Não vamos nos desfazer de nada por enquanto.

- Por mim, tudo bem. - O telefone tocou e ele afastou-se para atendê-lo.

Lily terminou de esvaziar o armário impregnado com o perfume familiar da amiga. Com as malas arrumadas ficava fácil imaginar que Crystal não tinha morrido, apenas viajado.

Pegou um livro na mesa-de-cabeceira. Os Pecados do Pai, de Gail Goodman.

Uma página estava marcada por um cartão de visitas com a logomarca da Escola Laurelhurst.

Era o cartão de Grég Duncan, o professor de educação física e técnico de golfe. Lily abriu o livro. Crystal estava bem no meio do romance. Nunca saberia

como ele

terminava.

Sean desligou o celular.

- O empresário do Derek está vindo para cá. Ele pegou um avião em Los Angeles assim que eu o avisei. Ele cuida de todos os negócios do Derek.

Ele tomará conta dos filhos dele? Lily sabia que não precisava perguntar:

- O nome dele é Red Corliss - continuou Sean. - Ele, hum, ele marcou uma

reunião com a imprensa.

- Uma reunião com a imprensa? - Lily parecia incrédula. - Me diga que você

está brincando.

- Também não gosto da idéia - disse ele -, mas o Red sabe o que está fazendo.

Ele acha que dessa forma podemos controlar as informações e, se tivermos sorte, manter

a imprensa afastada do caso.

Ela tremeu diante da simples idéia de anunciar a morte de Crystal, como se ela

tivesse ganho mais um concurso de beleza. Virando-se para Sean, procurou pelo seu

rosto, sentindo uma intimidade curiosa e inesperada com aquele estranho. Eles

se conheciam há menos de vinte e quatro horas, mas, ainda assim, existia um

vínculo

terrível entre eles, forjado pelo inconcebível.

- Você sabe o quanto odeio isso? - perguntou Lily.

- Sim - disse ele. - Sei.

## Capítulo dezoito

Sábado - 15:20

Red Corliss chegou à cidade soltando fumaça como um trem de carga, ditando ordens aos berros no telefone celular, atropelando tudo o que aparecia à sua

frente. Quando

Sean era mais jovem e cliente de Red, sentia uma certa veneração pela agressividade do empresário e pela sua maneira brusca de agir. Agora, doze anos depois,

via

Red da forma como ele era, um profissional ambicioso e confiante cuja atitude

mascarava um coração surpreendentemente amoroso.

Em pouco tempo Red tinha dado um jeito de contatar os jogadores mais importantes e reuni-los no Echo Ridge, o campo de Derek. Uma hora depois,

chegou à casa de Crystal.

- Como foi? - perguntou Sean, abrindo a porta para ele.

- Foi, simplesmente. Passei as informações, divulguei a declaração que redigimos, disse a eles para respeitarem a privacidade da família, blablablá.

Vão fazer o

que quiserem com isso. Se souberem o que é melhor para eles, vão noticiar os

fatos, não as fofocas.

Da noite para o dia, os boatos inevitavelmente tinham começado a pipocar. O

que um casal divorciado estava fazendo junto numa estrada costeira

151

remota? Teria sido mesmo um acidente ou alguma armação? Red se incumbiu

de contar ao mundo que aquele fora um acidente terrível em todos os sentidos

da palavra e

que a insinuação de qualquer outra possibilidade seria um terrível insulto para

a família das vítimas.

- Red

- Charlie correu para a sala de estar, os braços abertos para cumprimentá-lo.

- Olha você aí, Princesa Carlotta. - Red pôs a pasta no chão e a tomou em seus braços.

- Todas as vezes que penso na mamãe e no papai eu choro - disse ela. - E eu penso neles o tempo todo.

- É claro que sim, querida. - O exterior rude de Red derreteu-se. - Eles te

amavam de todo o coração.

- Isso não adianta nada se eles não estão aqui comigo - disse ela.

- Eu sei, princesa, eu sei. Onde estão seu irmão e sua irmãzinha?

- A Ashley está na cozinha com a Lily.

- Quem é Lily?

- Minha professora.

- Ela era amiga da Crystal - disse Sean. - Está aqui com as crianças desde que tudo começou.

- O Cameron está no quarto dele - Charlie disse a Red - ouvindo aquelas músicas idiotas que ele gosta.

- Vou lá em cima buscá-lo - disse Sean, saindo na direção das escadas.

Encontrou Cameron deitado na cama, os olhos fixos, perdidos no teto. Estava

com os fones

no

ouvido, o pequenino iPod balançando no peito como um marca-passo. A

expressão em seu rosto era de um contentamento surpreendente. A música podia não salvar ninguém,

pensou Sean, mas, de vez em quando, só por um curto intervalo de tempo, podia ocupar os espaços vazios de alguém. Os fones emitiam um som fraco e

abafado, e Cameron

demorou um pouco a tirá-los dos ouvidos quando percebeu a presença do tio.

- Como você está? - perguntou.

- Estou bem.

- O Red está aqui. Ele precisa falar com todos nós.

152

- Sobre o quê?

- Sobre um monte de coisas. - Era difícil decidir por onde começar novamente.

- Sobre o enterro. E outras coisas também. Precisamos nos encontrar com os

advogados

da Logan, Schwab & Fuller para saber o que seus pais queriam para vocês.

- Isso é fácil - disse Cameron, sombrio, o olhar duro. - Eles queriam...  
Deixa pra

lá.

- O que você ia dizer?

- Deixa pra lá. - Cameron atirou o iPod em cima da cama. - Vamos ver o Red.

Sean procurou por recados no seu telefone. Nenhuma resposta de Maura, percebeu. Fora da cidade num seminário, ela não tinha como saber o que

estava acontecendo

com

ele, mas, pelo menos, poderia responder às drogas dos seus recados.

Foi obrigado a engolir sua irritação. Não era hora de pensar em si ou no seu sofrimento, e sim de descobrir o que seria melhor para os filhos de Derek. Se

começasse

a lamentar sua perda em toda a sua intensidade, poderia ser sugado para o interior de um buraco escuro e tão fundo que nunca mais acharia a saída. E isso faria dele

um inútil para aquelas crianças. Por Deus, Derek, pensou. Como é que eu vou

fazer? Ele e Cameron foram para a sala de estar onde Red, Lily e as meninas

estavam esperando.

Sean ficou um segundo parado sob o batente da porta e olhou para Lily. Ela estava lá desde as últimas vinte e quatro horas tomando conta das crianças o melhor

que

podia. Não tinha trocado de roupa, mal conseguira tomar uma chuveirada e, quando Sean passara pela porta do banheiro e ouvira-a chorar, deteve-se e

pôs-se a imaginá-la

soluçando toda molhada. Agora estava com Ashley no colo e Charlie aninhada

ao seu lado, tinha o rosto pálido pelo choque, tenso por conter seus sentimentos. Ainda

assim, quando olhou para Sean, ele percebeu uma leve hostilidade nela. Ela se sentia muito possessiva em relação àquelas crianças. Bem, para o diabo, ele também.

Red apertou a mão de Cameron, tratando-o com um tipo de dignidade que não

parecia forçada. Eram todos aliados. Havia pequenos sinais de cortesia aqui e

acolá.

153

Sean sinalizou com a cabeça para o empresário e sentou-se numa cadeira de couro. A seguir, pegou uma pasta grossa com alguns documentos e folhetos.

- Vai haver uma cerimónia fúnebre para a mãe e o pai de vocês - disse. - O

Red, a Lily e eu vamos fazer o possível para que ela seja bem organizada.

Sean lançou um olhar interrogativo para Lily e ela fez um movimento quase imperceptível com a cabeça.

- Não queremos que vocês se preocupem com nada, a não ser com a sua

adaptação a essa nova situação - disse ela.

- Não quero me adaptar - disse Charlie. - Não quero me adaptar nunca.

- Querida, não temos escolha - disse Lily. - Eu gostaria muito que tivéssemos,

mas não temos. O funeral é para celebrar a vida deles. Muitos amigos vão aparecer.

Precisamos saber se vocês gostariam de alguma coisa especial para a missa, alguma música ou a leitura de um texto.

- Que tipo de música? Que tipo de leitura? - perguntou Charlie com os olhos assustados.

- Algum trecho pequeno, talvez da Bíblia ou de um livro que você tenha lido,

para lhe trazer conforto. Ou uma música especial também - disse Lily.

- Não gosto de ler - disse Charlie.

- Normalmente é outra pessoa que faz a leitura.

- Eu gosto de O Cisne Apaixonado - sugeriu Charlie. Cameron bufou, impaciente.

- Não esse tipo de leitura.

Lily pôs a mão na manga de sua camisa para que ele se calasse. Funcionou.

Cameron voltou os olhos para a janela. Charlie ficou olhando para seus tênis

cor-de-rosa.

- Vocês não precisam pensar em nada agora - disse Sean. - Falem com a gente mais tarde se pensarem em alguma coisa, tudo bem?

Todas as três crianças estavam surpreendentemente controladas, caladas. Até

mesmo Ashley estava quietinha e observadora, sem entender nada, mas percebendo o estado

de espírito de todos. Sean fez o possível

154

para explicar o que ia acontecer, então disse que ele e Red teriam de sair para

se encontrar com o pessoal da agência funerária. Parecia surrealista a idéia de

ir

a uma funerária para decidir como enterrar o irmão. O ímpeto de sair correndo

era grande.

- Quando você vai voltar? - perguntou Charlie.

Pela primeira vez na sua vida, ele não estava livre para sair correndo. E reprimiu tal desejo.

- Mais tarde, à noite, depois que você já estiver dormindo. A Lily vai ficar com

vocês hoje à noite.

- Lily - disse Ashley, apontando para ela com autoridade.

- Vou passar a semana toda aqui com vocês - disse Lily. A escola vai colocar uma professora substituta no meu lugar e você e o Cameron podem ficar em casa em vez

de irem para a escola. - Ela olhou para Cameron. - Quer dizer, se vocês preferirem assim.

- Não me importo de perder uma semana de aula - disse ele. Com Ashley no colo, Lily acompanhou Red e Sean até a porta.

- Ligue para mim se precisar de qualquer coisa - disse-lhe Sean.

- Ligo.

Red entregou-lhe o seu cartão.

- O mesmo com relação a mim. Ouça, tem alguma coisa que você acha que a

Crystal gostaria? Quer dizer, para a missa?

Lily mordeu o lábio.

- Ela adorava flores. De todos os tipos. E rosa. Rosa era a sua cor favorita.

Depois falo sobre a música.

- Faremos o melhor - disse Sean.

Assim que se afastou da casa silenciosa, Sean desejou ter ficado por lá.

Gostaria de poder fazer qualquer coisa, exceto o trabalho sombrio de preparar

o funeral

dos pais daquelas crianças. Olhou para trás e viu Lily de pé à porta, os braços

em volta de Ashley, como um escudo. Ela trazia uma expressão determinada

no rosto

e a brisa revolvava seus cabelos. Sean levantou a mão num aceno tímido. Ela não acenou de volta; virou-se e entrou em casa, trancando a porta.

- Lembro-me de encontrá-la uma ou duas vezes quando a Crystal e o Derek ainda eram casados - disse Red, percebendo o olhar de Sean. -

155

Não a conheço bem, mas apósto que aquele jeito todo nervosinho não é próprio dela. Está sofrendo. E muito.

- É, mas, bem, ela não é a única. E é a menor das minhas preocupações.

Red entrou no carro alugado e que já exalava o aroma dos seus charutos favoritos.

- Pense bem, garoto. Ou você a mantém do seu lado ou pode se preparar para

a briga.

- Que diabo você está querendo dizer?

- Talvez nada. Agora, quanto ao torneio Redwing...

- Fora de cogitação.

- Eu sei. Tudo está fora de cogitação até essa história acabar. Sean odiou o pensamento que passou pela sua cabeça. Eu não ficaria nem um pouco surpreso se o

Derek

ferrasse com a minha chance de voltar

156

Capítulo dezenove

Sábado - 19:05

Quando Sean e Red terminaram a reunião com o agente funerário, Sean voltou para casa e percebeu que havia ocorrido uma troca de guarda.

Prometendo que voltaria

logo,

Lily saiu na noite fria e úmida. Pela primeira vez em horas, respirou profundamente um ar menos sobrecarregado. Não podia acreditar como se sentia fisicamente esgotada.

O que tinha feito o dia inteiro, exceto andar de um lado para o outro e se preocupar?

Enquanto dirigia para casa, um desejo de fuga permeou seus pensamentos.

Estava sozinha novamente, no comando da própria vida. Se escolhesse, poderia passar direto pela avenida que dava para a sua rua e ir para a próxima cidade, para Portland, para o aeroporto.

Aquela fantasia tremeluziu como uma chama passageira, então foi rapidamente

extinta pela realidade. Fugir não era uma opção. Ela não pertencia mais a si mesma. Pertencia

àquelas três crianças órfãs que estavam ainda mais perdidas do que ela própria.

Entrou na sua casa silenciosa e vazia. Tudo estava como havia deixado, Sorte

no Amor no aparelho de DVD, um mapa da Itália aberto sobre a mesinha

157

de centro, uma taça de vinho perto dele. Devagar e deliberadamente, Lily dobrou o mapa.

Enquanto jogava algumas coisas numa bolsa, foi surpreendida pelo barulho da

porta se abrindo e fechando.

Olá? alguém chamou.

- Mãe. - Esfregando as mãos nas calças, Lily encontrou a mãe dentro da sua

sala de estar. - O que você está fazendo aqui?

Sharon Cutler Robinson deu um sorriso tímido. ""

- Vim assim que ouvi as notícias.

Lily a analisou por um momento. A mãe era uma visita rara, tão fria e distante

quanto a lua. Numa certa época fora bonita, talvez até linda, Lily sabia pelas

fotografias

antigas. Com o passar dos anos, sua beleza fora se desgastando,

endurecendo por conta da infelicidade e da dedicação feroz ao trabalho como

gerente de qualidade

de produtos. Ainda assim, seus olhos sugeriam solidariedade e Lily deu-lhe um

abraço rápido, sentindo a fragrância familiar do perfume da Elizabeth Arden.

- Obrigada por ter vindo. Posso lhe oferecer uma xícara de chá?

- Não quero nada, obrigada. Antes que eu me esqueça, seu pai mandou um

beijo. Ele está em Saigon. - Terence Robinson era um executivo da Nike, que

passava metade

da vida no exterior. Sharon tirou a capa de chuva e a pendurou ao lado da

porta. Vestia um suéter branco e macio de angorá que, embora pudesse dar a

impressão de

muito jovial nela, não o era. - Eu queria saber se você está bem e o que vai acontecer com a família da Crystal.

O peito de Lily doeu quando lhe contou sobre as últimas vinte e quatro horas,

ainda que tenha lhe falado numa voz estranha, desprovida de emoção. Sempre

que estava

perto da mãe se sentia boba em ser emotiva. Para que chorar?, a mãe costumava dizer quando ela era criança. Isso não muda nada.

Mas o que Lily descobrira naquela época mantinha-se como verdadeiro até o

momento: guardar as coisas para si doía demais.

- Que coisa horrível! - disse Sharon, quando Lily lhe contou sobre a descoberta

de Sean logo de manhã cedo. - O que eles estavam fazendo lá para os lados da costa?

O que estavam pensando?

158

-Nunca vamos saber.

- Alguma coisa os levou para lá e os fez agir de forma irrefletida - disse a mãe.

- O que terá sido?

Notícias perturbadoras sobre a filha deles, pensou Lily, incapaz de pensar de

outra forma.

- Preciso acabar de arrumar a bolsa - disse e foi para o quarto. A culpa se insinuava em seu peito. Não conseguia parar de se perguntar se as coisas não

teriam sido

diferentes se tivesse dado a notícia sobre o comportamento de Charlie de forma mais branda, ou se não tivesse falado nada de nada. Quero voltar no tempo, pensou,

sentindo-se partir por dentro. Apenas quero voltar no tempo.

- Para onde você vai?

- Para a casa da Crystal.

- Achei que você tinha dito que o tio delas estava lá.

- Está, mas ele é solteiro, mãe. Acabou de voltar das Filipinas, ou da Malásia,

um lugar desses. Quero que as crianças saibam que estou do lado delas. -

Sentiu o

olhar da mãe enquanto dobrava os jeans e as meias e enfiava uma nécessaire

com cosméticos na bolsa. - O que foi? - acabou perguntando.

- Tome cuidado para não se envolver demais. Lily fez uma pausa enquanto fechava o zíper.

- Do que você está falando?

- Elas são responsabilidade do tio. Não tem jeito.

Lily tentou terminar de fechar a bolsa, mas o fecho agarrou numa ponta de tecido que ficou para fora e se recusou a sair do lugar.

- Ninguém sabe o que vai acontecer. Elas estão sob a proteção do Estado.

Pelo menos temporariamente. A Crystal tinha me pedido para eu assinar uma

declaração concordando

em ser tutora das crianças caso alguma coisa acontecesse com ela e o Derek.

Mas eu nunca assinei nada porque... bem, para que ter pressa? Agora, se no testamento

do Derek constar alguma coisa contra isso...

- É melhor você torcer para que conste. Não brigue com o tio delas por causa

disso, Lily. Você não pode adotar três crianças. Não seria justo para nenhum dos envolvidos.

- A mãe deu um passo à frente. - Me dê

isso aqui, eu solto para você. - Chegou a mão de Lily para o lado, moveu o zíper para trás e o puxou facilmente de volta para o lugar. - Você deveria tratar

essas

crianças da mesma forma que trata os seus alunos. São seus por um tempo, depois você os deixa seguir o caminho deles.

- Isso é diferente. Ela é... ela era a minha melhor amiga, mãe, minha única amiga de verdade. E eu prometi isso a ela. Não é uma coisa da qual eu possa

me esquivar.

- Lily pôs a mão no pilar da cama para se firmar; rezando para não perder o equilíbrio na frente da mãe. - Você sabia que tenho pensado no Evan o dia inteiro, nos

momentos mais estranhos? - Arrependeu-se em seguida por ter mencionado o nome do irmão, há tempos falecido e esquecido por ela e a irmã. Pegando a

mão da mãe, disse:

- Desculpe, eu não devia ter tocado no nome dele. É que uma perda assim tão

horrível... minha mente fica tentando fazer comparações.

A mãe recolheu a mão.

- As coisas já não estão ruins o suficiente? - Virou as costas, voltando a

atenção para o armário. Diferentemente do resto do quarto, ele estava cheio de

sapatos,

bolsas e roupas amontoadas em cabides inapropriados. Por alguma razão, era

como se Lily nunca conseguisse manter o seu armário arrumado.

Estupidez a sua falar sobre o irmão, lembrar a mãe de que uma vez tivera três

filhos. Dois anos mais novo do que Lily e um ano mais novo do que Violet,

Evan era

o caçula. Ele havia morrido, um acontecimento sobre o qual nunca falavam, mas que definira a vida familiar deles pelos anos que se seguiram.

- As pessoas não usam mais preto como antigamente - disse Sharon,

inspecionando as roupas de Lily, nenhuma das quais era preta. - Acho que qualquer cor serve, desde

que seja respeitosa.

Cameron estava dentro do Subaru da mãe, estacionado como sempre na

entrada de carros, como se estivesse em casa falando ao telefone e lixando as

unhas. O carro tinha

acabado de ser entregue com a bateria recarregada, pronto para ser usado

novamente. A mãe ia transportar o time de golfe naquela semana. Haveria um

torneio em Hood

River e ela se inscrevera

160

para levar e trazer o time de volta. Claro. Ela sempre fazia isso, desde que ele

estava na oitava série.

Bem, agora poderia abandonar o time de vez. De um jeito ou de outro, era o

que estava mesmo querendo fazer - sair, afastar-se, apagar essa parte da vida

dele. No

entanto, mesmo agora com os pais mortos, ainda sentia o peso das

expectativas deles. Seu desempenho no golfe fora importante para cada um

dos dois, e por motivos

completamente distintos.

Cameron preferia que nenhum deles tivesse sido tão importante para ele.

Era

isso o que o deixava furo da vida, mais do que qualquer outra coisa. O carro

estava com

um cheiro fraco de cigarro - o vício secreto de sua mãe. Dentro do cinzeiro

havia um cigarro Virgínia Slims amassado e apagado pela metade. O painel

estava cheio

de trocados, elásticos e um bloquinho de Post-it com uma lista de compras escrita na sua caligrafia inclinada. Era estranho ver algo escrito com a sua letra, e a

lista parecia tão comum - Kleenex, bicabornato de sódio, refrigerante Tab, toalhas de papel, molho de espaguete.

Onde estava a droga do desodorante Mennen?, perguntou-se irritado. Ele tinha lhe pedido para comprar mais, pois o dele havia acabado. Que diabo havia de

errado com

ela?

Talvez ela tivesse deixado os cigarros no carro. Curvou-se e olhou dentro do

porta-luvas, mas encontrou apenas o cartão do seguro, os documentos, alguns

mapas e

outras coisas sem utilidade. Procurou-os sob o pára-sol, onde encontrou uns óculos escuros, uma caixa de fósforos e um papel cor-de-rosa amassado. Ia colocar tudo

de volta quando o cabeçalho da folha de papel chamou-lhe a atenção -

Laboratório Médico Riverside. Era uma verificação do tipo sanguíneo de Ashley.

Cameron sentiu-se tão gelado e duro por dentro quanto um cubo de gelo.

Sean fora apontado como tutor por ter sido considerado o parente consangüíneo mais próximo.

O que aconteceria com Ashley se a verdade viesse à tona, a verdade de que ele não era parente dela coisa nenhuma? O menino amassou o papel com a mão e o enfiou no

bolso da jaqueta. Em seguida mudou de idéia e o tirou de lá novamente. Abriu

a porta e usou os fósforos para pôr fogo no papel, deixando-o cair no chão e queimar

até parecer uma folha ressecada de outono. Como medida de segurança, pisou

nos restos com o tênis.

161

Com um olhar zangado, tirou a carteira do bolso de trás das calças jeans. Dela

tirou a licença de aprendizagem que tinha recebido há apenas alguns dias, assim que

completara quinze anos e meio, e voltou para o carro. Estava para receber sua

habilitação definitiva dali a algumas semanas e não deveria dirigir sem supervisão

antes disso, mas estava se lixando. Seus pais não iam mais morrer de preocupação se o fizesse.

Qual era a deles, desaparecendo daquele jeito? Por quê? Será que não davam

a mínima para o fato de as pessoas precisarem deles? O que poderia ter havido de tão ruim

entre eles para terem saído juntos e batido com o carro?

Ele sabia o quê. Sabia. Não devia saber, mas sabia.

- Dane-se! - disse, levando a mão até a chave na ignição. Mas, antes de virá-la,

algo estranho aconteceu. Sua mão direita se congelou como um cubo de gelo e

ele

sentiu agulhadas de dor na ponta dos dedos. Seu coração pareceu querer sair pela boca e de repente seu rosto ficou molhado de suor. Suas axilas também e,

como estava

sem o seu desodorante, nada deteve o suor. Tentou respirar, mas não conseguiu inspirar fundo o suficiente para encher os pulmões de ar.

Um ataque do coração. Ele estava tendo uma droga de um ataque do coração.

Ia morrer exatamente ali, no volante do carro, assim seguindo a mais nova

tradição da família

Holloway.

Arrastou-se para fora do automóvel, desesperado por sair de lá. Sua jaqueta engatou na alavanca do freio de mão, mantendo-o preso. Ele deu um puxão e

ouviu o tecido

se rasgar quando conseguiu soltar-se. Saiu cambaleante e se afastou.

Gradualmente, o ataque do coração foi passando.

- Caramba! - murmurou, secando a fronte com a manga. Que coisa mais estúpida ter medo de um carro, como se ele fosse saído de um romance de Stephen King.

Desapontado, disse ao tio que ia dar um pulo na casa de um amigo. Para alívio

seu, Sean pareceu compreender que ele precisava mesmo sair um pouco de casa.

162

-Sei o que vai fazer você se esquecer um pouco dessas coisas-Jason Schaefer

disse mais tarde naquela noite.

- Uma lobotomia? - Cameron tinha descido de skate até a casa do amigo e estava driblando uma bola de basquete na entrada de carros de lá. Emília Schaefer tinha ouvido

as notícias e Jason parecia um tanto cauteloso com ele, como se perder os pais numa ribanceira fosse, de alguma forma, contagioso. Jason parecia desesperado para evitar qualquer menção sobre o acidente, como se isso pudesse acontecer com ele.

- Até parece - respondeu Jason. - Vamos marretar umas caixas de correio com um bastão de beisebol.

Cameron continuou a driblar a bola.

- Isso não tem a menor graça.

- É animal! Você vai ver. A gente pode pegar o jipe. -- Jason tinha acabado de

pegar sua habilitação e procurava por qualquer desculpa para dirigir. - Vamos

reunir

o resto do pessoal e ir para aquele loteamento novo na Ranger Road. - Tem

uma fileira delas lá, pow! - Simulou a virada do bastão.

Talvez ele tivesse razão, pensou Cameron. Talvez precisasse mesmo aprontar

alguma.

Às 10:20 da noite, Lily estava um caco. Deitada na cama do quarto de

hóspedes da casa da amiga, ouvia apenas o silêncio. Por insistência sua,  
Sean ocupava o quarto  
de Crystal com lembranças demais para que pudesse suportar. Estava muito  
silencioso lá dentro e não dava para ver nenhuma luz por baixo da porta.  
Lily  
sentiu inveja  
dele por conseguir dormir. Tinha tomado outro banho e estava usando um  
robe  
emprestado cujas mangas eram compridas demais para ela. Sentiu-se  
aquecida e limpa e,  
quando pôs a mão no bolso do robe, encontrou um lenço-de-papel  
amassado e  
um bilhete escrito às pressas com o número 503-555-2412.0 número estava  
cercado de bolhinhas  
e espirais, rabiscos de Crystal, e, por um momento, por uma fração de  
segundo, ela pensou em descer, tomar uma xícara de chá com a amiga e  
entregar-lhe o pedaço  
de papel.

Foi quando se deu conta do caráter final daquela perda - nem mais uma  
xícara de chá, ou papos longos ao telefone, ou idas às compras. Nada.

163

Ontem, tinha uma grande amiga. Hoje, num piscar de olhos, não tinha mais.

Um grito terrível de dor e angústia brotou no seu interior. Durante todo o dia ele

estivera se formando, avolumando, pedindo para sair. Perto das crianças, Lily

se esforçara ao máximo para conter a fúria consumidora do seu sofrimento.

Agora, sem conseguir mais manter o controle, caiu de bruços na cama,

abraçou um travesseiro contra o rosto e deixou sair. Os soluços irromperam

violentamente como

uma tempestade forte e ininterrupta. Embora abafada pelo travesseiro, sua voz

angustiada soava tão alta quanto um ferro dentro da sua cabeça.

Crystal tinha morrido. A realidade a consumia. Sem aviso e em caráter

definitivo, sua melhor amiga, sua irmã do coração tinha morrido. Lily chorou por

todas as risadas

e conversas que nunca mais compartilhariam, por todo o tempo que nunca

mais passariam juntas. Chorou pelas crianças que cresceriam sem uma mãe e

por aquela dor injusta

e cruel que estavam sentindo e que nada haviam feito por merecer. Chorou até

se sentir vazia, fraca, em carne viva, oca, tomada por um sofrimento que

parecia ter

vida própria.

-- Lily? - Uma voz fraca a interrompeu.

Lily endireitou-se na cama esfregando logo o rosto com a manga do robe. Charlíe estava sob o batente da porta, insegura e assustada, agarrada a um ursínho de pelúcia.

- Ouvi você chorando.

- Ah, Charlíe - disse ela -, estou triste por causa da sua mãe. Vou ficar bem, mas eu precisava chorar um pouquinho.

- Eu acordei e comecei a ficar triste de novo - disse a menina. - Não consigo dormir.

Lily levantou-se, sentindo-se como se tivesse corrido uma maratona.

- Venha cá, querida. Vamos tomar um sorvete.

- Não estou com fome. Não estou... sentindo nada.

- Então, que tal eu ficar um pouquinho com você? - Pegou a garotínha pela mão e a acompanhou de volta até o quarto. Pararam para dar uma olhada em

Ashley no berço

e puxar o cobertor até seus ombros. Então sentaram

164

juntas no assento sob a janela, afastando os bichos de pelúcia e abrindo a cortina para verem a lua enevoada. Lily aconchegou-se a Charlie, fazendo

carinho nos seus

cabelos sedosos. - Precisamos cochichar para não acordar a Ashley.

- Ela não acorda com nada - disse Charlie. Ficou em silêncio por alguns minutos, seu corpinho pequeno e magro encaixado no de Lily. - Eu sei como

descobrir o seu

nome de estrela pornô - disse ela.

- Você andou conversando com o Russell Clark?

- Andei.

- E você sabe o que é uma estrela pornô?

- Perguntei para o tio Sean. Ele disse que é alguém que usa um nome de mentirinha, juntando o nome do primeiro bichinho de estimação e o nome da

rua onde mora.

Ano

passado, na festa à fantasia da escola, eu ganhei um peixinho dourado e o chamei de Zippy, então o meu nome é Zippy Candlewood.

- Isso é muito... bem bolado. -E qual o seu, Lily?

-Nunca tive um bichinho de estimação.

- Nunca? Nem um peixinho dourado ou um passarinho que você salvou?

- Nem mesmo uma pedrinha. - Os pais de Lily sempre foram taxativos com

relação a bichos de estimação. "Eles nunca vivem mais do que você", argumentara a mãe. "Custam

uma fortuna e depois partem o seu coração."

Charlie acomodou-se contra o peito de Lily.

- Eu queria ter um cachorro. A mamãe e o papai nunca deixaram a gente ter um, mesmo sabendo que eu queria um cachorro mais do que tudo na vida.

Um silêncio doloroso se prolongou. Lily achou que Charlie tinha caído no sono,

quando ela falou novamente:

- Lily? - perguntou com a voz fraca.

- Hein?

- Estou com medo.

165

- Eu sei, querida. Mas você está protegida.

- Não é isso. - Jogou-se para trás, para olhar para Lily. No quarto sombrio, seus

olhos pareceram enormes. - Estou com medo... acho que eles ficaram

zangados por

minha causa. Acho que eles ficaram zangados comigo porque sou muito burra

na escola e porque roubo as coisas. Acho que foi por isso que eles...

- Ah, meu Deus! - Lily não a deixou terminar. Pegou o rosto de Charlie com as

mãos em concha. - Você está completamente, absolutamente enganada. Seus

pais amavam

você de todo o coração.

- Eles estavam zangados comigo porque eu estava roubando.

- Nunca! Nem eles nem eu. Seu pai e sua mãe nunca iam querer que você pensasse uma coisa dessas. Tivemos uma reunião porque a amamos e nos importamos com você. Prometa

que acredita no que estou dizendo, porque essa é a pura verdade.

Ela concordou com a cabeça.

- Está bem.

Lily levantou-a e levou-a para a cama. Cobriu-a e cercou-a com seus dois bichinhos de pelúcia favoritos, um carneirinho já bem gasto e um macaco caolho, um de cada

lado. - É melhor você dormir.

- Eu vou. Mas, Lily?

- Srav?

- Pensei numa música.

- Música?

- Para o enterro.

Lily deu um longo suspiro, mas o prendeu. Calma, disse para si mesma, soltando o ar aos poucos. Calma.

- Que música?

- Quero "Conexão Arco-íris". - A turma da terceira série tinha aprendido a música na escola e Charlie claramente a adorava, sobretudo a versão original

cantada por

Caco, o Sapo.

Lily curvou-se e deu um longo beijo em sua testa.

- Acho que podemos providenciar.

166

Mas o que é a morte, senão pôr-se sob o sol e derreter-se ao vento?

- Kahlil Gibran

167

Capítulo vinte

Nas primeiras horas da manhã antes do enterro do irmão, Sean Maguire jogou uma partida de golfe. Se isso, de alguma forma, parecia irreverente ou

desrespeitoso,

ele não deu a mínima. Aquele era o campo de golfe onde ele e Derek tinham

passado seus dias de infância juntos, onde tinham acertado cada buraco inúmeras vezes.

Conheciam cada lâmina da grama, cada elevação de um azar de areia, a ondulação de cada green. Tinham rido, implicado e competido um com o outro

nos verões dourados

de sua juventude, nenhum dos dois imaginando que qualquer coisa ruim pudesse acontecer a eles algum dia.

E por um longo e bom tempo nada aconteceu. Jogaram golfe durante o ensino

médio e a faculdade, estendendo faixas e troféus como oferendas sagradas aos pés de Patrick

Maguire. Cada um deles tinha conseguido o seu cartão PGA logo na primeira

vez em que competiram no Q-School. Derek, o mais velho, era o que se esforçava mais, o

jogador mais dedicado. Sean, com mais talento, mas menos dedicação,

sempre parecia andar na sua sombra, mas ninguém o forçava a ficar por lá. A

verdade era que

se

sentia confortável voando fora do alcance do radar. As pessoas não tinham expectativas com relação a ele, portanto, ele raramente as decepcionava. E algumas vezes,

como naquele ano surpreendente em Augusta, as surpreendia.

169

Com Derek morto, não havia mais sombra para recair sobre Sean, tinha dúvidas se conseguiria suportar a luz dos refletores. Red tinha feito o possível

para manter

a imprensa afastada, mas quando um belo casal no auge das suas atividades é

morto num misterioso acidente de carro, não há como evitar a especulação. Os

jornalistas

e os operadores de câmera cintilavam à sua volta. Como você se sente por ter

perdido o seu irmão? As perguntas gritadas faziam o sangue dele ferver.

Como ele se sentia por ter perdido o irmão? Estavam brincando?! Achavam,

por acaso, que ele tinha uma resposta para isso?

Estava fazendo o possível para exercer o papel de durão, agir como homem da família agora, embora estivesse se sentindo um caco por dentro, Um

pesadelo

o assombrava.

Os investigadores da patrulha rodoviária não tinham encontrado marcas de derrapagem na parte da estrada onde o carro de Derek despencara ribanceira abaixo. Sean

ficou imaginando o irmão e Crystal planando pelos ares, o farol de Tíllamook

Rock a distância, os doisj olhando chocados um para o outro, sem acreditar que estavam

voando.

Sem saber como sofrer ou dizer adeus, ele fora cedo naquela manhã para a quietude do campo vazio. Pronto para a primeira tacada, inspirou

profundamente aquele ar

sempre puro, absorvendo toda a beleza silenciosa da paisagem e sentindo a presença de uma dor penetrante. Droga, Derek. Sinto saudade de você,

pensou. Tinham tido

suas diferenças e seus problemas, mas nunca deixaram de amar e de respeitar

um ao outro.

Agora Sean estava jogando sozinho, dedicando a partida ao irmão. Aquela

era a semana em que deveria estar jogando o seu primeiro major nos Estados

Unidos, batalhando

o seu retorno para os torneios. Em vez disso, estava fazendo uma última despedida particular para Derek e soube, desde o momento em que pisou no campo, que aquela

era a forma correta de dizer adeus.

Deu a primeira tacada, um movimento tão limpo e preciso como a espada de

um samurai. A bola voou direto para o fairway, parte do campo entre a área de

partida e de

chegada da bola. Ele pôde ouvir seu toque suave no gramado assim que ela aterrissou exatamente onde ele queria, propiciando-lhe uma tacada perfeita para o green,

a área de chegada onde

170

fica o buraco. A partida inteira seguiu no mesmo ritmo, tão bem como se ele

sempre a tivesse jogado daquela forma. Fez vários birdies, uma tacada abaixo

do par,

e até mesmo eagles, duas tacadas abaixo do par, além de tacadas altas e precisas e tacadinhas curtas que empurraram a bola para dentro do buraco como se atraída

por um imã. Seu foco e sua concentração tinham uma intensidade zen, não deixando espaço para dúvidas ou erros. Ele homenageou o irmão com cada tacada, batendo recordes

que a maioria dos golfistas jamais poderia imaginar.

Esta é para você, Derek, pensou assim que acertou o último buraco com uma

tacada de dez jardas.

Red estava à sua espera quando ele saiu do campo. O empresário estendeu a mão para pegar o seu cartão de contagem, estudou-o brevemente e disse:

- Se você pudesse fazer isso numa competição de verdade, estaria de volta à ativa no mesmo instante.

- Hum-hum. - Caminharam juntos até a sede do clube e Sean guardou sua bolsa de golfe. - Não estou pensando no circuito.

- Não hoje, mas... estará, em breve. E estou falando sério, Sean. O que mais você pensa em fazer?

Sean não tinha resposta para aquilo. Talvez Red tivesse razão. Ele nunca tivera um emprego comum. O golfe estava no seu sangue, nos seus ossos e ele se sentia

desconfortável

quando não estava jogando. Se não era um golfista, então não sabia o que era.

-Não posso participar de torneios, se vou cuidar dos filhos do Derek.

- A gente dá um jeito. Não tem escapatória, Sean, um cavalo de corrida precisa correr. - Red lançou-lhe um olhar significativo. - Vejo você na igreja.

Sean voltou dirigindo devagar para casa, atravessando uma cidade da qual ele se lembrava como da melodia de uma velha canção. Comfort não tinha mudado muito e,

naquela

manhã, a familiaridade era dolorosa. Derek estava em todos os cantos daquela

cidade, ou pelo menos assim parecia. Cada lugar por onde passava, desde a churrascaria

até o terreno baldio junto à loja de ferragens, lembravam-no do irmão e enchiam-no de pesar por não ter se aproximado mais dele, o conhecido melhor

no final da

171

sua vida. Como qualquer outra pessoa, achou que teriam todo o tempo do mundo. Perguntou-se por que as pessoas sempre pensavam assim.

Encontrou Maura trabalhando no computador. Com um vestido preto elegante

e sapatos de salto alto, ela estava bonita e também muito séria. Ele não a tinha

visto muito

naquela semana, desde que começara a ficar com os filhos de Derek. Lily

finalmente tinha-o expulsado de casa naquela manhã, dizendo que cuidaria das

crianças e o

encontraria mais tarde na igreja.

- Ei - disse Maura -, você está bem?

Ele inclinou-se e deu-lhe um beijo no rosto, percebendo um penetrante aroma

de perfume.

- Preciso tomar um banho e fazer a barba.

- Estou só te esperando.

Tomou uma chuveirada rápida e vestiu um terno escuro que havia comprado

na Malásia. Na verdade, Asmida o comprara, tempos atrás, quando acharam que estavam apaixonados.

Provavelmente estavam. O problema de Sean era que ele não sabia como se manter assim.

Maura estava esperando no hall quando ele desceu. A visão dela o fez sorrir pelo menos um pouco. Estava atraente, de uma forma atlética e

ameaçadoramente intelectual

que ela mesma reconhecia como intimidadora para muitos homens. Mas não

para Sean. Ele a achava sexy e ela se achava boa para ele.

Maura acreditava firmemente no valor do trabalho. Assim que ele voltou para

os Estados Unidos e ficou vagando, gravitando na direção de mais erros estúpidos, como,

por exemplo, o de voltar para o circuito, ela e Derek puseram-lhe logo um freio.

Ele precisava de estabilidade, de um emprego fixo, de tempo para se reestruturar.

- Você está maravilhoso - disse-lhe ela, com um sorriso caloroso. Ele concordou, distraído, e pegou as chaves.

- Odeio isso.

- Todos odeiam - ela garantiu-lhe e acariciou-lhe o rosto. Os arranhões já tinham quase desaparecido. - Gostaria de ter conhecido melhor o seu irmão.

172

- Eu também. - Enquanto dirigiam para a igreja, Sean perguntou-se por que as

duas pessoas mais importantes da sua vida mal se conheciam. Poderia sempre

culpar

o

horário de trabalho de Maura e a própria carreira agitada de Derek. Mas agora

era tarde demais e não havia ninguém para culpar.

- Não é estranho morar naquela casa com aquela mulher?

- Ela ficou só essa semana. As crianças precisam de nós dois.

- Você está correndo - Maura chamou-lhe a atenção quando ele virou para a estrada estadual na direção da parte antiga da cidade.

Ele aliviou o pé no acelerador e forçou-se a relaxar a mão no volante. Maura

repousou levemente a mão em seu ombro, até o pager do seu celular começar

a tocar. Tão

logo checkou a mensagem, fez uma ligação, e Sean sentiu seu rosto

endurecer. Ela havia feito o possível para tirar o dia de folga, mas, com um trabalho como o

seu,

nunca estaria completamente livre.

Tão logo virou para o estacionamento da igreja, Sean soube que o dia não

tardaria a piorar. Red o tinha avisado de que a imprensa em peso estaria lá.

Havia, é

claro,

boatos inevitáveis por todos os lados. O que um casal, supostamente separado, estava fazendo junto lá pelas bandas da estrada costeira? Haveria alguma intenção criminosa?

E quanto às notícias de que apesar do seu sucesso no golfe Derek Holloway tinha problemas financeiros?

Já havia caminhonetes de reportagem estacionadas ao longo da rua e do

estacionamento da igreja, assim como um cabo preto e grosso de eletricidade

estendido no chão.

Sean seguiu direto para a porta dos fundos e entregou o carro para um

manobrista à sua espera; a seguir, ele e Maura se refugiaram às pressas numa

salinha de

recepção

atrás do presbitério.

Ele não fazia idéia de como se comportar, como assumir o comando daquela

situação. Apertou a mão do sacerdote e aceitou seus pêsames; discutiu

detalhes de última

hora com o agente funerário. Achou, com certa estranheza, que os caixões que

ele e Red tinham escolhido eram tão bonitos e reluzentes que suas superfícies

polidas

refletiam as fotos e as centenas de flores espalhadas sobre eles. Os caixões estavam fechados, uma pequena bênção, supôs. Ao menos os filhos de Derek

não precisariam

ver os rostos inertes dos pais.

173

Nada lhe parecia ser de verdade ou ter qualquer consistência. Sean tinha a estranha sensação de que estava prestes a flutuar e desaparecer como a melodia suave

e

nasalada do órgão que assombrava a igreja junto com o perfume das

gardênias e dos crisântemos. A psicóloga que estava acompanhando a família

tinha-o avisado para

se preparar para a sensação de despersonalização. Aparentemente, aquela

era uma sensação comum nas pessoas que passavam por uma perda. Nada o

prendia ao chão.

- Sean? - A voz suave de Maura o despertou.

- O que foi?

- Você está a quilômetros de distância.

- Estou exatamente aqui. - Ele ainda estava flutuando, mas não lhe contou.

Derek não estava no caixão. Não poderia estar. Sua presença era palpável demais. Sean

ainda podia ouvir o som da sua voz e estava convencido de que tudo o que precisava fazer era telefonar para ele, dizer-lhe que não tinha mais jeito, que aquilo não

tinha mais graça nem nunca tinha tido.

- As portas já vão se abrir. É para esperarmos aqui com o agente funerário até

cinco minutos antes da cerimônia. Tem certeza de que você está bem!

A pergunta chegou até ele como se por meio de um tubo longo e oco, Tem certeza de que você está bem? Droga, não, não tinha! Não fazia a menor idéia

de como fazer

aquilo, como enterrar o irmão e tomar conta de três crianças, mas ouviu a si próprio dizer a Maura que estava bem.

Ele andou pela salinha olhando ocasionalmente para o monitor do vídeo que

mostrava o presbitério. As portas estavam abertas e as pessoas entravam em massa. Enlutadas.

Num dado momento, eram amigos de Derek; agora, eram enlutados. Parecia haver centenas deles.

Sean desviou o olhar e olhou pela janela. Uma limusine cintilante estacionou e

o motorista de luvas brancas abriu a porta.

- Aquela lá é a professora? - perguntou Maura. No caos dos últimos dias ela não tinha se encontrado com Lily ou com as crianças.

- É - respondeu ele e sentiu-se aterrissando novamente, pondo os pés no chão.

- Aquela é a Lily. Vamos lá para fora nos encontrar com eles, - Saiu a passos

largos

na direção do carro.

Cameron apareceu primeiro, seguido por Charlie, que parecia tensa e aterrorizada.

174

- Tio Sean - disse ela, esticando os braços para ele.

- Oi, mocinha.

- Estou assustada - disse com a voz abafada contra seu casaco.

- Eu também. - Descobriria logo que não adiantava mentir para Charlie. Ela sempre via através dele. - Me deixe ajudar a Lily com a Ashley para então apresentar alguém especial a você.

- Sou Maura Riley. - Ele ouviu Maura falar assim que se inclinou para soltar Ashley do banco do carro. Ashley gritou de alegria e disse "oi" com um largo sorriso.

O tio a retirou e pôs no chão, e Lily a pegou pela mão.

Sean endireitou a postura e apresentou Maura a todos. Embora seu sorriso fosse sincero, ela tinha aquela atitude desajeitada de alguém que não está acostumado

com

crianças. Charlie a analisou cuidadosamente, e Cameron, indiferentemente.

Ashley se escondeu na saia de Lily.

- Você conhecia a minha mãe e o meu pai? - perguntou Cameron. Maura trocou a bolsa de mão.

- Não, mas sei que eles eram ótimas pessoas. Fiz questão de vir aqui por causa do seu tio Sean, porque gosto muito dele. Espero que você me fale sobre os seus

pais.

- Pode esperar - disse Cameron. - Vou adorar. - Tomou o rumo da recepção.

O sarcasmo de Cameron desconcertou Maura, mas naquele momento Sean não tinha como pedir a ele para se desculpar. Sentiu-se tolo ao esperar que algo acontecesse,

alguma química mágica que transformasse todos em uma família grande e feliz.

- Está na hora de entrar - disse ele baixinho.

Jane Coombs estava atrasada, o que parecia ser típico dela. Entrou correndo e

foi direto para perto das crianças, chorosa e carente, da mesma forma como estivera

durante toda a semana. Sean se calou, sentindo vontade de pedir a ela para se acalmar, pois seu choro estava incomodando Charlie e Ashley. Mas quem era ele para

criticar aquela mulher? Talvez ela não conseguisse parar.

Três pessoas que ele não reconheceu chegaram mais tarde ainda do que

Jane,

175

- Meus pais e minha irmã - explicou Lily. - Me dêem licença por um momento.

Lily foi cumprimentá-los. Seus pais formavam um casal bonito, estavam

impecavelmente bem vestidos e trataram Lily com uma reserva curiosa.  
Pelo

amor de Deus, abrace

sua filha, Sean pegou-se pensando. Não dá para perceber que ela está  
precisando?

Felizmente, sua irmã pareceu perceber e a abraçou, confortando-a,  
apertando-

a tão forte que seu chapéu escorregou pela cabeça.

- Sean Maguire - disse ele, devolvendo o chapéu a Lily e apertando a mão  
de

cada um deles: Terence, Sharon e Violet. - Obrigado por terem vindo.

- Vovô, o senhor veio! - disse Charlie, seu rosto se iluminando ao correr até  
a

porta:

- Olá, minha linda, claro que eu vim. - O pai de Sean, Patrick Maguire,  
tinha chegado na noite anterior. Cumprimentou Lily e os outros e apertou a  
mão de

Sean.

-

Você está agüentando bem?

Por um momento, Sean teve o impulso cruel de dizer não. Como se dissesse

"Não, pai, estou numa tremenda enrascada aqui. Que tal você me dar uma  
mão?". Mas ele

nunca

diria tal coisa; conhecia bem o pai, sabia a resposta que receberia. O pai hesitaria, enumerando todas as razões pelas quais não poderia ajudá-lo com os filhos de Derek.

- Estou - Sean garantiu ao pai. - Tudo sob controle.

- Desculpe não ter chegado antes - disse Patrick. - Eu tinha uns assuntos pendentes.

É claro que tinha, pensou Sean.

- Não tem problema - disse ao pai. O que ele queria mesmo fazer era agarrá-lo,

sacudi-lo, interpelá-lo sobre o que tinha acontecido com a família dele. Como

se isso

importasse naquele momento. Soltou a sua mão e a repousou no ombro de Charlie. - Precisamos começar.

Assim que todos se reuniram para dar início à cerimónia, Sean fez uma pausa

e correu os olhos pela família. Em suas melhores roupas, as crianças estavam

asseadas

e apreensivas. Ao mesmo tempo, ostentavam um ar de dignidade de partir o

coração. Cameron parecia uma versão mais nova de Derek, com um terno novo e sapatos comprados às pressas para o funeral.

176

Charlie vestia um vestido verde-escuro com uma fita preta, e Ashley, um vestido menor do mesmo modelo. Lily vestia azul-marinho e sapatos de salto

baixo, numa das

mãos segurava firme uma bolsa e na outra, umas poucas fichas

caprichosamente impressas. Usava chapéu e estava sem maquiagem,

parecendo nervosa e séria, determinada

a pagar um tributo apropriado à amiga.

O agente funerário acompanhou todos aos seus lugares nos primeiros bancos.

A diretora da escola de Charlie estava bem atrás deles, na extremidade do banco, pronta

para sair com Ashley se ela ficasse muito agitada. Os caixões de carvalho marrom-amarelado, cobertos por flores, cintilavam sob a luz do sol que era filtrada por

um vitral com a imagem do Espírito Santo. E Sean começou a flutuar

novamente num alto arco acima de todos, incapaz de se manter ancorado ao

chão.

177

## Capítulo 21

O funeral foi um espetáculo brutal: por um lado, um circo montado pela mídia, por outro, uma cerimônia solene. Lily estava abatida e arrasada, exausta a

ponto de

cair. A missa continuou banhada em lágrimas, música e homenagens emocionadas. Todos os presentes tentaram explicar o inexplicável: o sofrimento de uma perda chocante,

talvez até pior do que isso, a tristeza e o terror contido de três crianças órfãs.

Lily ficou surpresa e emocionada com a presença da sua família. Eles não conheciam bem Crystal, mas sabiam como a amiga fora importante para ela.

Quando chegou sua

vez de falar, Lily lançou um olhar de pânico para a mãe e recebeu um aceno de

encorajamento com a cabeça. Você consegue.

Lily pôs-se de pé foi até o púlpito. De alguma forma, por causa das crianças,

conseguiu falar com a voz clara e calma, contando para a igreja lotada que

Crystal

tinha sido a melhor amiga, melhor mãe e melhor pessoa que qualquer um pudesse imaginar.

"Melhor amiga e mãe amorosa" tinham lhe parecido as palavras mais apropriadas, quando ela as escrevera na noite anterior. Ainda assim, quando proferidas ao microfone

para uma igreja lotada, soaram vazias e impessoais.

Lily pôs as fichas com as anotações de lado, fechou os olhos por um breve momento e visualizou Crystal.

178

- Eu tinha oito anos quando conheci a minha melhor amiga - disse e abriu os olhos novamente. - Ela tinha treze anos e nem sequer imaginava tornar-se minha amiga ou

qualquer outra coisa a não ser minha babá. Isso aconteceu depois... a

amizade. E durou a vida inteira... - Lily fez uma pausa para tomar fôlego e tentar impedir

a voz de tremer. - Quando eu era pequena, achava que ela sabia tudo. Vinte e

dois anos depois, percebo que isso era mesmo verdade. Graças aos seus filhos maravilhosos,

ela conheceu as glórias e o triunfo de viver uma vida repleta de amor. E isso é

tudo o que alguém precisa conhecer, não é? - Lily ficou surpresa com as palavras

que saíram de sua boca. Elas não estavam nas suas anotações. Suas anotações continham um resumo dos feitos de Crystal, um tributo afetuoso ao

seu caráter. Agora

era tarde demais para voltar atrás, pois, devido a todas as outras homenagens,

tinha prometido fazer um pronunciamento curto. Deteve-se novamente e prestou atenção

nas crianças. Edna tinha saído com Ashley quando ela começou a ficar agitada. Charlie estava imóvel, o olhar parado. Ao lado dela, Sean mostrava uma reação curiosamente

parecida. Cameron parecia zangado, quase desafiador, remexendo-se irrequieto no seu lugar.

Lily sentiu-se grata ao ver os alunos e os professores do ensino médio, embora

eles estivessem impacientes, agitados, cochichando nas fileiras de trás, claramente

desejando estar em qualquer outro lugar. Não localizou Grég Duncan e ficou desapontada. Como técnico de golfe de Cameron, ele deveria ter aparecido,

mas assim era

Grég.

- Não consigo encontrar sentido algum na forma como minha amiga morreu -

disse ela. - Talvez devesse encontrar, talvez um dia encontre. Para mim, o sentido está

na sua vida, não na sua morte. Eu amava Crystal Baird Holloway. E pelo resto

da minha vida vou viver para celebrar esta amizade. - Limpou a garganta, o nó

lá instalado

quase a impedindo de respirar. - Adeus, Crystal. Você vive no coração daqueles que a amaram. A dra. Sachs, a psiquiatra, dissera-lhe que tinha alguns tranqüilizantes

à disposição, caso ela achasse necessário. Ao descer do púlpito, Lily lamentou

não ter aceitado a oferta.

Em seguida, começou a tocar a música que Charlie tinha pedido. Caco, o Sapo, cantando "Conexão Arco-íris", poderia ter soado jocoso numa

179

outra circunstância, mas por alguma razão a mensagem sutil, saudosa e simples foi perfeita para a ocasião.

Lily deu um sorriso encorajador para Charlie e Cameron, embora por dentro estivesse em frangalhos. Sean Maguire ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a chegar até

os

bancos reservados para a família. A mão dela estava gelada e úmida de suor.

Como ele deve ter achado agradável, pensou num lampejo.

Sua namorada, Maura, parecia angustiada com toda aquela situação. Com seu

vestido preto liso e um xale da mesma cor, estava bonita como uma modelo da

Victorias Secret.

Ao seu lado, Lily sentiu-se terrivelmente sem graça.

Naquelas circunstâncias, não deveria sentir nada daquilo, mas não teve jeito.

Sua melhor amiga estava morta e ela pensando em frivolidades. Era mesmo uma pessoa

terrível.

Derek recebeu uma homenagem simplória, mas emocionada do seu caddie, que soluçou durante todo o pronunciamento. Travis Jacobs trabalhara quinze

anos para ele e o

conhecia como ninguém mais poderia ou teria conhecido. Considerando o que

Lily sabia sobre Derek, sua homenagem foi generosa, algumas vezes engraçada e absolutamente

sincera. Quando Travis concluiu sua leitura, a voz de Louis Armstrong,

cantando "What a Wonderful World", ecoou das caixas de som e Lily sentiu seu

coração tomado

de melancolia.

Ela não parava de olhar para Jane Coombs, sentada ao lado do seu advogado,

do outro lado do corredor. A julgar pela sua expressão devastada, ela estava em profundo

estado de choque e tristeza. Jane não tivera muito a dizer nos últimos dias.

Agira como se não conhecesse as crianças e estivesse tão perdida quanto elas.

Lily procurou não pensar mal da mulher que havia roubado o marido da sua melhor amiga, mas não foi fácil. Ela se lembrava claramente da expressão de

choque no rosto

de Crystal na noite em que fora à sua casa e lhe dissera: "O Derek tem outra mulher. E eu estou grávida." Tudo num mesmo rompante. Qualquer uma das

duas notícias

teria abalado seu mundo. Juntas, mudaram a sua vida.

Lily procurou não pensar naquela época. Procurou não pensar em todo o sofrimento e humilhação que Crystal tinha passado. Como dissera em sua

180

homenagem, Crystal tinha conhecido alegrias sublimes e grandes bênçãos. Foi

a estas coisas que disse a si mesma para se apegar. Não às outras, o

casamento falido

e os problemas financeiros, ou o fato de, pouco antes de morrer, ter lhe dito que Charlie estava indo mal na terceira série.

A dor e a confusão que Crystal mostrara naquela tarde acompanhavam Lily todas as noites até a cama e assombravam seus sonhos quando dormia. Não

tinha idéia de como

se livrar daquilo. Olhou em volta na igreja e tentou extrair conforto das pessoas

lá reunidas - amigos e colegas de trabalho e da escola.

De um jeito ou de outro, chegaram ao fim da missa repleta de orações que lhe

tocaram fundo na alma e canções que abriram um rombo em seu coração.

Havia apenas uma

razão para manter-se de pé: o fato de os filhos de Crystal dependerem dela. Este era um dos assuntos, esperava ela, a ser abordado na leitura dos testamentos.

Charlie puxou-lhe a mão.

- Quando vamos para o seminário? - cochichou.

- Cemitério - Lily cochichou de volta. - Daqui a pouco. Depois de "Over the Rainbow" - acrescentou, lembrando-se de que tinha pedido a versão cantada pelo já falecido

artista havaiano, Iz. Achou que a música lembraria a Cameron da época em que ele e Crystal aprenderam guitarra havaiana juntos. Ele não quis nenhuma

participação

na missa e, no geral, parecia estranhamente indiferente à morte dos pais.

Lily inclinou-se e cochichou no ouvido de Charlie:

- Por que você está perguntando?

- Preciso saber a hora certa de dizer adeus - disse ela. Lily passou o braço pelos ombros da garotinha.

- Ah, querida - disse num sussurro sofrido. - Você não precisa dizer adeus nunca.

Lily não fazia idéia do que vestir para a reunião. Que tipo de roupa alguém deveria usar para a leitura de um testamento?

Suas escolhas eram limitadas. Embora estivesse na casa de Crystal há quase uma semana, não tinha levado muita coisa para lá. Parecia-lhe que as roupas

que usava

na escola não eram muito adequadas. Um suéter bordado com ursinhos de pelúcia poderia cair como uma luva na sala de aula, mas não numa reunião séria.

Achou que seu único terninho executivo daria conta do recado. Haveria advogados presentes, discutiriam assuntos financeiros. Devia a Crystal uma aparência profissional.

Percebeu o verdadeiro espírito da sua missão ao colocar uma blusa branca e prendê-la ao pescoço com um laço engomado. Então vestiu uma saia godê escura e um blazer

com botões acobreados. Ótimo, pensou, calçando sapatos de salto baixo.

Pareço o Sargento Pimenta.

Prendeu o cabelo com um par de presilhas e franziu o cenho diante de sua imagem no espelho. Como as mulheres conseguiam se vestir assim?, perguntou-se. Haveria algum

truque para parecer profissional que ela desconhecia?

A pergunta superficial fez com que se sentisse culpada. Passou rapidamente uma camada de batom e considerou-se pronta.

182

Todas as três crianças estavam tomando café da manhã na cozinha quando ela desceu. Charlie, como sempre, estava com os olhos vidrados no Cartoon Network, e Ashley

comia papinha de maçã numa tigela de plástico. Cameron estava curvado sobre um livro de física, a cabeça apoiada na mão, olhando furioso para a página. Sean tinha

ido ver Red Corliss antes da reunião.

- Oi! - Ashley bateu com a colher e então a estendeu para Lily. - Toma.

Lily fingiu dar uma colherada.

- Hum, que delícia! - Foi até a TV e baixou o volume do desenho barulhento.

Quando tudo voltasse ao normal, teria de restringir o horário da TV. Morar

numa casa

cheia de crianças era como visitar um país do Terceiro Mundo, um lugar cheio

de cor, barulho e cheiros exóticos. Estava fazendo o possível para pôr ordem

no caos,

mas as coisas continuavam fugindo do seu controle.

-Vou sair para a reunião - anunciou. - Devo ficar umas duas horas fora.

Cameron, você fica no comando.

- Já entendi - disse ele numa voz entediada.

- Já entendi - Ashley ecoou. - Fora! - Contorceu-se na cadeira.

- O Cameron vai tomar conta de você - disse Lily a caminho da porta, dando

um beijo na sua cabecinha.

Enquanto dirigia para o escritório de advocacia no centro da cidade, Lily teve a

estranha sensação de que aquela não era mais a sua vida. Estava vivendo a vida de

outra pessoa, com crianças e uma infinidade de responsabilidades que não tinha como encarar de forma adequada.

Uma promessa impensada para uma amiga - "Eu tomo conta dos seus filhos,

sem problemas" - tinha se transformado num compromisso que se sentia completamente despreparada

para assumir. Tinha tirado a semana inteira de licença na escola, mas na segunda-feira seguinte teria de voltar para a sua casa, para o seu emprego.

A

vida precisava

continuar para todos eles, e este seria um dos tópicos da reunião daquele dia.

O escritório da Logan, Schwab & Fuller era luxuoso e silencioso. Ela foi conduzida para uma sala de reunião onde todos já estavam reunidos - Sean Maguire e Red

Corliss,

o pai de Sean, Patrick, a namorada de Derek,

183

Jane Coombs e seu advogado particular. Com um certo alívio, Lily percebeu

que Francês Jamison, a advogada do divórcio de Crystal, também estava presente. Todos os

outros estavam lá por causa de Derek.

Nem todos, observou assim que Susie Shea entrou na sala. A assistente social

estava lá como advogada das crianças.

Peter Logan, mais parecendo um político idoso no seu terno sob medida, abriu

a reunião dando as boas-vindas a todos e consultando uma pasta grossa.

- Obrigado por terem vindo, senhoras e senhores - disse. - Gostaria de expressar meus mais sinceros pêsames para a família e amigos de Derek e Crystal Holloway.

Sei que a perda deles é profundamente sentida,

Lily deu uma olhada furtiva para Sean. Tinha passado a mais estranha das semanas morando com aquele homem. É claro que ele se importava com as crianças, mas,

quando

se tratava de agir como pai, estava tão perdido quanto ela. Parecia fatigado, mas prestava total atenção à lista de declarações lida por Logan. Ao lado de Sean,

seu pai, Patrick, parecia bem descansado e cheio de energia. Era um homem extremamente bonito, alto e elegante, com uma farta cabeleira grisalha. Como

pai adotivo

de Derek, era o único avô das crianças, extremamente charmoso, de maneiras

educadas e sorriso cativante. Mas, estranho, quando Lily olhou em seus olhos,

não viu

muito além disso.

As pessoas se mostraram mais atentas quando Logan chegou ao que

interessava - a disposição dos bens de Derek. Havia legados para Red Corliss,

para Travis Jacobs,

Patrick Maguire e várias outras pessoas chegadas a Derek. Para o irmão, Derek deixou todos os seus tacos. Sean não pareceu nem satisfeito nem decepcionado. Lily não conseguiu interpretar sua expressão.

"O restante do meu espólio, que consiste em..." Logan passou cópias de uma lista para todos. "... deverá ser dividido igualmente entre os meus amados filhos, Cameron

Craig Holloway, Charlene Louise Holloway e Ashley Baird Holloway. Se eles

forem menores de idade na ocasião de minha morte, a herança deverá ser confiada a Crystal

Baird Holloway, como fiduciária, ou, no caso de ela não estar disponível, para o meu irmão Sean Michael Maguire, até a maioridade deles."

184

A disposição final provocou um silêncio tão profundo que Lily pôde ouvir a respiração do homem ao seu lado, o advogado de Jane. Então Jane tinha sido

deixada de

fora. Ora, ora, ora...

A leitura prosseguiu, respondendo à questão sobre quem seria o tutor

designado. Em primeiro lugar, estava a sua ex-mulher, Crystal Baird Holloway,

é claro. O próximo

na linha era Sean Michael Maguire. Um juiz da vara de órfãos e sucessões iria

emitir um mandado ao final da audiência. O silêncio pairou novamente na sala

de

reuniões,

enquanto as pessoas digeriam a notícia. Derek não tinha designado Jane, que

jurara ter intenções de se casar com ele, como tutora. Também não tinha escolhido Patrick,

que não se deu ao trabalho de esconder seu alívio. Não, Derek tinha escolhido

Sean Maguire, seu meio-irmão, homem que mal marcara presença na vida das

crianças.

A assistente social fez algumas anotações rápidas assim que o sr. Logan preparou-se para passar a leitura para Francês Jamison, a advogada de Crystal.

Jane levantou-se da mesa.

- Já ouvi o bastante - disse em voz baixa e saiu com seu advogado.

- Não gostou - Francês murmurou para si.

Lily tentou se concentrar nas páginas que Francês tinha em mão. O documento

datava de cinco anos atrás, quando Crystal e Derek tinham feito o testamento

juntos.

Havia legados para Dorothy e para ela, que nada esperava: "Para minha melhor amiga, Lily Elaine Robinson, deixo a quantia de U\$ 10.000 junto com

todas as minhas

roupas. Lily, você nunca foi muito ligada em moda, mas talvez tenha mudado."

Lily ficou comovida com a lembrança da amiga e com o eco daquelas suas palavras tão autênticas. Tateou dentro da bolsa à procura de um lenço-de-papel, mas percebeu

que tinha usado todos. Sem dizer uma palavra, Sean virou-se para o aparador

atrás dele e pegou uma caixa, empurrando-a para ela por cima da mesa.

A disposição dos bens de Crystal para as crianças era idêntica à de Derek, exceto que, na hipótese de os filhos serem menores de idade, os bens deveriam ser administrados

por sua mãe, Dorothy Mansfield Baird. Dorothy também fora designada como

tutora dos seus filhos.

185

Francês bateu de leve com a pasta na superfície de couro duro da mesa.

- Senhoras e senhores, esta parte é problemática, motivo pelo qual pedi à srta.

Robinson que estivesse aqui presente hoje. Dorothy Baird sucumbiu a um derrame cerebral

muito sério. Hoje ela vive na cama e é incapaz de reconhecer qualquer pessoa da família ou amigos. Seu prognóstico é desencorajador, portanto ela não é

capaz de

assumir nenhuma das responsabilidades aqui atribuídas a ela. Na verdade, eu

tinha uma reunião agendada com Crystal para falarmos justamente sobre esse

assunto. Ela

queria mudar o seu testamento, designando a srta. Robinson como tutora das

crianças, na hipótese de seu ex-marido não poder cumprir com esta obrigação.

- Isso contradiz o documento deixado pelo sr. Holloway que, ao contrário do de

sua ex-esposa, está datado, assinado e adequadamente arquivado - disse o sr.

Logan.

- Os pais devem estar de acordo com a escolha do tutor e, como isso não aconteceu, esperamos que o tribunal julgue o caso a favor do desejo do pai.

Lily soube que seus olhos traíam desolação ao levantá-los para olhar em torno

da mesa. Ninguém sequer parecia perceber sua presença, exceto Sean

Maguire. Ele

a

observava

com uma intensidade que a fez tremer.

Ela o ignorou e tentou manter-se concentrada até o final da audiência. O sr.

Fuller distribuiu um demonstrativo financeiro preliminar que pareceu pegar todos de

surpresa, exceto Red. Dando uma olhada nos termos e analisando as colunas

de números, Lily percebeu que Derek estava devendo uma fortuna. Crystal estava quase tão

endividada quanto ele. Com o estilo de vida extravagante que ambos levavam

tanto antes quanto depois do divórcio, conseguiram gastar até mesmo mais do

que os ganhos

consideráveis de Derek. Ninguém disse isso alto, mas todos sabiam que, numa

linguagem leiga, aquilo significava que estavam perto da falência.

Red olhou em volta da mesa.

- O golfe profissional é um jogo implacável. Você pode ganhar um milhão de

dólares num ano e no outro, nada.

Seguiu-se uma longa explanação sobre as cláusulas da apólice de seguro de

Derek e como ficaria a questão da herança na falta de dinheiro vivo,

186

lily não prestou atenção. Tinha outras coisas na cabeça e, quando a acabou, foi

direto falar com Susie Shea.

- Eu é que devia ser a tutora das crianças, e não o Maguire - falou sem rodeios.

Apenas isso. A decisão tinha lhe parecido apressada, mais compulsão do que

uma decisão.

Lily havia feito a escolha consciente de permanecer sozinha durante toda a

vida. Agora, estava optando por dar fim àquele isolamento.

-Talvez o Maguire aqui tenha algo a dizer sobre o assunto - declarou o próprio,

com um tom hostil. - Talvez a opinião do Maguire seja a de que você deve dar

o fora.

- Por enquanto - disse a sra. Shea - o sr. Maguire é a pessoa designada como tutor das crianças. No entanto, sr. Maguire, espero que o senhor compreenda

como a srta.

Robinson é importante para essas crianças.

- Eu não vou escorraçá-la, se é isso que a senhora quer saber, mas alguém tem de ficar no comando, e esse alguém sou eu.

A sra. Shea assentiu com a cabeça e afastou-se para falar com os outros advogados.

Lily olhou para Sean, irritada. Gostaria de entender o que movia aquele homem, mas eles eram de mundos muito diferentes, unidos apenas pela compaixão por aquelas crianças.

- Acho que você não está pensando no longo prazo. Esse é um compromisso

muito sério.

- Você acha que eu não sei?

- Essas crianças estão numa situação de pós-trauma e só o fato de ajudá-las a

passar por essa fase já vai requerer um esforço imenso - disse ela. -  
Enquanto

estiverem

lidando com isso, a vida não vai simplesmente parar e esperar por elas. Tem  
a

escola, o treino para usar o vaso, as pirraças, as doenças, a puberdade e

nunca sobra

tempo para realmente educá-las. É uma prisão perpétua.

- Nossa, do jeito que você fala parece que vai ser a maior festa!

- Isso não tem nada a ver com divertimento. Ele riu, mas seus olhos  
estavam

duros de raiva.

-Ah, isso é típico de você: "Isso não tem nada a ver com divertimento" -  
imitou a voz de Lily.

187

Ela sufocou um arquejo de ódio.

- Estou apenas tentando deixar claro para você...

- Que a diversão está fora de cogitação?

- Que elas são a nossa prioridade.

- Vamos ver. Qual de nós é melhor para elas? Você, porque vai mandá-las  
para a cama na hora todas as noites, ou eu, porque não tenho medo de que  
percebam como a

vida pode ser divertida de novo? Vamos perguntar à dra. Sachs. - Ele pegou o

telefone celular.

Lily não soube o que lhe deu para tocar nele. Pôs a mão em seu ombro.

- Elas precisam de nós dois.

Sean olhou para a sua mão e então para ela. Constrangida, ela se afastou.

- Me diga por que você está tão interessada em criar essas crianças- disse ele.

- Porque essa era a vontade da Crystal. Porque eu faria um bom trabalho, -

Falou com uma veemência impensada. - Eu fiz uma promessa.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

- Só não ouvi você dizer que é porque você quer fazer isso - salientou ele.

- Quero o melhor para essas crianças. - De repente a vida que julgara ter e o futuro que planejara para si mesma pareceram-lhe completamente diferentes.

As palmas

de suas mãos estavam suando, embora resistisse ao ímpeto de secá-las na

saia. - Tenho certeza de que você também quer o mesmo, Sean. Sei o quanto

se importa com

elas, mas isso não significa que precise sacrificar tudo...

- Não seria sacrifício nenhum. Seria... viver. Fazer o que as pessoas fazem pelo mundo afora, constituir família e viver a labuta diária. É senso comum as

crianças

precisarem de estabilidade e segurança e, como o testamento do Derek não deixa dúvidas quanto à tutela, isso significa que elas vão ficar comigo.

- Eu deveria ficar com elas. - Ao dizer essas palavras, seu sangue se congelou

de medo. Diga sim, pensou; e então: por favor, diga não. Lily empertigou-se.

Tinha

ficado abalada por causa do testamento onde Derek designava o seu irmão inadequado como tutor das crianças. Aquilo não

188

estava certo. - Estou falando sério - disse ela. - E você sabe que tenho razão.

- Meu irmão não pensava assim.

- Só porque ele o escolheu não quer dizer que você seja a pessoa mais adequada.

- Só porque você conhece as crianças há mais tempo e tem a droga de um diploma de pedagoga não quer dizer que seja a pessoa certa - rebateu ele. -

Além disso, tem

outra coisa, Lily.

- E o que é?

- Eu não estou com medo. E você está.

Mesmo prestes a protestar, ela sentiu algo frio e escuro reverberando por dentro como um martelo batendo num pedaço de ferro. Como ele sabia? Podia

farejar o medo

como um predador?

Lily virou-se e foi até o bebedouro, tentando se recompor ao encher um copinho de papel e tomar um pouco de água. Ele tinha percebido a verdade, ela estava com medo.

Lily construía a própria vida erigindo uma parede à sua volta, protegendo seu

coração contra o sofrimento. Nunca, jamais planejara constituir família. Era uma escolha

consciente. Queria ser dona da própria vida, queria ser livre para ir aonde bem

entendesse e fazer o que quisesse sem dar satisfações a ninguém. Assumir a guarda

de três crianças mudaria isso irrevogavelmente.

Ah, mas veja o que isso poderia lhe trazer, a voz de Crystal soou em seus ouvidos. Algumas coisas são mais importantes do que o medo.

- Estamos perdendo tempo falando sobre isso - disse Sean. - Preciso ir para casa. As crianças merecem saber o que está acontecendo. Elas amam você, Lily, e, se você deixar transparecer que tem dúvidas com relação a essa situação, elas vão saber. É isso o que você quer?

Elas amam você, Lily. As palavras ecoaram na sua cabeça.

- Quero que elas se sintam bem e seguras.

- Meu irmão me confiou os filhos dele. Independentemente do que você e a Crystal pensassem dele, ele era um pai presente. Não vou decepcioná-lo.

Ela amassou o copinho de papel e o jogou na lata de lixo.

189

- Não há dinheiro. Você entendeu, não entendeu?

- Ei, sou um babacão, mas sei somar e subtrair. - Afrouxou o nó da gravata e olhou bem nos olhos dela. - E você está começando a encher o meu saco.

Não, minto, você

já encheu o meu saco várias vezes hoje.

Ela o encarou também.

- Você também já me irritou hoje.

- Encheu o saco, Lily. O certo é encher o saco! - Falou tão alto que várias pessoas viraram na sua direção.

Lily ficou com as bochechas vermelhas.

- Foi muito maduro da sua parte. Isso provavelmente vai constar no relatório do

juiz.

- O quê? Que você sabe encher o saco das pessoas? - Deu um sorriso de desarmar, apesar das palavras. - Vamos acabar logo com esta discussão e falar com as crianças.

- A discussão ainda não acabou.

- Acabou, sim. E você está fora. Pode ir para a sua casa agora. Não vou me esquivar dessa responsabilidade.

- Você se esquivou de tudo o mais na sua vida - observou Lily. - A Crystal me

contou. Disse que você abandonou a sua carreira.

- Estamos falando de crianças agora, e não de carreira. Criança não se abandona. Não sou perfeito, mas vou dar tudo de mim.

Ela se empertigou já pensando num contra-argumento. Então as palavras dele

finalmente fizeram sentido e ela relaxou um pouco os ombros.

- Boa resposta.

190

Capítulo 23

- A Lily e eu temos novidades - Sean anunciou para Cameron e Charlie quando chegaram em casa. Tentou soar positivo e otimista. Fora isso o que a

assistente social

e a psicóloga tinham-no aconselhado a fazer. Soar positivo e otimista sem negar a tragédia. Garantir às crianças que a vida continuaria e as coisas iam melhorar.

Como se pudessem piorar. O que poderia ser pior do que ser criança e perder

os dois pais no mesmo dia?

Sean já era adulto quando perdera a mãe há cinco anos e aquela ferida ainda sangrava. Uma das últimas coisas que ela lhe dissera sempre o desconcertava.

Dissera-lhe

para se apaixonar, sossegar, constituir família. "É para isso que você nasceu, mais do que qualquer um de nós." Nos últimos cinco anos ele fizera o possível

para

ignorar o seu conselho. Agora, olhando para as sobrinhas e para o sobrinho, pensou nela. Ela sempre tivera um ótimo senso de humor.

- Oi, Lily - disse Ashley, brincando com uma espátula plástica no chão aos seus

pés.

- E quais são as novidades? - perguntou Cameron, os braços cruzados com força sobre o peito.

- Tivemos uma reunião com os advogados do seu pai e da sua mãe para a leitura do testamento. Os dois deixaram praticamente tudo o que tinham para vocês.

191

- Tudo? - Os olhos de Charlie se arregalaram.

- Quase, Seu pai deixou para mim os tacos de golfe dele e algumas coisas para o Red, para o Travis, para o vovô e outras pessoas. E a sua mãe se lembrou da mãe dela

e da Lily. - A gracinha da Lily, pensou ele. Sean ainda estava aborrecido com

as coisas que ela tinha lhe dito, pondo em dúvida a sua capacidade de tomar conta

daquela

família. Era como se ela quisesse abalar a sua confiança.

Lily forçou um sorriso.

- A sua mãe quis que eu ficasse com as roupas dela. Ela sempre insistiu para

eu usar roupas mais modernas, vocês sabem.

- E isso é tudo? - perguntou Charlie. - Tudo de tudo? Ninguém recebeu mais nada?

- Não que eu me lembre, - Sean olhou para Lily. - E você?

- Acho que isso é tudo.

- Ufa! - Charlie jogou-se para trás sobre a almofada do sofá.

- Mais alguém deveria ter sido agraciado? - perguntou Sean.

- Não. De jeito nenhum, nunca! - Charlie respondeu imediatamente.

Ela era engraçada, refletiu Sean, Sob vários aspectos, era difícil conhecer sua

sobrinha. Cameron fixou os olhos nela e murmurou alguma coisa que o tio não

conseguiu

entender. Ela mostrou a língua para ele.

- Então a gente vai para um orfanato ou o quê? - perguntou Cameron.

- É claro que não - respondeu Sean.

- De onde você tirou essa idéia? - perguntou Lily.

- Nós já estamos no programa de adoção. Fiquei pensando se seríamos enviados para pais adotivos ou não.

O queixo de Charlie tremeu,

- Não quero ser adotada.

- Seu irmão só tem mer... titica na cabeça - disse Sean. Tentava ser paciente com o comportamento de Cameron, mas era difícil. - Ninguém vai levar vocês

para

lugar

nenhum. Vocês vão morar comigo. Na verdade, seria mais apropriado dizer que eu vou morar com vocês. Aqui mesmo nesta casa.

192

Parecia surrealista dizer aquilo. Sean passara do extremo de não ter ninguém,

exceto ele próprio, para o de ter uma casa num bairro residencial com três crianças.

Mal podia pensar direito no assunto. Como dissera Lily, era uma prisão perpétua.

- A Lily vai continuar dormindo no quarto de hóspedes? - perguntou Charlie.

- Ela não vai ficar aqui, inteligência! - disse Cameron.

- Não vai? - Com as marias-chiquinhas balançando, Charlie virou-se bruscamente para Lily.

- Não posso, querida - disse ela. - Mas prometo estar aqui sempre que você precisar. Vou ver você todos os dias na escola e virei todas as noites quando  
o

seu tio

estiver trabalhando.

Sean liberou o ar até então reprimido. Tinham analisado seriamente algo chamado de "plano familiar preliminar" com a assistente social. Sean sabia que Lily

não

estava

feliz com o acordo, mas ela não deixava as crianças perceberem como se sentia. Assim era Lily. Ela, definitivamente, punha as crianças em primeiro lugar. Sean

sabia

que ela estava furiosa com os termos do testamento, mas, ainda assim, pelo bem daquelas crianças, guardava sua desaprovação para si.

- Quem vai tomar conta da gente quando formos para a casa do papai? - perguntou Charlie.

- Não vamos mais para a casa do papai, debilóide! - disse Cameron. - Ele não

está lá. Você ainda não percebeu?

- Ei! - gritou Sean. - Chega! Charlie abaixou a cabeça.

- Escutem, vamos fazer isso dar certo - disse Sean, embora ninguém estivesse escutando, porque Ashley escolhera aquele exato momento para

virar a chave do triturador

de lixo, que ficava na altura da sua cintura. O barulho da máquina assustou-a,

deixando-a muda e com os olhos arregalados. Então seu rosto se enrugou como um lenço-de-papel

amassado e ela soltou um daqueles gritos de perfurar os tímpanos.

Todos na cozinha correram na sua direção: Sean, Lily, Cameron e até mesmo

Charlie, todos desesperados por consolá-la. Sean chegou primeiro e a acolheu logo

em

seus

braços. Por volta do meio da semana, Ashley

193

convencera-se de que ele era bonzinho e agora o deixava abraçá-la sempre que ele quisesse. Ela agarrou-se ao tio e por fim os soluços amedrontados cederam. A seguir,

empurrou os punhos contra o peito dele e olhou-o nos olhos.

- Papá - disse a menininha.

Uma sensação sinistra tomou conta dele.

- Tio Sean. Esse é o meu nome. Você consegue falar? Ti-o Sean.

- Papá - disse ela novamente e enfiou o polegar na boca.

Charlie foi para o quarto de Cameron tarde naquela noite, mal arrumada e ligeiramente perdida na camisola da mãe. Seus olhos estavam tão arregalados

que o irmão

poderia ter achado graça, se não tivesse percebido o terrível medo que a assombrava.

- O que foi? - perguntou ele. - O que você está fazendo de pé?

- É a Ashley - disse Charlie numa voz fraca e assustada.

Ah, não. A Charlie também não. Quem mais sabia sobre o assunto?

Cameron sentiu pena da irmã, pôs o braço em torno dela e a abraçou forte.

Seu corpo era quente e sólido contra o dele e seu cabelo cheirava a xampu de

bebê.

- O que tem ela? - fez um esforço para perguntar, embora já soubesse do que se tratava. Deus do céu, ele sabia e estava ficando tão assustado quanto ela.

- A mamãe disse que a Ashley não é filha do papai. Ela disse que a Ashley tem

outro pai.

Cameron respirou fundo. O que deveria fazer? Falar para a menina que a mãe

deles era uma mentirosa ou deixá-la saber que ela havia mesmo pulado a

cerca?

- Quando ela te contou?

- Depois do recesso da primavera. Ela estava furiosa porque o papai tinha levado a gente para a Califórnia.

Cameron sentiu um soco gelado no estômago.

- Ela contou para o papai?

- Não. Só para mim. Ela, hum... ela estava triste e zangada e não tinha mais ninguém com quem conversar.

194

Provavelmente também tinha tomado uma garrafa de vinho naquela noite, como na noite em que contara para Cameron. Sentir raiva da mãe queimava como ácido no seu estômago.

Não adiantava mais nada sentir raiva dos pais, mas às vezes não tinha jeito.

- Deve ter alguma coisa errada - disse Cameron. - Você ouviu mal. Ela não quis

dizer nada disso.

-Ela me contou - disse Charlie. - As pessoas acham que sou boba, mas não sou. Ela disse que a Ashley tem outro pai e eu estou com medo que ele apareça e a leve embora

daqui. Cameron tinha medo disso também.

- O mais importante é a gente ficar quieto. Isso é só uma história e você vai

criar problemas se falar alguma coisa.

- Não vou falar nada - sussurrou.

- Não precisa falar. Ninguém vai levá-la embora - prometeu Cameron solenemente, colocando o outro braço em volta dela. Falando daquele jeito, sentiu-se como sempre

se sentia, sem saber se estava ou não dizendo a verdade.

Charlie soluçou tão forte que engasgou, e ele a abraçou novamente.

- Ei - disse o irmão, esfregando-lhe as costas por cima da camisola de seda excessivamente grande, ainda com o cheiro de sua mãe. - Ei, procure se acalmar, está

bem?

- Eu tento o tempo todo, mas quero o meu pai e a minha mãe, Cam. Preciso falar com eles, abraçá-los. Sinto tanta saudade deles! - Ela parecia não conseguir respirar

entre os soluços.

- Eu também sinto saudade deles. - Acariciou o cabelo dela. De certa forma, Charlie tinha mais sorte do que ele. Os sentimentos dela pelos pais eram simples e claros.

Ela os adorava e endeusava. Nem mesmo o fato de saber que havia alguma coisa estranha com relação a Ashley comprometia sua adoração. Quando se

lembrava deles, pensava

apenas nos seus acertos, não nas suas falhas.

Cameron, por outro lado, tinha idade suficiente para saber que os pais eram humanos e cheios de falhas. Ainda assim, pegou-se desejando não ter brigado

com o pai

naquela manhã, que acabou sendo o último encontro

195

deles. Desejou ter sido mais compreensivo com a mãe quando ela se descontrolou e lhe contou sobre Ashley.

- Preciso deles, Cam - Charlie sussurrou contra o seu peito. - Preciso que eles

voltem.

- Hum-hum - disse ele com a voz preocupada, os olhos ardendo. - Eu também.

196

Capítulo 24

Sean ficou observando aquela massa de mingau de aveia na parede da cozinha e olhou zangado para a sobrinha mais nova.

- Todo mundo nesta casa se acha no direito de me criticar! - disse ele.

Ela devolveu o olhar irritado.

- Tá ruim!

- Coma a droga do mingau! - rebateu ele.

Ashley suspirou alto como se ele lhe tivesse batido e explodiu em lágrimas.

- Tá ruim - soluçou. - Tá ruim.

- Ah, vamos lá, Ashley - disse ele, suplicante. - Eu não queria gritar com você. -

Mas ela não estava prestando atenção ao que ele dizia, sentindo-se perdida num

mundo cruel. - Droga! - ele resmungou.

- Droga! - ela gritou também. Antes que pudesse detê-la, Ashley atirou outra

colherada do mingau, dessa vez atingindo-o em cheio no rosto, o cereal morno

escorrendo-lhe

pela bochecha.

A garotinha ficou em silêncio, seus olhos molhados, arregalados e apreensivos.

Tinha apenas dois anos, mas sabia que fizera algo errado.

Sean sentiu-se muito perto de perder o controle. Tinha levantado cedo

naquela manhã e vestido camisa social e gravata para levar Charlie e

197

Cameron para a escola. Devagar, o mingau foi escorrendo até o canto de sua boca. Ele sabia que a menina estava se preparando para outro berreiro.

- Cruzes! - disse, provando o cereal. - Isso está ruim mesmo! Fez uma careta

terrível e apertou o pescoço.

Ashley não agüentou e riu até ficar com soluços. Sean fez a maior encenação

para limpar o mingau do rosto e do colarinho, o que fez a sobrinha rir ainda mais.

Aliviado,

ele a convenceu a comer um pedaço de pão de banana, uma das inúmeras coisas trazidas por amigos e vizinhos preocupados. Ele estava sem espaço no

freezer para tudo

o que as pessoas estavam levando. Neste ritmo, calculou, não precisaria aprender a cozinhar durante um ano. Com certeza absoluta, pretendia cortar mingau de aveia

da sua lista.

Charlie parecia emburrada quando entrou intempestivamente na cozinha e largou a mochila no chão.

- Qual o problema? - perguntou ele.

- O Cameron está demorando uma eternidade no banheiro e eu ainda nem fiz o

meu cabelo.

- Fez o que com o seu cabelo? - Sean deu a ela um pedaço de pão de banana e serviu um copo de leite.

O queixo de Charlie tremeu.

- A mamãe sempre fazia o meu cabelo, a não ser quando eu estava na casa do

papai.

Sean sabia que teria de agir rapidamente ou ela começaria a chorar. Quando Charlie chorava, Ashley sempre a acompanhava e então eles voltariam à estaca zero.

- O seu pai fazia o seu cabelo? Ela olhou zangada para ele.

- Claro que não.

- Aposto que eu consigo - disse Sean.

- Hum-hum.

- Hum-hum. - Sean abriu uma gaveta onde tinha visto um monte de escovas de cabelo, presilhas brilhantes e elásticos para rabo-de-cavalo. - Pode sentar,

madame.

Lançando-lhe um olhar desconfiado, Charlie sentou-se num tamborete diante

da bancada. Ashley observou, fascinada. Sean perguntou-se

no que havia se metido. A sobrinha tinha cachos brilhantes e sedosos, que lhe

pareciam lindos, mas insistiu em tranças e presilhas. Seus cabelos tinham um

tipo de

maciez que ele jamais sentira antes. Não sabia como fazer tranças, mas descobriu o que era uma presilha.

- Esta é a melhor trança do mundo! - assegurou-lhe, torcendo duas mechas de

cabelo juntas. Pegou as presilhas, os elásticos mais cintilantes e enfeitados e, quando chegou ao fim, ela não tinha ficado nada mal.

- Pronto - disse ele. - Você está parecendo a Cher.

- Quem é a Cher?

- Uma das mulheres mais bonitas do mundo - disse ele. - Coma seu pão de banana.

- Não quero ir para a escola - disse Charlie, beliscando o café da manhã.

Cameron entrou quase se arrastando na cozinha, os cabelos ainda úmidos por

causa do banho.

- Nem eu.

- Certo. Vocês podem ficar em casa e arrumar esta bagunça. - Sean gesticulou pela cozinha. Lily tinha ido embora no dia anterior e, de alguma

forma, os pratos

tinham

se multiplicado na pia e os mais vários objetos tinham se acumulado em cada

superfície à mostra. - Vocês escolhem - disse ele.

Charlie olhou para a massa de mingau na parede.

- Escola - disse mal-humorada.

- Tanto faz - disse Cameron.

- Eu queria estar indo para a Itália.

- Porque a Itália?

- Porque não fica aqui. A Lily vai passar o verão na Itália. Bom para ela, pensou, com uma pontada de inveja.

Lily observou Sean cruzando apressado o corredor até sua sala de aula, rebocando Charlie atrás dele. Ele a segurava pela mão, mas andava tão rápido

que ela praticamente

teve de correr para acompanhá-lo. Os dois estavam com a cara fechada, e o sorriso brilhante de Lily não conseguiu impressioná-los.

199

- Entre, querida - disse ela. - Seus amigos estão esperando por você.

Lindsey Davenport - abençoada seja ela - agarrou Charlie pela mão e a levou

para dentro.

- Não está funcionando - disse Sean, quando Charlie não estava mais por perto.

- O que não está funcionando? - Lily perguntou em voz baixa.

Manteve os olhos em Charlie, observando a garotinha acomodar a mochila. As

outras coleguinhas vieram lhe dar as boas-vindas, elogiando seus cabelos e tratando-a

com aquela ternura instintiva que as crianças demonstram quando uma delas

se machuca.

- Nada. Nada do que foi planejado. A casa está um caos. Preciso fazer todo mundo levantar da cama, cuidar da Ashley, sair na hora. Está uma loucura.

- As mulheres fazem isso todos os dias. - Ela não podia perder essa oportunidade.

- Isso é para ajudar? - Ele esfregou uma mancha não-identificada na camisa. Sua expressão mudou para um sorriso tão logo Charlie se aproximou dele.

- Até mais tarde, tio Sean.

Ele acariciou-lhe a cabeça, desajeitado, mas afetuoso.

- Tenha um bom dia, querida.

- Está bem. - Charlie estava agora cercada por algumas das suas amiguinhas

que tinham se aproximado para ver quem era o seu tio. Com calças de algodão

esporte-fino,

camisa e gravata, ele tinha um certo charme displicente e alvoroçado. As crianças pareceram atraídas por ele, como se ele fosse uma delas.

- Depois você me conta como foi - murmurou ele para Lily.

Na verdade, conforme o dia foi passando, Lily chegou à conclusão de que tudo

parecia ir relativamente bem. Não podia negar o seu alívio em estar de volta à

sala

de aula, ao seu mundo seguro, mais uma vez no controle da situação. Aquele

era o lugar onde se sentia uma pessoa melhor, confiante e afetuosa com os alunos que adorava.

Após aquela semana caótica e emotiva na casa de Crystal, aquilo era o normal.

200

Então por que sentia saudade do caos daquela casa? Lily pôs tal pensamento de lado e ficou de olho em Charlie, quieta durante todo o dia. Mais para o final do expediente,

sentiu-se esperançosa. Tradicionalmente, ela reservava os vinte minutos finais

para uma roda de leitura.

-Meninos e meninas - disse, ajeitando-se sobre as almofadas no chão e chamando todos para se reunirem à sua volta. - Hoje vamos começar a leitura

de um novo livro.

A Teia de Charlotte, de E.B. White.

-Eu vi o desenho na TV - disse Éden.

-O livro é sempre melhor, não é, srta. Robinson? - disse Sarah.

Lily concordou com a cabeça, então esperou que todos ficassem quietos.

Abriu o livro na já conhecida primeira página. Dadas as circunstâncias, era uma

escolha arriscada, mas ela confiou nos seus instintos. Aquele era, sem sombra

de

dúvida, um romance perfeito e um dos melhores já escritos para crianças. E,

por conseguinte, para adultos. Lily tinha a esperança de que a história de uma

amizade

tão poderosa a ponto de transcender a morte tivesse um significado especial para Charlie.

Ela respirou fundo e começou a leitura:

- "Onde o papai vai com aquele machado?, Fern perguntou à mãe, enquanto botavam a mesa para o café da manhã..."

Provavelmente, havia coisas piores do que voltar para a escola após os pais terem despencado de carro ribanceira abaixo, mas, naquele momento,

Cameron não conseguia

pensar em nada. Aquilo era o pior. Assim que Sean estacionou na frente da Comfort High School, ele sentiu-se como se empurrado para dentro de um buraco escuro,

da

mesma forma como se sentira na manhã em que o tio chegara em casa com as

notícias.

Ignorando a fala ininteligível de sua irmãzinha, Cameron bateu a porta do carro

com força e ficou parado na frente da escola, àquela hora apinhada de alunos.

Alguns

membros da comissão esportiva penduravam uma faixa entre dois grandes sicômoros, promovendo um ou outro evento. O sr. Atherton, o vice-diretor, liderava uma turma

de alunos que, como castigo, estava trabalhando na coleta do lixo daquela manhã.

201

Cameron deu as costas e curvou um ombro, na esperança de não ser reconhecido. Ainda não estava pronto para responder à saudação jovial sr. Atherton, "garoto-duro-na-queda".

Ou talvez nunca mais estivesse. Mas seria otimismo demais esperar ser tratado como se nada tivesse acontecido.

Aquele era um dos dias ventosos de abril em que havia a esperança de uma falha no fornecimento de energia e o cancelamento do dia de aula. Numa situação normal,

ele adoraria se isso acontecesse, mas nada mais era normal. Ele não queria estar em casa e nem na escola. Não queria estar em lugar nenhum.

Trocou a mochila de ombro e seguiu caminho. O vento batia em sua jaqueta e

seus cabelos.

- Cameron?

Ele continuou a andar, embora reconhecesse a voz.

- Cameron, eu só queria dizer como fiquei triste com o que aconteceu - disse

Becky Pilchuk, correndo para acompanhá-lo.

Becky Pilchuk. Era só o que faltava. Olhou ao redor para ver se alguém o estava vendo ao lado dela. No quadro-negro do vestiário masculino onde ele e

os amigos davam

notas às garotas da sala de acordo com seus atrativos, ela estava lá embaixo,

com dez por cento. Aquela era uma brincadeira dos meninos que soaria

inacreditavelmente

ofensiva para as meninas, caso elas descobrissem.

- Tentei falar com você depois do enterro, mas não consegui te encontrar -

disse Becky.

- Eu não estava a fim de ser encontrado - disse ele. Naquele dia sentira

vontade de quebrar alguma coisa. Na verdade, quebrara mesmo. E exatamente

lá na igreja,

quando tinha saído para dar uma volta no estacionamento e presenciara algo

doloroso demais para ser visto. Estavam colocando seus pais no carro

funerário. Travis,

Sean e mais um grupo de golfistas carregavam o caixão do seu pai, enquanto

o de sua mãe era carregado pelos maridos das suas amigas do comitê das

paraolimpíadas,

do clube de jardinagem e de onde mais ela fosse membro. Extremamente

impressionado com a idéia dos pais encerrados dentro daquelas caixas  
lustrosas, saiu correndo

quando ninguém estava olhando. Correu até sua respiração sair em

202

soluços estrangulados, chegando aos fundos da igreja e olhando para os  
vitrais

coloridos emoldurados por arcos altíssimos. Acima dos arcos havia uma  
rosácea. Sabia

ser este o nome, pois já havia estudado arquitetura gótica na aula de história  
mundial. A rosácea representava uma pomba pairando sobre uma chama - o  
Espírito Santo.

Foi então que escolheu uma pedra lisa e arredondada. Pegou impulso e  
jogou-

a o mais forte que pôde; a pedra estilhaçou a janela com um estardalhaço  
prazeroso. Nem

sequer se preocupou se o barulho poderia chamar atenção de alguém, pois  
além de o hino subsequente ao ofício divino ecoar pelos alto-falantes, todos  
já

havam saído

para a droga do cemitério, para enterrar os seus pais no chão. Sem qualquer  
pressa, foi andando devagar até se encontrar com os outros na limusine

refrigerada cheirando

a bananas maduras.

Procurou não olhar para Becky, mas não teve jeito. Ela tinha uma certa fascinação por ele desde que se mudara para lá no último outono. Ela reunia todas as características

de um ciberpirata - a inteligência, os óculos, a total falta de gosto ao vestir-se -,

mas, ainda assim, ele teve uma estranha reação diante dela. Seu coração acelerou

e ele se sentiu completamente nervoso. E, quando ela mencionou os seus pais,

ele sentiu os olhos e a garganta doerem, como se estivesse prestes a desatar a chorar.

- Bem - disse ela com a voz hesitante -, se você algum dia sentir vontade de conversar sobre o assunto, eu... estou disposta a ouvir.

Por um momento irrefletido, Cameron sentiu uma vontade incontrolável de contar a ela sobre o vitral da igreja e sobre a curiosa compulsão que andava sentindo de

destruir as coisas. Ele não sabia por quê. Quebrar coisas ou criar confusão não

ajudava em nada. Na verdade, não tinha a menor graça, porque simplesmente

significava

que alguém teria de consertar tudo o que destruísse. Grande porcaria. Se contasse isso para Becky, ela saberia como ele era mesmo esquisito.

- Duvido que eu sinta vontade de falar alguma coisa. Isso tudo é um saco! É só

o que tenho a dizer.

- Está bem, desculpe - disse ela. - É melhor eu ir andando. Preciso entregar um

trabalho antes do toque da primeira sirene. - Um sorriso metálico se esboçou e

se

desfez. - Então a gente se vê por aí, tudo bem?

203

Ele não respondeu, mas observou-a ir embora puxando uma folha branca e lisinha de dentro do caderno enquanto se dirigia para a porta da frente da escola. Quando

estava quase chegando ao prédio, uma lufada de vento arrancou-lhe a folha da

mão, fazendo-a voar alto acima da sua cabeça. Ela correu atrás da folha, mas

esta saiu

planando alguns metros à frente, até onde um grupo de rapazes se

acotovelava e empurrava. Um deles viu a folha de papel e pisou em cima dela.

Becky correu e a segurou.

Puxou com tanta força que a folha se rasgou.

Os rapazes riram e bateram as palmas - Yes! -, ao que Becky, ruborizada, pegava a folha e se afastava apressada. Ao passar por Cameron, seus olhos se cruzaram brevemente,

dando a ele, naquele momento, a certeza de que ela o vira presenciar tudo. Na

mesma hora, sentiu-se culpado por não ter tentado ajudá-la e, a seguir, furioso,

pois

detestava sentir-se culpado.

E por algum motivo sua raiva voltou-se contra ela. Garota esquisita! Ela devia

saber que o último assunto sobre o qual ele gostaria de falar eram os pais, e a

última

pessoa com quem gostaria de falar era ela, Becky Pilchuk.

Cameron correu para a sala de aula e tentou se esgueirar invisível até o seu lugar no fundo. Não deu essa sorte. Shannon Crane o avistou e gritou: - O Cameron voltou!

Ah, Cam, sentimos a sua falta. Ele tentou agir normalmente à medida que os

amigos se reuniam à sua volta. Alguns tinham ido ao funeral, mas ele não chegara a falar

com ninguém. Ficara ocupado demais tentando fugir das câmeras da ESPN e

dos jornais locais que insistiam em filmá-lo. Agora, entre amigos, sentia-se mais sozinho

do que nunca.

Os amigos falaram à vontade, colocando-o a par das fofocas da escola - Maris

Brodsky tinha terminado com Chad Gresham, o técnico do ticit de vôlei feminino tinha

sido notificado por usar um linguajar inapropriado com as meninas, e a música do baile de formatura ia ser "Sailing Away", como se ele desse a menor pelota

para

isso. Cameron não se moveu, mas sentiu-se bem distante daquelas pessoas,

um visitante de outro planeta. Ele era um estranho na própria pele. Não sabia

mais como

agir. Quando chegaria a hora de se divertir novamente com os amigos?

Quando chegaria a hora de pensar em outra coisa a não ser naquele vazio

gigantesco dentro dele?

Quando chegaria a hora de se importar de novo com as coisas?

204

Ele não tinha respostas, apenas perguntas surgindo de roldão para preencher aquele vazio. Os amigos logo se dispersaram e ele ficou sozinho na carteira de

um braço

só, com os olhos imersos naquela superfície da fórmica. Pegou o compasso no

bolso da mochila. Aquele era um instrumento de precisão, seu professor de geometria dissera,

quando o pas sara por entre os alunos. Mantenham sempre a ponta afiada dentro da capinha para não arranhar nada por acidente.

Cameron não arranhou a carteira por acidente. Ele a arranhou de propósito, entalhando a palavra FODA-SE na superfície brilhante, e então TUD... não teve

a chance

de terminar. A sirene tocou e todos levantaram correndo dos seus lugares.

Cameron cravou a ponta do compasso na superfície da carteira, pendurou a mochila no ombro

e saiu com os outros.

Durante o dia, houve momentos em que lamentou ter voltado para a escola. Quando seu professor de inglês, o sr. Goldman, pôs a mão em seu ombro e perguntou como ele estava, Cameron quase se descontrolou.

- Ótimo. Maravilhosamente bem.

- Gostaria de conversar sobre o assunto?

Aquilo era praticamente a única coisa que vinha fazendo nos últimos dias. Tinha falado com assistentes sociais, com psicólogos, com Lily e com Sean. Estava cansado de falar.

- Não - disse ele.

O dia ia apenas começar a piorar a partir dali.

205

A criança suporta tudo.

- Maria Montessori

208

Capítulo 25

- Tudo bem - disse Grég Duncan, ajudando a supervisionar o ponto de ônibus

na sexta-feira à tarde -, qual é a desculpa desta vez? Lily despediu-se xdo último dos

seus alunos e virou-se para ele.

- Desculpa?

- Para não sair comigo hoje à noite. Ela pensou e bateu o pé.

- Hum, você ainda não ter me convidado?

- Então estou convidando.

- E eu estou dizendo não, obrigada. - Tentou forçar um sorriso, mas sentiu os

cantos da boca trêmulos. - Não serei uma boa companhia. - Lily desejou que

Grég fosse

o tipo de amigo com o qual pudesse desabafar, para quem pudesse contar como estava física e emocionalmente abalada com tanto sofrimento. Mas ele

não era, com certeza.

Pensando bem, a maioria das conversas deles girava em torno do seu jogo e das suas queixas sobre ter de pagar pensão alimentícia para as crianças que nunca via.

Lily sentiu-se culpada por pensar assim e disse:

- Obrigada mesmo assim. É muito gentil da sua parte, Grég.

- Tive uma idéia - disse, virando-se subitamente para ela. - Que tal você me ligar quando quiser fazer alguma coisa?

- Vou ligar. Prometo.

Ele saiu para unir-se a um grupo de outros professores que estavam por perto,

enquanto o último ônibus partia. Os bate-papos relaxados e as ocasionais explosões

de risadas sempre soaram tão... tão normais para Lily. Mas ela não conseguia

mais pensar assim, não sabia mais o que era normal. Voltou para a sala de aula. Analisou

o calendário. Faltavam sete semanas para o fim do ano escolar. Então chegaria o verão, sua época de aventura e renovação.

Pensou na viagem que tinha planejado com tanto cuidado. Imaginou-se sentada sozinha num café ao ar livre em Positano, tomando licor de limão e observando os barcos

de pesca coloridos. Sabia exatamente o que passaria pela sua cabeça - os filhos de Crystal.

Pegou a bolsa e foi embora. Para o diabo com o testamento de Dereke o decreto do tribunal. Tinha uma obrigação para com aquela família que não estava escrita em

nenhum documento.

Em vez de ir para a sua casa, foi para a casa de Crystal. Havia prometido a Charlie que iria visitá-la regularmente, todos os dias se precisasse, e estava disposta

a cumprir com a sua promessa.

- Lily! - Charlie abriu bruscamente a porta, antes mesmo de ela tocar a campainha, e jogou-se em seus braços. - Entre. Estamos lanchando.

Sean apareceu para cumprimentá-la. Ashley gritou alguma coisa, cuspiendo farelos pela boca.

- Está com fome? - perguntou-lhe Sean, apontando para a mesinha de centro.

A mesa tinha de tudo: queijo em bisnaga, biscoitos, latas de refrigerante e os

copos

de

coquetel e martíni que Crystal reservava para ocasiões especiais.

- Estamos curtindo a nossa happy hour - disse Charlie. - Vou preparar alguma

coisa para você.

Sean liberou um espaço no sofá e Lily se sentou.

- Happy hour? - perguntou.

- Para mim, de happy mesmo só tem o nome - disse Charlie -, mas o tio Sean

diz que a gente precisa comer.

210

- Isso é verdade. - Ela virou-se para Sean e trocaram um olhar fugaz num momento breve e constrangedor. Havia algo entre eles, o laço doloroso partilhado pelos

sobreviventes

de um naufrágio. Ela desviou o olhar rapidamente, com a estranha sensação de que ele vira algo que não deveria.

- Toma. - Charlie ofereceu-lhe um biscoito com uma torre de queijo. Aquilo mais parecia um ataque do coração em cima de um biscoito.

- Deve estar... uma delícia. - Para evitar colocá-lo na boca, Lily apontou para

uma caixa na mesinha de centro. - São os seus distintivos de bandeirante? - perguntou.

- São. É para eu costurá-los numa faixa para usar com o meu uniforme. -

Charlie pegou um, parecendo completamente perdida. - A mamãe ia me ajudar.

Lily tentou dizer alguma coisa, mas ficou sem voz. Aquilo acontecia tantas vezes por dia com Charlie, com toda a família. Era a crueldade insuportável da

morte prematura.

As coisas foram deixadas inacabadas, interrompidas.

Enquanto Lily pensava no que dizer, Sean serviu um pouco de 7UP num dos

copos de martíni de Crystal.

- Eu e você vamos fazer isso juntos, certo, Charlie Brown?

- Certo.

- Você quer com uma azeitona ou uma fatia de limão? - perguntou Sean.

- Azeitona? Eca!

- Sente direito, então - disse, entregando-lhe o copo.

Lily livrou-se discretamente do biscoito. Na verdade, usar os copos bonitos do

bar não constituía nenhum crime. A julgar pelo estado da casa, aqueles deveriam ser

os únicos limpos. O lugar parecia mais bagunçado e caótico cada vez que ela

os visitava. Num canto da sala, havia um campo de golfe portátil. A estante ao

lado da

porta estava entulhada de revistas velhas e livros. Cameron desceu as escadas

mal-humorado e desleixado.

- Oi, Lily - disse ele. - Põe um pouco de queijo num biscoito e o comeu numa

mordida só. Com a boca cheia, perguntou: - Alguém viu um compasso?  
Preciso

dele para

o dever de casa.

- O que é um compasso? - perguntou Charlie.

211

Ele revirou os olhos.

- Deixa pra lá, debilóide.

- Tio Sean! Ele me chamou de debilóide!

Sean estava preocupado em limpar restos de queijo do queixo de Ashley.

- Não xingue a sua irmã! Charlie pôs a língua para Cameron.

- Você está todo enfezadinho só porque o tio Sean colocou filtro no seu computador.

- Grande coisa, sua debilóide!

- Tio Sean! Lily!

Um alarme soou em algum canto da casa, como uma campainha ao final de uma rodada de boxe.

- É a secadora - disse Sean. - Cam, vá tirar as roupas da máquina e dobrá-las.

- Mas...

- Agora. - Eles se encararam. Cameron semicerrou os olhos e saiu zangado da

sala.

Charlie fungou, magoada.

- E você vai ajudá-lo a dobrar as roupas.

- Mas...

- Já falei, Charlie.

Charlie olhou para Lily, à procura de apoio. Lily não disse nada. O queixo de

Charlie tremeu, ela deu as costas e saiu marchando como um prisioneiro para

a execução.

Sean levantou a lata de 7UP para que Ashley pudesse beber. Lily continuou calada e seus olhares se encontraram por cima da cabeça da menina.

- Meu mundo, bem-vinda a ele - disse Sean.

- Mais um dia se passou e você deu conta - disse-lhe ela, determinada a incentivá-lo. - Você deu conta a semana inteira.

- Parabéns para mim.

Ashley subiu no colo do tio e encostou o rosto em seu peito. A mão dele, grande o bastante para cobrir suas costinhas, acolheu-a com um

Afeição surpreendente. Havia ainda um restinho de queijo fundido na sua ténpora, mas também um sorriso em seus lábios quando piscou algumas vezes

e então fechou

os olhos. Lily sabia que era muito tarde para tirar um cochilo. Ela provavelmente não dormiria bem à noite.

Pare com isso, disse para si mesma.

- Vou levar essas coisas para a cozinha - disse a Sean. Ele não respondeu.

Ela reuniu os biscoitos, o queijo, as latas de refrigerante e os copos, fazendo duas

viagens

para levar tudo para a cozinha. Ficou muito satisfeita em jogar a bisnaga de queijo na lata de lixo. Levou alguns minutos enchendo a lava-louças e arrumando a cozinha.

A bancada estava cheia de caçarolas, pratos de tortas e vasilhas plásticas de outras pessoas espalhados por toda a sua superfície. Os amigos da família tinham sido

generosos com as ofertas de comida. Após uma tragédia de tamanha grandeza, os presentes pareciam tanto inadequados como sinceros.

Ela acabou de lavar a louça e decidiu separar a correspondência. Prometera a

Sean que cuidaria de todos os assuntos de Crystal, fechando todas as suas contas

bancárias,

cancelando assinaturas de revistas e mandando suas contas para o

testamenteiro. Havia algo particularmente terrível em mexer nas contas de

Crystal, ver suas compras

caras de cosméticos e de roupas para crianças, presentes e litros de gasolina para o carro. Crystal não fora a pessoa mais prática que conhecera, mas uma

das mais

generosas.

Lily fez pilhas de contas e de malas diretas. Um recibo de laboratório mostrou

que Ashley tinha feito um exame de sangue na segunda-feira antes do

acidente. Lily

franziu a testa, perguntando-se se a menina estaria com algum problema.

Todas as correspondências pessoais pareciam endereçadas às crianças ou a

Sean e às crianças.

A maioria tinha o tamanho e o peso avantajado de cartões de condolências. Na

base da pilha, ela viu alguns envelopes grandes e reforçados endereçados a

Sean Maguire,

cada um numa letra feminina diferente e bem desenhada. Eles já haviam sido

abertos. Um era de Kalamazoo, em Michigan, outro de Long Beach, na Califórnia, e outro

ainda de San Diego. Amigas distantes?, perguntou-se, analisando os remetentes. Kat, Nikki, Angelina.

Deixe de ser tão intrometida, Lily disse para si mesma, dando uma espiada por

cima do ombro. O maior dos envelopes escorregou-lhe das

213

mãos e caiu no chão, cuspidando seu conteúdo. Papel de carta cor-de-rosa, caligrafia arredondada: Querido Sean, nunca nos encontramos, mas li nos jornais sobre

a

sua

terrível tragédia e gostaria que você soubesse que estou disposta a ajudá-lo.

Preso por um clipe estava o retrato de uma jovem com seios

enormes.

Chocada, Lily pôs tudo de volta. Então espiou dentro de outro envelope e encontrou cartas diferentes, fotos diferentes. Agora que você tem todas essas

crianças,

vai precisar de uma esposa... A foto de Kat fez Lily soltar uma exclamação.

-Ele recebe cartas assim pelo correio todos os dias - disse Cameron. - Bem baixo nível, né?

Lily virou-se com o rosto afogueado.

- O quê?

- Essas mulheres mandando cartas com fotos para ele. Estão todas assim, só se oferecendo para ele porque está nos jornais.

- Ah. - Lily engoliu em seco. -... Sei.

- Que coisa mais maluca! Quem poderia imaginar que isso ia fazer dele o solteirão do ano?

Lily ocupou-se em pôr as contas dentro da bolsa.

- É melhor eu ir embora - disse, sentindo o estômago embrulhado. Aquela era a

casa de Crystal e estava se transformando em algo completamente diferente.

Ainda assim,

Lily não tinha nenhuma autoridade para mudar as coisas, mesmo se soubesse

o que fazer.

- Até mais - disse Cameron, curvando-se para ver o que havia na geladeira.

No trajeto até a porta, Lily tentou pensar no que dizer a Sean. Ele estava sentado em silêncio no sofá, Ashley aninhada no seu colo. Segurando uma camisola azul

toda amarfanhada, Charlie estava recostada ao seu lado. A luz do entardecer caiu sobre eles e ela percebeu que todos três tinham pegado rapidamente no sono. O sofrimento

era extenuante; eles estavam descobrindo isso.

Ela ficou parada por um tempo, observando-os dormir. Observando Sean, analisando o belo contorno do seu queixo, os músculos dos seus braços.

214

Sentindo uma onda inesperada de desejo e melancolia. Não era de admirar que perfeitas estranhas estivessem lhe propondo casamento.

Lily chegou em casa cansada e aborrecida, mas, naquele dia em particular, uma distração inesperada esperava por ela. Viu o trailer Winnebago de onze metros da irmã

estacionado em frente à sua casa. Assim que saiu do carro, a porta do trailer se abriu e surgiu Violet, seu rosto marcado pelo estresse. Atrás dela saíram Megan

e Ryan, seus filhos de nove e dez anos, respectivamente. Eles eram um casalzinho encapetado que ora parecia brigar, ora agir como se fossem grandes amigos. No momento,

estavam numa competição de empurra-empurra, e Violet, cansada demais para

lhes chamar a atenção. Antes mesmo de a irmã falar, Lily soube que as notícias eram ruins.

- Está bem, antes de você dizer qualquer coisa - começou Violet -, é só por um

tempo, juro.

- Na verdade, eu ia cumprimentar a minha sobrinha e o meu sobrinho- disse-

lhe Lily. - Olá, sobrinha, olá, sobrinho! - Distribuiu abraços que eles retribuíram

com

vivo entusiasmo. Os filhos de Vi eram meio desleixados, mas formavam um casazinho adorável, tão carinhosos e simpáticos quanto a mãe.

- Por que vocês dois não vão lá para trás brincar? - sugeriu Lily. - Tem uma quadra com espirobol nos fundos.

- E por que você tem espirobol se não tem filhos? - perguntou Megan.

- Talvez porque eu jogue sozinha - Lily respondeu com uma piscadela.

Honestamente, não queria tocar naquele assunto, agora que ele a deixava triste. Ela e Crystal

tinham montado o espirobol juntas há apenas algumas semanas, quando dos

primeiros indícios da chegada da primavera, para que Charlie pudesse brincar

quando fosse

visitá-la com a mãe. As lembranças de Crystal se apoderavam de Lily, tomando

conta do seu coração, e aquele sentimento de perda a deixava sem ar. Quando

isso acabaria?,

perguntou-se. Acabaria um dia?

Megan e Ryan voltaram ao empurra-empurra, enquanto se dirigiam para o pátio dos fundos.

215

Lily abraçou a irmã.

- Mal consegui falar com você durante o funeral, mas obrigada por ter vindo.

Então, como você está? - perguntou.

- Gorda, é assim que estou. - Ela passou a mão pelo cós apertado das calças jeans.

- Ah, pare com isso. Você está ótima!

- Estou gorda. Você sabe que eu sempre como demais quando fico estressada.

- O que está te estressando? - perguntou Lily, embora já pudesse adivinhar.

A

vida de Violet parecia ser direcionada para o estresse. Casara-se tão logo acabara

o ginásio e tivera os filhos em seguida. O marido, Rick, raramente arranjava um

emprego fixo. Ele tinha o hábito de abrir negócios excêntricos, já predestinados

ao fracasso desde o início. E quando não davam certo ninguém se

surpreendia, exceto o próprio Rick. Dono de um hotel para plantas, palhaço profissional, entregador

de gelo, professor de fabricação de iscas artificiais e topiário foram apenas

alguns dos investimentos que deveriam ter lhe rendido o seu primeiro milhão. -

Me diga,

o que está acontecendo? - tornou a perguntar, enquanto abria a porta e entrava

em casa.

- Tivemos que nos mudar - disse Violet, atirando-se no sofá. - Nosso contrato

de locação venceu e o proprietário aumentou o aluguel para uma quantia absurda. Estamos

morando num apartamento em Troutdale agora.

Lily pegou duas garrafas de suco orgânico na geladeira e deu uma para Violet.

- Com isso, devo entender que o negócio de, hum... dublagem não deu certo?

Violet balançou a cabeça negativamente.

- Foi um desastre. Ele dublou um comercial japonês e foi demitido. Disse que

precisava falar tão rápido que parecia prestes a levantar vôo. Estou me sentindo tão

mal por ele. - Olhou nos olhos de Lily. - O que foi?

- Nada.

216

- Nada uma ova! Você está me olhando de um jeito estranho. O que esse olhar

quer dizer?

Lily deu um sorriso para não deixá-la chateada.

- Você é incrível.

- Eu? Em que sentido?

- A sua devoção para com o Rick. Ele sabe como tem sorte de ter-te?

Violet tomou seu suco.

- Eu é que tenho sorte.

Lily se calou. Sorte. O homem não fazia outra coisa a não ser arruiná-lo financeiramente, várias vezes seguidas. Ainda assim, admitiu, ele nunca

parava de tentar

e sua esposa o adorava. O amor era um negócio esquisito mesmo. Não era de

admirar que não entendesse do assunto.

Violet considerou o seu silêncio como um sinal de desaprovação.

-Tudo bem, ele não é nenhum Donald Trump. Mas não casei com ele pelo seu

talento para fazer dinheiro. Casei com ele porque o amo, e aqui estamos nós onze anos depois

e eu o amo mais do que nunca. - Os olhos de Violet brilharam e Lily não teve

dúvidas de que ela acreditava no que dizia.

- Isso é maravilhoso! - disse Lily. Era?, perguntou-se. Era mesmo maravilhoso amar alguém a despeito de seus fracassos ou era loucura?

- Não me venha com agradinhos, irmãzona. - Violet riu. - Não sou um crânio

como você. Não tenho diploma universitário, mas sei muito bem o que é o amor.

Lily considerou-a, pensativa.

- O que quer dizer que eu não sei.

- O que quer dizer que cada pessoa vê de um jeito. Para mim, o amor é a forma como me sinto quando o Rick entra no quarto e o meu coração dispara.

E como me sinto

segura nos braços dele, como ele é carinhoso com as crianças e não o quanto

temos ou deixamos de ter na nossa conta bancária. Às vezes, a gente só precisa de alguém

com quem possa contar, alguém para nos abraçar e dizer que tudo vai dar certo. O resto é detalhe, Lily. Coisas sem importância. É isso que o amor faz.

Faz as coisas

pequenas... pequenas.

217

A paixão de Violet era aparente; ela acreditava mesmo que amar alguém incondicionalmente fazia tudo ficar suportável - ruína financeira, perdas, dificuldades. Seria

por isso que todos insistiam que era preciso amar? Lily perguntou-se, seus pensamentos voando alto até a família Holloway. A A perda da amiga deixou

claro o fato

de que a vida era dura, e de que agüentar a dureza da vida sozinha era uma provação ainda mais esmagadora.

- Escute - disse Violet -, estou falando de mim. Lily sorriu.

- Está bem. Acho você mesmo especial.

- Mas não sei em que sentido, hein? - Violet passou os olhos pela cozinha arrumada e bem organizada. - Somos tão diferentes. Como ficamos tão diferentes assim?

Essa era uma boa pergunta. Com apenas um ano de diferença, cada uma delas tinha tomado um caminho completamente distinto. Uma se tornara crente

no amor, a outra

uma perfeita herege nas questões do coração. Criadas por pais tristes e cheios

de problemas, Violet tinha se rebelado, determinada a ter sua própria família

feliz.

Tinha se atirado de cabeça num amor com poucas chances de dar certo e numa vida familiar caótica. Lily, por sua vez, construía um muro à sua volta e

recusara-se

a expor suas emoções a riscos.

- Aposto que um psiquiatra ia nos achar um prato cheio, hein?

- Acho que não, pois você nunca fala do passado - Violet observou. - Mas, mais

uma vez, acho desnecessário. O seu jeito de levar a vida denuncia coisas que

você

não ousaria falar em voz alta.

Lily sentiu-se como se o ar tivesse sido sugado dos seus pulmões,  
Recuperou-

se logo e sorriu como se Violet tivesse contado uma piada.

- Bem, como vão os nossos queridos e velhos pais? - perguntou.

! - Velhos. Mas não queridos. - Violet balançou a cabeça. - Talvez todas aquelas brigas façam bem a eles. Estão vendendo saúde, como sempre.

- A mamãe veio me ver logo após o acidente. Fiquei muito surpresa.  
Também

fiquei surpresa ao vê-los no funeral - admitiu.

- Você sabe que eles não são nossos inimigos.

218

-Não-Lily admitiu. - Não há inimigos nessa história, assim como quando perdemos o Evan. - Sua família fora marcada por uma tragédia e suas conseqüências. E agora

tudo aquilo estava acontecendo de novo com a família de Crystal.

-Espero que eles se saiam melhor do que nós - disse Violet.

Ficaram em silêncio por um momento, ouvindo as crianças brincarem no pátio

dos fundos.

-Estou feliz por você estar aqui - disse Lily. - Quanto tempo vocês vão ficar?

-Só até o Rick vir nos buscar daqui a pouco. Espero que a gente não precise deixar o trailer aqui por muito tempo. É só até conseguirmos uma casa com um

lugar para

ele. Na verdade, vamos precisar vendê-lo.

- Então por que vocês simplesmente não o vendem?

- Você conhece o Rick. Ele ainda não consegue pensar como eu. Portanto, nesse meio-tempo, vamos mantê-lo estacionado. - Ela olhou insegura para Lily.

- Isso é, se

você concordar.

Concordar? Ter um iate estacionado no meio dos seus rododendros premiados?

Lily respirou fundo. Aquilo era assunto de família, lembrou-se. A família em

primeiro lugar... antes das plantas.

- Tudo bem - respondeu.

- Obrigada, Lil. Vamos sempre ficar te devendo essa. Não, minto: estamos sempre te devendo alguma coisa. Nunca vamos ficar quites.

- Não seja boba. Eu gostaria de poder ajudar mais vocês. -

Violet deu um sorriso radiante.

- Você é uma santa, juro. E, olhe, você pode sair com ele a hora que quiser.

Sério. É a maior curtição. Dá para seis dormirem aí. O Rick queria um bem grande, para

o caso de a gente ter mais filhos.

Um bom plano, pensou Lily, mas ficou de boca fechada.

- Você poderia levar os filhos da Crystal para acampar, quem sabe?

- Duvido que eu vá a qualquer lugar com o seu Winnebago - disse Lily.

- Nunca se sabe. vá -

219

- Assim tem sido a minha vida ultimamente - confessou. - Nunca sei o que vai

acontecer.

Violet ficou séria.

- Como você está?

- Não muito bem. - Lily sentiu um prurido familiar no pescoço. - Sinto tanta falta

dela, Vi. Ela era tudo para mim, e agora que se foi, não sei o que fazer comigo

mesma.

Violet deu-lhe um abraço.

- Ah, Lily, eu queria que você não estivesse tão sozinha. - olhou-a dentro dos olhos. - Escute, sei o que você provavelmente está pensando. Só porque alguém que

você ama morreu, isso não significa que você não deva amar de novo.

Como a irmã a conhecia bem, pensou.

- Isso quer dizer que eu nunca deveria ter amado, em primeiro lugar.

- Não há como escolher, Líl. Por que você não se permite amar loucamente os

filhos da Crystal? Deus sabe como eles precisam disso. Quem está criando essas crianças?

- Sean, o tio por parte do Derek. Você o conheceu no funeral.

- Aquele pedaço de mau caminho? Como pude esquecer? Ele é solteiro, não é?

Lily lembrou-se da imagem de Maura, pernas esguias e olhos inteligentes.

- Por enquanto, acho que sim. Ele está saindo com alguém, não que seja da minha conta.

- Lily Raines Robinson, juro que você está ficando vermelha. - Violet aproximou-se, intrigada. - O que há entre você e esse cara?

- Nada. - Lily ficou aborrecida. - Nós dois queremos o melhor para as crianças,

é isso o que existe entre nós, mas nem sempre concordamos na forma como

agir.

- Mas como ele é o tio...

- Meíó-tio, se quer mesmo saber. Um cara que mal as conhece. Ainda assim,

ele é o único parente consangüíneo além da Dorothy, e, de acordo com os assistentes sociais,

isso inabilita a minha reivindicação com relação a elas. É tão frustrante, Vi!  
A

Crystal queria que eu tomasse conta delas,

220

Mas nunca chegou a discutir o assunto com o Derek. Tenho certeza de que ela

achava que tinha todo o tempo do mundo.

-Uau! Então você vai tentar ficar com elas?

Honestamente, essa foi a minha primeira reação quando tudo isso ficou decidido, mas dei para trás. Agora, mais do que nunca, as crianças precisam de estabilidade.

Se eu entrasse com uma ação judicial, isso poderia bagunçar ainda mais a vida

delas. Até mesmo a advogada da Crystal disse que minhas chances de ganhar

são de poucas

a nenhuma, já que o desejo dela não tem valor legal e eu não sou parente consangüíneo. Ainda assim, às vezes é isso o que me impede de correr para lá e assumir o controle.

- Talvez ele queira que você faça isso. Já pensou nessa hipótese?

- O tempo todo - admitiu Lily, lembrando-se de Sean adormecido no sofá. Mais do que eu deveria.

- Uau! O Rick e eu nunca pensamos em fazer um testamento.

- Você está brincando, Vi. Vocês têm dois filhos menores de idade, precisam deixar algo por escrito.

Ela concordou, observando Megan e Ryan pela janela.

- Ei, Lily?

- O quê?

- Quando eu fizer mesmo o meu testamento, vou indicar você como guardiã das crianças. Está bem?

- Você precisa mesmo discutir isso com o Rick - disse Lily.

-Ele vai concordar com qualquer coisa que eu disser. Os pais dele vão ficar velhos daqui a alguns anos e a vida das suas irmãs é caótica demais para terem condições

de educar duas crianças. Você é a escolha perfeita, Lily. Por favor, diga que

concorda.

Ela esticou a mão sobre a mesa e tocou a da irmã.

- Sinto-me honrada.

- Ótimo.

- Mas terá que me prometer que isso nunca será necessário.

- Claro. Prometo.

Lily tentou lembrar-se se tinha pedido a mesma coisa a Crystal. Achava que não, e, lá no fundo, sabia que isso não faria diferença alguma na forma

221

como a amiga levava a vida. Crystal era do jeito que era - uma mulher que estava dentro do carro com o ex-marido numa tarde de tempestade. Uma mulher que sempre

deixara o coração guiar sua cabeça, sempre.

Pouco depois, Rick chegou para pegar Violet e as crianças. Ao ouvir os estalos

da sua caminhonete barulhenta estacionando no caminho de carros, o rosto de

Violet

se iluminou.

- Ele chegou - disse, levantando-se num pulo e correndo para fora.

Lily se pôs de pé e os observou da janela - um homem sorridente com um terno

mal cortado, abraçando sua esposa exuberante, um pouquinho acima do peso,

enquanto as

crianças corriam em volta deles para dar boasvindas ao pai.

Ela gostaria de estar com uma filmadora na mão. Naquele momento não dava

para dizer que estavam falidos e morando numa espelunca, que Ríck precisaria

se levantar

novamente, sacudir a poeira e encontrar uma forma de sustentá-los. Naquele

momento, Lily conseguiu entendê-los perfeitamente: eles se completavam um

ao outro.

Sentíndo-se uma intrusa, saiu para dizer adeus. Depois que foram embora, ela

ficou parada lá fora. Os dias estavam ficando mais compridos, pensou.

Normalmente, ela

adorava a primavera. Aquele período acelerado de transição até o fim do ano

escolar era cheio de renovada energia à medida que todos se preparavam para

o verão.

Aquele ano estava diferente, é claro. Crystal havia morrido, as crianças estavam sob os cuidados de Sean Maguire e ela se preocupava constantemente com eles.

Por causa do que havia acontecido, sua vida não pertencia mais somente a ela. Já havia planejado todo o verão, e agora tinha todas aquelas pessoas na sua vida e

as coisas não estavam mais sob o seu controle. Nunca tinha mudado seus planos antes para adequá-los a ninguém.

Sentiu-se perdida na própria sala de estar. Sua casa sempre fora tão silenciosa ou só agora lhe parecia assim? Havia também uma esterilidade curiosa nela.

Sua irmã

a havia descrito como uma ordenação paranóica. Para preencher o silêncio,

Lily ligou o som: Bocelli cantando "Mille Lune, Mille Onde" num CD que ela

havia comprado

para entrar no clima da Itália.

222

Agora a voz sedosa do tenor lhe fazia companhia, enquanto ia até a escrivaninha e guardava todos os seus mapas e guias de viagem, suas fitas

em italiano e seus itinerários.

Então ligou para a sua agente de viagens e deixou um recado: Cancele tudo.

Por fim, com a música ecoando até os cantos da sala, Lily serviu-se de uma taça de vinho. Chianti, é claro. Desistir de um sonho poderia ser assustador.

Em vez disso,

pareceu-lhe perfeitamente correto.

223

## Capítulo 26

Sean Maguire ouviu uma batida insistente na porta da frente. Ele estava

dando voltas em torno de Ashley, tentando preparar-se psicologicamente para

lhe trocar

as

fraldas. Não importava quantas vezes fizesse a mesma coisa, não conseguia

se acostumar. O feijão-rajado e os ovos mexidos do dia anterior tinham se

transformado

em lixo tóxico nas fraldas de Ashley. De acordo com um dos livros da biblioteca

sobre o desenvolvimento da criança, ele ainda teria seis meses pela frente

antes

de começar o treino do peniquinho, possivelmente até mais.

- Tem alguém batendo na porta - disse. - Talvez seja a equipe de coleta de lixo

tóxico.

- Tá. - Ela foi gingando até a sala da frente.

Droga. A criança sabia falar, mas não sabia usar o vaso. Qual o problema com

isso?

A caminho da porta, correu um olhar pela casa. Parecia que uma bomba tinha

explodido e enchido o lugar de brinquedos, livros escolares, roupas limpas que

ele começara

a dobrar, um copo usado, um prato com restos do café da manhã. Como tinha

ficado daquela forma? Ontem mesmo a sra. Foster tinha arrumado tudo enquanto tomava conta

das crianças. E ele mesmo tinha varrido o chão.

224

Que se dane, pensou, olhando para o relógio. Qualquer um que aparecesse a uma hora daquelas da manhã mereceria ver o que veria. Com uma expressão

nada convidativa,

abriu a porta.

- Precisamos sair numa excursão familiar hoje - disse Lily Robinson, entrando

na casa antes mesmo que ele pudesse decidir se a convidaria ou não para entrar.

Ele ficou surpreso em vê-la. Ela sempre aparecia no final da tarde.

Normalmente ele ficava feliz - até mesmo aliviado - com sua presença. Ela levava ordem e tranqüilidade para a casa e as crianças eram loucas por ela.

Mas naquela

manhã... Lily estava com calças jeans e tênis vermelhos e, por alguma razão,

aquela roupa a tornou extremamente sexy para ele. Assim como o olhar que ela lhe dirigiu,

como se nunca tivesse visto um homem recém-saído da cama. Talvez nunca tivesse visto mesmo. Ele ficou confuso com os próprios pensamentos. Não devia pensar em coisas

como aquelas.

- Você devia ter ligado antes - disse ele.

- Era cedo demais para ligar.

- Nada como uma mulher coerente.

- De quem é aquele carro estacionado lá fora? - Lily viu Ashley e seu rosto se

iluminou. - Olá, minha coisinha adorável. - Ficando de cócoras, abriu os braços

e

a menina saltou para eles.

É o seu rabeção, pensou Sean, fingindo não ter ouvido a pergunta.

- Caramba! - disse Lily. - Tem alguém ocupado.

- Acabamos de levantar - disse, esfregando o queixo por barbear. - Ainda nem

troquei a fralda dela.

Lily afastou-se.

- Longe de mim querer atrapalhar.

Ele resmungou alguma coisa baixinho, enquanto fazia as honras da casa. Às vezes acordava de manhã e pensava: não vou conseguir. Não era nem para eu

estar aqui. Esta

não é a minha vida.

Então, de alguma forma seguia em frente cometendo erros pelo caminho, como, por exemplo, comprar fraldas do tamanho errado, colocá-las do lado contrário ou colocar

bolinhos prontos na merendeira de Charlie e esquecer o sanduíche. -"

Ashley parecia achá-lo extremamente divertido e, quando ele terminou de trocá-la e vesti-la, os dois estavam num humor melhor. Era assim que as coisas funcionavam

com as crianças pequenas, um momento de cada vez. Os momentos ruins passavam logo e havia sempre um sorriso no horizonte. Não é de admirar que

ocê tenha tido três,

Derek, pensou ele.

A sra. Foster ajudava a tomar conta de Ashley, mas cobrava caro. A quantia estipulada pelo juiz, que Sean recebia do seguro deixado por Derek, era, na melhor

das

hipóteses, muito pouco. A idéia de que tinha recebido uma fortuna junto com os

filhos do irmão estava errada, embora não impedisse os repórteres

bisbilhoteiros de

especularem sobre o assunto Constantemente. E de pensarem o pior sobre as

suas razões em aceitara tutela das crianças.

Lily andou inquieta pela sala de estar, arrumando a bagunça. Deixe-a, pensou ele, não dê desculpas. Ele não se tornaria o tipo de pessoa que se sente

culpada por

causa de uma casa bagunçada.

- Precisamos levar as crianças para ver a avó delas - disse Lily. Ele olhou para

ela, sem compreender.

- Dorothy Baird. A mãe de Crystal.

A vítima do derrame, lembrou-se. Ele conhecia a sogra de Derek. Seu estado

de saúde tinha se deteriorado a ponto de ela não ser capaz de ir ao enterro da

filha.

Sean olhou para o rosto ávido e insistente de Lily e disse:

- Não vejo nenhum problema. Iremos qualquer dia desses.

- Eu estava pensando em ir hoje. A família é algo tão importante para essas crianças, principalmente agora. Se saírmos logo, poderemos chegar em Portland para o

horário de visitas da manhã.

- E se eu tiver outros planos? - perguntou ele, aborrecido.

Ela cruzou os braços na frente do corpo. Aquela postura acentuou-lhe os seios.

Lily tinha seios surpreendentemente grandes para uma professora sargentona,

embora

ele não tivesse certeza de que havia ou não um tamanho padrão de seios para

elas.

- Você tem? - perguntou Lily.

Ele estava planejando jogar uma partida de golfe com o sobrinho. Alguma coisa

estava acontecendo com o jogo de Sean nos últimos dias, um novo vigor inesperado,

e

ele queria explorar aquela mudança. Tanto ele

226

quanto Cameron tinham percebido isso e jogavam várias vezes por semana,

algumas até mesmo levando as meninas no carrinho. Agora ele se encontrava

considerando a

hipótese de uma ida à cidade e uma visita a uma senhora acamada que não

reconhecia mais aquelas crianças. Lily ficou esperando, sem tirar os olhos dele.

- Está bem - ele disse. - Nós vamos.

- Vamos aonde? - Abafando um bocejo, Maura saiu do quarto apenas com a parte superior do seu pijama cirúrgico extralargo.

No que dizia respeito a momentos de constrangimento, Sean concluiu que aquele, definitivamente, ficava lá no alto, no mesmo patamar do dia em que o

pai de Asmida

os pegara em flagrante transando no Johor Bahru Hilton.

- Olá, Maura - Lily disse educadamente. Ao falar, deu a mão para Ashley como

se precisasse de apoio.

- Olá, Lily. - Maura deu uma olhada no relógio e então em Sean. - Tem café?

- Ainda não fiz. - Sean reprimiu um ar de irritação. Aquela mulher era namorada dele, lembrou-se. E daí que não tivessem tido uma ótima noite na véspera? Ele

estava

exausto e mal-humorado, com saudades de Derek, e pegou-se se questionando o que estava fazendo: com ela, com as crianças, com a própria vida.

Ela deu de ombros.

- Tudo bem. Eu tomo café no caminho para o hospital. - Deu um sorriso rápido

para Lily. - Preciso trabalhar hoje. Começo um novo turno de trinta e seis horas.

- É um longo turno - disse Lily.

- É o padrão para o quarto ano de medicina. - Maura curvou-se para dar uma

espiada em Ashley. - Bonjour, jolie mademoiselle - disse ela, e Ashley riu, como sempre

fazia quando Maura falava francês. A seguir, endireitou a postura. - Então vocês vão levar as crianças para um passeio? - perguntou a Lily.

- É o que estamos pensando. Vamos levá-las para ver a avó, em Portland.,,,  
- -

Maura olhou de relance para Sean.

227

- Sei. Bem, divirtam-se! - Maura saiu para tomar uma chuveirada e Sean percebeu, pelo seu jeito, que ela estava zangada. Provavelmente achando que

ele havia planejado

aquele passeio com Lily e não se lembrara de lhe contar.

Bem, para o diabo, pensou, subindo as escadas para acordar Cameron e Charlie. Lily poderia ir a qualquer lugar que quisesse naquela manhã, e preferira sair com as

crianças. Ele a respeitava por isso. Apenas gostaria que tivesse ligado antes.

228

## Capítulo 27

Lily ficou tentando apagar a visão de Maura Riley parecendo uma Barbie estudante de Medicina saindo do quarto que, obviamente, tinha dividido com

Sean na noite

anterior.

Mas não teve jeito. Nem conseguiu ficar calada, assim que se viu sozinha com

ele na cozinha.

-Não acho uma boa idéia a sua namorada morar com você nesta casa - disse ela. A casa de Crystal, pensou, o ressentimento vindo à tona.

- Ela não mora aqui.

- Ela não devia nem dormir aqui. - Meu Deus, como soara antipática e crítica! -

O que quero dizer é que não é bom para as crianças.

- Deixe disso, Lily. Não que seja da sua conta, mas ontem foi a primeira vez que ela ficou aqui. As crianças não ligam. Elas gostam da Maura.

- O que tem a Maura? - perguntou Charlie ao entrar na cozinha. - Ela dormiu

aqui esta noite, não dormiu?

Lily apertou os lábios. Sean agiu como se não tivesse ouvido.

- Ela é chata e não tem tempo para brincar com as crianças - disse Charlie,

olhando de esguelha para o tio. - É verdade. Perguntei a ela. Ela disse que não

estava

pronta para ter filhos, mas que, quando estivesse, gostaria deles.

- Ela não estava se referindo a você - disse Sean. - Portanto, olhe como fala dela.

229

Charlie fungou ofendida, encolheu os ombros e saiu à cata de algo para comer, sendo logo atraída por uma caixa de biscoitos recheados Pop-Tarts. Lily estava

preocupada

demais para protestar.

Se fosse para ela resolver o problema entre Charlie e Maura, teria começado com uma explicação detalhada de como era inapropriado para a menina falar

daquela maneira

sobre um adulto, de como Maura dera duro para se formar em medicina e de

como era importante para Charlie respeitá-la. Lily descobriu, no entanto, que a

forma imperativa

e brusca de Sean funcionava da mesma forma.

- Você está bonita hoje - disse a Charlie, admirando a combinação criativa de

tênis vermelhos, suéter rosa-choque e calças corsário. Seus cabelos estavam trançados

e enfeitados com uma fileira de fivelinhas brilhantes.

Ela esticou as mãos.

- O tio Sean fez as minhas unhas. E o meu cabelo. Lily assentiu, satisfeita.

- Estou vendo. - Por cima da cabeça de Charlie, tentou atrair a atenção de Sean, mas ele estava ocupado organizando a bolsa de Ashley. Uma pontinha de vergonha

o

fez ruborizar.

Parecia que o tio Sean estava desenvolvendo um talento inesperado para pentear cabelos. Isso tinha começado com a volta de Charlie para a escola. Lily

nunca sabia

como a menina iria aparecer na manhã seguinte. Nas últimas semanas tinha chegado em sala exibindo visuais variados: B 52, Princesa Leia, Pippi

Longstocking e Alicia

Keys eram os seus favoritos.

- Nós devíamos ir andando - disse Sean.

Cameron foi o último a se unir a eles, entrando no carro só quando o tio já estava prestes a perder a paciência.

- Ei! - Charlie protestou. - Tire esses pés enlameados de cima de mim!

- Não estão em cima de você - resmungou Cameron. - Sai pra lá,

- Na volta - disse Sean - talvez você possa dirigir um pouco. Cameron abriu uma lata de Coca e tomou um gole.

- Eu não trouxe a minha licença.

Sean levantou uma carteirinha de couro com uma abertura de plástico.

230

- Você está com sorte. Achei isso em cima da geladeira.

Sean dissera a Lily que Cameron estava evitando dirigir. A maioria dos garotos na idade dele mal podia esperar para pôr as mãos no volante. Mas, é claro, a maioria

desses garotos não tinha perdido os pais num acidente terrível.

- Não estou a fim - disse o sobrinho e virou-se para a janela.

Lily ajeitou-se no banco de forma a poder conversar com as crianças.

O serviço social tinha dado permissão a Sean para apropriar-se do Subaru de

Crystal. Como a caminhonete dele só tinha três cintos de segurança, eles não

poderiam

ir a lugar nenhum em família.

Lily procurou não ficar ressentida com Sean por se mudar para a casa da sua melhor amiga, tomar conta dos filhos dela e assumir o controle da sua vida.

Aquele

parecia

ser o melhor arranjo para as crianças no momento, talvez para sempre. Mas

ser varrida de cena não lhe parecia nada correto. Ela não sabia qual papel

desempenhava

- professora, amiga da família, estepe? Após encontrar-se com Maura naquela

manhã, estava mais confusa do que nunca e mais aborrecida ainda pelo fato

de não exercer

nenhuma autoridade naquela casa, nenhum controle.

- Como está indo na escola? - perguntou, tentando atrair a atenção de Cameron.

- Bem - respondeu ele, previsivelmente.

- Eu mereço essa resposta - ela admitiu. - Tudo bem, vamos tentar de novo.

Como vai o seu projeto sobre a história do estado?

- Está indo.

- Ele nem começou - disse Charlie.

- Cale a boca. - Cameron deu-lhe uma cotovelada.
- Não fale feito um babaca - Sean advertiu-o. - Quer dizer, feito um bobão.
- Você precisa de ajuda para o trabalho? - perguntou Lily.
- Não preciso de nada. - Ele tomou um gole da Coca.

Ela queria perguntar várias coisas a Cameron. Ficou pensando se ele gostaria

de falar sobre o seu medo de dirigir, mas essa conversa não era apropriada para aquele

lugar ou aquele momento. Isso era algo que ela

231

estava aprendendo sobre a dinâmica daquela família tão heterogênea. Era preciso escolher o melhor momento.

Assim que passaram pelo campo Echo Ridge, Sean reduziu a velocidade do carro.

- Que porra é essa?

Lily ia repreendê-lo pelo seu linguajar, mas quando olhou para o campo de golfe esqueceu-se do que ia dizer. Havia uma viatura estacionada no acostamento, com um

policial fazendo anotações num bloquinho. Alguém tinha aberto uma vala no

putting green, o campo em volta do buraco mais próximo da estrada. O green

também tinha

sido danificado - alguém derramara fluido de isqueiro na grama e ateava fogo.

Tinham também atirado um carrinho de golfe, já submerso pela metade, no azar de água

adjacente ao fairway. Os funcionários e sócios do campo estavam reunidos à volta, provavelmente tentando decidir por onde começar os consertos.

Sean parou o carro e saiu.

- O que será que aconteceu? - Lily perguntou a Cameron. Ele deu de ombros.

- Vai ver alguém estava com tempo de sobra ontem à noite. Ela sentiu um tremor estranho no estômago.

- Como você sabe que foi ontem à noite? Ele revirou os olhos.

- Duvido que algo assim acontecesse em plena luz do dia.

- Não entendo. Por que alguém faria uma coisa dessas? Ele deu de ombros novamente.

- Acho que algumas pessoas destroem as coisas sem motivo. Sean voltou para o carro.

- Vandalismo - disse.-Estimaram o total em cinco mil dólares até agora. Dez

vezes mais, se tiverem de substituir o green inteiro.

- Você precisa ficar? - perguntou Lily. Ao perguntar, estava lhe dando uma brecha. Uma pequena chance de escapar. Uma desculpa perfeita para ele deixá-la levar as crianças sozinha.

- Eu disse que estava ocupado - ele respondeu, apertando o cinto de segurança. - Eles têm o número do meu celular.

232

Durante o restante do trajeto até a cidade, especularam sobre o que poderia ter

acontecido. Concluíram que o crime, com quase absoluta certeza, tinha sido cometido

por adolescentes. O carrinho pertencia a um que, de acordo com Sean, tinha o mau hábito de deixar o abrigo aberto. Ele não faria mais isso.

- Os greens são tão bem cuidados - comentou Lily. - Como vão fazer para que

volte a ser como era antes?

- Nunca vão conseguir deixá-lo como antes - disse Sean.

Isso é terrível - disse ela. - O que esses adolescentes estavam pensando?

- Tenho certeza de que pensando é que não estavam. Vai dar para consertar.

De qualquer forma, a grama sempre nasce mais verde depois de queimada.

As instalações da Clínica Geriátrica Golden Hills ficavam numa linda área com

vista para o rio Colúmbia e para o cume coberto de neve do monte Hood, que

parecia

flutuar a distância. Crystal e a mãe tinham escolhido aquele lugar juntas, há muito tempo, após a primeira série de derrames da qual ela se recuperara apenas parcialmente.

Em março, um derrame fulminante quase fora fatal.

"Às vezes", dissera-lhe Crystal, "acho que teria sido uma dádiva se ele a tivesse levado de uma vez. Pois já levou todo o resto, todas as suas

lembranças, tudo o

que a fazia ser ela."

Para Lily, aquilo lhe parecia uma existência singularmente cruel. Aquela condição tinha lhe roubado todos os anos de uma vida rica e movimentada e deixado Dorothy

entrevada, alheia ao fato de ter uma filha morta e netos que a amavam.

- A vovó agora fica de cama o tempo todo - Charlie contou a Sean a caminho

do passeio coberto que levava à entrada. - Ela não pode mais nem sair numa cadeira

de

rodas.

Ele pegou-lhe a mão.

- Como ela era antes de ficar doente?

- A melhor avó do mundo. - Charlie saltitava enquanto caminhava.

233

- Aposto que era mesmo. - Sean levantou o braço e a menina rodopiou sob ele.

- Agora eu - disse Ashley, ávida para se divertir também. - Em frente à entrada da clínica, ele girou as duas meninas, a imagem delas refletida no vidro das

portas

do saguão.

Tudo bem, a casa está uma bagunça e ele deixa a namorada dormir lá, pensou

Lily. Mas, pelo menos, dança com as sobrinhas. Olhou de relance para

Cameron e viu-o observando-os

também, com um sorriso discreto e misterioso que desapareceu no momento

em que se percebeu observado. Ele estava tão furioso, pensou. Tão inseguro.

- Quando foi a última vez que você viu a sua avó? - Lily perguntou a ele.

- No mês passado - ele respondeu. - Nós trouxemos umas fotos para pendurar

no quarto dela. Ela não está muito bem. - Ele pisou em frente às portas automáticas e

elas se abriram. - Ela deve estar para morrer logo. - Entrou apressado.

Apesar da beleza imaculada dos jardins e da decoração de alto luxo das instalações, não havia como disfarçar que aquele era o lugar onde as pessoas

iam passar a

fase mais difícil da vida delas. Uma quietude peculiar permeava o saguão e os

longos corredores repletos de portas largas o suficiente para a passagem de cadeiras

de rodas. O aroma do purificador de ar não disfarçava bem o odor habitual de

urina e desinfetante.

As funcionárias não usavam um uniforme padrão de enfermeiras, mas suéteres

e saias ou calças de cores específicas. Lily achou que elas se pareciam um pouco com comissárias

de bordo ou funcionárias de um cassino. Ainda assim, todos por lá pareciam tratar as pessoas com compaixão e dignidade, um tratamento que Dorothy sempre fora rápida

em perceber, quando era capaz de perceber coisas desse tipo.

Crystal admitira que o preço da clínica geriátrica estava acabando com ela, mas não se importava.

Lily deu uma olhada em Cameron, enquanto se aproximavam do quarto de Dorothy.

- Isso não é coisa que se diga. Espero que as suas irmãs não tenham ouvido.

234

Ele a surpreendeu ao responder:

- Eu não teria falado se achasse que elas poderiam ouvir.

Lily tocou a manga da sua jaqueta. Ele estava sendo honesto e certamente conhecia os fatos melhor do que qualquer outra pessoa. Na verdade, Lily queria mesmo abraçá-lo,

mas duvidou que ele permitisse. Cameron estava tentando forçar a ela e a todos os outros a tratá-lo normalmente, estava desafiando as pessoas a sentirem raiva dele.

Em meio àquela sua raiva e isolamento, Lily viu um pouco de si mesma e ficou

preocupada.

- Cameron...

Charlie passou correndo por eles, quebrando o momento de comunhão.

- Vamos lá, tio Sean. Vou mostrar onde a vovó mora. Ela tricotou este suéter para mim. Ele ficou supergrande porque ela queria que eu o usasse pelo

máximo de

tempo

possível. - Charlie exibiu seu cardigã rosa, estendendo os braços. - Agora ele

está ficando pequeno.

- Então é melhor você parar de crescer - disse Sean. Deu um puxãozinho de leve numa de suas marias-chiquinhas. - Não deixe de agradecer novamente a

ela por tê-lo

feito para você.

- Ela não vai entender.

- Agradeça mesmo assim.

A porta para o quarto ensolarado que Dorothy dividia com uma outra paciente

chamada sra. Withers, estava coberta de cartões e bilhetes carinhosos que se revolveram

como numa tempestade prateada, dourada e branca de papéis esvoaçantes assim que os cinco passaram por ela. Ashley riu, encantada.

Uma assistente de enfermagem tinha levado a sra. Withers para dar um passeio na cadeira de rodas. Uma outra pessoa tinha preparado Dorothy para

receber visitas.

O colchão tinha sido levantado até deixá-la quase sentada e Dorothy vestia um

belo robe cor-de-rosa com um laço de cetim abaixo do suporte cervical que lhe

sustentava

o pescoço. Seus cabelos estavam bem penteados, as unhas feitas e os

cobertores caprichosamente dobrados sobre o seu colo.

O coração de Lily ficou apertado. Dorothy fora linda durante toda a sua vida e

sempre tivera orgulho daquela beleza. Era uma bênção curiosa e fortuita o fato

de

não ter mais consciência da sua situação. Ela odiaria estar

235

ali, há muito tempo numa clínica geriátrica, com outras pessoas cuidando dela,

incapaz de lidar com suas próprias e mais básicas necessidades. Detestaria

saber que

viveria mais do que a filha.

- Olá, Dorothy - disse Lily, tentando soar natural. - Sou eu, Trouxe os seus netos para vê-la. E este aqui é o Sean, o tio deles.

- Prazer em conhecê-la, senhora - disse ele.

Dorothy piscou, mas não demonstrou nenhum sinal de reconhecimento. Seu rosto tinha um aspecto duro, quase cerâmico, como se fosse uma máscara.

Com uma expressão

pensativa, Sean examinou atentamente as fotos de família que cobriam a parede próxima à cabeceira da cama.

Lily segurou uma das mãos de Dorothy. Estava gelada, a pele seca e frágil como casca de cebola.

- Tenho pensado muito em você por estes dias, Dorothy. Acho que, depois da

minha própria família, você e a Crystal me conhecem mais do que qualquer outra pessoa.

- Sorriu, lembrando-se de como era gostoso ir para a casa de Crystal, onde tudo era plácido e prazeroso, onde os temperamentos eram tranquilos e não havia nenhum

fantasma à espreita. - Você é muito especial para mim. E quero acreditar que

de alguma forma sabe disso.

Quando Lily levantou os olhos e percebeu todos olhando para ela, sentiu-se um pouco confusa. Tinha revelado muito de si mesma.

Ashley riu e balbuciou algumas palavras, enquanto explorava o quarto. Sean

ficou de olho nela quando Lily guiou Charlie e Cameron até a cama.

- Eu nunca sei o que dizer - sussurrou Cameron. - Desde que ela ficou... assim,

é tão estranho.

- Eu sei - disse Lily. - Seja você mesmo. Diga alguma coisa que se lembre sobre ela. Antes de ficar doente, ela adorava você. E ainda adora, só que não

pode se expressar

da mesma forma que antes.

Cameron ficou encarando Lily por um momento.

- O que foi? - perguntou Lily.

- Nada. - Ele se inclinou para dar um beijo tímido no rosto da avó. - Oi, vó - disse, enfiando as mãos nos bolsos traseiros das calças e olhando para Lily.

-

Ainda

não sei o que dizer.

236

- Qualquer coisinha que você se lembre - sugeriu ela.

Ele se inclinou novamente e disse alguma coisa em seu ouvido. Dorothy pareceu surpresa de início, então seus olhos se suavizaram e ela os fechou devagar. Um som

baixo saiu de sua garganta e ela abriu os olhos novamente. Lily quase pôde

jurar que aquela senhora tinha olhado diretamente para o neto. Talvez tivesse

sido apenas

ilusão sua. Então aconteceu novamente; talvez Cameron tivesse mesmo feito

contato.

Charlie foi para o lado do irmão, a briga no carro já esquecida.

- Oi, vovó - disse, com a expressão séria. - Meu nome é Charlie e no passado

você sabia disso. Estou usando o suéter que você fez para mim. Sinto muita saudade de

você, vovó. Muita mesmo. - Ela tocou a mão de Dorothy e puxou Ashley para a

sua frente. A menininha riu encantada e mexeu no anel que a avó trazia no dedo.

Lily sentiu-se muito orgulhosa deles naquele momento. Eles trataram a avó com amor e dignidade, sem demonstrar um pingão daquela apreensão que as pessoas normalmente

sentem com relação a pessoas tão doentes. Eles superaram o desconforto e deixaram-na feliz por ter liderado aquela viagem.

- Vou colocar a foto nova que trouxemos - disse ela. Havia um quadro de fotografias na parede em frente à cama. Crystal sempre pendurava fotos

ampliadas e alegres

dela e das crianças lá, trocando-as com frequência para que a mãe não se cansasse delas. A fotografia nova era de Crystal aceitando uma placa de honra

ao mérito

do Rotary Club, no mês anterior. Diferentemente de todas as outras do gênero,

aquela era bonita. Crystal estava com a sua melhor roupa, carregando uma bela bolsa

com pedrinhas de ônix e dando seu típico sorriso de vencedora, cheio de orgulho e gratidão.

Lily percebeu o olhar de Sean enquanto substituía a fotografia de Crystal.

Então sentiu um outro olhar sobre si e percebeu que Dorothy estava com os olhos vidrados

na nova foto.

- Boa menina - disse ela com a voz rouca. - Boa... filha.

De acordo com os médicos de Dorothy e por tudo o que Lily já lera até então,

tamanha lucidez era quase impossível.

237

- Boa mesmo, não é? - disse Lily, sorrindo por entre as lágrimas.- A melhor que

existe. Ela amava a vida e todas as pessoas que faziam parte dela.

Dorothy estava olhando para ela e não para a foto de Crystal. aproximou-se da

cama e acariciou-lhe a mão.

- O marido dela morreu? - Sean perguntou baixinho, analisando a série de fotos.

- Morreu quando eu tinha onze anos - disse Cameron, apontando para a foto de um senhor grisalho e de boa aparência segurando um troféu de golfe. - Vovô Frank.

- Bom jogador?

- Mais ou menos. Handicap doze.

- Qual é o seu ultimamente? - perguntou-lhe Sean.

- Cerca de três - Charlie respondeu pelo irmão. - Eu marco em cima.

- Não é tão ruim - disse Sean.

Cameron baixou os olhos e arrastou o pé em sinal de modéstia, soltando nacos

de lama ressecada no chão. Os cinco se demoraram ainda mais alguns minutos, até Dorothy

cair no sono.

Charlie ficou de frente para a parede com as fotos e desviou o rostinho, os ombros estreitos encolhidos. Cameron zangou com ela:

- Vamos lá, não comece a choramingar.
- Não consigo - disse ela, com a voz entrecortada.
- Consegue, sim. É só não chorar.
- Como? - ela rebateu, balançando a cabeça para os lados, as marias-chiquinhas voando. - Como faço para não chorar?
- Assim, debilóide - disse Cameron, puxando de leve sua maria chiquinha. - Ficando pê da vida.

238

## Capítulo 28

-Então essa é a vovó Dot - disse Sean ao irem embora da clínica geriátrica.

Sentia uma estranha sensação de alívio. Há muito tempo devia ter feito aquela

visita,

que vinha adiando até Lily persuadi-lo a ir. Agora que tudo já havia passado e

fora razoavelmente bem, ele perguntou-se por que tinha esperado tanto.

- Ela era muito diferente - disse Charlie. - Era superengraçada.

- Aposto que sim. - Sean olhou pelo retrovisor e viu que Charlie tinha voltado

a ser aquela coisinha adorável de sempre. Colapsos nervosos e períodos de tristeza,

como o que ela acabara de passar, seriam comuns, dissera a dra. Sachs.  
Faziam parte do processo de recuperação. Sean não tinha certeza se o fato  
de ser chamada

de

debilíde pelo irmão era particularmente revigorante, mas costumava  
ignorar as

brigas deles, pois elas sempre acabavam por si sós. Às vezes, como  
exatamente há pouco,

Cameron acabava se entregando. No fundo, ele era muito emotivo.

Tal pensamento deu a Sean um fiozinho de esperança. Talvez, apenas  
talvez,

aquela família mutilada sobrevivesse.

- Ela sempre foi louca pelos netos - Lily lhes lembrou, virando-se no banco  
do

carro. - Lembra daquela cómoda de cedro que ficava no porão? Tinha as  
coisas mais

surpreendentes lá dentro.

239

- Uma gola de pele cheia de cabecinhas e rabinhos de raposa -disse Charlie.  
-

Eca.

- Ela costumava usá-la para ir à igreja - disse Lily. - Você sabia quando eu tinha

a sua idade, às vezes ia à igreja com a sua mãe e os pais dela?

- Não. Por que você não ia à igreja com a sua própria família. Lily virou-se para

a frente.

- Eles pararam de ir. Eles... não iam.

Pelo canto dos olhos, Sean percebeu a garganta dela doer ao engolir. Decidiu

que era hora de mudar de assunto.

- Eu tinha uma avó que ia à igreja duas vezes por semana-disse ele.

- Duas? - perguntou Charlie. - Ela era desobediente?

- Ela era irlandesa, a mãe do meu pai, e falava com um sotaque legítimo, assim. - Demonstrou enquanto falava, rindo ao se lembrar, pela primeira vez

em anos, da

velha Bridget Callahan Maguire. - Todos os domingos depois da missa, ela costumava cortar a cabeça de uma galinha e servi-la no jantar.

- Eca! Você alguma vez a viu cortando a cabeça da galinha?

- Sempre que podia. Eu era uma criança endemoninhada. -Ele viu Lily se retrair. Que se dane, pensou.

- O que mais você fazia para se divertir? - perguntou ela.

- Jogava golfe. Vocês sabiam que o pai de vocês e eu aprendemos a jogar na igreja?

- Ele nunca nos contou - disse Cameron.

Sean olhou novamente pelo retrovisor, feliz por perceber um ligeiro interesse.

Ao mesmo tempo, sentiu uma pontada familiar de dor.

Perguntou-se quando aquilo iria acabar, ou mesmo se algum dia acabará.

O sofrimento, descobrira, era algo palpável, mas isso não significava ser possível entendê-lo ou controlá-lo. Era um inimigo sorrateiro que às vezes o estrangulava

em plena luz do dia.

- Está bem - disse ele. - O padre Campbell, da Igreja St. Mary, era um bom jogador de golfe, e nós éramos coroinhas. Ele foi o nosso primeiro treinador.

- Parece divertido - disse Charlie.

240

- Era divertido... o golfe, não ser coroinha.

- A gente nunca mais se divertiu - acrescentou ela.

Sean ouviu um tremor familiar na voz da sobrinha, aquele que antecedia outro

acesso de choro. Quando Charlie chorava, Ashley costumava chorar também,

e então

Cameron

ficava irritado e tudo desandava.

Hoje não, pensou ele, agarrando-se ao volante. Tinham planejado fazer compras na volta para casa, mas ele decidiu mudar o trajeto.

- Sei de uma coisa que podemos fazer que é engraçada.

- O quê?

- Vamos fazer agora mesmo.

- Pensei que íamos fazer compras para a casa - observou Lily, aquela que sempre se irritava com mudanças de planos.

- As compras podem esperar. Tenho uma idéia melhor - disse Sean.

- Qual?

- Não posso contar. É divertido demais. Vocês vão ficar tão entusiasmados que

vão fazer xixi nas calças.

- Tio Sean! Lily, faça-o me contar o que é - pediu Charlie, contorcendo-se para

se livrar do cinto de segurança.

- Como eu faria isso?

- Você é professora. Faça-o falar.

- Nossa, uma professora! - disse Sean. - Estou tremendo! - Tremeu até

Charlie começou a rir.

- Vamos aguardar a surpresa - disse Lily, apertando os lábios, contrariada.

Que se dane, pensou Sean. Com três crianças, era preciso aprender a ser espontâneo. Ele ficou implicando com elas durante os dez minutos seguintes

enquanto se

dirigiam

para o oeste. Então parou num estacionamento coberto por cascalho, e

Cameron resmungou:

- Não acredito!

- O que foi? Está com medo que eu te arrase? - perguntou o tio.

- Estou com medo é de que alguém conhecido me veja aí dentro - disse

Cameron.

- Aposto vinte dólares como acabo com você como se fosse um moleque qualquer.

241

Os olhos de Lily se incendiaram por trás dos óculos.

- Sean, acho que não... ""

- Fechado - disse Cameron e saiu do carro. Como era presumível, ele não podia resistir a um desafio, principalmente quando havia dinheiro em jogo.

Charlie estava tão excitada que mal conseguia se controlar.

- Tio Sean, isso é tão legal!

Sean abriu um sorriso para Lily.

- Está vendo? Eu sou legal.

Lily levantou a cabeça e leu a placa em arco sobre o portão de entrada, pintada

em verde fluorescente e berrante: "Bem-vindo ao Parque de Golfe Jurássico.

Um Milénio

de Diversão."

- O que estamos esperando? - Sean tirou Ashley da cadeirinha e foram comprar as entradas no guichê.

- Dois adultos, duas crianças, a garotinha não paga - disse a bilheteira. - São U\$18.50.

- Ah, eu não vou jogar - disse Lily.

- Vai, sim. - Sean a contradisse e passou uma nota de vinte dólares pelo balcão.

Eles receberam tacos e bolas que já haviam visto dias melhores e Ashley recebeu um martelo oco de plástico. - E por ali, pessoal - disse a bilheteira.

Passaram por baixo de um arco tão baixo que Sean e Cameron precisaram abaixar a cabeça.

- Bugga-bugga! - gritou um homem das cavernas, pulando na frente deles.

- Bugga-bugga! - gritou Ashley, batendo as mãos. Até mesmo Cameron riu.

- Sorriam! - O homem das cavernas tirou uma foto deles. - Que família mais bonita. - disse, mostrando a foto na telinha da câmera digital. Lily ficou nervosa.

-

Ah, nós não... - A foto estará disponível para compra antes de vocês saírem

-

disse o troglodita.

242

Família ou não, era uma ótima foto. Com um fundo projetado para se assemelhar a uma floresta tropical primitiva, todos pareciam surpreendidos por

alguma coisa engraçada

- o que era verdade.

-Quanto custa- perguntou Sean.

- Dez dólares por uma reprodução 20x25. Deixarei uma cópia para o senhor na

saída.

Sean deu uma nota de dez dólares para o troglodita. -Você vai marcar os pontos, Charlie Brown - disse, entregando-lhe o quadro e o lápis.

- Não sei fazer isso.

- Claro que sabe, querida. Fique de olho nas tacadas de cada um e compare

com o par de cada buraco, ou seja, com o número de tacadas que devemos dar para acertar

cada buraco. - Estranho, pensou. Os filhos de Derek Holloway não sabiam marcar os pontos. Por que será? Aquelas crianças eram tão fáceis de lidar, especialmente

quando o golfe entrava em cena.

- Mas...

- Nada de "mas". Preciso chutar a bunda de um garotão, por isso quero que você fique no comando. Não deixe ninguém trapacear.

- Acho que dá para encarar. E também acho que você não deveria dizer bunda.

- Com certeza não deveria - disse Lily.

Sean a ignorou. Aquela mulher tinha uma forma estranha de dar-lhe nos nervos e, ao mesmo tempo, de impressioná-lo. Ele mandou Charlie e Cameron

para o primeiro

buraco,

e Ashley foi andando atrás deles.

- Não sei o que a senhorita tem, srta. Lily, que sinto vontade de me comportar

mal.

- Como posso fazer você parar com isso?

- Você podia tentar me dar umas palmadas.

Lily emitiu um som que era metade engasgo, metade soluço e passou à sua frente com os punhos apertados e as bochechas vermelhas. Lily Robinson!, ele

pensou. Que

mulher!

Ele gostava de implicar com ela. Não sabia por quê. Talvez por ela ser tão incrivelmente... boa de implicar.

243

Os dezoito buracos do Parque Jurássico foram projetados sem base em

qualquer princípio conhecido do golfe. Havia buracos morro acima, buracos morro abaixo, buracos

que rugiam quando a bola entrava, um vulcão cuspidor lava e fumaça de mentira, efeitos sonoros que entusiasmaram Ashley até cair na gargalhada.

Cameron deu trabalho a Sean. Afinal de contas, estavam jogando golfe e havia dinheiro em jogo. Os dois revezavam na liderança a toda hora.

Charlie tinha talento. Sean ficou atrás dela, segurando seu corpinho e demonstrando o que era uma boa postura e uma boa pegada. Ela pegou logo o

jeito e, com

a

mesma

rapidez, aprendeu também a fazer as marcações, absorvendo a terminologia como uma esponja.

Lily demonstrou ser uma terrível golfista. Tinha uma postura estranha e uma

pegada ridícula. Lá pelo quarto buraco, Sean não conseguiu mais ficar de boca fechada.

- Você se importa se eu te der umas dicas? - perguntou. Ela levantou os olhos,

claramente exasperada.

- Mas o que estou fazendo até agora está dando tão certo! Qual a minha marca, Charlie?

A garotinha franziu a testa, batendo com o lápis na prancheta enquanto somava.

- Bem, é meio alto.

- Eu agüento.

- Na verdade, você está vinte e três acima do par. - Charlie deu uma risadinha

e saiu apressada atrás de Cameron e Ashley, rumo ao próximo buraco.

- Minha nossa, sou mesmo ruim nisso - murmurou Lily.

- É mesmo - concordou Sean.

Lily curvou-se para pôr a bola sobre o suporte de plástico.

- Bem, quanto àquelas dicas...

Ele começou com as instruções básicas, corrigindo sua pegada e sua postura.

De fato, ela saiu-se ligeiramente melhor no quinto buraco, embora ainda precisasse de

oito tacadas para acertar.

- Você não tem balanço - disse Sean.

- Muito engraçado - retrucou Lily. - Não faço idéia do que você está falando.

Tratando-a como se fosse um dos seus alunos, Sean demonstrou. Acertou o buraco utilizando o número certo de tacadas, ou seja, fazendo par. Cameron acertou-o fazendo

um birdie, uma tacada a menos do que o par do buraco, e Charlie com duas tacadas a mais do que o par.

- Isso se chama double-bogey - disse ela, sentindo-se importante.

- Balanço - continuou Sean - é ritmo. Quadris, ombros, braços. Tudo de forma

muito sutil quando você está tacando.

Lily preparou a tacada e Sean ainda percebeu algumas falhas.

- Espere - disse ele, indo para trás dela. - Fique quieta que eu vou te mostrar.

Chegando por trás, pôs os braços em volta do seu corpo. No clube, fazia isso

dez vezes por semana quando dava aula. Com Lily foi diferente. Ele se viu

distraído ao

perceber como ela era: surpreendentemente macia. E ao perceber o cheiro dos

seus cabelos: limpos e perfumados. E o calor do seu corpo encaixado no seu.

Considerando

que tinha passado a noite anterior com Maura, sabia que aqueles pensamentos

eram completamente inapropriados. Fez um esforço para se concentrar e ajudá-la como se ela fosse qualquer aluno de golfe.

- Certo, sinta como é.

- Sentir, hum, o quê? O que eu deveria sentir? Boa pergunta.

- Relaxe os braços e eu vou mostrar o movimento. Isso é uma tacada. O movimento é bem delicado. - Ele a ajudou a dar uma tacada firme e direta que

a deixou a apenas

uma ou duas tacadas do buraco. - Sentiu a diferença? - perguntou.

- Não tenho certeza.

- Quer que eu mostre de novo?

- Claro que não - respondeu ela de um jato, com a voz áspera, à medida que se afastava dele.

Certamente não tinha percebido o clima entre eles quando ele a envolvera em

seus braços. Melhor assim, pensou. As coisas já estavam bem complicadas para o seu lado.

Até o final da partida, Lily mostrou uma pequena melhora. Sean e Cameron foram para o último buraco com uma boa diferença de pontos. Sean estava na frente

com

três

tacadas, uma vantagem confortável em qualquer padrão de jogo.

- Nada bom para quem quer ganhar os vinte dólares, Cameron - disse Charlie.

- Tá, ajuda muito você falar isso.

- Você ainda pode vencer - disse ela. - Tem um azar nesse buraco, está vendo? Portanto, se o Sean cair nesse azar, ele vai dar duro para se recuperar.

Lily abriu um largo sorriso para ela.

- Onde você aprendeu a falar assim?

Charlie deu de ombros.

- Vendo o papai jogar na TV

- Bem, você parece uma comentarista de golfe - disse Sean.

- Eu também poderia cair no azar de água - disse Cameron.

- Você não vai - assegurou-lhe Charlie.

- Como você sabe que não vou?

Ela revirou os olhos, demonstrando um excesso de paciência.

- Por causa dos vinte dólares.

- Aquele garotinho que está festejando o aniversário aqui no parque está chegando perto - advertiu Lily, olhando por cima do ombro para o grupo atrás

deles. - Acho

que estão a apenas dois buracos da gente.

Sean gesticulou para Cameron.

- Você ganhou o último buraco, portanto tem o privilégio de tacar primeiro.

Cameron passou à frente e deu uma tacada pretensiosa, porém admirável, que

pôs a bola onde ele queria - a duas tacadas do buraco. Sean foi a seguir, colocando

a

bola no suporte de plástico. Assim que ele se posicionou para tacar, seu estômago roncou de fome. E, contra sua vontade, pensou novamente em colocar os braços em

volta de Lily.

A bola rolou direto para o azar de água e caiu chapada lá dentro.

- Isso vai te custar uma penalidade de duas tacadas - Charlie falou de repente.

246

- Cachorro-quente - disse Ashley.

Sean ficou aborrecido. Concentração era tudo. Ele, principalmente, devia saber disso. Se os pensamentos se desviavam só um pouquinho, tudo estava perdido.

Cameron deu a sua próxima tacada, aliás uma bela batida, que o colocou a apenas mais uma tacada do buraco. A liderança de Sean estava agora reduzida a uma só tacada,

mas ele ainda estava seguro de que o último buraco seria dele e que acabaria economizando os seus vinte dólares.

- Oh, oh! - disse Charlie, sendo imitada por Ashley.

De alguma forma ele dera uma outra tacada terrível, excedendo em muito o buraco. Agora sua bola estava muito distante.

Cameron bateu na bola com facilidade. Embora fosse um golfista muito experiente para se vangloriar da própria vitória, sua postura ao sair do green dizia claramente

"Venci".

Ainda não, você não venceu, pensou Sean. Aquela seria uma tacada longa e difícil, mas se ele conseguisse afundar a bola, eles estariam empatados e teriam de jogar

mais um buraco. Ao posicionar-se para bater, ouviu Lily cochichar para

Cameron:

- São só vinte dólares.

Cameron cochichou de volta:

- Não é por causa da grana.

Então todos ficaram quietos. Até mesmo Ashley ficou quieta, como se tivesse

um respeito inato pelos procedimentos.

De alguma forma, os pensamentos de Sean se desviaram novamente. Ele se pegou imaginando como Lily ficaria sem os óculos, e por que ela o estava fazendo questionar

o seu relacionamento com Maura.

E perdeu a tacada.

- Ah, não! - Charlie começou a saltitar. - Cameron ganhou por tacada!

Assumindo sua postura de jogador, Sean pegou a carteira e deu uma nota de vinte dólares para o sobrinho. Eles deixaram a floresta jurássica e devolveram

os equipamentos.

- Sinto muito, tio Sean - disse Charlie. - Eu estava torcendo secretamente por

você.

247

- Nunca fique triste. O Cameron manteve o jogo dele e eu deixei meu cair.

- Por quê?

- Porque perdi a concentração.

- Por quê?

- Porque fiquei pensando em coisas que me distraíram.

- Como o quê?

Ele percebeu o brilho de divertimento nos seus olhos.

- Como sobrinhas que fazem muitas perguntas e merecem umas cosquinhas.

-

Com um rugido animal, ele a agarrou.

Ela deu um grito estridente de alegria, fingindo medo, então riu sem parar

assim que ele atacou o seu ponto mais vulnerável: as pobres das axilas.

Como

de costume,

Ashley começou a rir também, e continuou a rir mesmo depois que as cócegas

tinham acabado. Cameron a colocou sobre os ombros rumo à saída.

Sean percebeu a presença de Lily ao seu lado e sorriu.

- No geral - disse ele -, não foi um mau dia.

- Eu não sabia que era uma golfista tão ruim. Estou envergonhada.

- Não fique.

- Como algo tão simples pode ser tão difícil?

- Porque é golfe, só por isso - ele explicou. - De mais a mais, não era um jogo

de verdade. Preciso ensinar você a jogar golfe de verdade. - Não sabia ao certo por

que tinha dito aquilo. Não sabia ao certo por que ainda podia senti-la em seus

braços.

- Por pior que eu seja, estou começando a entender por que tantas pessoas são loucas por golfe.

Aquela era a última coisa que ele esperava ouvir dela. Talvez fosse por isso

que estivesse tão intrigado. Exatamente quando achava que a tinha decifrado,

ela o surpreendia.

- Cameron! Eí, Cameron! - gritou uma voz feminina e uma garota alta com uma

camiseta enorme do Parque Jurássico veio correndo na direção deles.

Sean e Lily se entreolharam. Ele segurou a mão de Charlie para impedi-la de

se intrometer. Eles viram assim que a garota animada e de pernas

248

compridas alcançou Cameron próximo à saída. Ela tinha mais ou menos a mesma idade dele, usava os cabelos castanhos presos num rabo-de-cavalo,

aparelho nos dentes

e óculos. Cameron não parecia exultante em vê-la.

- Oi, Becky - cumprimentou-a, tirando Ashley dos ombros.

- Aqui está a foto que você pediu - disse Becky, dando a ele a cópia 20x25 num

envelope de celofane. Ela não escondia sua adoração por ele, estava na cara.

-

Fiquei

tão surpresa em te encontrar aqui que quis trazer a foto pessoalmente.

- Obrigado. - Cameron pegou a foto. - A gente só parou aqui por causa da minha irmãzinha. Estamos indo para casa agora.

- Ah. - Ela se balançou na ponta dos pés, sorrindo para Ashley, e então para Sean, Lily e Charlie tão logo eles se aproximaram. - Então essa é a sua família?

- Não - disse Cameron. - Quer dizer, bem, esta é a Ashley e esta é a minha outra irmã, a Charlie, meu tio Sean e a Lily.

- Sou Becky Pilchuk. - Seu rosto se iluminou com um encantamento ostensivo.

- Você trabalha aqui? - perguntou Charlie.

- Trabalho no restaurante todos os fins de semana.

- Caramba, você tem muita sorte! - disse Charlie.

- Também acho - concordou Becky.

- É melhor a gente ir andando - disse Cameron, claramente irritado com a adoração dela. - A gente se vê por aí.

Becky lançou um olhar rápido e nervoso para a sede do complexo de entretenimento.

- O restaurante acabou de abrir para o almoço - sugeriu. - Ele não é ruim, isto

é, se vocês estiverem com fome.

- Eu estou morrendo de fome - disse Charlie, dramática. - Morrendo de fome.

- Eu também - disse Ashley.

- Então está decidido - disse Sean. - Vamos almoçar no restaurante. Eu pago.

Nem farei você gastar os vinte dólares que ganhou de mim.

- Ótimo - murmurou Cameron.

249

- Vou aprontar uma mesa para vocês - disse Becky. - Vejo você lá dentro, Cam.

- Saiu correndo para o outro lado, na direção da entrada de serviço, uma pérgua coberta

por folhas de palmeiras artificiais.

Quando a garota já estava longe, Charlie disse:

- OK, Cam! Estou tão apaixonada por você, Cam! - Piscou os olhos para ele.

- Pare com isso, sua chata. - disse, segurando a mão de Ashley.

- Ooh! Adoro quando você fala assim comigo! - Charlie disse, toda amorosa. -

Você é tão... tão... másculo!

Sean e Lily viraram para a frente, sem coragem de olhar um para o outro.

Becky estava esperando por eles no restaurante. Agora vestia um avental do Parque Jurássico com um pterodáctilo nos bolsos.

- Mesa para cinco? - perguntou.

Sean olhou de relance para Lily e para as crianças e ficou surpreso com a idéia de os cinco estarem funcionando como uma unidade, redefinindo a si próprios como

algo maior do que cada um isoladamente. Uma família, pensou. Eles eram uma

família.

- Sim, por favor - disse Lily, sentando-se numa cadeira e analisando o cardápio.

- É melhor nós todos comermos para não irmos com fome ao mercado.

- Qual o problema em ir ao mercado com fome? É a única hora em que tenho

vontade de ir lá - disse Sean.

- É quando você faz compras por impulso e acaba comprando coisas de que não precisa, coisas que não fazem bem. Se você faz compras de estômago cheio, escolhe melhor.

Ótimo, pensou. Fazer compras com a Srta. Escolhe Melhor ia ser muito divertido.

250

## Capítulo 29

No mercado, Lily tentou se controlar. Depois da humilhação no mini campo de

golfe, sentiu que precisava mostrar-se boa em alguma coisa. E, obviamente, o

verdadeiro

motivo de se sentir assim era algo que só admitira para si mesma: ainda estava

ressentida por ter encontrado Maura na casa de Crystal naquela manhã.

Mas Lily também não fez sucesso lá. Cameron foi direto para a sessão de

livros e revistas à procura da última edição da Rolling Stone. Charlíe insistiu

para ficar

num estande de CDs com os fones no ouvido, para ouvir algumas músicas da

coleção "Os Sons da Natureza".

Sendo assim, sobrou para Sean e Lily colocar Ashley no carrinho e fazer as compras de casa. Tão logo percebeu Sean pegando uma caixa de Pop-Tarts, soube que precisaria intervir.

- A nutrição é a parte da saúde mais negligenciada entre as crianças hoje em dia - informou-lhe.

- Não diga.

- Veja a lista de ingredientes deste produto - disse ela, batendo na caixa. - Está

cheia de carboidratos que se transformam instantaneamente em gordura.

- Essas crianças são muito magrinhas. Precisam de algo engordativo.

251

- Com isso? Gelatina tipo-B? Nem queira saber de onde isso vem. xarope de

seldane? Isso é uma toxina das boas. Em porções concentradas, já se provou que causa danos

cerebrais em ratinhos de laboratório.

- Então eles deviam parar de dar isso para os ratinhos. Onde você aprende essas coisas? - ele perguntou.

- Em qualquer lugar onde possa. As grandes companhias alimentícias

gostariam que ficássemos ignorantes, mas não podemos nos dar a esse luxo.

-

Sem fazer cerimônia,

Lily voltou com a caixa de biscoitos recheados para a prateleira. E sem conseguir se controlar, disse ainda: - Os profissionais da área médica de hoje

em dia não

fazem absolutamente nada para despertar a nossa conscientização sobre esse

assunto.

Ou ele não compreendeu ou não se incomodou com a indireta para Maura.

- Então, o que a Charlie vai comer no café da manhã? - Avistou alguma coisa e

seu rosto se iluminou. - Devil Dogs! Eu nunca tinha encontrado esses bolinhos

de chocolate

aqui na costa oeste. Adoro esses troços!

Lily ficou olhando chocada para aqueles bolinhos de formato estranho, recheados de creme.

- Você está brincando!

- Você alguma vez já comeu um Devil Dog? - Ele riu. - Pergunta idiota, desculpe.

Lily escolheu uma caixa de aveia orgânica em flocos.

- Você acha que a Charlie gostaria disso?

- Ela vai vomitar isso.

Após discutirem, concordaram em levar um cereal sem aditivos e um pouquinho de mel orgânico para adoçá-lo. Começaram a discutir novamente no corredor dos salgadinhos.

- Um pouquinho de Fritos não vai matar uma criança - disse Sean.

- É verdade. É a gordura trans que vai fazer isso. Não tenha esse tipo de coisa

em casa e eles não vão ficar tentados a comê-la - disse ela.

- Sim, senhora. Agora me diga, qual a sua opinião sobre os laticínios? E assim

foi, cada item discutido até a exaustão, cada compra negociada até Ashley cair

no

sono dentro do carrinho. Lily aproveitou a oportunidade

252

para dar uma explicação rápida sobre nutrição para crianças em fase de crescimento. Ponto para Sean, por não ter discutido com ela. Nem sequer parecia estar ouvindo.

Enquanto esperavam na fila do caixa, ela tirou do expositor uma revista sobre

pais e filhos.

- Talvez devêssemos levá-la - disse. - Tem um artigo sobre o que esperar das

crianças na fase em que estão aprendendo a andar.

- Quem lê essas coisas? Só quem não tem filhos. São as únicas pessoas que têm tempo. - Deu uma olhada em Ashley ainda adormecida, as perninhas e os

bracinhos espalhados

para fora do carrinho de compras. - Ela me conta tudo o que preciso saber.

- Isso ficaria melhor na seção de comentários do especialista. Sean sacudiu a

cabeça e pegou um exemplar da Golf Digest.

- Ler essa revista não vai fazer de mim um pai melhor, assim como ler isso aqui

não vai fazer de mim um golfista melhor.

O primeiro impulso de Lily, como sempre, foi o de discutir com ele, mas apenas

se forçou a pôr as duas revistas de volta no lugar. A seguir, apertou os lábios e,

quando o caixa solicitou uma confirmação de preço referente a um produto do

cliente que estava na frente deles, tamborilou com os dedos na barra do

carrinho.

- Talvez fosse melhor ir para outra fila - sugeri.

- Esta está boa.

Lily tornou a sentir o ímpeto de discutir.

- Aquela lá é que está andando.

- E esta também vai andar. Elas sempre acabam andando.

Ela pegou um pacote de chicletes, leu os ingredientes e o devolveu.

- Sou obrigada a dizer que admiro a sua paciência.

- Obrigado. Acho que aprendi a ser paciente vivendo no exterior, tendo de esperar nos aeroportos estrangeiros e nas filas de táxi.

Aquele foi um raro lembrete de que ele tinha um passado, uma vida inteira de

experiência em cidades exóticas. Lily perguntou-se se ele sentia saudade daquela vida,

se ansiava pelas aventuras que ela lhe proporcionara.

- Por que você voltou para os Estados Unidos? - perguntou. Sabia o que Crystal pensava. Queria ouvir a versão dele.

253

A fila andou alguns passos.

- Fui expulso do torneio sob a acusação de trapaça.

Sua sinceridade a surpreendeu. Fora exatamente isso que Crystal dissera.

- Por que você faria isso?

- Há várias razões para um cara trapacear. Há muita coisa em risco nesse jogo,

principalmente quando um jogador precisa provar alguma coisa. Mas eu não fiz

isso.

Eu não roubei.

- Por que disseram que você roubou?

- Um dos principais patrocinadores me queria fora do torneio.

- Por quê?

Ele começou a pôr as compras na esteira do caixa.

- Você não vai querer saber.

Lily resistiu ao ímpeto de rearrumar as compras na esteira, mesmo sabendo que isso significaria que os enlatados provavelmente amassariam as frutas e os legumes.

-- Mas eu quero. Quero saber, sim.

- Eu estava transando com a filha do patrocinador e ele tinha prometido a mão

dela em casamento para um cara da família real da Malásia. Já ouviu falar da

yakuza?

- Não é a máfia japonesa?

- Exatamente. Acontece que o papai dela era o chefe da yakuza e tinha grandes planos para a filha. - Ele riu diante da expressão de Lily. - Bem, você

pediu.

- Você está brincando.

- Não estou inventando essa história.

! - Você não tentou se defender? Negar que tinha roubado?

- Não adiantava perder tempo. As coisas funcionam diferente na máfia e eu cometi o erro colossal de me esquecer disso.

- E o que aconteceu?

Ele acabou de tirar as mercadorias do carrinho e a fila voltou a andar.

- Fui incriminado. No final de um torneio importante, me entregaram uma marcação de pontos errada, e eu, feito um idiota, assinei.

- Como assim, "assinou"?

254

- Assinei dizendo que a minha contagem de pontos estava correta. Eu estava com pressa e não conferi os números.

- Então, mesmo tendo sido incriminado, você vai simplesmente desistir? Isso é

um absurdo. Você é um golfista, Sean. É o seu trabalho. Por que deixaria alguém

tirar

isso de você?

- Você está falando como o Red.

- Como assim?

- Ele acha que eu devia continuar com o plano de voltar para o torneio.  
Pegar o

meu cartão PGA. O problema é que o Q-School só acontece uma vez por ano.

- Q-School?

- É um evento anual, um torneio classificatório com cento e oito buracos, onde as trinta e cinco melhores marcas ganham o cartão PGA. Antes disso, eu teria

de passar

ileso pelos estágios preliminares. É um processo longo e não há como conciliá-

lo com as crianças.

Então ele estava se sacrificando mais do que ela imaginava. Precisaria refletir

sobre isso, sobre o fato de ele ter saído em busca do seu sonho, de tê-lo deixado

escapar e de estar desesperado por uma outra chance. Quanto mais conhecia aquele homem, mais ele a surpreendia. Sentiu um renovado respeito por ele.

- Essa é a única forma de você conseguir o seu cartão PGA e começar a jogar

nos torneios?

- O Red está procurando outras opções, mas está perdendo o tempo dele.

Tenho outras prioridades agora.

Ela percebeu um tom de frustração preocupante na voz dele.

- Por que não considerar a hipótese de fazer as duas coisas?

- Posso considerar o que quiser, mas seria preciso viajar muito para conseguir

mesmo fazer qualquer coisa com relação a isso. Tenho uma vida diferente agora. - Inclinou-se

e abotoou o suéter de Ashley.

- Mas você não tem um sonho diferente - lembrou-lhe Lily. Sean dirigiu-lhe um

olhar íntimo como um toque. Deve ser a minha imaginação, ela pensou. - O que foi?

Ele lhe ofereceu um sorriso ligeiramente enigmático.

- Gosto da sua forma de pensar, srta. Robinson.

255

Quando chegaram em casa, Lily ficou surpresa ao perceber que não queria que aquele dia acabasse e ficou ainda mais um bom tempo ajudando-o a

guardar as compras.

Acabou encontrando alguns produtos contrabandeados, enfiados dentro do carrinho - mais especificamente um pacote extragrande de Devil Dogs -, mas

não deu maior importância

a Isso. Sean Maguire já a achava extremamente rígida.

Como Ashley ainda dormia na cadeirinha do carro, Sean trouxe a parafernália

para dentro.

- Você vai colocá-la no berço? - perguntou Lily.

- Ela está bem assim. - Ele ligou o aparelho de CD. - E também dorme melhor

ouvindo música.

A voz forte e clara de Stephanie Davis cantando "Talking to the Moon" ecoou

nas caixas de som.

- Essa era a música predileta da mamãe - disse Charlie, tirando uma caixa grande de giz de cera da gaveta.

- Eu sei. - Lily colocou um saco de compras na bancada e ocupou-se em guardar as coisas. A última vez que ouvira aquela música fora com Crystal, descansando enquanto

tomava uma xícara de chá.

- Quer que eu troque? - perguntou Sean.

Ela sacudiu a cabeça negativamente, adorando e odiando aqueles sentimentos

contraditórios.

Havia um curioso jogo de fluxo e refluxo na tensão entre ela e Sean. Num momento, ela sentia vontade de discutir com ele. No outro, queria

simplesmente ficar

de

bem.

Cameron pegou o telefone sem fio e foi para um outro aposento. Charlie foi para a mesa de jantar para fazer um desenho detalhado de um mínicampo de golfe. Para Lily,

era sempre estranho, talvez vagamente proibido, estar com Sean na casa de Crystal. As lembranças da amiga ainda eram muito palpáveis e sempre apareciam sem aviso:

um brinco caído entre as almofadas do sofá, revistas e correspondência endereçadas a ela, operadores de telemarketing procurando-a pelo nome.

Lily pegou um livro grosso de receitas e viu um marcador onde Crystal tinha

escrito apressadamente "Bolo de aniversário da Ashley". Abriu o livro e passou o dedo

por cima da sua caligrafia.

- Você está bem? - perguntou Sean. Ela concordou.

- Às vezes, tenho a estranha impressão de que ela só deu uma saída e vai voltar num minuto, de que talvez tenha apenas saído para comprar uma caixa

de morangos congelados

para este bolo.

- Acho que ela já comprou. - Ele foi até o freezer e tirou os morangos. - Eu estava pensando onde poderia usá-los.

Lily deu uma olhada em Ashley, ainda presa à cadeirinha e dormindo profundamente.

- A Crystal tinha uma bela festa planejada para ela. - Em vez de comemorarem

o aniversário de dois anos de Ashley, tiveram a reunião com os advogados.

- Podíamos dar essa festa agora - disse ele. - Hoje. Lily apaixonou-se imediatamente pela idéia.

- Brilhante! Vamos fazer o bolo que a Crystal queria!

Sean levantou uma sobrancelha naquela forma intrigante que Lily sentia vontade de imitar.

- Bolo de aniversário, srta. Robinson? Tsc, tsc, todo esse açúcar...

- Daremos pedaços bem pequenos para as crianças.

- Fale por você. Acho que a Charlie devia ajudar a fazer o bolo.

Lily agora ria como uma tola. Parecia tão bobo, mas, de alguma forma, aquilo

estava fazendo com que se sentisse melhor.

- O Cameron também. Vou chamá-los.

- Um minuto - disse Sean, guiando-a na direção da despensa. - Preciso mostrar uma coisa.

Ela entrou no interior escuro da despensa, onde o ar estava saturado do cheiro

dos temperos, e pôde sentir o calor do corpo dele perto do seu.

- O que é isso?

- Ela também já havia comprado coisas para a festa. - Ele acendeu a luz e mostrou uma sacola de compras cheia de guardanapos com arco-íris coloridos,

chapeuzinhos,

cornetinhas e balões combinando.

No fundo da sacola havia uma boneca, macia como um marshmallow, com olhos brilhantes e redondos. Era exatamente o tipo de boneca que Crystal escolheria. Lily também

encontrou um cartão num envelope aberto.

Seu coração acelerou ao abri-lo. Ela sentiu a presença da amiga ao seu lado ao virar o cartão na direção da luz e deparar-se com o desenho singelo de uma

mãe empurrando

uma menininha num balanço, dizendo: "abra as suas asas e voe...". No lado de

dentro continuava: "... para casa,; junto de mim."

Em letras de forma caprichadas, Crystal tinha acrescentado uma mensagem de

próprio punho: "Estou tão orgulhosa da minha mocinha! Senpre amarei você.

Mamãe."

Lily fechou cuidadosamente o cartão e o pôs de volta no envelope,

- Fico feliz que ela tenha escrito alguma coisa - disse. Somente quando Sean

lhe deu um lenço de papel foi que percebeu que estava chorando e que ele deslizara

o braço sobre seus ombros.

- Como a gente faz? - murmurou Lily, tomada pela emoção.- Como a gente faz

para suportar o insuportável?

- Às vezes a gente não faz - disse-lhe ele simplesmente. - Às vezes, a gente simplesmente respira.

- Não vou ficar em casa para fazer bolo nenhum! - disse Cameron quase pisando em cima da Miss Buzzy, a abelhinha de Ashley, ao se aproximar da geladeira. Ele resistiu

ao ímpeto de chutar pela porta o brinquedinho de puxar.

- É o aniversário da Ashley - disse-lhe Lily, experimentando um dos aventais de

Crystal. Aquele, com a foto de Olinda, a bruxa boa de Oz, e o título "Você é uma

bruxa boa ou má?". Isso fez Cameron lembrar-se da imagem da mãe e ficar irritado.

- Hoje não é o aniversário dela. Vamos escolher outro dia. - O garoto sentiu o

clima na cozinha pesando sobre ele. Já não bastava ter sido arrastado da cama para

visitar a avó, ter jogado minigolfe? Agora queriam que ele jantasse e preparasse uma festa de aniversário?

- Nós decidimos que vai ser hoje - disse Sean, entrando na cozinha com

Ashley enfiada debaixo do braço como uma bola de futebol. - Essa menina vai

ter de fazer

dois

anos mais dia menos dia.

- Ela já tem dois anos e não importa quando vai ser a droga da festa dela!

258

- Importa, sim - disse Sean, simplesmente.

Cameron sentiu uma lenta ardência de raiva. Tudo o irritava - o barulho do rádio pela manhã, lembrando-o de que teria de enfrentar mais um dia sem os

pais. A visão

da letra da mãe no quadro-negro da cozinha. O cheiro do seu laquê no encosto

da sua poltrona favorita. E ainda por cima lá estava Sean, com suas frases tolas

e

simplistas,

que pretendiam fazer algum sentido: Importa, sim.

- Eu gostaria que vocês parassem de agir como se nós fôssemos uma família normal - disse Cameron.

- E por acaso é isso o que estou fazendo? - perguntou Sean. - A propósito, que diabos quer dizer uma família normal? Talvez você possa me explicar.

- Sean... - Lily lançou um olhar preocupado para Ashley, mas a garotinha

havia encontrado a abelhinha de puxar e estava em outro mundo. Num outro

canto da casa,

uma TV gritava. Era Charlie assistindo a um desenho animado.

- É isso mesmo - disse ele. - Quero que o Cam me explique. O que é uma

família normal? Mãe, pai, 2, 5 filhos por família? Quem ainda tem uma família

assim? Alguém

tem?

- Você sabe o que quero dizer - rebateu Cameron. - Uma família normal não

tem os pais mortos e um especial "Os Melhores Momentos de Derek Holloway"

na ESPN.

- Aqui, Cameron. - Ashley aproximou-se gingando e lhe deu um saco de

balões. - Enche!

Ele rasgou o saco plástico e encheu um balão vermelho com mais ou menos

três grandes sopradas. Os olhos de Ashley brilharam de admiração ao

observá-lo. Ele deu um

nó no balão e o fez flutuar até ela.

- Ah! - ela exclamou, encantada. - Mais um.

Ashley era a única pessoa no mundo para quem Cameron não conseguia dizer

não. Ela o fez encher balão atrás de balão até se ver nadando num mar deles.

Sentindo-se

tonto de tanto soprar balões, desejava poder expulsar dos pulmões o peso opressivo do medo. Agora que tinha perdido os pais, temia que aqueles que ainda estavam

vivos pudessem se tornar um novo tipo de família. E mais medo ainda de que

não pudessem.

259

Lily aproximou-se, ligou o rádio e o sintonizou numa estação de músicas antigas tocando "Aint No Mountaín High Enough". Ela e Sean trabalharam juntos, seus movimentos

ligeiramente ritmados conforme seguiam a receita deixada por Crystal.

- Há algumas semanas, você só sabia servir Pop-Tarts - disse ela. Você aprende rápido.

- Em todas as áreas - assegurou-lhe ele. - Meu objetivo agora é fazer panquecas vermelhas, brancas e azuis para a Charlie no Quatro de Julho.

- Ambicioso - disse ela.

Havia também um certo ritmo na conversa deles. Não estavam exatamente flertando, mas havia um clima diferente surgindo entre eles.

- Ah, é? - Sean levantou uma tigela de massa rosa e a derramou numa forma para bolo. - Talvez você pense em mim enquanto estiver passando o verão na

Itália.

- Quem disse que vou para lá? - Lily retesou a coluna.

- Acho que foi a Charlie. É algum segredo?

- Não, claro que não. Só que... eu cancelei a viagem.

- Por quê?

Ela deu uma espiada por cima do ombro. Cameron continuava a soprar os balões.

- Achei que seria o mais certo a fazer - disse Lily. - Eu não me sentiria bem saindo agora, nem daqui a seis semanas.

Enquanto Sean segurava a tigela, ela raspou a sobra com uma espátula.

- Porque você acha que eu estou me saindo mal - disse ele.

Uau, pensou Cameron. O clima tinha mudado. Ao mesmo tempo, sentiu uma

satisfação perversa ao achar que os dois estavam brigando na sua frente. De certa forma, aquilo

era uma demonstração de confiança.

Lily abriu o forno e Sean pôs o bolo lá dentro.

Não coloque palavras na minha boca. Não estou te criticando pelas suas

responsabilidades. Eu sacrifiquei minhas férias de verão. Você está sacrificando muito mais do que isso.

- Mais um - disse Ashley, e Cameron pegou um balão amarelo.

260

Charlie entrou na cozinha e o seu rosto se iluminou mais do que Sean vira em semanas.

- Oba! Posso lambar a tigela?

- Eu também! - Ashley jogou um balão para o alto. Uma nova música tocou no

rádio, "Nah Nah Hey Hey". Lily e Charlie cantaram juntas, balançando os quadris, e Cameron

teve um pensamento estranho. Aquilo, a forma como estavam agora, era como

as férias e as celebrações seriam dali para a frente. Embora difícil de acreditar,

eles

precisavam descobrir como rir, como se divertir, como implicar e brigar um com

o outro apesar de seus pais terem morrido.

- Bem, você deu um jeito de encher a sala de balões em vez de ajudar com o

bolo - disse-lhe Lily.

-É. E daí?

- Daí nada. Eu ia agradecer. É melhor do que ficar ocioso.

- Ninguém mais diz "ficar ocioso" - disse-lhe Cameron.

- Eu digo isso o tempo todo. - Lily atirou um rolo de papel crepom rosa para ele.

- Portanto, nada de ficar ocioso.

261

### Capítulo 30

Sabe o que é estranho? - Sean perguntou a Lily depois da comemoração do aniversário.

- Praticamente tudo nos últimos tempos - respondeu ela.

- Eu costumava pensar como seria morar aqui.

Eles estavam na varanda dos fundos da casa de Crystal. Sob uma macieira

florida, Ashley e Charlie entretinham-se numa brincadeira que só elas mesmas

entendiam na

caixa de areia e que incluía toda a mobília da Casa dos Sonhos da Barbie, uma

coleção de bonequinhas esotéricas e a boneca que Ashley ganhara de presente de aniversário.

O sol estava se pondo com seus raios âmbar caindo de viés sobre o gramado, e uma leve brisa espalhava uma chuva de pétalas da macieira sob a luz que

morria, conferindo

à cena um aspecto onírico.

- Onde, aqui? - perguntou ela. - Em Comfort?

- Nesta casa. - Ele pegou um suporte perdido de uma bolinha de golfe e o rolou

entre as palmas das mãos. - O Derek e eu costumávamos passar por aqui todos os dias

no nosso trajeto para a escola e sempre dizíamos que um dia moraríamos nesta casa. Nós imaginávamos um tipo de colônia habitada somente por meninos e cachorros.

Lily sorriu, tentando imaginá-lo como um garotinho. Olhos azuis, é óbvio, e cabelos mais claros. Provavelmente uma expressão de menino levado.

262

- É engraçado aonde a vida leva a gente. Ele concordou.

- O Derek nunca desistiu desta casa, mas eu saí em busca de algo mais.

-Do quê?

- De um lugar um pouco mais exótico. A Riviera Francesa ou talvez Buenos Aires. Ou, sei lá, Monterey. Qualquer lugar é mais exótico do que a boa e velha

Comfort,

no Oregon.

- E aqui está você.

- Aqui estou eu. - Passou a mão com os dedos afastados pelos cabelos. -

Cristo, como sinto saudades dele! Tudo está errado. Eu não deveria estar aqui

vivendo esta

vida. Não sou a pessoa certa para ocupar o lugar dele.

- E nem é isso que você deve fazer.

- Então que diabo devo fazer?

Lily pensou na forma como Charlie e Cameron tinham passado aquele dia;

tristes, mas se recuperando.

- Acho que você já está fazendo.

Ele repousou os punhos sobre os joelhos e olhou para o pátio com seu jardim

de rododendros, árvores frutíferas e velhas que espalhavam suas folhas

enormes

pela sombra.

-Juro de coração que não estava esperando por essa.

- Ninguém estava - garantiu Lily. - Ouça, sobre a Maura... eu não queria ter soado tão crítica hoje de manhã.

- Você estava pensando nas crianças.

Estava?, perguntou-se Lily. Estava, tinha de estar. Se estivesse pensando em qualquer outra coisa a não ser nas crianças, estaria em apuros.

- Ela parece uma boa pessoa e eu a admiro por dar tanto duro para se formar em medicina. - Como soara artificial! Ele provavelmente tinha percebido isso também.

- Vou dar uma saída, está bem? - pediu Cameron lá da porta dos fundos. Sean levantou-se e virou-se para ele.

- Saída para onde?

263

- Por aí.

- Você precisa ser mais específico.

- Por quê?

- Porque, caso eu decida dar uma volta de carro mais tarde, não terei surpresas. Lembre-se, já falamos sobre isso. Detesto surpresas.

Cameron foi até a varanda onde eles estavam. Levava o skate debaixo do braço.

- Se você for atrás de mim para me controlar, dou um tiro na cabeça, - Sua VOZ

mal escondeu a irritação.

Lily conteve-se para não protestar quanto à sua escolha vocabular. Sean ficou

esperando.

- Vou só dar uma volta com uns amigos.

- Quais?

- Caramba, tio Sean...

- Caramba coisa nenhuma. - Sean esperou, os olhos fixos nos de Cameron.

Lily ficou intrigada. Podia sentir a tensão entre eles como uma vibração no ar.

O estilo paterno de Sean, se fosse possível classificá-lo assim, fascinava-a.

Ele

agia puramente por instinto, não por experiência. Mas sua confiança nunca se

abalava. Talvez fosse essa a chave, pensou. Nunca os deixe perceber como você está mesmo

assustado.

Foi Cameron quem desviou primeiro o olhar. A princípio rendeu-se com sua

postura, depois verbalmente, deixando claro que não considerava aquele um motivo para briga.

- Vou para a casa do meu amigo, Jason. Ele mora lá em Meadowmeer.

- Ligue para mim se for a qualquer outro lugar.

- Ligo.

- E chegue em casa às onze.

- Mas hoje é noite de sábado.

- Foi por isso que eu não disse às dez. Esteja em casa até as onze ou nem se dê ao trabalho de sair - disse Sean.

Cameron despediu-se mal-humorado e saiu pisando forte.

- Você sabe lidar com ele - disse Lily.

- É, obrigado. Ele parece mesmo feliz.

264

- Estou falando sério. Ele pressiona e você não cede.

- Não faço a menor idéia por que temos conflitos. Droga, estamos jogando no

mesmo time!

Ficaram juntos, observando o sol poente. Os sapos começaram a entoar uma

canção de lugares escondidos à sombra e Lily terminou seu copo de chá

gelado. Toda hora

estava prestes a dizer "adeus, foi um ótimo dia, até mais", mas, em vez disso, ficou lá, apreciando a brisa e as últimas cores do dia, os sons do crepúsculo

surgindo

ao seu redor.

- Você acha mesmo aquilo que disse? - Sean perguntou repentinamente. -

Sobre eu saber lidar com ele?

- Acho. - Ela não hesitou. - Considerando tudo o que essas crianças estão passando, elas dariam um trabalhão para qualquer um. É uma situação horrível

para qualquer

pessoa se ajustar, mas, considerando as circunstâncias, elas estão conseguindo.

- Então a professora me deu conceito A+. - Havia um quê de alegria em sua voz.

Lily olhou para ele, observando a luz refletida em seu rosto. Como aquilo era

importante para ele, percebeu.

- No que diz respeito às crianças, eu diria que sim. Sean semicerrou os olhos.

- Por que tenho a impressão de que há um "mas" aí?

- Eu não disse "mas".

- Nem precisa. - Ele riu baixinho. - Está bem, srta. Lily. Pode atacar. Eu agüento.

Era impressionante como ele parecia ver através dela.

- Tenho minhas dúvidas quanto ao programa American Chopper.

- Você está brincando!

- Eu não brinco.

- Está certo, por um momento me esqueci. Então você é contra o melhor programa da TV?

- A Charlie conhece o programa nos mínimos detalhes.

- E isso é ruim?

- É um programa sobre motocicletas. Não há nada que se salve nele.

265

Sean jogou a cabeça para trás e riu alto. Lily pegou-se observando o seu pescoço e tendo pensamentos perturbadores.

- Você me faz rir, Lily, faz mesmo. Assistir a um programa sobre motocicletas

não vai fazer mal nenhum à cabeça da menina. É uma coisa que fazemos juntos. Nós gostamos.

- Ele ficou sério, seu olhar imerso na escuridão que se adensava. - Talvez, apenas por um minuto, ela... se esqueça, se sinta normal. Ela merece isso de vez em quando.

Lily se deu conta da verdade do fato e concordou.

- Pelo menos não é aquele desenho, o South Park.

- Não. Esse começa meia hora mais tarde - disse ele e riu diante da sua cara de horror. - Estou brincando. Sei que você não brinca, mas eu brinco muito.

- Muito engraçado. - Lily ofereceu um sorriso de alívio.

- Você é mesmo uma figurinha difícil de agradar, srta. Lily - ele comentou. -

Comida, TV, lava-louças... Como você ficou assim?

Crescer numa casa repleta de ódio faz isso, ela pensou, mas não conseguiu articular-se para dizê-lo.

- Acho que sou apenas fruto do hábito.

Ele concordou e ficaram sentados num silêncio curioso e companheiro, ouvindo

o coaxar dos sapos e as meninas brincando juntas. Por fim, Sean levantou-se.

- Preciso pôr essas duas sujismundas para dormir.

Assim que ele se aproximou da caixa de areia, Charlie levantou a mão num gesto defensivo.

- Mais cinco minutos.

- Sinto muito, menininha, está na hora. Vocês duas precisam de um banho.

- Sem banho! - protestou Ashley.

Ele a levantou e enfiou debaixo do braço.

- Você gosta de tomar banho.

- Lily, você vai ficar aqui? - perguntou Charlie, arrastando os pés ao entrar em casa.

- Não posso - ela respondeu automaticamente.

- Por favor.

266

- Mas...

- A criança pediu "por favor" - ressaltou Sean.

- Está bem.

- Yes! - Charlie e Ashley bateram nas mãos uma da outra.

Lily gostaria de ter um bom encontro para aquela noite de sábado. Gostaria de

sair para beber e dançar, mas a verdade era que não tinha nada para fazer. A perspectiva

de ficar por lá era um prazer desconcertante para ela.

Sean e as sobrinhas dispararam pelas escadas. Da cozinha, Lily ouviu o barulho da água correndo e as risadinhas esporádicas das meninas. Naquele dia, pela primeira

vez, começou a acreditar que os filhos de Crystal iriam sobreviver àquela terrível perda. Até então, as dúvidas se emaranhavam em seu íntimo, num nó

apertado de

desespero. Finalmente, podia relaxar. Pelo menos um pouco.

Uma outra coisa acontecera naquele dia: surgira um vínculo preocupante entre

ela, as crianças e Sean. Lily sabia que precisava manter uma certa distância daquela

família, pois ela não lhe pertencia. Sean poderia decidir se mudar para

Phoenix na próxima semana, e num piscar de olhos eles iriam embora. Ela não

sabia se conseguiria

sobreviver a uma perda como essa.

A luzinha da lava-louças indicou que o ciclo tinha acabado, portanto ela decidiu

esvaziar a máquina. Sean e Charlie tinham insistido em acomodar a louça na

máquina

e ela estava aleatoriamente empilhada nas gavetas. Lily cerrou os lábios,

jurando não se deixar abalar com a desorganização. Independentemente da forma como a louça

estivesse disposta, ela saiu limpa. Estava acabando de guardar as coisas

quando Sean desceu sozinho as escadas.

- Foi rápido - disse ela.

- Elas ainda estão na banheira. Só desci para pegar umas toalhas na secadora.

Lily sentiu o sangue congelar por um momento e ferver em seguida por todo o

seu corpo. Uma tigela plástica de cereal caiu-lhe das mãos.

- Meu Deus, você não pode deixá-las sozinhas! - Ela subiu as escadas correndo e entrou feito um foguete no banheiro. Percebeu a presença de Sean atrás de si,

mas

o ignorou.

267

As crianças estavam de frente uma para a outra, com espuma até as axilas.

Lily - disse Ashley, apertando uma esponja nas mãos.

Ela não respondeu, apenas virou-se e pegou uma toalha da mão de Sean que estava parado sob o batente da porta. A toalha ainda detinha o calor da secadora. Ela

tirou

Ashley da banheira, enxugou-a e aprontou-a para dormir.

Você também, Charlene Louise - disse para Charlie. - Tire o tampão da banheira.

Você está zangada com a gente? - perguntou Charlie, enrolando-se na toalha,

ainda com bolhas de sabão coladas nas pernas fininhas.

Lily tentou fazer com que seu coração parasse de bater naquele ritmo acelerado.

Tire o

- Você está zangada com o tio Sean?

- Está na hora de ir para a cama. Vamos ver se você consegue colocar o pijama sozinha - disse ela.

- É isso que os adultos sempre dizem quando querem que uma criança cale a

boca e vá para a cama.

- É porque isso é mais educado do que dizer "cale a boca e vá para a cama".

Aparentemente satisfeita com a resposta, Charlie vestiu um penhoar enorme de seda que se arrastava pelo chão atrás dela. Sentindo-se observada, a menina abriu os

braços como asas pálidas.

- Era da mamãe - explicou. - Durmo melhor quando estou com ele. Venha aqui

e me deseje boa-noite, tio Sean - chamou-o, enquanto Lily a colocava na cama.

Ele entrou no quarto das meninas.

- "Boa noite, tio Sean" - respondeu ele, claramente repetindo a mesma brincadeira de sempre. Deu um beijo em Ashley e entregou-lhe um brinquedo

para esconder

no

berço. Então beijou Charlie na cabeça. - Boa noite, Zippy - disse.

268

- Boa noite, Duke.

Assim que desceram juntos as escadas, Lily sentiu-se desconcertada pela doçura de Sean com as meninas. Perguntou-se se ele entendia o poder daquele momento e

se,

assim como ela, entendia que aquele arranjo estava mesmo dando certo.

Então se lembrou de que, doce ou não, ele tinha acabado de fazer algo extremamente assustador.

- O que é que você tem na cabeça para deixá-las sozinhas na banheira, sem supervisão?

- Elas gostam de tomar o banho delas juntas. Eu só saí por uns trinta segundos

para pegar as toalhas.

- Elas nunca mais podem ficar sozinhas na banheira, está me ouvindo? A

Ashley é muito pequena para tomar banho sem supervisão. E a Charlie é muito

nova para cuidar

dela, ainda que por trinta segundos. Você tem de me prometer que isso não vai

acontecer de novo!

Ele desprezou sua preocupação.

- Elas estavam bem.

- Se você pensa assim, está enganado.

- Ei, estou fazendo o melhor que posso. É estranho demais dar banho na Charlie. Não sou o pai dela e não quero ultrapassar o limite, se é que você está

me entendendo.

Ela controlou o pânico que lhe subia pela garganta.

- Está bem, já entendi. A Charlie vai ter de tomar banho sozinha, mas deixe a

porta aberta para que você possa ouvi-la. Será preciso monitorar a Ashley a cada segundo,

entendeu? Você não pode nem piscar quando ela estiver na banheira.

Sean ficou surpreso com tamanha veemência.

- Entendi. Nem piscar.

- Não estou exagerando, Sean. Você não pode ignorar esse assunto como faz com a minha opinião sobre nutrição, sobre a TV ou sobre a forma correta de encher a

lava-louças.

- Ela sentiu os olhos lacrimejarem de raiva e virou-se para escondê-los. -  
Estou

falando de vida e de morte. As coisas podem acontecer, tudo pode mudar  
num

piscar

de olhos.

- E você acha que eu não sei?

269

- Pense no que significaria para a Charlie se alguma coisa acontecesse. -  
Suas

palavras saíram num jorro emocionado e, quando ela terminou, sentiu-se  
exausta.

Lily ergueu os olhos para Sean, que a observava com uma expressão  
confusa. Se ele ousasse discutir, se sequer insinuasse um ar de contradição,  
ela iria se descontrolar,

sabia que iria.

Ele inspirou fundo e expirou parcialmente.

- Você tem razão - disse. - Eu agi feito um tolo.

Meu Deus, pensou Lily, sua honestidade era surpreendente. Ele era  
surpreendente. Há algumas semanas, fora um golfista metido a playboy sem

mais nada no coração além

de interesses egoístas com relação a si próprio. Agora, tinha posto tudo aquilo

de lado e estava disposto a admitir um erro. Ela nunca tinha visto um homem

agir

assim antes.

Ele estava mesmo tentando aprender como aquilo funcionava, tentando

aproximar aquelas crianças feridas para formar uma família, e sua sinceridade

a comoveu.

- Obrigada - Lily disse baixinho. Então a verdadeira razão do seu pavor ficou na

ponta da língua: a verdade sobre o que tinha acontecido com Evan e a forma

como

aquilo ainda a assombrava. Nunca tinha contado nada a ninguém, nem aos

pais, nem mesmo a Violet. Agora, surpreendeu-se ao falar:

- Sei que você está achando que eu exagerei, mas há uma razão para isso.

Perdi alguém muito próximo há muito tempo. Foi um afogamento acidental.

- Meu Jesus, Lily. Sinto muito.

Ela o pegou pelo braço e o levou até a varanda dos fundos, para longe de

Charlie, que não deveria ouvir. E para longe da luz. Por alguma razão, sabia que não seria

capaz de tocar naquele assunto sob a claridade da luz.

- Éramos três crianças lá em casa, mas o meu irmão Evan... bem, ele não sobreviveu para se tornar um Robinson. - Hesitou, pensando no peso que recaía sobre ela,

imaginando se aquilo algum dia poderia ser mudado. - Meus pais dizem que ele não sobreviveu a mim.

- Você só disse que ele se afogou. Ela concordou.

270

- Eu estava bem do lado dele na banheira quando isso aconteceu.

- Meu Jesus! - disse ele de novo. - Então você era criança, não era?

- Três anos.

- E o seu irmão...?

- Ele não chegou a fazer um ano. - Durante toda a vida Lily tentara reconstituir

aquela noite. Ela ainda podia se sentir lá dentro, mergulhada na maciez da espuma

para banho, mas nunca conseguira se lembrar de Evan ao seu lado. Às vezes pensava se, sem os lembretes da mãe, recordaria o incidente.

Ela mal se lembrava de Evan também. Lampejos ocasionais de memória, nada

mais. Um brilho de luz sobre a bochecha macia de um bebê, só isso. Um chorinho baixo de

bebê durante a noite. Quando olhava os álbuns antigos de família, via-se com

ele e, a julgar pelas fotos, adorava o irmão.

Lily às vezes se perguntava como Evan seria se tivesse sobrevivido. Pegava-

se analisando homens que teriam a mesma idade que ele, tentando imaginá-lo

adulto. Seria

alto e forte como Violet, ou pequeno e magro como ela própria? Seria simpático, bem-sucedido, sentimental, reservado? Ela se sentia totalmente incapaz de imaginar

como sua própria vida teria sido diferente se ele tivesse sobrevivido. Talvez não tivesse sido tão cautelosa e reservada. Talvez tivesse confiado em si própria para

se apaixonar, formar uma família, ser mãe.

O cair da noite trouxe a sensação de privacidade de um confessionário. Tinha

crescido como católica, mas nunca conseguira a absolvição,

independentemente de quantas

vezes recitasse o Ato de Contrição.

- Sempre achei estranho não me lembrar de um desastre dessas proporções -

disse a Sean. - Como não consigo lembrar? Como é que o meu irmão,

sangue do meu sangue,

escorregou para dentro d'água e se afogou comigo bem ao seu lado? Como é

que eu não percebi? - Mais de mil vezes ela se perguntara por que não tinha

pegado o bracinho

molhado e escorregadio do irmão e o puxado para fora d'água.

- Você tinha três anos, só por isso - afirmou Sean. - Uma criancinha. A

pergunta é: onde estavam os seus pais?

- Houve alguma emergência com a Violet e a minha mãe saiu por um minuto -

disse Lily. - Três, no máximo. - Entrelaçou os dedos. - Às

271

vezes acho que o que veio depois foi ainda pior. Minha mãe foi investigada por negligência e a Violet e eu fomos mandadas para um lar adotivo por algum

tempo, embora

eu também não me lembre disso. Quando voltamos para casa, tudo estava

diferente. Éramos uma família que havia se esquecido como era ser feliz. -

Lily

arreprou-se,

embora a noite estivesse amena com a proximidade do verão. - É isso. Até

hoje não me lembro bem do que aconteceu, mas minha mãe tinha certeza com

relação a uma coisa.

Eu tinha idade suficiente para tê-lo salvado.

Lily sabia que aquela sua perda governava tudo. O fato de uma vida ter sido

perdida na sua presença tinha definido e afetado cada escolha que fizera.

Ela

nunca se

perdoara. Como poderia? Por causa do passado, proibia-se de se afeiçoar a

outras pessoas. Continuava sem ter filhos, transferindo o seu desejo de filhos

para o ensino.

- Com o devido respeito pela sua mãe, ela botou caraminholas na sua cabeça.

Acho que para aliviar a própria culpa - disse Sean. - Sinto muito, Lily. Por toda

a

sua

família, mas principalmente por você.

Os dois se calaram e, sem nenhum motivo aparente, ela se sentiu

estranhamente consolada. Durante as conversas com a psiquiatra, falavam sobre os dias bons e os dias

ruins. Na verdade, Lily não os tinha. Ela tinha bons momentos e maus momentos, sempre. Aquele momento, em particular, era um bom momento.

Sentiu-se curiosamente

leve e reconfortada.

- Você gostaria de uma taça de vinho? - Lily perguntou.

- Não - respondeu ele, e então sorriu diante da sua expressão de

constrangimento. - Eu gostaria de uma cerveja. Mas tenho um Fetzer merlot,

vinho cem por cento orgânico,

que você deverá gostar.

- É - disse ela, abaixando a cabeça. - Deverei gostar.

Ele saiu e serviu as bebidas, dando a ela a taça de vinho. Foram para fora e

sentaram nos degraus para observar a lua nascer. Lily experimentou o vinho,

olhando

para Sean por cima da borda da taça. Ele deveria participar de um comercial

de cerveja, pensou. Um comercial de cerveja destinado às mulheres.

Nenhuma

mulher

na

América resistiria a um homem que lavava a louça, botava as crianças para dormir e depois se sentava para abrir uma cerveja gelada.

272

- Quer um gole? - ele perguntou, inclinando a latinha de cerveja na sua direção.

Quero.

- Não - disse ela. - Não, obrigada. O vinho está bem.

- Achei que você queria um pouco da minha cerveja.

- Nunca fui de beber cerveja.

- Vou me lembrar disso. Então - disse ele -, o que você costuma fazer nas noites de sábado?

- Bem, não isso. Não costumo despir a minha alma para um homem que não é

nada meu. A propósito, desculpe por ter dito isso.

- Não tem importância. Talvez na semana que vem você dispa mais alguma coisa.

O homem tinha namorada e estava dando em cima dela. Que cachorro, pensou. Mas, lá no fundo, sabia que ele não era um cachorro.

- De qualquer forma, sexta-feira é dia de pegar vídeo na locadora, e sábado é

dia de... - Namorar. Ela não disse isso alto. - De sair com os amigos, na maioria

o

pessoal da escola. A Crystal e eu temos, tínhamos, entradas para a temporada

de ópera de Portland. - Tomou um gole rápido do vinho. - Eu disse para a advogada dela

dar as entradas para outra pessoa.

- Não culpo você nem um pouquinho por isso.

- É, seria uma lembrança dolorosa demais.

- Eu estava pensando na ópera, isso é que seria doloroso demais.

- Então você não é fã de ópera - disse ela, pensativa. - Que surpresa. Ele reprimiu um bocejo, mas ela percebeu.

- É melhor eu ir embora - disse, procurando um lugar para pôr a taça de vinho.

- Não. - Ele pôs a mão no seu braço, gentil, mas insistente, - Fique. Por favor.

Seu toque fez com que ela se sentisse estranha, com o corpo todo formigando

e lânguida. Ficou grata pela escuridão que escondia seu rosto afogueado.

Ele tirou a mão e abriu um largo sorriso para ela.

- Atualmente preciso aproveitar ao máximo as conversas com adultos.

E ele não conseguia isso com a Maura? Talvez apenas fizesse sexo com ela, não conversasse.

Tal pensamento abalou o seu humor.

- Tem algo que você precisa saber.

- E o que é?

- Acho que podemos nos dar bem - disse ela -, mas, quando eu estiver aqui, estarei por causa das crianças. Porque a mãe delas era a minha melhor amiga

e queria

que eu tomasse conta delas.

Ele se recostou no corrimão da escada e terminou a cerveja.

- Tudo bem. Entendi. Eu não quis insinuar que você teria qualquer outro motivo

para me dar atenção.

Lily deu uma risada irônica de incredulidade.

- Ah, me perdoe por não cair aos seus pés.

- Pois eu lhe sou muito grato por isso. Não suporto quando as mulheres caem

aos meus pés. Fica difícil de lidar.

- Muito engraçado.

- Isso me lembra uma coisa. Tenho uma pergunta séria para fazer. Ela prendeu

a respiração, alimentando uma breve fantasia antes de lembrar-se do que tinha

acabado

de lhe dizer, de que estava lá só por causa das crianças.

- Qual é a pergunta séria?

- Estou fazendo o meu testamento. - Ele sorriu. - Meu primeiro testamento.

Pela primeira vez, acho que eu faria falta se morresse.

- Isso é algo muito estranho para se dizer.

- Mas verdadeiro. Antes disso, antes das crianças, eu não tinha nada. Agora sou tudo o que elas têm e, se alguma coisa acontecer comigo, elas precisam ficar protegidas.

Portanto, estou perguntando a você, Lily: posso designá-la tutora das crianças

no meu testamento?

Com certeza - respondeu ela sem hesitar. Não se permitiu perguntar-lhe por

que escolhera a ela e não a Maura; não estava certa se queria ouvir que Maura

estava ocupada

demais se preparando para servir a humanidade como médica. - Desgraça

pouca é bobagem - disse ela. Minha irmã me perguntou a mesma coisa.  
Então

você terá de fazer

a mesma promessa que ela me fez.

274

- Qualquer coisa.

- Não deixe nada acontecer com você.

- Combinado - disse ele, batendo com a latinha de cerveja na taça dela. -  
Quer

dizer que você tem sobrinhas? Sobrinhos?

- Um de cada. Posso acabar com cinco crianças, se você e a Violet  
morrerem.

- Você daria uma ótima tutora, sendo professora e tudo o mais. Lily  
balançou

negativamente a cabeça.

- Nunca planejei ter filhos.

- Por ter perdido o seu irmão? Ela quase engasgou de indignação.

- Não acredito que você disse uma coisa dessas!

- Está na cara, Lil! Você adora crianças. Dá para sentir logo. Mas você tem  
pânico de ser mãe e apósto que é porque nunca superou essa perda da qual  
nem sequer

se

lembra. - Ele fez uma pausa. Lily não conseguiu pensar em nenhuma resposta.

Em seguida, ele perguntou: - Você ficou chateada?

Ela continuou calada.

- Ei - disse ele. - Eu também nunca planejei ter filhos. E olhe só para mim agora: o Sr. Mãezona.

Ela percebeu que o vinho a estava deixando mais solta. Chegou a pensar em pedir mais, mas precisava voltar dirigindo para casa.

- Você é que é um bom tutor. Ele olhou surpreso para ela.

- Você é mesmo especial, sabia? Não, não sabia.

- Isso não é o tipo de coisa que as pessoas costumam me dizer.

Ele esfregou as costas da mão brevemente em seu braço, mas ainda assim ela

sentiu aquele toque percorrer todo o caminho até o fundo do seu coração. Não,

pensou,

aquilo estava errado.

- Sean...

Os faróis de um carro oscilaram pelo quintal, iluminando o jardim. Sean franziu a testa.

- Não estou esperando ninguém.

Foram até a entrada de carros assim que um homem saiu de um automóvel pelo lado do motorista. Pequeno e musculoso, ele tanto parecia familiar quanto furioso.

- Algum problema, Duffy? - perguntou Sean.

Era Charles McDuffy, o responsável pela manutenção do campo de golfe.

- Eu diria que temos um probleminha - o velho respondeu com um leve sotaque escocês.

A porta do carona se abriu e o coração de Lily despencou até o estômago. Ela

o sentiu aterrissar como um peso de chumbo e ouviu Sean prender a respiração.

- O que está acontecendo? - perguntou ele.

- Precisamos falar sobre o seu sobrinho. - Duffy lançou um olhar zangado para

Cameron. O garoto levantou a cabeça e lhe devolveu o olhar.

276

Capítulo 31

- Então quer dizer que o seu tio ficou fulo da vida com você? - perguntou Jason

Schaefer, quase murmurando para que Duffy, o encarregado que inspecionava

a punição

deles, não pudesse ouvi-los.

Cameron estava colocando um macacão grande demais para ele, preparando-

se para o trabalho comunitário forçado. Como tinham danificado o campo de

golfe, ele e seus

dois amigos passariam um bom tempo com Duffy. Um longo e bom tempo.

- E aí, ele ficou furioso ou o quê? - instigou Jason.

Cameron sentou-se para pôr as galochas que o encarregado tinha arrumado.

- É, acho que sim.

Na verdade, fora pior do que isso. Sua mãe, caso estivesse viva, teria feito um

escândalo, chorado, esfregado as mãos, pensando no que as pessoas iriam

falar. O

pai também teria descascado em cima dele, berrando furioso como ele estava

estragando o seu futuro.

Seu tio e Lily, que por alguma razão tinham ficado acordados até tarde na noite

em que Duffy fora até a casa dos Schaefer e ameaçara chamar a polícia,

reagiram com

uma calma quase surpreendente. Sean agradecera ao encarregado do campo de golfe por ter levado Cameron para casa e lhe garantira que não seria necessário chamar a polícia - daquela vez.

277

A seguir, o tio e Lily entraram com ele, que já esperava por uma reação raivosa

ou, pelo menos, uma pergunta indignada do gênero "O que tem na cabeça?".

Mas o tio não se descontrolou. Nem Lily. Eles praticamente não falaram nada e

Cameron teve a estranha sensação de que os dois sabiam exatamente o que se passava

na sua cabeça, talvez até melhor do que ele.

- Ah, droga! - disse Andrew Meyer, o outro cúmplice. - Antes vocês tivessem

me ouvido. A gente tinha uma história e devia ter insistido nela.

- Você é que tinha uma história - resmungou Cameron. - E contou para a escola inteira, para qualquer um que quisesse ouvir.

- Eu só contei para uma pessoa, só uma - disse Andy. - E ela prometeu que não ia falar nada.

- Idiota - disse Jason.

- Foi você que cantou feito um passarinho quando o treinador te interrogou -

disse Andy.

- Só depois que você o mandou me interrogar - rebateu Jason.

- Está bem, agora chega de conversa! - disse Duffy. - Os senhores têm muito

trabalho pela frente.

- Sim, senhor, é pra já, senhor. - Jason fez uma continência brusca, Duffy, o velho escocês, pareceu não perceber o sarcasmo e Cameron achou melhor assim. Os três

saíram em fila da sala do encarregado, que lhes deu ordem de começar o trabalho. Naquele dia, limpariam o lago perto do centro do campo, o fairway

número dez. O

lago pantanoso estava coberto de lentilhas-d'água que eles teriam de colocar num carrinho de mão e levar embora.

E isso, com certeza, era apenas o início da punição. Suspensos do time de golfe, teriam de ir todos os dias depois da escola para o campo, escravos virtuais cumprindo atos de contrição.

Andy e Jason estavam encarando o castigo como uma tremenda brincadeira, cantando desafinados "Back on rhe Chain Gang", dos Pretendcrs, enquanto trabalhavam na orla

malcuidada do lago. Cameron também tentou entrar na brincadeira, mas soou

falso e ele logo caiu num silêncio mal-humorado.

278

A lama marrom grudava em seus pés e ele sentia a água gelada das galochas.

Aquilo era um saco, literal e figuradamente um saco. Tudo era um saco de uns

tempos para cá.

Ele trabalhou feito um robô, curvando-se, arrancando um punhado de ervas pela raíz, atirando-as para a borda do lago. A lama parecia cimento, solidificando-se em

volta dos seus pés, mantendo-o prisioneiro.

- E pensar que a gente podia estar lá no campo, treinando com o time. - disse

Jason. - Olha só o que estamos perdendo!

Embora Cameron não admitisse, também sentia falta de treinar com o time.

Gostava de treinar tacadas, dúzias de vezes seguidas. Gostava de se pôr à prova num campo

difícil como o do Echo Ridge.

Que coisa idiota a forma como costumava discutir tanto com o pai sobre golfe.

Preferia não ter agido assim. Preferia simplesmente ter lhe dito a verdade, que

adorava

jogar e queria fazer disso a sua vida, assim como o pai e o tio. No entanto,

desperdiçara a oportunidade. Teve uma chance de ser caddie do pai num

torneio importante

e foi um desastre. Depois disso, precisou fingir que não ligava para ser caddie,

que não ligava para o jogo do pai ou para o seu próprio jogo.

Pelo menos conseguira ser suspenso do time. Missão cumprida. Devia ter feito isso há muito mais tempo, só que isso não teria acontecido. De forma alguma

teria sido

suspenso do golfe quando seu pai era vivo. Deus, quantas vezes Cameron se

sentira tentado a contar para o pai por que queria sair do time? É claro que

sempre amarelava

na última hora ou dizia a si mesmo que não adiantaria nada porque, segundo o

pai, a gente nunca desiste, seja qual for o motivo.

- Ei, calma, Cameron - disse Jason, esquivando-se de uma erva que ele jogara,

as raízes com restos de lama. - Não precisa jogar tão longe.

- Desculpe, eu não estava prestando atenção. - Cameron perguntou-se por que

danificar o campo de golfe tinha sido tão desagradável. Tinha sentido um prazer físico

intenso no ato da destruição, mas, tão logo terminou, sentiu-se vazio. Seus amigos se sentiram triunfantes, declarando aquela uma boa noite de trabalho.

Cameron

não partilhou da mesma satisfação.

279

Independentemente do que fizesse, ainda se sentia vazio. Era como comer algodão-doce. Nunca satisfaz a pessoa e ainda acaba por deixá-la enjoada.

Enquanto ia trabalhando na direção do outro lado do lago, algo lhe chamou a

atenção.

- Ei, dêem uma olhada nisso - chamou num cochicho caricato, gesticulando para os amigos. - Parece um ninho.

- Provavelmente é de pato - disse Andy. - Olha só o tamanho dos ovos. Me dá

um?

- Eu também quero - disse Jason. - Aposto que consigo acertar aquele carrinho

com ele. Splat!

- De jeito nenhum! - Cameron se postou na frente do ninho. - Não vamos tocar

nele. Não vou nem colocar as lentilhas-d'água aqui perto.

- Vamos lá, já estamos de saco cheio. É só um monte de ovos. Deve ter mais espalhados por todo o campo.

- Esqueça - disse ele. - Vamos deixar esses aqui em paz.

- Adivinha o que mais vamos deixar em paz? - disse Jason, largando o ancinho

e as luvas. Andy logo entendeu a mensagem e fez o mesmo. - Se o Duffy perguntar aonde

a gente foi, diga a ele que voamos para o norte atrás do verão.

- Tudo bem. - Cameron ficou igualmente satisfeito quando eles saíram. Com

certeza eram amigos, mas às vezes preferiria que fossem um pouco mais do que uma diversão

ocasional. Principalmente, preferiria não ter lhes dado ouvidos na noite em que

tiveram a idéia de danificar o campo de golfe.

Trabalhou sozinho, aliviado por Duffy não ter ido vigiá-lo. Não gostaria de mentir por causa dos amigos, mas também não gostaria de encrencá-los ainda mais.

Deixou uma camada grossa de mato em torno do ninho e terminou o trabalho

pouco antes do anoitecer.

Seu macacão fedia a água salobra e ele estava coberto de lama. Os ombros e as costas doíam, mas ele se sentia curiosamente leve. Talvez não devesse ter ficado sem

almoçar, pensou. Então admitiu que não era fome o

280

que o fazia se sentir daquela forma. Era o fato de ter sido pego. Finalmente aquele peso tinha sido retirado das suas costas.

Duffy dissera-lhe que poderia voltar para casa ao pôr-do-sol. Cameron não sabia ao certo como voltaria. Deveria voltar de carona com Jason, que já tinha

carteira

de motorista. Era uma longa caminhada até a sua casa.

A maioria dos seus amigos já tinha carteira, menos ele. Ainda estava muito assustado para se sentar atrás do volante de um carro, e extremamente

envergonhado por

isso. Ainda assim não tão envergonhado a ponto de não tentar. Tentara dirigir

algumas vezes, mas não dera certo. Começava a suar sem conseguir enxergar

direito e

a tremer como uma folha ao vento. A dra. Sachs estava "trabalhando" esse

assunto com ele. Estavam "trabalhando" uma série de assuntos, mas Cameron

achava tudo uma

perda de tempo. Como é que falar sobre um assunto que a pessoa não pode

mudar ia adiantar alguma coisa?

Olhou para o carrinho a gasolina que Duffy tinha posto à disposição deles.

Ficaria satisfeito em dirigir um carrinho de golfe, mas Duffy daria um ataque se

ele o

dirigisse para fora da área do clube. Também não estava querendo chamar o

tio. Ele já havia causado problemas demais até o momento.

Ficou matutando sobre o assunto enquanto carregava o carrinho com o mato

cortado. Parou e viu alguém vindo na sua direção. No lusco-fusco, não

conseguiu identificar-lhe

os traços, mas logo reconheceu a figura desengonçada e o rabo-de-cavalo

balançante. Ótimo.

- Oi - disse, sem diminuir o ritmo do trabalho. Sentiu-se um pouco envergonhado, vestido como um detento, imundo após o dia de trabalho.

- Eu soube o que aconteceu - disse Becky Pilchuk.

- A escola inteira está sabendo.

- Está mesmo.

Enquanto Cameron trabalhava, Becky ficou por lá. Dava para sentir o olhar dela o tempo todo.

- Posso te ajudar em alguma coisa? - perguntou ele, colocando a última carga

de mato dentro do carrinho.

281

- Não, só vim aqui para ver... oh! - Ficou surpresa quando um casal de patos silvestres entrou no lago, espirrando água em seu curso. Eram um macho e uma fêmea,

deslizando juntos na direção do juncal.

- Não chegue muito perto - disse Cameron. - Tem um ninho aí.

- Sério? - Empurrando os óculos para cima do nariz, ela esticou o pescoço para

ver. - Onde?

Ele apontou.

- Naquele juncal. Bem no meio.

- Estou vendo. - Sua voz estava tomada de excitação. - Olha todos aqueles ovos! Cameron, que legal!

Não era tão legal assim, ele pensou.

- Fico feliz por você não ter mexido no ninho. Aposto que estão para rachar a

qualquer dia. Vai ser divertido assistir. Nós poderíamos dar uma olhada neles

todos

os dias, que tal?

Pois sim, como se ele fosse concordar com aquilo. Seria praticamente um... um

encontro. Um encontro com uma panaca.

- Já estou quase acabando. Preciso jogar isso fora. - Continuou a sentir-se analisado por ela enquanto trabalhava. A intensidade daquele olhar era desconcertante.

- Está bem, ande logo, fale - disse ele, ríspido.

- Falar o quê?

- Tudo o que você está pensando, como, por exemplo, por que eu fui fazer uma

coisa dessas, uma coisa tão idiota e gratuita.

- Eu sei por que você fez isso. E tenho certeza de que você também sabe que

foi uma coisa idiota e gratuita. - Sem ser convidada, Becky subiu no carrinho.

Ele guardou as ferramentas e sentou-se ao volante.

- Tudo bem, dra. Freud, por que eu fiz isso? - perguntou ao dar a partida, dirigindo-se para a área de preparação de adubo do campo de golfe.

- Porque os seus pais morreram e você está ficando meio pirado - disse-lhe ela

simplesmente.

Aquilo foi o bastante. Ele freou tão bruscamente o carrinho de golfe que ela esticou os braços para se proteger do impacto. Sua vulnerabilidade o fez ficar

ainda

mais furioso.

282

- E por que diabo você acha que sabe o que está acontecendo? Você não sabe

nada sobre mim! Que história é essa de saber por que eu sou um vândalo?

Ela estremeceu, como se atingida pelo seu destemperado, mas não deixou de olhá-lo nos olhos. Num movimento lento e deliberado, desceu do carrinho.

- Porque - disse - eu também me senti assim quando a minha mãe morreu.

Ah, droga!, ele pensou. Droga, droga, droga. Essa era a última coisa que esperava ouvir dela.

- Sobe de novo no carro - disse.

Ela se afastou lentamente, a cabeça baixa. Ele parou o carrinho ao lado dela.

- Por favor. Por favor, Becky.

Aquilo a fez parar, tanto o por favor como o fato de ele, pela primeira vez, chamá-la pelo nome. Ela ergueu os olhos e a luz do entardecer banhou-lhe o rosto, conferindo-lhe

um brilho dourado. Ela não era tão sem graça assim, pensou ele, lembrando-se

das notas idiotas que ele e os amigos mantinham no quadro-negro do vestiário.

Becky

Pilchuk sempre ficava em último lugar. Agora ele sabia que era porque ninguém realmente a via. Era preciso olhar além das roupas apagadas e das lentes dos óculos.

Ela sentou-se ao seu lado, olhando-o fundo nos olhos.

- Eu sei que você me acha uma panaca, mas tem coisas que entendo melhor do que qualquer outra pessoa.

- Eu não te acho... - Ele parou. Por que mentir para ela? A garota nunca lhe fizera nada, a não ser tentar ser sua amiga, e ele sempre acabava

concordando em não

gostar dela porque todos os outros pareciam não gostar. - Está bem, talvez eu

pensasse mesmo que você era uma panaca. E apósto que você pensava que eu era um...

sei lá. Um maria-vai-com-asoutras ou esnobe.

- Ou um babaca.

- É, talvez isso. Seja o que for, sinto muito. Eu não me dei ao trabalho de conhecer você melhor, o que deveria ter feito.

283

Becky olhou de relance para Cameron, a luz do sol banhando seus cabelos, fazendo-os brilhar.

- Não é tarde demais - disse ela.

- Me fale sobre a sua mãe.

Ela cruzou as mãos de forma meticulosa sobre o colo.

- Não foi um choque nem nada parecido como foi com a sua. Ela já estava doente havia mais ou menos um ano quando eu estava no ensino fundamental.

Mas ela também

morreu e às vezes sinto tanta falta dela que o meu corpo inteiro dói. E o pior de

tudo é que não consigo fazer isso parar. Eu amava tanto a minha mãe, até quando

eu estava na sétima série e era grossa com ela. Eu a amava como... Sei lá, de

uma forma que nem sei descrever, você entende?

Ele concordou com a cabeça. Sabia bem como era. Todas as noites ficava acordado e rezava para que os pais soubessem também.

- Tem mais uma coisa - disse ele, hesitante, mas desejando desabafar. - A última coisa que eu falei para o meu pai foi "eu te odeio".

Pronto. Tinha falado. Não tinha contado isso nem para a dra. Sachs.

- Seu boboca - disse ela.

- Boboca? Eu te conto uma coisa dessas e tudo o que você me diz é "boboca"?

- Todo mundo diz "eu te odeio" para os pais. Não foi você quem inventou essa

frase. As vezes eu era cruel com a minha mãe, mesmo quando ela estava doente. Mas nunca

deixei de amá-la, e ela sabia disso, assim como o seu pai.

Sabia?, Cameron perguntou-se. Evocou imagens dele e do pai e,

surpreendentemente, em cada lembrança os dois estavam felizes., - E, agora que ela se foi - disse Becky

-, para onde canalizar todo esse amor? O que faço com ele? Quem vou amar como amava a minha mãe? Esse amor ainda está dentro de mim como estava

na época em que ela

era viva, só que agora não tem mais para onde ir. - Ela tirou os óculos e olhou

para ele. - Isso não ajuda muito, né?

- Na verdade, isso faz mais sentido do que qualquer outra coisa que as pessoas me disseram.

284

## Capítulo 32

- Mais cinco minutos - Sean implorou. - Me dê só mais cinco minutinhos.

- Não. - Em pé ao lado da cama, Ashley observava-o atentamente por cima da borda do colchão. - Levanta.

- Quem te tirou do berço?

- Levanta.

Ao lado dele, Maura suspirou e se espreguiçou, ainda não completamente acordada. Sean deu uma olhada no relógio: 7:00. Dia de aula.

- Está bem - resmungou. - Levantei.

Estava com as calças do pijama, mas sem a camisa. Com crianças por perto, tinha rapidamente mudado o seu hábito de dormir nu.

- Aposto que você está ensopada, não está? Ela deu um sorriso tímido.

Sean virou-se para Maura. Ela devia estar fingindo que dormia. Trocar fraldas

não era sua tarefa favorita.

- Está bem.

Ele a pegou no colo e saiu para trocá-la. Toda manhã era a mesma coisa.

Primeiro Ashley. Não importava se ele quisesse fazer xixi ou escovar os dentes. Somente mais

tarde, quando ela estava assistindo a desenhos animados e comendo cereal

sob a vaga supervisão de Charlie, é que Sean

285

podia atender às próprias necessidades. Ele subiu as escadas de dois em dois

degraus, na pressa de correr para o banheiro e talvez ainda dar sorte de ficar com Maura.

Enquanto escovava os dentes, ouviu uma explosão de choro. Desceu as escadas novamente, de dois em dois degraus. Já sabia distinguir entre o seu choro mal-humorado

e o seu choro de dor. Aquele era um choro de dor. Ele encontrou as duas na cozinha.

- O que aconteceu? - perguntou a Charlie assim que pegou Ashley no colo.

- Ela caiu. Tentou subir na bancada para pegar mais cereal e caiu de bumbum

no chão.

- Você não estava tomando conta dela? - Tão logo falou, lamentou as próprias

palavras. - Sinto muito, querida - disse, balançando Ashley em seus braços.

--

Eu não

devia ter deixado você tomando conta dela.

- Ela fez uma escada com as gavetas, está vendo? - Charlie apontou na

direção das gavetas. - A mamãe sempre dizia que a Ashley era tão esperta que

chegava a ser

perigoso.

Tomado de culpa, o tio subiu novamente as escadas com os passos pesados.

Depois do que Lily lhe contara sobre sua própria experiência, ele já devia saber

que aquilo

estava errado.

- Nem fazer xixi eu posso mais - murmurou para si.

Ashley ainda estava choramingando quando ele a pôs na cama ao lado de

Maura. Ela se moveo lentamente e deu um sorriso sonolento.

- O que foi, minha florzinha?

- Ela caiu - disse Sean. - Acho que não se machucou, você poderia dar uma olhada?

Maura levantou-se, apoiando-se nas mãos.

- Claro. Espere um minuto. Preciso fazer xixi e escovar os dentes. Assim que Maura saiu, Sean olhou para Ashley, que já havia parado de chorar.

- Onde está doendo? Cabeça? Cotovelo? Bumbum?

Ela sacudiu a cabeça, mas esperou pacientemente por Maura. Sean olhou para o relógio. Sete e vinte e cinco. Trinta e cinco minutos para as oito. Maura

não parecia

preocupada com o tempo que passava no banheiro

286

e ele fez o possível para não gritar para que se apressasse. Quando ela finalmente voltou, ele disse:

- Preciso ver se os outros estão prontos para a escola. - Enfiando uma camiseta pela cabeça, atravessou o corredor e bateu na porta do quarto de Cameron. - Você

já

levantou?

- Estou levantando agora - disse ele, numa voz mal-humorada. Sean desceu

para se certificar de que Charlie tinha comido alguma coisa. Ela olhava preocupada para o seu uniforme de bandeirante.

- Esta roupa precisa ser passada. Ao ouvir isso, Sean riu alto.
- Você está falando com a pessoa errada, garotinha. Ela pareceu magoada.
- A Maura passa para mim?
- Duvido. Você está bem, Charlie, juro. Venha cá que vou pentear o seu cabelo.
- Aquele era o ritual matutino deles e Sean estava ficando um perito em tranças.

Naquela

manhã, no entanto, com as tranças loiras e o uniforme amarrotado, Charlie ficou parecendo um membro da Juventude Hitlerista. Mas ele não disse nada.

Ela estava tão

fragilizada e volátil como uma ampola de nitrogênio.

Cameron desceu as escadas em passos sonoros, demonstrando tanto mau humor quanto achava que seu tio iria suportar sem reclamação. Desde o incidente no campo de golfe,

ele vinha se comportando razoavelmente bem. Nada como uma sentença de trabalhos forçados para manter um garoto longe de problemas.

- Onde está a minha mochila? - perguntou.

- Onde você deixou - Charlie respondeu antes que Sean o fizesse.

- Tá bem, muito engraçado. - Ele a encontrou sozinho embaixo da mesa da cozinha, exatamente onde a deixara.

Sean não o mandou tomar café. Ele já era bem grandinho para saber que devia comer. Houve um corre-corre de última hora para assinar documentos -

uma permissão

de

saída para Charlie, um boletim surpreendentemente satisfatório de Cameron -

e então os dois saíram correndo para pegar o ônibus para a escola. Por um momento a

cozinha ficou extremamente silenciosa. Sean olhou para o relógio digital no fogão. O silêncio glorioso

287

durou cerca de um minuto. Então Maura chegou com Ashley, que parecia mais feliz agora, mas ainda estava de pijamas. Ele sentiu o ímpeto de perguntar:

será que você

não poderia ter posto uma roupa na menina? Mas resistiu. Maura não tinha se

candidatado para aquilo, para nada daquilo. Ela tentava manter a esportiva com relação à situação.

- Tem café? - perguntou, com sua saudação habitual.

Sean derramou um pouco de pó no filtro, pôs água na cafeteira e a ligou.

- Daqui a uns cinco minutos.

Maura pegou seu celular Blackberry para checar as mensagens antes de ir para o hospital. Sean colocou Ashley na cadeirinha alta e abriu uma lata de pêssegos em cubinhos

para a sobrinha. O telefone tocou e ele o atendeu com uma das mãos, enquanto com a outra empurrava os pedacinhos de pêssego para dentro da tigela. Era a sra. Foster dizendo que não poderia trabalhar naquela manhã.

- Entendo - disse Sean, pois não havia mais nada a dizer. - Ligue quando a senhora estiver melhor.

Desligou e deu uma olhada na cafeteira. Maura já tinha pegado a primeira xícara.

- A sra. Foster não pode vir hoje. Está doente.

- Que pena. - Ela terminou o café. - Escute, preciso correr. - Deu um beijo

rápido na cabecinha de Ashley e um mais demorado na boca de Sean. - Até mais tarde.

- Então, somos só eu e você, mocinha - Sean disse a Ashley, que comia placidamente os pêssegos. - Eu ia jogar uma partida de golfe antes de trabalhar. - O nervosismo

e a frustração deixaram-no agitado e ele arrumou a cozinha enquanto conversava com a sobrinha: - Em vez disso, vou ficar com você. Não é uma troca ruim. O que você

quer fazer hoje! Assistir Tele tubbies? Falar sobre aprender a usar o vaso?

Poderíamos responder as cartas de todas aquelas fãs esquisitas que continuam a escrever

para nós - sugeriu.

Ela lhe ofereceu um dos seus pêssegos.

- Não, obrigado - ele respondeu. - Devo estar ficando maluco. Tenho tantos problemas para resolver que vou acabar largando alguma

288

coisa. Minha carreira está uma merda. Tenho este pseudo-relacionamento confuso com a Maura e estou dando um duro desgraçado para pagar as despesas. - Pegou a xícara

da namorada e a lavou sob a torneira da pia. - Ela é ótima na cama, mas...

péssima como projeto de mãe, e assim qualquer relacionamento sério fica no

limbo. E a Lily.

- Balançou a cabeça. - Qual o problema com ela, hein? Não faço idéia do que

ela sente por mim, nem sei se me importo com isso. - Observou Ashley

comendo ruidosamente

o último pêssigo e limpou-lhe o rosto. - Quem poderia adivinhar que eu ia gostar mesmo disso?

A doença da sra. Foster acabou sendo a melhor coisa que poderia ter

acontecido para o jogo de golfe de Sean. No início, ele achou que a ausência

temporária da

babá

seria uma desgraça. Sem ela para tomar conta de Ashley durante o dia, ele

ficaria ocupado em tempo integral.

Como de costume, mandou Charlie e Cameron para suas respectivas escolas.

Cameron ainda estava confuso. Depois daquela sua travessura, parecia

irascível como sempre,

mas também mais introspectivo. A psiquiatra disse que aquilo era normal, mas

Sean não estava muito confiante. O normal para um garoto era rir e zoar com

os amigos,

viver obcecado por garotas e por golfe. O normal para um garoto era ficar ávido

por dirigir e não evitar chegar perto de um carro.

Dê-lhe tempo, aconselhara a dra. Sachs.

- Ninguém parece saber quanto tempo vai demorar - Sean explicou para Ashley enquanto iam de carro para o campo de golfe.

- Não - disse ela, chacoalhando uma caixinha com uma porção individual de cereais.

- Então o que você acha de a gente ir nos nove buracos? - ele perguntou.

- Tá.

Fora dos torneios, só os jogadores podiam permanecer no campo. Crianças, principalmente as da idade de Ashley, até mesmo aquelas presas numa cadeirinha dentro de

um carro fechado, não podiam entrar.

Sean não se importava. Trabalhava no clube, era uma manhã nublada de um dia de semana e não havia ninguém por perto. Ele e Cameron já

289

havam levado as meninas lá várias vezes e elas tinham se comportado bem.

Ashley parecia achar divertido ficar na cadeirinha num carrinho de golfe.

- Você vai adorar isso aqui - prometeu ele. - Aposto que vai crescer e se tornar

a próxima Annika Sorenstam.

- É - ela concordou.

A calma natural do campo de golfe pareceu exercer sua magia sobre ela. A

neblina baixa abafava o som e amaciava as agruras do mundo. No momento em que bateu na

bola com um ressonante toe, ele soube que tinha dado uma bela tacada.

- Uau! - disse Ashley em tom aprovador.

- Uau mesmo! - disse ele, indo até o carrinho. - Essa foi uma tacada de trezentas e sessenta jardas.

Acertou o buraco com uma tacada abaixo do par, e tudo só fez melhorar a partir dali. Cada vez que tacava, sua confiança aumentava. Chegou até mesmo

a bater a própria

performance da manhã do enterro de Derek. Aquela fora, muito possivelmente,

a melhor partida da sua vida. E, diferentemente da partida do dia do enterro, não fora

apenas um golpe de sorte. Sean sentiu o seu jogo se unificando; escolhas

sensatas, tacadas de saída, tacadas de finalização.

Em vez de distraí-lo, Ashley, de alguma forma, aumentou sua concentração.

Nunca tinha se concentrado tão bem e a ponto de produzir tamanho resultado.

Conseguiu um

ritmo surpreendente, que reconheceu como sendo o mesmo do início de sua carreira como golfista profissional. Um ritmo que julgava ter perdido há muito

tempo, e que

agora, tacada após tacada, jarda após jarda, redescobria.

Estava tenso de entusiasmo ao preencher seu cartão de contagem.

- Que tal, meu docinho? - perguntou. - Você deve ser o meu anjinho da sorte.

- É - disse Ashley.

Nota de rodapé:

1 Número ideal de tacada: que o golfista deve executar em um dado campo.

(N.T.)

Fim da nota de rodapé.

290

Sean adquiriu o hábito de levá-la diariamente para o campo e raramente acertava o buraco com uma única tacada acima do par. Os dois se tornaram

figuras familiares

em Echo Ridge, um carrinho de golfe com uma cadeirinha de criança, alguns

brinquedos, um jogo de tacos e um isopor cheio de água mineral e suco de pêra.

Ele não tinha dúvidas de que o seu jogo tinha mudado. Alguns golfistas aperfeiçoavam um balanço ruim; Sean aperfeiçoara sua atitude. Ter uma criancinha completamente

dependente dele tornara-o mais objetivo. Ele costumava se preocupar muito com o seu score, considerando cada tacada como uma questão de vida ou morte. Agora que

era o responsável por três crianças, tinha uma nova objetividade e uma nova forma de ouvir a si mesmo. De alguma maneira, a percepção do que realmente

importava

na vida aliviara a pressão sobre o seu desempenho, e o seu jogo passou a ser inteiramente seu, sem influências das expectativas ou dos conselhos vindos de

fora.

Sean se preocupava o tempo todo com as crianças, com o dinheiro, com o futuro. Mas, quando estava no campo com a sobrinha, tudo desaparecia, tudo,

exceto a garotinha

e o jogo.

Numa sexta-feira à tarde, viu Cameron vestido como um criminoso, dando duro

no lago. Todos os três rapazes deveriam estar trabalhando como punição pelo

estrago,

mas os outros dois não estavam à vista. Sean ainda não tinha entendido que

demónios tinham se apoderado de Cameron e feito com que destruísse o

campo de golfe

que

significara tanto para o seu pai. Ou talvez, refletiu, fosse exatamente esse o

motivo.

De qualquer forma, consertar as coisas que tinha destruído pareceu-lhe um

trabalho justo para o garoto. Desde o episódio do vandalismo, ele se mantivera

longe de

encencas. Ou assim parecia. Se ainda andava aprontando por aí, ninguém estava sabendo.

- Cam! - Ashley gritou, acenando com as duas mãos para ele. Cameron não

estava sozinho. Aquela garota estava com ele... Becca? Não, Becky - de luvas

grossas e galochas,

seu rabo-de-cavalo saía pela parte de trás do boné de beisebol. Eles estavam arrumando um grande canteiro de beijos-americanos.

291

Embora não estivesse envolvida no ato de vandalismo, parecia não se importar

em ajudar Cameron em seu trabalho comunitário.

- Oi, Ashley - disse Becky, sorrindo alegremente. - Oi, sr. Maguire.

- Oi, Becky. - Sean percebeu que ambos ficaram surpresos de ele se lembrar do nome dela.

- Fiquem quietos - Cameron os instruiu num sussurro. - Preciso mostrar uma

coisa para vocês.

Tirou Ashley da cadeirinha e a levou até um declive na margem do lago.

- Estamos de olho neles a tarde toda - disse Cameron. -Acabaram de sair do ovo.

Uma pata silvestre deslizou suavemente do juncal, seguida por uma fileira de

oito patinhos marrons e amarelos.

Cameron pôs a irmã na margem do lago e ela riu encantada.

- Quer os patinhos.

- Precisamos deixá-los sozinhos - disse-lhe Cameron - para que se sintam seguros.

- Quer os patinhos.

Segurando firme a mão de Ashley, ficaram juntos no elevado à margem do lago, observando os patinhos, enquanto a brisa despenteava seus cabelos. A imagem pegou

Sean

em cheio. Eles pareciam tão vulneráveis, apenas os dois unidos pelas mãos.

Sean foi tomado por um sentimento agora familiar. Como vou conseguir?  
Como

vou protegê-los?

Ele era tudo o que existia entre aquelas crianças e um desastre.

Diferentemente da maioria das famílias, não restaram pai ou mãe vivos, ou pais

adotivos, ou parentes

consangüíneos com os quais pudessem contar. Só ele. Desejou ardentemente

ser capaz de dar conta.

Sentiu que Becky o observava e partilharam um momento enigmático.

Não trocaram uma palavra sequer, mas ele teve a impressão de que ela sabia exatamente o que se passava em sua mente.

Por fim, Sean atraiu Ashley de volta para o carrinho sob a promessa de um biscoito. Perguntou-se se Cameron estava mesmo melhorando ou se assim parecia por estar

agindo normalmente. Desde o incidente do vandalismo,

292

ele parecia menos zangado e mais tranquilo. Ou talvez isso fosse apenas uma

ilusão de sua parte.

Decidiu não questionar o destino agora que as coisas estavam correndo bem.

- Venha cá, caddie - disse ele. - Vamos marcar esse ponto. Acho que será um

recorde de campo.

Na verdade, ele já sabia que sim. Se repetisse um escore soberbo como aquele num jogo de torneio, seria o detentor do recorde. E o escore que havia

acabado de bater

era o do seu irmão.

Sean não ia entregar o seu cartão para ninguém, pois tinha jogado sozinho.

Além do mais, em decorrência do que tinha acontecido na Ásia, seus cartões

não eram

confiáveis.

E, honestamente, isso não tinha importância. Passara o dia com uma das suas

companhias favoritas, a sua sobrinha, e jogara uma ótima partida.

Finalmente, teve confiança suficiente no seu novo desempenho para falar

sobre ele. Naquela noite encontrou Maura no sofá da sala de visitas, apostilas

encadernadas

e livros cercando-a por todos os lados como uma fortaleza.

Bastou uma só olhada para perceber que tinha tido uma semana estafante.

Estava com aquela palidez de quem tinha ficado muito tempo dentro de um ambiente fechado,

a postura caída, um ar distraído.

- O que você quer dizer com "superou as dificuldades do seu jogo"? -

perguntou ela, após tê-lo ouvido explicar como fora sua semana.

- Ele quer dizer que está passando para um outro nível de jogo - disse Charlie,

olhando por cima do quebra-cabeça que estava montando. Se golfe fosse matéria da

escola, ela só tiraria A. Charlie tinha se esforçado para aprender o jogo como

uma das mais dedicadas estudiosas. Então voltou sua atenção para o Bob

Esponja na

TV. Ela e Cameron tinham passado os últimos vinte minutos brigando pela posse do controle remoto e Charlie tinha vencido.

- Vamos brincar - Ashley disse a Maura, tentando abrir uma brecha na barricada de livros e papéis à sua volta.

- Não vai dar, minha fofinha - respondeu ela distraidamente, prendendo uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. - Preciso preencher um

293

formulário para uma bolsa de estudos e concluir um estudo de caso para amanhã.

Ashley empurrou uma grossa pasta preta. Um punhado de folhas voou até o chão.

Maura cruzou os braços sobre o estômago e disse:

- Preste atenção, vou brincar só dez minutos e depois preciso voltar ao trabalho.

Ela pegou a mão de Ashley e foram para o andar de cima, onde ficavam os brinquedos. Charlie foi também e de repente a sala ficou muito silenciosa.

Sean e Cameron

trocaram um olhar e correram ao mesmo tempo para pegar o controle remoto.

Sean venceu.

- A luta das noites de sexta-feira - disse ele, mudando para a ESPN.

- Eu prefiro American Chopper.

- Não estanoite - disse Sean, acomodando-se na cadeira diante de Vladimir KlischJco, que batia no seu oponente.

A seqüência de socos prendeu a atenção de Cameron, que não discutiu mais.

Durante os comerciais, Sean pegou duas cervejas sem álcool na cozinha e acomodou-se

novamente

para assistir à luta.

Em exatos dez minutos, Maura desceu a tempo de ver o dose do olho sangrento de um dos lutadores, seu nariz protegido com ataduras brancas absorventes.

- Isso é nojento - disse ela.

- Isso é diversão - respondeu Sean, oferecendo-lhe um gole da cerveja sem álcool, que ela ignorou.

- Certo. Escute - ela acrescentou, guardando todos os livros e o laptop dentro

de uma bolsa enorme -, eu realmente tenho dois trabalhos importantes para fazer e

decidi fazê-los em casa.

- Você pode trabalhar aqui - disse Sean. - Ocupe toda a mesa de jantar. Nós nunca comemos lá. - Cutucou Cameron com o cotovelo, - Afinal, para que servem as salas

de jantar? Você alguma vez jantou lá?

- Acho que no Dia de Ação de Graças.

- Então você pode ficar lá até o Dia de Ação de Graças.

- Obrigada. - Ela abaixou-se e beijou-o no rosto. - Preciso me concentrar.

Também preciso aproveitar para molhar as plantas enquanto estiver lá...

294

Foi embora alguns minutos depois, sua saída seguida por um comercial.

"Não

consigo sentir o gosto da minha cerveja!", gritaram os atores. Sean sentiu o

olhar

de

Cameron.

- O que foi? - perguntou.

- Ela acabou de pedir um tempo? Ou te deu um fora mesmo?

- Não sei do que diabo você está falando. - Ah, mas sabia. Lá no fundo, ele sabia.

- Pedir um tempo e dar o fora. São duas coisas diferentes.

- Não acho que ela...

- Veja, quando alguém pede um tempo, é uma coisa de momento. Quer dizer

que ela tinha outra coisa melhor para fazer.

- Como molhar as plantas? - perguntou Sean.

- Bem, isso é uma desculpa bem esfarrapada. Ela deve estar é-muito chateada

com você.

- Besteira. - O pescoço de Sean começou a coçar com uma preocupação inconfessa.

- Vai ver foi um fora mesmo - sugeriu Cameron. - Agora, se foi mesmo, isso vai

dar um pouco de trabalho, porque um fora é permanente. Entendeu?

- Não entendi nada - respondeu Sean, ríspido. - Ela não está nem pedindo tempo nem dando fora em ninguém. Ela simplesmente foi trabalhar no apartamento dela.

- Aposto que ela vai molhar as plantas e assistir reprises de Plantão Médico durante toda a noite.

- Como você sabe que ela gosta de Plantão Médico?

- Não leve a mal, não, dá para deduzir. - Levantou-se e foi para a cozinha. - Vou fazer pipoca no microondas. Você quer?

A conversa com Cameron ficou martelando na cabeça de Sean. Ele ligou para

Maura no dia seguinte, mas caiu na caixa postal, então deixou uma mensagem

dizendo-lhe

onde encontrá-lo. A seguir, deixou o sobrinho no campo de golfe para trabalhar

e levou as sobrinhas para o condomínio de Derek, onde tinha marcado de se encontrar

com Jane Coombs para acabar de esvaziar o apartamento para o próximo inquilino. Embora aquele

295

fosse um apartamento mobiliado onde Derek morara desde o divórcio, ainda

havia muito dele por lá. Cameron não quis ajudar na mudança. Sean não podia culpá-lo.

Charlie e Ashley deram-se as mãos assim que o tio destrancou a porta e as deixou entrar. O ar estava frio e viciado em decorrência da falta de ventilação,

embora

tudo permanecesse intocado desde aquele dia de abril, como se Derek tivesse

apenas dado uma saída e estivesse para voltar a qualquer momento.

Sean relanceou as meninas, que entraram na sala de estar com aquele

silêncio ansioso típico dos freqüentadores de igreja. Ele percebeu Charlie tentando permanecer

calma, apertando os lábios.

- Têm certeza de que querem ficar? - perguntou-lhes. - Posso levar vocês para

a casa da Lily se...

- Nós vamos ficar - disse Charlie, determinada. - Não vamos, Ashley?

- Como quiserem. - Na verdade, ele não tinha combinado nada com Lily. Talvez

ela tivesse outros planos. Talvez esses planos não incluíssem tomar conta de duas crianças.

Ele precisava parar de pensar que ela largaria tudo sempre que ele a

chamasse, embora fosse exatamente isso o que ela fazia. Lily não era somente

professora da escola

e amiga sofredora, lembrou-se. Tinha a própria vida. Talvez dormisse até mais

tarde nos sábados de manhã ou fosse à praia. Droga, talvez estivesse saindo com alguém,

não que isso fosse da sua conta.

Ele encontrou o controle remoto exatamente onde Derek o teria deixado, numa

mesa à direita da poltrona, e, quando ligou a TV, o canal de golfe surgiu na tela.

Sean entregou o controle para Charlie, que rapidamente mudou de canal, passando para um desenho animado. Como a menina queria ajudar, ele lhe entregou uma caixa

e dois sacos de lixo, pedindo-lhe para esvaziar o móvel onde ficava a televisão.

- Tudo? - ela perguntou.

- Tudo. O que você achar que vale a pena guardar, ponha na caixa, se não, ponha nos sacos do Exército da Salvação. Você decide.

- E se eu não souber decidir?

296

Sean deu-lhe um beijo na cabeça.

- Então ponha na caixa, querida, só por precaução.

A seguir, deu as costas, tomado de angústia. Lá, naquela casa mobiliada e de paredes bege, ele ainda podia sentir a presença do irmão, podia imaginá-lo ali

sem saber

que aquele seria seu último dia de vida.

Desejou que tivesse sido um bom dia. Desejou que Derek tivesse abraçado os

filhos, dado uma risada, encontrado a felicidade em alguma coisa.

1 - Vou começar a agir - disse para as meninas. - Me chamem se precisarem de alguma coisa. - Levou uma pilha de caixas vazias para o quarto. Jane estava atrasada, mas isso não o surpreendia. Ela enfrentara mal a tragédia, oscilando entre a raiva e as lágrimas incontroláveis. O que Sean sentia naquela mulher, mais do que tudo, era amargura por não ter ficado mais tempo no coração de Derek ou por não ter usufruído o suficiente da sua vida. Sean a convidara para visitar as crianças sempre que quisesse, mas ela dizia ficar muito triste perto delas. Sempre que as encontrava, chorava tanto que Ashley começava a chorar também. No entanto, conseguira se controlar o suficiente para dar uma entrevista para uma revista vagabunda. - Ela é mesmo uma idiota de marca maior - resmungou para a porta aberta do closet. O cheiro lá dentro era de sapatos de couro e loção após barba cara, tão real como se Derek estivesse de pé atrás dele. Droga, pensou Sean. Não era para você estar morto.

Tentou lembrar-se da última conversa deles. Golfe, mulheres, assuntos gerais.

Tentou lembrar-se da última vez que dissera ao irmão que o amava. - O que quer dizer

nunca - murmurou. - Mas espero, de coração, que você soubesse.

Jane, evidentemente, já havia passado lá para tirar as suas coisas logo depois

do enterro. Havia espaços vazios no suporte dos cabides e nas prateleiras.

Aquilo

o deixou passado e, quando ele a ouviu chegar, estava a ponto de despejar sua fúria em cima dela.

Mas não era Jane que estava parada sob o batente da porta do quarto e as palavras amargas se dissolveram na sua língua.

- Olá - disse ele.

- Olá. - Cruzando os braços à frente do corpo, Maura caminhou na sua direção.

Parecia cansada, percebeu Sean, cansada e infeliz. - Recebi o seu recado.

297

Ele arrancou uma camisa do cabide, dobrou-a de qualquer jeito e a pôs num dos sacos para o Exército da Salvação. Alguns fãs de Derek tinham sugerido

fazer um leilão

das suas lembranças no eBay, mas Sean não tinha estômago para suportar a idéia de os pertences do irmão serem disputados como carne de uma carcaça.

Preferia ver

um sem-teto usando uma das camisas de golfe Tornmy Bahama, ainda novas.

- Era para a Jane se encontrar aqui comigo, para a gente se livrar dessas coisas - disse a Maura. - Ela não apareceu.

- Eu me ofereceria para ajudar, mas preciso entregar um trabalho agora de manhã - disse ela. - E, Sean...

Ela se interrompeu, mas Sean sabia o que vinha em seguida. Era a parte do "precisamos conversar". A parte que ele via se aproximando desde o dia do acidente.

A partir do momento em que ficou claro quem seria o responsável pelas três crianças, ele e Maura tomaram rumos diferentes. Sean entendia. Ainda assim,

doía olhar

para ela e imaginar a forma como costumavam ficar juntos, sem compromisso,

vivendo um dia após o outro. Arrancou outra camisa do cabide e a dobrou.

- Tenho vinte e cinco anos, Sean - disse Maura com a voz falhando. - Vou me

formar neste verão e não faço idéia de onde farei residência médica. Sinto

muito,

eu...

- Não se desculpe por isso - disse ele. - O mundo precisa de médicos. -  
Pegou

um par de sapatos de golfe e jogou-os no saco. Sentiria falta do sexo,  
pensou.

É, sentiria

mesmo.

Parou de trabalhar por um momento e analisou Maura. Seus olhos  
pareceram

tão solitários como no dia em que a conhecera. Anos atrás, eles pareciam  
feitos um para

o outro. Ele era totalmente descomprometido e flexível, vivendo

superficialmente, pensando somente em si mesmo. Era uma pessoa  
diferente

agora. Tinha uma vida diferente.

O custo pessoal da morte de Derek pertencia a ele somente. Isso fora um  
dos

assuntos discutidos com a assistente social que estava acompanhando as  
crianças. Ela

lhe assegurara que ele poderia escolher, se quisesse. Ninguém podia obrigá-  
lo

a assumir as responsabilidades do irmão.

Mas não era uma questão de obrigação, descobrira. Seu coração pertencia àquela família herdada, um fato tão doloroso quanto bom.

- Essa é a minha vida hoje - disse-lhe simplesmente. - É assim que eu sou agora.

Ela concordou com a cabeça e ele a viu soluçar forte.

- Eu amo você de verdade - disse Maura, as lágrimas começando a cair. - E poderia aprender a amar esta família, mas não posso assumir três crianças agora, talvez nunca.

Não era uma questão de aprender a amar aquelas crianças, pensou. Apenas de amá-las. Sean não viu motivo para tentar explicar isso a ela.

Maura sacudia os ombros enquanto chorava. Talvez se importasse mesmo com ele, mas, desde que fora morar com os filhos de Derek, Sean aprendera muito sobre o significado das palavras carinho e comprometimento.

Maura estava apenas seguindo o padrão normal. As mulheres o amavam e e o deixavam. Era assim que funcionava.

- A senhorita tem um batom na bolsa, srta. Robinson?-perguntou Charlie, rondando a mesa de Lilyna hora da saída. - Ou quem sabe nesta gaveta aqui

Lily franziu levemente a testa.

- Você quer um batom emprestado?

- Eu não. Quer dizer, não, obrigada. - Embora já estivesse despenteada ao final

da aula, Charlie ainda estava graciosa. Naquele dia, o tio penteara o seu cabelo

ao estilo Heidi, a menina das montanhas: duas tranças cruzadas no topo da cabeça. Agora, cachinhos soltos caíam-lhe sobre o rosto. - E uma escova?

- Por que você está me pedindo essas coisas?

- Porque pensei que você talvez quisesse dar uma retocada no visual, só isso.

Você sabe, já que o meu tio Sean vem aqui esta tarde para a reunião.

- Ele... nossa... claro, ele vem, não vem? - Lily sentiu uma estranha pontada de

pânico. Tinha se esquecido completamente.

Deu uma olhada na agenda aberta em cima da mesa. De fato, era naquela tarde mesmo. O Dia dos Veteranos já estava quase chegando e a turma estava

trabalhando num

grande projeto no cemitério dos veteranos em Tigard.

Lily ajudou Charlie com a mochila.

- A sua tropa de bandeirantes não vai se encontrar na cantina esta tarde?

- Vai. Mas eu preendi os meus distintivos e ficou uma bosta, olhe só. -  
Mostrou a

Lily a faixa marrom, os distintivos presos às pressas com alfinetes de  
segurança.

- Talvez eu possa te ajudar com eles no final de semana, mas você tem de  
prometer que não vai mais dizer esta palavra feia novamente.

- Qual, bosta?

- Que esta seja a última vez, Charlene Louise.

- Sim, senhora. O tio Sean sempre dizia aquela palavra que começa com  
"m",

mas ele mudou para "bos..." quando a Ashley começou a falar "merda"  
também.

Pelo menos ele estava tentando, reconheceu Lily.

- Que broche bonito! - disse Charlie, claramente embromando-a ao apontar  
para um brochinho prateado que Lily usava na gola. - O que é?

- Um aluno me deu certa vez - disse Lily, tocando o broche. - É a coruja, o  
gatinho e a colher torta. Lembra do poema de Edward Lear? Nós o  
aprendemos no Dia dos

Namorados. "Eles jantaram carne moída e fatias de marmelo..."

- Que comeram com uma colher torta - completou Charlie.

- Você tem boa memória. "" ".,..

- É só o tio Sean que vem. Lily parou de repente para ajeitar os papéis sobre a mesa.

- É, eu sei. Está bem aqui na minha agenda.

- Eu quero dizer que ele vem sozinho - disse Charlie com um olhar malicioso. -

Sem a Maura.

- Sei. - Não sabia, era claro. Ajeitou a pilha de papéis já arrumada. Pensativa,

Charlie pôs o dedo indicador sobre o lábio inferior.

- O Cameron disse que a Maura pediu um tempo ou deu o fora nele, não lembro direito qual foi.

- Do que você está falando?

301

- Ela foi para o apartamento dela para molhar as plantas e não voltou mais para

ver a gente. Eu não fiz nada de errado, fiz? - Charlie arregalou os olhos, sentindo

um medo repentino.

Naquele exato momento, Lily seria capaz de dar um tapa na cara de Maura Riley. Será que ela não desconfiava de que não podia sair assim, sem mais nem menos, da vida

de uma criança? Será que não percebia o que aquilo podia significar para uma

menina como Charlie?

Disfarçando a pontada de raiva, acariciou o rosto de Charlie com as costas da

mão. A pele dela era tão lisinha e macia, tão sensível.

- Nada de nada. Você é, inclusive, o destaque da semana. - Lily apontou para o

quadro com a estrela.

Charlie passou o dedo em torno da grande estrela dourada.

- Eu gostaria que a mamãe soubesse disso. Lily pôs os braços em volta da garotinha.

- Ela sabe. Juro a você, ela sabe e o seu pai também. - Ah, meu Deus, pensou.

O que faço? Na cabecinha de Charlie, ela havia associado seu mau comportamento à morte

dos pais. Precisava tirar aquilo da cabeça. - Você não tem culpa pelo que

aconteceu - sussurrou no ouvido de Charlie. - É tão importante você entender

isso.

Charlie assentiu com a cabeça.

- Estou tentando - disse, a voz abafada no ombro de Lily. - Detesto como as coisas estão diferentes agora.

- Acho que todos nós - admitiu Lily. - Me diga uma coisa específica que você

deteste.

- A mamãe tirava a casca do meu sanduíche na hora do almoço e o tio Sean nunca tira.

- Nossa, detesto isso também. Eu nunca como a casca - disse Lily, - O que mais?

- Eu costumava ficar acordada até as nove e meia, mas o tio Sean diz que é muito tarde. Ele quer a gente na cama uma hora antes.

Acho razoável, pensou Lily.

- Entendo por que você não gosta disso - disse ela. - Talvez nas férias você possa dormir um pouquinho mais tarde. Me diga mais alguma coisa de que você não goste.

302

- O verão, mesmo não tendo chegado ainda - afirmou Charlie. - Amamãe prometeu levar a gente para a Disney e o papai prometeu levar a gente para o

Havaí.

- O seu tio prometeu alguma coisa?

Ela encolheu exageradamente os ombros.

- Acho que você podia conversar com ele. Ele também tem novidades. Mais ou

menos.

- Que novidades? - perguntou Lily.

- Bem, o Red está vindo falar com ele esta semana. Ele vive telefonando para o

titio, querendo que ele jogue nos torneios e coisas assim.

- E por que ele não joga? Ele não é bom?

- Ele é ótimo! Ele está passando para um outro nível. O Red diz que ele podia até ser melhor que o papai, mas o tio Sean diz que está muito ocupado com a

gente

para

participar de qualquer torneio. Lily tentou imaginar o que aquilo representava,

abrir mão de uma segunda chance de realizar o próprio sonho.

- E o que você acha?

- O mesmo que o Red - disse Charlie. - Um cavalo de corrida precisa correr.

-

Lançou um olhar significativo para Lily.

Lily acompanhou-a até a porta, ajeitando a faixa no ombro dela.

- A reunião é sobre você, não sobre golfe. Você sabe disso. Me diga alguma coisa para eu conversar com o seu tio que você ache que eu não pensei.

Charlie hesitou.

- Tenho me sentido melhor - disse, o esboço de um sorriso surgindo nos lábios.

- Parei de chorar zilhões de vezes por dia. Às vezes, só choro uma vez, e tem

dias

em que nem choro.

Lily sentiu uma onda de carinho. Maura, sua idiota, pensou. Veja do que você

se afastou. Lily logo controlou os pensamentos. Quem era ela para julgar? Há

pouco tempo

se achava plenamente satisfeita em viver sozinha para sempre. Fora preciso

uma tragédia de abalar as estruturas para sacudi-la e acordá-la. Talvez Maura

viesse a

conhecer seu próprio coração sem sofrer tamanha perda. -.-.-

303

- Isso é ótimo - disse a Charlie. - E eu vou te dar um distintivo especial hoje. -

Tirou o broche da colher torta e o prendeu na faixa de bandeirante de Charlie.

- Você fez por merecê-lo e deve guardá-lo como lembrança. É o distintivo do

"sinto-me melhor". Agora, dá o fora!

Um brilho surgiu nos olhos de Charlie e ela foi saltitante para a reunião de bandeirantes. Lily certificou-se de que ela havia mesmo ido embora. Então lançou um

olhar rápido para o relógio. Sean Maguire chegaria a qualquer momento.

Vasculhou a bolsa na esperança de encontrar um batom.

304

Capítulo 34

Sean limpou a garganta e endireitou a jaqueta. Não fazia idéia de como se vestir para uma reunião de pais, portanto tinha se arrumado um pouquinho melhor. Queria

que Lily percebesse como ele levava aquilo a sério. Então abriu a porta principal da escola e seguiu as placas indicativas até o escritório. Sem alunos,

o lugar

era completamente diferente.

Uma senhora de longos cabelos grisalhos e vestido esvoaçante o

cumprimentou com um sorriso dotado de uma serenidade zen.

- Sr. Maguire - disse ela. - Edna Klein. Eu estava no enterro.

- Eu me lembro - disse ele, apertando-lhe a mão. - Obrigado. Ela anotou o nome dele e a hora em que chegara e o acompanhou até a sala de Lily.

Espiando pela porta,

Sean viu que a sala se parecia com a Terra dos Anões, do Mágico de Oz, com suas cores primárias, chamativas, e móveis pequenos. Ele bateu à porta entreaberta.

- Olá?

- Olá, Sean. Entre, por favor.

Ela pareceu ligeiramente nervosa ao cumprimentá-lo, um brilho de batom recente na boca. Tinha mesmo uma boca maravilhosa, pensou ele, e percebeu

que aquela não era

uma observação apropriada. Ou talvez fosse. Agora sem Maura, era um homem livre novamente, mais ou menos livre. Um homem livre com três crianças.

305

Assim que se sentou diante de uma mesinha redonda, percebeu que todas as mesas, cujas cadeiras estavam com os pés virados para cima, estavam alinhadas em quatro

filas de seis. Cada quadro de avisos tinha uma plaqueta escrita a mão:  
Nosso

Mundo Mutante. As Frações Alegram os Corações. É Maneiro ter Boas  
Maneiras. A lição

do dia ainda estava no quadro. Coisas de que a Gente Lembra no Dia dos  
Veteranos.

Tudo lá era de um capricho, uma seriedade e uma sinceridade excruciantes,  
assim como Lily. A sala de aula falava mais de Lily Robinson do que um  
relatório do FBI.

Tão logo ela abriu um armário atrás de sua mesa e começou a procurar por  
alguma coisa, Sean percebeu que Lily conseguira surpreendê-lo novamente.

Dentro do armário

estava um verdadeiro caos, quase uma bagunça infantil com materiais de  
arte

coloridos, folhinhas de Post-it coladas em todo lugar, um par de orelhas de  
Mickey Mouse

e algo semelhante a um quimono num gancho atrás da porta. Ela pegou  
Sean

inspecionando o armário e deu uma risada nervosa.

- Minha fonte de inspiração - disse. - É preciso muita criatividade para  
manter

essas crianças interessadas. Isso aqui é uma toga que eu visto quando ensino

os algarismos

romanos.

- E para que é o nariz de porco?

- Literatura, é claro.

Então ele ainda não a tinha decifrado. Havia camadas de complexidade naquela mulher e, contra a sua vontade, percebeu ter vontade de explorá-las."

Ela abriu uma

pasta e virou-a para ele.

- Tenho algumas notícias boas. Ela está melhor em matemática - disse. - Esta

aqui é a prova sobre uma unidade que fizemos na quarta-feira.

- Oitenta e três - disse ele, olhando rapidamente as páginas. - Nada mal.

- Ela parece gostar de frações e de dinheiro. - Lily bateu distraidamente com o

lápiz na mesa.

- Também gosto de dinheiro, mas posso viver sem as frações.

306

- Sim, bem, um bom entendimento conceitual das frações é necessário...

- Lily. - Ele interrompeu a batidinha do lápis.

Lily olhou para ele, os olhos assustados por trás dos óculos.

- Sim?

- Eu estava brincando.

- Ah. - Ela parecia mais nervosa do que antes. - Agora, quero analisar este relatório sobre leitura com você.

Ele pensou em dizer que já sabia ler direitinho, mas ela parecia nunca entender

as suas brincadeiras.

- Está bem. Manda ver.

- Bem, estou ficando animada. Há um mês, ela estava com dificuldades em fonética e sua nota em interpretação estava muito baixa. Ela ainda está com notas baixas

em muitas áreas, mas está mostrando uma melhora consistente. A Charlie disse que você lê para ela todas as noites.

- É verdade. Ela é fã do maior clássico da literatura esportiva, Golf in the Kingdom, de Michael Murphy.

- Eu arriscaria dizer que ela é uma grande fã sua. Aposto que você poderia ler

o catálogo telefônico que ela prestaria atenção. Ela me disse também que está

se sentindo

melhor agora. - Claramente satisfeita, Lily percorreu sobre os outros trabalhos

dentro da pasta. Em comparação com o restante da turma, Charlie ainda estava atrasada,

mas melhorando. - Acho que você está fazendo um bom trabalho.

Sean sentiu um aperto frio por dentro.

- Não estou.

- Não está o quê? -

- Não estou fazendo um bom trabalho.

- Acabei de mostrar o relatório...

- Que se dane o relatório. Lily ficou perplexa.

- Veja - disse ele -, você pode se basear em todos os relatórios que quiser, mas

isso não muda o fato de a Charlie ainda estar atrasada, de o Cameron estar envolvido

em vandalismo e de a Ashley não saber como me chamar. Portanto, eu não chamaria isso de "um bom trabalho". - Agitado,

307

levantou-se e pôs-se a andar pela sala. - Está tudo errado. Os pais deles

morreram e não há nenhuma droga de um relatório para isso. Estou tentando

acertar, mas

não consigo preencher este vazio. - Sentiu-se como se estivesse diante de uma balança,

tentando equilibrar aquela perda imensa com um pouco de esperança.

Lily parecia surpresa, talvez um pouco assustada.

- Sean... admiro a sua sinceridade. Você já falou sobre isso com a dra, Sachs?

- Droga, já, já falei com ela. Conversei até ficar sem voz, mas não adiantou nada. Ela garante que as melhoras vêm com o tempo, mas essas crianças estão vivendo

a vida delas agora, estão sofrendo agora. Ela quer que eu procure um grupo de

ajuda, do tipo "Pais Solteiros", mas onde é que vou arrumar tempo para participar de

um grupo de ajuda?

- Não sei o que dizer ou o que mais posso fazer. Não posso balançar uma varinha de condão e fazer tudo melhorar de repente. Ninguém pode. Mas

podemos tentar ajeitar

as coisas. A Charlie, por exemplo. Os sinais de melhora são encorajadores.

- Era para ela estar indo de mal a pior, mas se você diz que está melhorando...

- É um sinal positivo que ninguém esperava. Um sinal bem-vindo - acrescentou.

- A razão principal por eu querer falar com você hoje é para discutirmos os planos

para o verão. Sou da opinião de que a Charlie precisa de um treinamento remediador intensivo durante o verão para se preparar para a quarta série.

- Explique "treinamento remediador intensivo".

- Aulas particulares. De início, eu recomendei o Instituto de Leitura Chall, em

Portland, mas obviamente as coisas mudaram. Tantas mudanças têm ocorrido

na vida

dela que acho melhor ela ficar em casa durante o verão e estudar com um professor particular. Duas horas por dia seria suficiente.

- Quanto você cobra?

Ela começou a dar batidinhas na mesa com a borracha na ponta do lápis.

- Não acho que eu deva ser a professora.

308

- Por que não?

- É difícil manter o relacionamento num nível profissional quando tenho laços

tão íntimos com a Charlie.

- Não vejo problema nenhum. Você não precisa ser profissional com Charlie.

Isso é uma questão pessoal.

- Entendo o que você quer dizer, mas... tenho uma política de tratar todos os meus alunos da mesma forma. Não seria justo se fosse de outro jeito.

- A justiça que se foda! - explodiu ele, levantando-se para andar pela sala novamente. Lily parou de bater com o lápis.

- Como é?

- Eu disse "a justiça que se foda". Não é justo que os pais da Charlie tenham morrido e ela tenha ficado comigo. Não é justo que eu não possa fazer

nenhuma

relação a isso. Portanto, não me venha com essa história de justiça.

- Sean, por que você não senta?

- Porque eu não quero me sentar, droga!

- Então o que você quer?

- Quero que você admita, pelo menos uma vez, que essas crianças são especiais. Que elas merecem um tratamento especial. - Sean percebia que

Lily estava caminhando

para isso. Finalmente tinha parado de se esconder atrás da imagem da

professora e deixara transparecer o seu verdadeiro eu, aquele que sofria por

Charlie tanto quanto

ele. Certamente não estava correto encontrar conforto na sua dor, mas, ao

menos, não se sentia tão sozinho.

As lágrimas brotaram em seus olhos. Ela engoliu em seco, piscou e as lágrimas foram embora. Talvez tivesse sido a luz.

- Portanto, você vai fazer o que estou pedindo.

- Não posso - ela respondeu. - Sei como essas crianças são especiais. Eu as adoro e, sim, poderia dar a elas o meu coração, mas e aí? Aí você se muda, ou

se casa,

ou alguma outra coisa acontece. E de repente eu

309

não as tenho mais e nem elas a mim. E não há nada de nada que eu possa fazer com relação a isso.

- Espere aí, você está dizendo que não pode fazer parte da vida delas porque nós podemos nos mudar ou as coisas podem mudar.?

- Elas precisam de estabilidade. Ter pessoas entrando e saindo da vida delas pode causar problemas. - Embora tivesse claramente se esquivado de responder à pergunta

dele, observava-o com um olhar censurador.

De alguma forma, Sean sabia o que aquele olhar queria dizer. Maura. Um dia.

ela estava lá, no outro não. As crianças reagiram como se a sua partida não

tivesse

sido

grande coisa, ou talvez ele não tivesse prestado a devida atenção.

Continuou a andar de um lado para outro.

- Eu realmente não entendo. Você é tão preocupada com o futuro que se esquece do presente. E, é isso mesmo. A vida é o que está acontecendo agora, não o que poderá

acontecer daqui a um mês ou um ano, Portanto, se você tem medo agora, está

desperdiçando a sua vida sentindo medo.

- Estou pensando nas crianças - disse ela em voz baixa. - Isso não quer dizer que esteja com medo...

Está bem, ele pensou, analisando seus olhos aterrorizados.

- O que quer dizer então?

- Não tenho nenhum direito sobre elas porque não sou eu quem está cuidando

delas; portanto, não posso desempenhar esse papel.

De onde você tirou ISSO?

- Os termos do testamento do Derek, para começar.

- Pergunte a mim.

- O quê?

- Pergunte a mim. O tutor legal delas. Aquele que está passando as responsabilidades para você no próprio testamento. Pergunte a mim se você faz parte da vida delas, se tem o direito de opinar sobre o futuro delas.

- Eu não duvido de você, Sean. Mas suponhamos que você e a Maura tenham

planos juntos. Ou Ou que você encontre uma outra pessoa, alguém

310

com quem queira viver. Duvido que essa pessoa vá me querer por perto como

uma tia solteirona. Sean estava incrédulo.

- Então você está com medo de amar essas crianças porque elas podem não estar sempre disponíveis para você?

- Porque seria cruel dar a impressão de que faço parte da vida delas quando não faço.

- Isso é um disparate, Lily, e você sabe disso. As crianças são loucas por você.

A Charlie precisa de você para dar aulas para ela e não de uma estranha qualquer.

Ao dirigir para casa, Sean tentou analisar se chegara a alguma conclusão na reunião com Lily. Na realidade, não. Bem, isso não era verdade. A uma conclusão ele

tinha

chegado: era possível para aquela mulher de coque, óculos e gosto duvidoso para roupas ser sexy. Ele não devia considerá-la de outra forma a não ser como a amiga

chatinha e crítica de Crystal, mas, ultimamente, pegava-se pensando nela de outras maneiras.

Imaginou o que ela usava por baixo daquela gola redonda engomada e abotoada até o pescoço. Um sutiã sexy ou um todo liso de algodão branco?

Qual seria a sensação

daqueles cabelos presos caindo por entre os seus dedos? E aqueles lábios que

gosto teriam, qual a sensação de tê-los contra os seus?

Forçou-se a dar um fim àquelas fantasias com a professorinha. Talvez fosse por causa da sua atual situação, talvez quisesse uma mulher na vida dele por causa das

crianças. Só que aquilo não era verdade. Ele não queria uma mulher na vida dele. Queria Lily Robinson.

Você está encrencado, companheiro, disse a si mesmo. Muito encrencado.

Esvaziou a mente e dirigiu impassível e despreocupado, só vindo a franzir a testa quando avistou

um carro alugado estacionado em frente à sua casa. Red Corliss já havia

entrado e sentado na sala de estar.

- Oi! - disse Sean. - Onde estão as crianças?

- O Cameron as levou lá para cima. Confuso, Sean apertou-lhe a mão.

311

- E aí?

Red sorriu de orelha a orelha e seus olhos cintilaram.

- Tenho novidades - disse ele. - Ótimas novidades. - Segurava um calhamaço

de documentos autênticos e grampeados, que pareciam familiares a Sean.

Sean franziu a testa ao pegar os documentos.

- Você está me arrumando um patrocinador? Não estou nem jogando! Red abriu um largo sorriso.

- Mas estará. Afinal, sou bom ou não sou?

Por um breve momento, as esperanças de Sean foram às alturas. Era para isso que ele servia, para jogar o jogo que dera forma e sentido à sua vida. Um

patrocinador

queria dizer que alguém confiava no jogador.

- Wonder Bread? - perguntou, as esperanças caindo por terra. Não era a Nike

ou a Chevrolet, mas a Wonder Bread, uma fábrica de pães. - Isso é alguma

piada? - perguntou.

- Ei, não faz pouco caso, não! Arrisquei o meu pescoço para conseguir isso para você. Eles estão prontos para patrociná-lo num torneio da série Major. E

você não

vai precisar do seu cartão PGA porque eles pagaram pela sua isenção, Sean.

Sean sentiu um sobe-e-desce no estômago. Era um gesto e tanto. Quando

um jogador não se qualificava para um torneio pelas vias normais, o

patrocinador tinha o

poder

de pagar por uma vaga no jogo. Isso quase sempre significava uma entrada triunfal para alguém que nunca conseguiria se qualificar sozinho. Mas às

vezes, muito de

vez em quando, era uma forma de abusar da sorte sem grandes chances de

continuar.

- Qual torneio?

- O Colonial Championship em Pinehurst, na Carolina do Norte. A disputa é por

um milhão de dólares.

Sean chegou a tremer de excitação. Então, emocionado, largou o contrato na

mesinha de centro e disse:

- Não posso aceitar, Red. O empresário riu alto.

312

- Desculpe - disse ele -, mas acabo de ouvir algo hilário. Ouvi você recusar um

patrocínio lucrativo e uma partida no Major.

- Você ouviu certo.

- Ouvi um disparate. Botei a droga do meu nome em jogo para conseguir isso

para você. O que devo fazer agora, dizer para o patrocinador que o cachorro dele não vai

sair para caçar? - Pegou um charuto e um isqueiro.

- Você não pode fumar aqui dentro, Red - disse-lhe Sean.

- Bem, desculpe, irmã Mary Maguire.

- Ei, estou tomando conta dos filhos do Derek. Esse é o problema. As crianças.

Não posso partir para um torneio, agora que sou o responsável por elas. -

Alguma coisa

lhe ocorreu tão logo disse isso. Ele não-queria partir. Sentiria saudade demais.

- Não faça isso, Sean. Você precisa desse contrato. O Derek fez toneladas de dinheiro, e todos gastaram uma tonelada e meia. Depois da legitimação do testamento,

você não vai ficar com nada, só com uma casa hipotecada.

Sean sentiu um desconforto no estômago, o mesmo que o mantinha acordado

à noite.

- Vou pensar nisso quando chegar a hora.

- Bem, isso não faz o menor sentido, srta. Scarlett. Você precisa de dinheiro para se sustentar. Estou oferecendo uma forma de consegui-lo. É melhor pensar duas

vezes antes de recusar.

- Estou pensando - disse ele.

- Sente-se, Sean - disse Red. - Leia a droga do contrato.

- Já li contratos antes. - Ele provavelmente ainda tinha uns dois contratos que

guardara como lembrança. Um de cem mil dólares com a Bausch & Lomb e um

outro com

o Bane One, com o salário variável de acordo com a sua performance. Ele os

guardava para se lembrar de que um dia fora alguém no seu jogo, alguém além

de um fracassado.

- Red, obrigado por tentar, mas minha vida está complicada agora. Não está na

hora de recomeçar a jogar. Preciso pensar nos filhos do Derek.

313

- E você acha que eu não pensei nos filhos do Derek? Que diabo você pensa de mim?

Sem achar que esperasse uma resposta, deixou-o continuar.

- Percebi a sua expressão quando você viu que o patrocinador era a Wonder Bread, a fábrica de pães. Eles estão patrocinando vocês todos, Sean. É pacote completo.

Você e as três crianças, entendeu? Você é o novo ícone do homem de família

do golfe.

Sean deu uma olhada na sala bagunçada. Brinquedos de crianças e livros escolares, pratos que alguém esquecerera de levar para a cozinha, correspondências e jornais espalhados por todos os cantos. Amélia é que ele não era.

- Você está de gozação comigo.

Red abriu uma revista sobre a mesinha de centro em frente a ele.

- Esta é a última edição da Sports Illustrated. Meu gerente de RP colocou isso

aqui.

Sean sentiu o estômago se torcer. Havia uma reportagem de destaque sobre

o funeral de Derek com uma foto dele em pé com Ashley em seus braços, ladeado por Charlie

e Cameron. Elas estavam com aquela aparência delambida e abalada das crianças perdidas e a foto era de partir o coração. Ele já havia visto aquele artigo tão logo

fora publicado, mas enfiara a revista num lugar qualquer.

- Caramba, Red! Você poderia ter me poupado disso.

- Cale a boca, Sean. Você caiu nas graças dos fãs do esporte e isto está se espalhando. As pessoas estão apaixonadas pela sua história. O tio solteirão e

os três

órfãos.

Sean também estava ciente disso. Desde o funeral, ofertas de mulheres apavorantes, desesperadas, jorravam aos borbotões. Ele fora obrigado a mudar o e-mail e

a

alugar

uma caixa postal. Nunca sabia se um pacote com um remetente desconhecido

continha uma proposta de casamento em versículos bíblicos ou uma lingerie erótica.

- Isso passa alguma coisa para as pessoas - continuou Red. - Esperança, a crença de que a família é importante. Isso é uma coisa poderosa e está abrindo uma porta para você, Sean.

314

Ele sentiu o ímpeto de sair pulando de contentamento, mas ao mesmo tempo prevaleceu a razão.

- Não vou aceitar, Red. Pegar a estrada como a droga da família DÓRé-Mi? Não, obrigado. Não posso explorar a morte do meu irmão e a vida dessas crianças para vender mais pão Wonder Bread.

- Então você é um idiota. Está jogando fora uma oportunidade que não aparece duas vezes.

315

Capítulo trinta e cinco

- Eu tinha esperança de que você não atendesse - disse a mãe de Lily ao telefone.

Lily apertou o fone com mais força, ficando tensa como sempre ficava quando

falava com a mãe.

- Então por que ligou?

- Para ver se você estava socada em casa, preocupada, muito embora seja noite de sexta-feira. E aparentemente você está. - Sharon não foi indelicada, mas enfática.

- E o que você tem a ver com isso, mãe? - perguntou Lily.

- Que pergunta! - disse ela. - O verão vai chegar antes de você se dar conta, e

então já estará partindo para a Itália.

Lily ficou quieta. Acabaria contando para a mãe que tinha cancelado a viagem,

mas não gostava de tocar nesse assunto. O fato de ter mudado os planos naturalmente

levantaria questões sobre os seus motivos, questões que ela não estava disposta a responder.

- Acho que está na hora de você voltar a cuidar da sua própria vida - disse a mãe. - Você devia fazer as coisas que normalmente faria numa sexta-feira à noite.

- Engraçado, mal posso me lembrar quais são elas.

316

- Besteira - disse a mãe. - Você saía com os amigos do trabalho. Às vezes

tinha um encontro. Sempre gostei daquele professor de ginástica.

- Todo mundo gosta do Grég - disse Lily. - Ele é o maior paquerador do mundo.

- Então ligue para ele. Paquere um pouco. É isso mesmo, Lily. Você não pode

continuar se escondendo, preocupada com a família da Crystal. Você tem a própria vida

para tocar.

Lily olhou ao redor da sua casa simples, organizada e muito bem decorada. A

mãe tinha razão. Tinha mesmo uma vida para tocar, embora ultimamente sentisse dificuldades

de se lembrar como era ela. Passava tanto tempo com os filhos de Crystal - depois da escola, as manhãs de sábado, as tardes de domingo - que ficar com

eles estava

começando a ser mais a vida dela do que... fosse lá o que tivesse antes.

Esforçou-se para fazer um inventário de sua vida anterior, para lembrar-se das

coisas que costumava valorizar. Solidão e organização. Excelência profissional,

curiosidade

intelectual e vez por outra a companhia dos amigos. Desde a morte de Crystal,

todas essas coisas tinham ficado à margem.

- Não posso - confessou ela. - Minha vida é completamente diferente agora.

Estou neste limbo esquisito onde não sou responsável pelos filhos da Crystal,

mas também

não acho certo abandoná-los.

- Besteira - disse novamente a mãe. Então ouviu um suspiro do outro lado da

linha. - Você tem levado tão bem a sua vida, Lily. Não estrague tudo agora por

causa

da família de outra pessoa.

- Pelo amor de Deus, mãe...

- Estou falando por compaixão por essas crianças. Seria muita crueldade torná-

las dependentes de você quando nunca poderão de fato estar sob a sua responsabilidade.

Lily estremeceu. Saber a mãe o quanto isso a magoava ou achava que estava ajudando?

- O tio delas pode decidir mudar de cidade, e aí o que você vai fazer? Segui-las

pelo país como o quê? A eterna babá delas?

- O que você tem feito? Tem ficado acordada à noite à procura de coisas para

se preocupar? - perguntou Lily com uma risada sarcástica de incredulidade.

Lembrou-se

de que durante a reunião com Sean aquelas

317

mesmas preocupações tinham surgido. O que significava ser ela mais parecida

com a mãe do que se dava conta.

- Você sempre foi a filha com a qual nunca precisei me preocupar - disse-lhe

Sharon. - Sempre foi a filha segura e equilibrada. Justamente por isso deveria

saber

que quando acontece uma tragédia o melhor é voltar à rotina o mais rápido possível.

Lily perguntou-se se a mãe estava sendo irônica. Em vinte e seis anos, ela nunca tinha superado a morte de Evan.

- Sabe de uma coisa, mãe? - perguntou com falsa animação.- Você tem razão.

Eu devia mesmo ligar para alguém esta noite e sair.

Lily ficou um bom tempo parada com o fone na mão. Então, finalmente digitou

o número antes que mudasse de idéia.

- É a Lily Robinson - disse ela. - Você gostaria de ir ao cinema hoje à noite?

Cumprir com os termos do testamento de Crystal era um exercício agri-doce. De

acordo com os desejos da amiga, Lily servira-se de algumas das belas roupas

que lhe

havam sido deixadas. Com uma das roupas que a faziam sentir-se bem

atraente, Lily foi até o pavilhão do Echo Ridge em seu Volkswagen Beetle. Ele

já a estava aguardando.

Lily percebeu quando ele analisou seu vestido vermelho de mangas japonesas,

sapatos da mesma cor e seu lenço de bolinhas vermelhas e brancas amarrado

na alça da

bolsa, também vermelha.

- Uau! - disse Grég Duncan. - Estou mais feliz do que nunca por você ter ligado.

- Eu também - disse ela, sentindo-se tão sexy quanto envergonhada naquela roupa. Lily teve vontade de lhe dizer como se sentia ao usar algo que

pertencera a Crystal.

O quanto tinha saudades da sua grande amiga, mas aquele não era o tipo de assunto para abordar com um cara como Grég.

- O que está passando no pavilhão? - perguntou ele, mantendo a porta aberta para ela.

Lily parou para consultar os cartazes no alto. As escolhas limitavam-se a filmes

de ação e aventura, comédia romântica, um filme sobre arte e um infantil.

Naturalmente,

ele escolheu o filme de aventura com Vin Diesel e

318

inúmeras batidas de carro. Ao menos ela pôde ficar olhando para Vin durante noventa e seis minutos, o que já era alguma coisa.

A seguir, foram a um restaurante lotado ao lado do pavilhão. Lily estava brincando com o lenço de bolinhas.

- Então você tem planos para o verão? - perguntou a ele.

- Com certeza - ele respondeu. - Resolvi me qualificar para o Paradise Ridge.

Têm vagas para os amadores locais no torneio. Isso significa treinar durante todo o

verão até o dia do jogo, no Dia do Trabalho. Tem um lugar na Colúmbia

Britânica onde posso praticar com o melhor técnico do jogo. É meio utópico,

mas quero tentar.

Não tenho laços de família, nada me prendendo.

Ela pensou rapidamente nos seus filhos-fantasmas, mas não disse nada.

- Se eu me sair bem no Paradise Ridge, vou para o Q-School - disse ele.

- Isso é maravilhoso, Grég. Aposto que você vai conseguir o seu cartão PGA

na primeira tentativa. - Ela ergueu-lhe um brinde com sua taça de chá gelado

sabor champanhe

com suco de laranja.

- Estou impressionado por você já ter ouvido falar no Q-School.

- As classificatórias não acontecem no outono? Como você vai fazer para conciliá-las com as aulas? - perguntou.

- Aqui entre nós - disse ele -, vou pedir uma licença.

Lily lembrou-se de que ela e Grég costumavam ter muita coisa em comum: os

dois eram jovens e solteiros, sem qualquer compromisso. Agora ele lhe parecia

um estranho,

um estranho relativamente agradável. Lily lembrou-se de que Crystal nunca

concordara com ela. Em fevereiro passado, quando Lily mencionara que tinha

saído com Grég,

Crystal lhe dissera para ficar longe dele.

"Ele é um jogador", dissera-lhe, "não tem nenhum senso de lealdade. Eu o conheço há anos como técnico do Cameron e sei que ele não é um cara sincero."

Quando Lily frisara que não estava procurando por sinceridade, mas apenas por alguém para sair de vez em quando, Crystal levantou as mãos.

"Você me deixa louca, Lily. Um dia desses ainda vai cair de joelhos por alguém.

Apenas tome cuidado para que não seja o Grég."

319

No estacionamento, enquanto estavam parados entre o Beetle dela e o Pontiac

TranSAm dele, Grég deslizou a mão pela sua cintura. Ela ficou surpresa; ele nunca tentara

avançar o sinal antes. Ele curvou-se e beijou-a, Lily tentou retribuir o beijo, mas

só conseguiu pensar como aquilo lhe parecia inapropriado. Empurrando-o, disse:

- Grég...

Ele a puxou de volta e olhou em seus olhos.

- Não diga nada. Você nem sequer sentiu alguma coisa. Você está a quilômetros de distância.

É exatamente onde eu deveria estar, pensou ela. Longe.

Lily voltou frustrada para casa. O encontro era para ter reafirmado a sua crença de que a vida de solteira fora feita sob medida para ela, de que poderia

apreciar

a companhia de um homem sem se preocupar em ter uma relação com "R" maiúsculo.

Estacionou o seu Volkswagen e andou desapontada em direção à porta. Assim

que passou pelo trailer Winnebago escuro e feioso, teve pensamentos escuros

e feiosos sobre

a irmã. "Alguns dias" estavam se transformando em algumas semanas. Por fim,

Violet admitiu que teriam de vender o trailer e prometera agir imediatamente,

mas nada

tinha acontecido ainda. Lily suspeitou que o mercado estivesse saturado de trailers.

Tão logo encontrou a chave de casa, uma sombra se moveu nos degraus atrás

dela. Lily engasgou, assustada demais para gritar.

- Sou eu, não queria te assustar, juro. - Cameron parou sob a luz pálida da luminária da varanda. Vestia jeans, moletom com capuz e uma mochila com adesivos reluzentes

nas costas. Sua bicicleta estava encostada na parede.

- O que você está fazendo aqui? - perguntou ela, - Aconteceu alguma coisa?  
O

seu tio sabe que você está aqui!

- Não tem nada errado e ele não sabe. Eu dei uma escapada.

- Você sabe que não deve fazer isso - disse ela, abrindo a porta e acendendo a

luz da cozinha. - Vou ligar imediatamente para ele.

- Não. - A voz de Cameron soou áspera e urgente. - Pelo menos ouça o que eu

vim dizer. Por favor.

320

Lily o analisou, aquele menino que conhecia desde bebê. Ele era e sempre fora

um verdadeiro colírio. As meninas eram adoráveis, sem dúvida, mas, ainda assim, Cameron

tinha a beleza genuína e clássica da sua mãe e a graça e o atletismo do pai. Tinha os traços finos, o tom de pele saudável de Crystal e o vigor de Derek.

Sua aparência

parecia colocá-lo à parte do resto da humanidade, como se ele fosse um príncipe das histórias infantis prestes a partir em busca de algo.

Ele tirou a mochila.

- Nós precisamos da sua ajuda - disse.

- Nós quem?

- Eu, a Charlie e a Ashley. Veja, é sobre o tio Sean.

Ai, meu Deus. Lily preparou-se para o que estava por vir. Achava que ele estava fazendo um bom trabalho, mas agora possibilidades terríveis passaram

por sua cabeça.

- Não fique tão preocupada - disse Cameron. - Não é nada ruim.

- Desculpe. - Ela o conduziu para dentro de casa. - Eu não sabia que era tão transparente. Então, qual o problema?

- O Red Corliss conseguiu um patrocinador para o tio Sean para um torneio. É

uma coisa grande, Lily. Enorme. Significa muita grana e a chance dele de voltar

à

carreira.

É um bom negócio para todos nós.

Ela assentiu. Ela e Sean não haviam escondido a verdade sobre as finanças da família. Cameron entendia que havia complicações.

- Então isso é uma boa notícia, não é?

- Das melhores - concordou Cameron. - Só que o tio Sean recusou a oferta.

- Por que ele faria isso? Cameron estava aborrecido.

- É uma coisa idiota. Ele está superpreocupado porque o patrocinador quer todos nós na foto.

- Você e suas irmãs?

- É. É a Wonder Bread.

- O patrocinador?

- É. Quer dizer, não é uma Chevrolet, mas é um patrocinador. E, de qualquer

forma, eles vão vender para as pessoas que querem acreditar que o tio Sean

é o Novo

Homem,

um homem de família.

321

lily sentiu uma vontade inapropriada de rir comichando na garganta.

- Novo Homem.

- Você sabia que ele foi sondado para aparecer num programa de solteirões na

TV?

- Está brincando.

Cameron estremeceu.

- Não estou não. Felizmente, ele não aceitou. Mas precisa aceitar a outra oferta

porque tem tudo a ver com o golfe.

- O que o está impedindo?

- Ele acha que isso é explorar a nossa imagem.

- Eé?

- Nós teremos de usar os bonés e as camisetas para os jogos e comer os sanduíches. Grande coisa.

- Me fale sobre esse torneio.

- Aí é que está. Não é só um torneio. Ele vai ter de jogar durante todo o verão.

, - Muito longe daqui?

- O mais importante, o que paga mais, é em Pinehurst. Na Carolina do Norte.

- É bem longe.

- Meu pai costumava viajar por todo o país para os torneios.

- E a sua mãe tomava conta de você e das meninas. O seu tio não tem isso.

- Não - concordou Cameron. - Mas ele tem você. Lily deixou escapar uma risada assustada.

- Cameron, você sabe o quanto o adoro e as meninas, mas não posso ficar aqui dando uma de babá...

- Eu não quis dizer para você ficar aqui. Você poderia ir com a gente, sabe como é, assim ele não se preocuparia conosco quando tivesse que se preocupar com o jogo dele.

- Ah, Cameron. Você está ouvindo o que está falando? Este verão é para você

e as suas irmãs construírem a sua vida numa situação diferente. É isso que vocês devem

fazer. E agora, de repente, tudo gira em torno do Sean e do jogo dele.

322

- Mas...

- Não é de admirar que ele não queira aceitar a proposta.

- Você está errada. Isso tem a ver com a gente - disse Cameron, veemente. -

Comigo, com o tio Sean, com as meninas e talvez até mesmo com você. Não

é só um jogo.

É uma chance de mudar tudo.

- Com a atenção voltada para ele.

- Com a atenção voltada para qualquer outra coisa além dos meus pais mortos

- tornou Cameron. - O que você acha, Lily?

- Não posso deixar de concordar - respondeu ela, insegura.

- Estou de saco cheio de sofrer por causa da mamãe e do papai - disse ele. -

Cansado de me preocupar com o que vai acontecer com a gente. As meninas

também. Elas

apenas são muito pequenas para falar sobre isso.

Lily sentiu o choro engasgado na garganta. Ficou comovida com a angústia dele assim como com aquela sua nova maturidade.

Cameron abriu a mochila e tirou dela uma jaqueta verde com um brasão no bolso.

- Você sabe o que é isso?

- Uma jaqueta verde de poliéster. - Ela checkou a etiqueta. - Desculpe, de lã.

Hamilton Tailoring Company. Tamanho cinqüenta e dois extragrande. E esta

logomarca

no bolso tem o nome de... uma mulher? Augusta?

Cameron revirou os olhos.

- Esta jaqueta é do meu tio. Ele a guarda numa bolsa velha de lona.

Ele tem esta jaqueta há mais de doze anos.

Ele tem problemas com roupas como eu, pensou Lily.

- Você não sabe o que isso quer dizer - disse Cameron.

- Meu chute seria uma doação para uma casa de caridade.

- É a jaqueta verde dada para o golfista quando ele ganha o Masters. Aquilo  
lhe

soou ligeiramente familiar.

- É um torneio de golfe, não é?

- É o torneio de golfe - disse ele. - O Masters. O mais importante do  
esporte.

Somente os melhores do mundo podem ganhar: Arnold Palmer, Jack  
Nicklaus,

Tiger Woods.

E certa vez, há muito tempo, Sean Maguire.

323

Ele tirou uma edição antiga, amarelada, da Sports Illustrated. A capa  
mostrava

a foto de Sean Maguire posando com a jaqueta e rindo para a câmera. A

matéria principal

anunciava: "Extraordinário Gigante Verde: o Novo Grande Nome do  
Golfe."

Lily sentiu uma sensação notável de descoberta. Aquele era um Sean Maguire que ela desconhecia. Talvez tivesse pressentido a existência de um campeão nele, mas ele certamente não lhe dera nenhuma pista.

- Como nunca ouvi falar sobre isso? Sua mãe teria me contado.

- Não sei. Foi há muito tempo. A maioria das pessoas não se lembra dos vencedores de um ano para o outro.

Lily estava apenas começando a faculdade. Crystal acabara de dar à luz. Era provável que não tivessem conversado sobre o assunto.

- O papai disse que logo depois ele entrou em declínio e acabou indo para o exterior - disse Cameron. - Mas não é isso que interessa. O que interessa é que esta

é uma segunda chance. - Hesitou e então acrescentou: - Para todos nós.

Lily ficou olhando para a foto por um bom tempo, então olhou para o rosto esperançoso de Cameron.

- Essa jaqueta é mesmo muito feia - disse.

324

- Você está brincando, não está? - Cameron perguntou a Becky quando foi visitá-la uma noite, após o trabalho. - Você vai se mudar?

- A empresa do meu pai o está enviando para trabalhar num projeto em

Sonora, na Califórnia, na segunda-feira - disse ela, batendo a esmo os calcanhares descalços

no chão da varanda frontal. O balanço rangeu e as correntes retiniram no silêncio da noite. - Preciso terminar a escola lá este ano.

- Que coisa mais sem sentido. Por que você não pode pelo menos terminar as

últimas semanas aqui?

Ela balançou negativamente a cabeça.

- Não tem jeito. Em primeiro lugar, eu não teria onde morar e...

- More com a gente - disse Cameron. - O meu tio ia entender. Ela riu.

- Ah, até parece. Vou dizer para o meu pai: "Pai, estou indo morar com um garoto por um mês; tudo bem para você?"

- Então fique com uma outra amiga, uma garota...

- Só tem um problema - disse ela, os calcanhares batendo novamente, ao lhe lançar um olhar rápido e tímido. - Você é o meu único amigo. E, além disso, o

meu pai...

na verdade ele não consegue ficar longe de mim, sabe como é, desde a morte

da minha mãe.

- Isso quer dizer que você nunca vai sair de casa?

- Não este ano. Escute, está tudo bem, Cam. Eu já tenho um emprego apalavrado na colônia de férias de uma igreja. O salário é legal e eu vou trabalhar com crianças,

o que adoro. O emprego é por doze semanas, portanto estarei de volta no final

do verão.

Doze semanas. Aquilo parecia uma eternidade. Que diabo iria fazer sem ela durante doze semanas? Cameron ainda não sabia se tinha conseguido convencer Lily a abraçar

o projeto de verão deles. Tinha esperança de tê-la convencido de como era importante botar o pé na estrada, conhecer o tipo de vida que seu pai tinha levado, mas

que nunca partilhara de verdade com a família. Sabia que precisaria viajar no

verão, principalmente agora, sem Becky por perto. Estava enlouquecendo só

de ficar

naquela cidade, sentindo falta dos pais, tentando fingir que ignorava o que sabia.

Lily não concordara com o mérito daquele projeto, mas também não

discordara. Esse era o problema com a Lily. Você nunca sabia de fato o que ela estava pensando.

- Becky! - chamou o pai de dentro de casa. -Já é tarde. Você precisa acabar de fazer as malas.

- Só um minuto, pai! - respondeu e então acompanhou Cameron até o meio-fio,

onde sua bicicleta estava encostada num poste de luz. - Vou continuar com o

mesmo número

de celular e o mesmo e-mail - disse-lhe ela. - Ligue para mim.

- Vou ligar - ele prometeu. - Todos os dias.

- Volte para casa com cuidado, Cameron. - Então ficou parada lá, como se esperando por alguma coisa.

O coração de Cameron disparou dentro do peito. As palmas das mãos ficaram

suadas. Beije-a, disse para si mesmo. Beije logo. É só beijar. Mas o momento

passou e ela

já estava dando as costas. Ele perdera a oportunidade. Seu trouxa, recriminou-

se. Que tipo de cara era ele que não conseguia sequer dar um beijo de despedida numa

garota?

Lily não conseguia parar de pensar na proposta de Cameron. Parecia uma tremenda roubada passar o verão inteiro às voltas com Sean e sua carreira de golfista.

A

atenção

deveria ser dirigida para as crianças, embora,

326

Segundo Cameron, todos fossem se beneficiar. Lily ficou ruminando a questão

enquanto cumpria com os rituais normais do fim do ano escolar. formalmente,

aquele era

um período especial, doce e amargo para ela, era a hora de olhar para trás e

ver o que tinha realizado, cortar os laços com as crianças com as quais

convivera o ano

inteiro.

Para as crianças, aquele último dia de aula tinha sido um dia inteiro de festa,

dia de desencapar os livros de exercícios e guardá-los cuidadosamente na prateleira,

de esvaziar as bandejas, recolher os trabalhos artísticos e procurar por alguma

coisa no setor de achados e perdidos.

Enquanto distribuía abraços e boletins e dizia para cada criança como se sentia

orgulhosa dela, Lily experimentou uma sensação de dever cumprido e também

de tristeza.

Não pôde deixar de pensar aonde a vida levaria aquelas crianças.

- Adeus, srta. Robinson! - O adeus soava como uma aclamação após o soar da

última sirene.

Lily nem tentou pôr ordem no empurra-empurra até a porta. As crianças olharam para ela, claramente esperando que as mandasse formar uma fila reta.

Desta vez, não.

Para que tentar reprimir toda aquela animação? Russell Clark, o mais bagunceiro da sala, tomou naturalmente a dianteira quando saíram em bando

para os ônibus. Antes

de sair correndo para o seu ônibus, ofereceu-lhe um sorriso de inesperada doçura.

- Tenha um bom verão, srta. Robinson.

- Terei - disse ela. E não fazia a menor idéia se estava mentindo.

- Para onde a senhorita vai? - perguntou ele.

- Para uma grande aventura - respondeu ela com um largo sorriso, sem saber

se isso era verdade ou não.

- Maneiro! - Russell guiou a classe numa corrida para a área de manobra do ônibus.

Charlie foi uma das últimas. Pegou a mão de Lily e sorriu alegremente.

- Chega de "srta. Robinson" - disse ela. - A partir de hoje posso te chamar de Lily, não posso?

- Com certeza. Então, como você vai comemorar o seu último dia de aula?

Charlie fez uma careta.

327

- O tio Sean está trabalhando. Mas ele disse para a sra. Foster que a gente podia ficar acordada até tarde e assistir filmes no vídeo. Tchau, Lily, a gente se

vê

logo, né?

Lily prometeu que sim sustentando o sorriso no rosto, embora sentisse uma aflição especial por ela. Por todo o estacionamento, várias crianças corriam para os braços

das mães, enquanto Charlie corria para o ônibus.

Lily demorou-se mais um pouco arrumando a mesa da sala de aula. Lá estava

o globo com neve que Charlie tinha tirado, precipitando aquela última e desastrosa reunião

com Crystal e Derek. Lily sacudiu o globo e o levantou contra a luz, observando

os flocos brilhantes dançarem e rodopiarem em volta da imagem pequenina de

um anjo.

Sinto muito, pensou, desgostosa, desejando que as coisas pudessem ter sido diferentes.

Enfiou o globo de neve dentro de uma gaveta e levantou-se, dando uma

rápida na sala ao se preparar para sair. Precisava tomar uma decisão.

Precisava decidir

o que seria correto para aquela família. O pior era não poder decidir sozinha.

Embora a idéia não lhe agradasse, precisaria conversar com Sean Maguire.

Não havia razão alguma no mundo para que tal perspectiva pudesse acelerar o

seu coração, mas acelerou. Lily procurou não pensar no assunto ao trancar a sala pela

última vez e se dirigir à sala dos professores para se despedir dos colegas. Não demorou muito por lá. Todos estavam falando sobre os seus planos, perguntando sobre os dela. E, pela primeira vez em sua vida adulta, ela não tinha uma resposta. Não tinha cada momento previamente planejado e mapeado. Tão logo foi possível, saiu apressada e foi para casa. Lá, refletiu mais um pouco e chegou a uma conclusão inevitável: teria de falar com Sean.

Decidida, tomou um banho para tirar a poeira de giz, dispensando uma atenção

incomum aos cabelos e pensando, agoniada, no que vestir. Naquela noite, ele

estava trabalhando

no bar do clube e a sra. Foster estava tomando conta das crianças. Cameron, finalmente livre da servidão no campo de golfe, tinha saído com uns amigos.

Lily desejava

do fundo do coração que ele não estivesse roubando carros nas ruas de pouco trânsito da periferia da cidade. Provavelmente não, pensou. Não depois do que

perdera.

- Vamos lá, Lily, escolha qualquer coisa - murmurou para si mesma, explorando

com um olhar de exaspero as profundezas do armário. Era o armário de uma

pessoa séria

e conservadora, atenuado apenas por uma ou outra roupa colorida e moderna

deixada por Crystal. Passou os dedos no vestido vermelho que usara para ir ao

cinema com

Grég e o descartou. Aquilo não era um encontro, mas uma conversa séria, e

ela deveria vestir-se de acordo com a situação. Calças sociais, então. Não,

calças sociais

não. Jeans, uma camiseta verde-limão e tamancos que a deixavam mais alta.

Proibiu-se de se preocupar com os cabelos e com a maquiagem, lembrando a

si própria, enquanto

dirigia para o clube, que aquilo não era um encontro.

Aquilo era muito mais importante do que qualquer encontro.

Controle-se, Lily, disse a si mesma, cruzando o estacionamento na direção do

bar da sede do clube. Ficou ainda um tempo dentro do carro para se acalmar.

Nunca tinha

percebido como um campo de golfe era agradável, como era tranquilo. O sol

estava se pondo atrás das montanhas distantes e grandes sombras se estendiam pelos fairways.

O canto de um passarinho e o murmúrio do motor de um carro chegaram abafados aos seus ouvidos. E o ar frio da noite pareceu-lhe adocicado quando

o inspirou profundamente

e jogou os ombros para trás. Certo, preparou-se. Converse com ele.

Lembrou-se de que acabara conhecendo Sean de uma forma como nunca conhecera qualquer outra pessoa, nem mesmo um namorado ou um amante.

Depois de tudo que vinham

partilhando, não poderia ser diferente. O amor deles pelas crianças tinha criado

um laço inevitável e sem paralelos entre dois estranhos que, em condições normais,

nem sequer se falariam. Perguntou-se se ele também percebia aquilo, se,

assim como ela, admirava-se com o impacto que aquelas três crianças órfãs haviam tido sobre

suas vidas.

Tão logo entrou no bar e seus olhos se ajustaram à pouca luz, sua primeira visão dele varreu aquelas doces ilusões. Ele estava de pé atrás do balcão de carvalho

esculpido, cercado por três mulheres. Três mulheres atraentes. Três mulheres

atraentes que estavam dando em cima dele. Mesmo a uma boa distância, ela pôde perceber

que pelo menos duas delas usavam aliança.

329

Um ressentimento inesperado e amargo fervilhou dentro dela. Você é um homem de família agora, quis gritar. Não pode ficar por aí flertando com mulheres casadas.

Ela ficou parada à porta, sem ser vista, respirando o ar que cheirava a cerveja e observando um Sean que nunca vira antes. Sem perder a pose, ele servia

chope

e

coquetéis, reabastecia os pratinhos de amendoim, enxugava o balcão e tratava

as três mulheres como se fossem as últimas criaturas na face da Terra.

Preparou um drinque

para uma delas, que se debruçou no balcão para agradecer, os seios

projetados para a frente enquanto colocava dinheiro no potinho de gorjetas.

Esforçando-se para vencer o próprio desconforto, Lily foi até o bar e sentou-se

num banco de couro o mais longe possível das três madames. Sean virou na sua direção

com aquele sorriso atraente. Lily percebeu quando ele notou sua presença. O

sorriso se congelou, os olhos ficaram apreensivos. Ele pediu licença e aproximou-se dela, preocupado.

- Ei, Lily. Está tudo bem?

- E por que não estaria? Só porque vim aqui?

- Para me ver? Num bar? Pensei logo numa emergência grave.

Ela trincou os dentes. Lá estava ela, disposta a discutir o seu futuro e a sua carreira, e ele só de implicância com ela.

- Posso ter vindo para comemorar o último dia de aula na escola - disse-lhe.

. - Eu comemoraria com você, mas a Charlie e o Cameron levaram os boletins

para casa hoje... - ele comentou.

Ela sabia que as notas de Charlie, bem... deixavam muito a desejar. Mas Cameron...

- Ele sempre foi aluno de só tirar A.

- As regras foram feitas para serem quebradas.

Uma das três mulheres do outro lado do bar fez sinal para ele.

- Seanie, estou pronta para mais um Kir Royale, meu bem. Lily torceu o nariz.

- Seanie?

Ele deu uma piscada e voltou a conversar animado com as clientes, enquanto

preparava o champanhe com o licor de framboesa Chambord e o

330

servia com um floreio. Quando voltou para perto de Lily, ela já estava pensando

em desistir de abordar o assunto. Aquele não era exatamente o melhor lugar para falar

das crianças. Ela deu uma olhada rápida nas três mulheres.

- Seu fã-clube?

- Minhas melhores gorjetas. Não olhe assim para mim. Nem todos conseguem

um trabalho nobre para sobreviver. - Ele entrelaçou as mãos sobre o bar e inclinou-se para

a frente.

- Agora, o que posso servir para você? - perguntou num sussurro íntimo.

De alguma forma ele a fez sentir-se tola e envergonhada. Lily ficou toda arrepiada.

- Qual a especialidade da casa?

- Suco de ameixa. - Ofereceu-lhe um sorriso angelical.

- Você não é engraçado - disse ela.

- E você não sabe brincar.

Lily ficou olhando zangada para ele.

- É o que nós vamos ver.

O Dia dos Veteranos era o único dia em que Sean podia dormir até mais tarde, portanto o barulho de uma buzina do lado de fora, às oito horas da manhã, foi particularmente

perturbador. Quem diabos estaria de pé àquela hora, no Dia dos Veteranos?

Ele havia se deparado com uma série de obstáculos para não ir trabalhar naquele dia e ficar com as crianças. E só Deus sabia como merecia dormir.

Com as calças estampadas

e coloridas do pijama e a cara amarrada, desceu as escadas arrastando os pés

e abriu a porta de um golpe.

Soltando densa fumaça de diesel, um enorme trailer Winnebago em ponto morto ocupava o caminho de carros. Exceto que ele não estava exatamente sobre o caminho. Os

pneus do lado direito estavam sobre o canteiro de flores que margeavam o cimentado. E também não era bem um Winnebago. As paredes laterais tinham

sido pintadas para

darem a impressão de um enorme pão de forma Wonder Bread.

331

O motor engasgou e morreu. Lily Robinson desceu do carro deixando a frágil

porta de alumínio aberta atrás dela.

- Bom dia! - cantarolou alegremente. Vestia jeans e tênis e tinha um certo ritmo

no andar. Ela parecia uma criança, e ele se perguntou o que a estaria deixando

tão

animada.

Sean deu um aceno mal-humorado com a cabeça, tentando não engasgar com a descarga de diesel.

Ela contornou o trailer e percebeu que tinha saído fora do caminho.

- Xi! - exclamou. - Ainda não sei estacionar essa coisa direito.

- Talvez você pudesse treinar num lugar onde as pessoas não estivessem tentando dormir.

- Tenho certeza de que vou pegar bastante prática no lugar para onde vamos. -

Seu olhar foi atraído para aquele peito nu.

Em vez de sentir-se constrangido, ele se empertigou ainda mais.

- Preciso de um café. E acho que você me deve uma explicação. - Na cozinha,

ligou a cafeteira e bocejou enquanto a água começava a pingar. - Não diga nada - disse

ele, roubando a primeira xícara. - Sei o que você pensa sobre café.

- Então você devia saber que o café é uma das principais causas das contraturas. - Saiu decidida da cozinha e virou-se para trás, fazendo sinal para que ele a seguisse.

Ele piscou.

- O quê?

- Você sabe, contratura. - Lily passou por sob o batente estreito da porta do trailer e recuou para lhe dar espaço. - É um espasmo involuntário do músculo

que ocorre

no ato da tacada, causado por distonia ou ansiedade severa. Ben Hogan sofria

disso, você sabia?

- Eu sabia. Estou surpreso por você saber.

- Resolvi estudar um pouquinho. - Mostrou-lhe uma pequena biblioteca de livros sobre golfe numa prateleira embutida na parede. - Há tanto o que aprender sobre o

golfe. Eu não fazia idéia de que era tão complexo e fascinante.

- É, bem, não é nada do outro mundo.

332

- Não, é uma arte antiga que começou no século XV no Reino de Fife, que fica

na Escócia.

Talvez ela tivesse tomado alguma coisa mais forte do que cafeína naquela manhã.

- Lily - disse ele -, que diabo você está fazendo aqui?

- Ajudando você a deslanchar novamente na sua carreira.

- O quê?

- O Cameron me contou.

- Ele contou que eu rejeitei a proposta? Ela o ignorou.

- O seu patrocinador está mesmo apoiando você, está vendo?

- Como eu poderia não ver? - Imaginou o que os vizinhos educados estariam

pensando.

- Minha irmã precisava de dinheiro, portanto o patrocinador arrendou o trailer

dela e mandou pintar o logotipo dele nas laterais. Eles são mesmo bons de se

trabalhar.

Ele finalmente compreendeu sua intenção. Manteve-se calmo, mas o esforço

foi excessivo e ele soltou uma gargalhada escandalosa.

Quando finalmente parou de rir, percebeu o olhar estático de Lily.

- Acabou?

- Sim, por enquanto. Mas obrigado. Foi mesmo relaxante. Agora, se você me

der licença, estou atrasado para tirar um cochilo.

Lily se plantou no meio do caminho, algo fácil de se fazer no interior estreito de

um trailer.

- Ah, não está, não. Você tem um contrato para assinar, e nós, planos para traçar. - Insistente, lançou-se apressada pelo trailer fazendo-se de guia de excursão.

- As meninas podem dormir juntas aqui - disse ela, indicando um beliche acima

da cabine do motorista. - Eu vou ficar com a cama lá de trás. Você e o

Cameron vão

dormir exatamente aqui. - Mostrou um quartinho adjacente que parecia a cabine de um trem. - Agora, só tem um banheiro, mas eu preparei um horário e o coloquei na porta, estipulando...

- Lily! - Ele a agarrou pelos ombros. Não queria tocá-la, mas foi a única forma de atrair sua atenção.

333

Ela ficou olhando para ele com os olhos arregalados e assustados.

- Você não gostou do horário? Porque eu posso mudar...

- O horário não é problema. É essa idéia toda que não vai dar certo.

- Claro que vai. Eu já planejei tudo, até os mínimos detalhes. Ele não tinha dúvidas quanto a isso. Ela era detalhista em tudo.

- Não vai dar certo porque nós não vamos. - Deixou as mãos caírem, soltando-

a. - Eu não vou aceitar a proposta.

Lily ficou imóvel, os olhos fixos nele. Não vacilou um momento sequer ao dizer:

- Covarde.

- Dá um tempo!

- Não, isso é mesmo incrível. Finalmente descobri do que você tem medo. Não

é de tomar conta das crianças e de ser um homem de família. Deus sabe que isso assusta

a maioria dos homens, mas não você. Aquilo que você mais teme é o que mais

ama: o golfe.

- O cacete.

- Ah, agora você está ficando agressivo. Mais uma prova de que é um covarde.

- Estou pensando nas crianças, está bem? Em fazer o que é melhor para elas.

- O melhor para elas pode ser essa viagem, Sean. Elas precisam sair desta casa, sair desta cidade por um tempo. É triste demais aqui, é assombrado demais. Você

quer

que eu dê aulas particulares para a Charlie. Se eu for junto, poderei fazer isso.

- Você era terminantemente contra.

- Estou disposta a tentar. Eu adoro a Charlie e a mudança de cenário será boa

para todos. O Cameron também pensa assim e, caso você não tenha percebido, ele é um

garoto inteligente. A propósito, ele me mostrou a jaqueta verde.

- Você está brincando. - Sean sempre guardara aquela jaqueta enfiada numa bolsa, mas nunca conseguira se desvencilhar dela.

- Ele queria que eu visse com os meus próprios olhos do que você é capaz. Na

noite em que me falou sobre essa oportunidade foi a primeira

334

vez, desde o acidente, em que demonstrou outra coisa além de raiva e derrotismo. Ele estava esperançoso, olhando para o futuro. Ele acredita em você, Sean.

Sean sentiu um aperto no estômago. Ele acredita em você.

- Ele disse que vai ser o seu caddie - acrescentou ela. - Aparentemente, ele é muito bom nisso.

- Eu não vou transformar essa família num comercial da Wonder Bread - disse

ele.

- Não. Isso é trabalho do patrocinador, se eu entendi bem. O seu é se apresentar, jogar golfe e parecer saudável.

Ele deu uma olhada no trailer. Aquelas paredes laminadas e vagabundas estavam muito próximas dele, dando-lhe a impressão de comprimi-lo cada vez

mais.

- Não vou fazer isso - disse. - Não vou arrastar essa família pelo país numa droga de um Winnebago.

335

O sofrimento dá conta de si mesmo, mas para se tirar partido da felicidade é

preciso ter com quem dividi-la.

- Mark Twain

338

Capítulo 37

- Onde é que fica a porcaria da seta nesta coisa? - perguntou Sean, escrutinando o painel do Winnebago enquanto dirigia para o leste, rumo à interestadual.

- Não pode xingar - disse Ashley, da cadeirinha afivelada a um dos bancos do carro.

- Não estou xingando - disse ele, encontrando a seta e pegando a via que os levaria para a auto-estrada.

- Você disse "droga" - informou-lhe Charlie. - Você disse "a droga da...".

- Está bem. - Ele levantou brevemente as mãos, resignado. -Desculpe.

- Tudo bem - disse Charlie, simpática.

Olhando pelo espelho retrovisor, ele pôde vê-la à mesa, sentada sobre as

pernas, desenhando vigorosamente com um giz de cera verde. De frente para

ela, Cameron estava

com o nariz enfiado nas Cinco Lições de Ben Hogan.

Por fim, arriscou uma olhada para o banco do co-piloto. Lily estava ocupada

com seus mapas baixados do computador, onde havia marcado a rota e todas

as distâncias

até o último décimo de quilômetro.

339

Na noite anterior, quando tiveram a última reunião antes de partir, ele olhara perplexo para os seus mapas e folhetos.

"Tenho quase certeza de que conseguiríamos chegar apenas seguindo as placas indicativas nas interestaduais", dissera ele.

"Quase certeza não é o bastante. Do meu jeito, não perderemos em hipótese alguma nenhum ponto de referência importante."

"Você sempre planeja as coisas assim?"

"Com certeza." -

Rindo escancaradamente da lembrança, perguntou:

- Como se sente, srta. Lily?

- Bem, por enquanto.

Estavam a onze quilômetros de casa e ela estava bem.

- Estou perguntando - disse ele - porque você está um tanto calada. Minha forma de dirigir a está deixando nervosa?

- Não. - Ela olhou para o relógio.

- Eu a estou deixando nervosa?

- Não - disse ela novamente, mas o súbito rubor em seu rosto a contradisse.

Ela se ajeitou no banco de encosto alto, parecendo extremamente desconfortável.

E então, sem nenhuma razão que pudesse explicar, o sorriso permaneceu em seus lábios. Eles tinham deixado um lugar onde cada minuto do dia estava saturado de lembranças

sofridas e de perda, e, à medida que quilômetros de estrada ficavam para trás,

o ar se tornava mais leve, mais nítido, como se tivessem saído de um nevoeiro.

Imaginou

se os outros também estavam se sentindo assim. Cameron estava quieto, olhando avidamente para a tela do celular à procura de sinal para ligar para Becky. Ele não

tinha dito que ela era sua namorada, mas Sean reconheceu aquele olhar

estranho e distante no seu rosto jovial ao vê-lo observar a estrada ficando para

trás através

da janela.

Até o meio da manhã, a paisagem tinha mudado para o cenário árido do

estreito vale de Columbia e a rodovia estava quase vazia. As paredes do vale

desciam escarpadas

de cada lado do rio e os campos amarelados estendiam-se para o leste, para a

eternidade. Encontraram um driving range, um campo de treinamento, perto de

Gadsden,

e foi lá que Sean

340

Decidiu parar para almoçar. Havia apenas mais dois carros no estacionamento,

mas mesmo assim ele ainda sentiu vergonha do desenho do pão estampado no trailer.

- Ninguém almoça até todo mundo tacar um balde cheio de bolas - decretou.

Charlie tinha o seu próprio jogo de tacos para crianças, e Cameron, os tacos do

pai.

Sean

levava os tacos de Crystal para Lily e, quando lhe entregou a bolsa rosa onde

eles ficavam, Lily franziu as sobrancelhas.

- O que foi? - perguntou ele.

- Esta parada não estava nos nossos planos.

- Ela está nos meus planos. Relaxe, Lily. Vamos lá. Vou te ensinar a dar saída

com a bola.

Ela protestou, claro, até ele colocar um balde de bolas na sua frente, um taco

de saída e uma bolinha em cima do suporte de plástico.- Ela golpeou o ar ora

perdendo

a pontaria, ora batendo errado na bola, fazendo-a rolar pelo gramado uma ou

duas vezes.

- Tente esta pegada - disse Cameron numa demonstração. - Não, não tão apertado. Relaxe.

Sean sentiu um assomo de orgulho pelo sobrinho. O garoto tinha problemas,

com certeza, mas também tinha um bom coração. Sean e Red tinham tido

uma discussão

longa

e séria sobre quem seria o seu caddie. Red queria alguém com experiência e uma história de sucesso. Para Sean não tinha conversa, ou Cameron era o seu caddie

ou

ele não fechava o acordo.

- Assim, Cam? - perguntou Charlie. - Assim? - Ela e Ashley tinham uma bola de

plástico Wiffle, que estavam perseguindo.

Observando as crianças com Lily, Sean sentiu algo mais, um calor estranho no estômago. Dois meses atrás, a idéia de passar o verão com uma professora

sargentona

e três crianças teria lhe soado como uma piada, ou como um pesadelo. Agora,

ele não conseguia pensar em nenhum outro lugar onde quisesse estar.

Prepararam sanduíches para o almoço, mas Sean percebeu que Lily mal conseguiu experimentar aquele pão branquinho e macio cedido em quantidades generosas pelo

seu

patrocinador. Uma vez na estrada novamente, e cumprindo a promessa de dar aulas particulares para Charlie, Lily mudou para o "modo professora" e as duas passaram

a tarde estudando os

341

pontos de referência ao longo da rota dos exploradores Lewis e Clark. Para sua

surpresa, Charlie conseguiu descobrir o significado histórico em praticamente

cada

curva da estrada - o sinal de fogo que Meriwether Lewis tinha usado quando se

perdera de parte do seu grupo no Dry Canvon, a formação rochosa em volta da

corredeira

onde eles tinham passado seis semanas numa primavera. Olhando pelo

espelho retrovisor, Sean viu Ashley chupando o dedo insatisfeita e Charlie

bocejando entediada.

Cameron parecia entediado demais até mesmo para bocejar.

Sean saiu da estrada, seguindo as placas para uma sorveteria drivethrough.

- Isso também não estava nos nossos planos - disse Lily.

- Ah, estava sim - disse ele. - De acordo com a sabedoria popular, Lewis e

Clark pararam aqui para comer anéis de cebola no inverno de 1811. - Ele

estacionou em

frente a um mural com o cardápio repleto de ilustrações de casquinhas de sorvete dançantes com calda de chocolate,- Foi aqui que a índia Sacajawea os

cobriu de gentilezas

por eles terem trazido sorvetes de máquina para os nativos.

- Muito engraçado - murmurou Lily.

- Eu te amo, tio Sean! - gritou Charlie lá de trás do trailer.

- Te amo! - gritou Ashley. Sean pôs a mão no coração.

- Meu Deus, assim vocês me matam, meninas! Assuma o volante, Lily. Estou

tendo um ataque do coração.

Risadinhas como as dos anõezinhos de Oz irromperam na parte de trás do carro.

Após se acalmarem, Charlie decidiu ensinar Ashley a música "Conexão Arco-

íris" e cantaram o primeiro verso alto, várias e várias vezes. Cameron colocou

os fones

do seu iPod. Sean riu diante da expressão no rosto de Lily.

- E imaginar que você deixou de ir à Itália por isso - disse.

## Capítulo 38

Tarde da noite, Lily estava à beira do precipício formado pelas margens escarpadas do rio Snake. Uma lua perfeita, cheia em toda a sua plenitude, derramava sua luz

pálida no cânion, transformando a água da corredeira num riacho prateado. A

escuridão à sua frente estava cravejada de estrelas. Ela não saberia dizer a profundidade

do precipício, mas, a julgar pelo silêncio, o rio estava a uma boa distância abaixo. Lily ergueu o olhar para a lua. O ar translúcido naquele fim de mundo

fazia

a lua sobressair no céu como uma hóstia alva e crocante. Lily descobriu que se a contemplasse tempo o bastante, seu jogo de luz e sombra definitivamente lhe

daria

a forma de um rosto. O rosto de Crystal, talvez.

- Como estou me saindo? - perguntou à amiga. - Está bem assim?

Um vasto silêncio foi sua única resposta. A cerca de uns cinquenta metros dali

ficava o acampamento, um agrupamento de barracas e trailers ocupados por

andarilhos.

Lily enfiou as mãos nos bolsos traseiros dos jeans e jogou os cabelos para trás.

Já era tarde e ela deveria estar morta de cansada, mas, em vez disso, sentia-se

animada. Um sentimento até então desconhecido fervia-lhe nas veias.

O foco de uma lanterna tremeluziu sobre ela. Virando-se para trás, fez sombra

aos olhos para protegê-los da luz.

343

- Quem está aí? - Sua voz soou estridente. Lily conscientizou-se de repente do

isolamento profundo de sua posição, do grande perigo de ficar à beira do abismo.

- Sou eu. - A voz de Sean soou tranqüilizadora na escuridão. Aquele sentimento novo e fervoroso ficou a todo o vapor.

- Como você me encontrou?

- É essa jaqueta moderna da Wonder Bread - disse ele. - As letras nas costas são reluzentes.

- Você está brincando. - Ela tirou a jaqueta para checar. Era uma jaqueta branca e brilhante parecida com as de beisebol, estampada com miniaturas

coloridas da logomarca,

dada pelo patrocinador de Sean. Como se não bastasse, o nome "Maguire"

reluzia e tremeluzia quando a luz da lua se refletia nele. - Jaquetas, bonés,

guarda-chuvas,

ponchos, camisas, bolsas... eles têm de tudo.

- E pão Wonder Bread de verdade, em quantidade suficiente para alimentar um

batalhão.

Lily estremeceu.

- Nem me lembre disso.

- Ei, a maioria de nós cresceu comendo essas coisas. Faz você ficar forte de oito maneiras, lembra da propaganda?

Ah, se ele soubesse. Ela se lembrava porque, quando criança, a TV tinha sido

a sua salvação. Fora o seu refúgio para escapar da tristeza da família, dos olhares

acusadores da mãe. Fora a sua janela cintilante e artificial para o mundo hiper-

realista da família Sol-Lá-Si-Dó, dos Walton e dos Jefferson. Até mesmo as discussões

cabotinas da família Bunker, do seriado Tudo em Família, pareciam uma

dinâmica familiar doce e invejável. Vinte e cinco minutos de discussão e então

todos os problemas

se resolviam.

- Não acredito que eu tenha comido farinha de trigo ou açúcar refinado desde

que saí do alojamento da faculdade - disse ela.

- Quem sabe neste verão você não pára de se preocupar com as coisas e arrisca mais? Talvez você se divirta mais nesta viagem do que se divertiria na

Itália.

344

A tranqüilidade da sua voz soou como uma implicância e ela sentiu-se agradecida pelo fato de a escuridão esconder sua reação.

- Você está ficando vermelha, não está?

- Como?

Ele tirou a jaqueta das mãos dela, colocou-a sobre os seus ombros e ficou segurando-a no lugar. Suas mãos eram inacreditavelmente gentis e passavam

calor pelo tecido

acetinado.

- Sei quando você fica vermelha - disse ele, sua voz baixando de volume até

virar um murmúrio íntimo.

- Isso não é possível. - A voz de Lily soou alta, não muito íntima.

- É sério. Consigo sentir.

! Lily sentiu-se compelida a protestar.

- Não devíamos falar sobre isso. Você não pode de repente começar a...

- Não é de repente. Venho percebendo isso há algum tempo - assegurou ele

levantando gentilmente o rosto de Lily em direção ao seu. - Me diga que estou

errado.

- Você está fora do seu juízo normal.

- É - disse ele, abaixando a cabeça, inclinando-a um pouquinho para o lado.

-

Devo estar mesmo. - Seus lábios roçaram nos dela, como se por acidente.

Ela perdeu a noção do certo e do errado e abraçou-o antes que ele desistisse.

Ergueu os braços até o seu pescoço e pressionou seu corpo contra o dele.

Ele

era maravilhoso;

seus lábios, firmes na medida exata; seu corpo, forte e protetor em contato com

o dela. Então o beijo ficou mais intenso, mais intenso do que podia imaginar,

mais

intenso do que a razão, mais intenso do que a solidão. Ela se esticou, ficando

tão na ponta dos pés que chegou a tremer. Sean levou os braços até os seus quadris,

trazendo-a para mais perto, mais apertado. Lily esqueceu-se de pensar. Não conseguia pensar. Aqueles lábios quentes e macios levaram-na à rendição e ela parou até

mesmo de tentar resistir. Aquilo era extremamente notável, maravilhoso, impossível, e ela se sentiu subindo, voando alto para um lugar onde nunca tinha estado.

345

Quando o beijo terminou e ela retornou para a terra firme, estava tonta. No céu

escuro atrás de Sean, as estrelas giravam como um caleidoscópio de cacos de vidro.

- Minha nossa - disse sem fôlego e nervosa, como uma menina num baile do

colegial.

- Nossa mesmo - disse ele, sem parecer ofegante ou nervoso ao aproximar-se

novamente. - Nossa, srta. Lily, eu não fazia idéia.

- Idéia de quê?

- De que você escondia um beijo como esse. Ela deu um pulo para trás, esquivando-se dele.

- Não sei onde eu estava com a cabeça.

- Eu sei muito bem onde estava com a minha.

Deus do céu, aquela voz. Até mesmo no escuro, quando ele mal passava de uma sombra, aquela voz repercutia nela como a corda de um instrumento, suas

vibrações sutis

e imperiosas irradiando para lugares quase esquecidos dentro dela.

Lily deu outro passo para trás.

- Não sou assim. Não consigo compreender por que eu... talvez a lua tenha me

deixado louca. Já ouvi dizer que ela pode exercer esse efeito sobre as pessoas

no deserto.

- Lily!

- Sim?

- Isso não é exatamente um deserto. É um campíng. - Avançou para ela, que foi se afastando devagar.

- Para mim com certeza é um deserto - retrucou ela. - Quando viajo fico em hotéis com piscinas e lavanderias automáticas.

- Ah, viajante de primeira classe... Mas, Lily...

-- O quê? - Ela cerrou os punhos para que não se sentisse tentada a agarrá-lo de novo.

- Preciso dizer uma coisa.

- Sim? - Cambaleou, reprimiu um gemido e afastou-se ainda mais. Precisava

sair do campo de força dele, era isso o que precisava fazer. Ele era um ímã, uma energia

irresistível, e ela não era nada além de um pedaço de metal vagabundo.

346

- Se você continuar a se mover nessa direção - disse ele -, vai sofrer uma queda terrível.

- O quê? Eu não...

Então suspirou alto assim que ele a agarrou e puxou-a bruscamente para si, de

novo para os seus braços; aquele corpo firme e saudável fazendo pressão contra o seu.

A seguir, com muito cuidado, ele a virou de frente para o abismo e direcionou o

foco da lanterna para o chão. A luz iluminou a borda do precipício.

- Viu o que eu queria dizer? - perguntou ele. - Pode me chamar de maluco, mas

acho que você não gostaria de escapar de mim de uma forma trágica assim.

Lily vestiu a jaqueta.

- A maluca aqui sou eu. Ele riu baixinho.

- Ah, é? Talvez estejamos loucos juntos. Gosto de você assim - acrescentou.

-

Está a fim?

- A última vez que ouvi você falar assim foi no casamento da Crystal - disse ela.

- Você era uma pessoa desagradável.

- E você disse sim?

- Não foi para mim que você perguntou.

- Sei. Eu era mesmo desagradável. Estou perguntando agora. Vamos lá, Lily.

Foi só um beijo.

- Certo. Só um beijo. Entendi. - De repente, de forma humilhante, Lily sentiu-se

prestes a se debulhar em lágrimas. Deus. Poderia ele pressenti-la chorando da

mesma

forma que a pressentia ruborizando? Ela se virou e saiu tropeçando de perto do

precipício para um lugar mais seguro.

- O que foi agora? - ele perguntou, indo atrás dela.

- Para você foi só um beijo - ela explodiu. - Para mim foi... - Conteve-se, lutando para se controlar.

- Para você foi o quê, Lily? Eu não leio mentes. Você terá de me dizer.

- Está bem, escute. Só porque beijos assim são uma ocorrência comum na sua

vida, isso não quer dizer que sejam na minha.

- Então você está com sorte. Podemos fazer alguma coisa com relação a isso.

347

- Nós já fizemos, agora está feito e não precisamos fazer novamente.

- Não entendo você, Lily. Não entendo mesmo.

- Eu só queria saber como era beijar alguém como você - disse - Só isso.

- Alguém como eu? - repetiu ele. - Você vai ter de explicar isso. Ela parou de

andar para olhar para ele. A lua elevava-se mais no céu, sua luz banhando o vazio

do precipício que dava no rio. Tudo bem, pensou. Talvez a honestidade fosse o

caminho a tomar. O caminho para assustá-lo de vez e fazê-lo sumir para sempre.

- Alguém tão bonito que nem sequer parece real para mim - confessou num sussurro entrecortado. - Alguém que aparece nos outdoors das propagandas

de uísque em Taiwan.

- Japão - corrigiu-a. - Esse outdoor foi no Japão.

- Onde for - disse ela, impaciente. - Você sabe o que eu quis dizer. Você não é

o tipo de homem com quem eu normalmente me envolvo; portanto, fiquei curiosa.

- E com que tipo de homem você normalmente se envolve?

Do tipo que eu possa escapar na hora que quiser. Ela limpou a garganta.

- O último homem com quem saí foi um professor de ginástica.

- Eu sou um atleta - disse ele, claramente confuso.

A diferença entre um professor de ginástica e Sean Maguire era a mesma entre uma catraca de canhão e um conhaque de alcatrão.

- O outro antes desse colecionava trenzinhos de brinquedo como hobby, para

você ter uma idéia. Eles são todos... comuns. Como eu.

Aquela risada persuasiva de novo.

- Você, comum? Dá um tempo.

- O que estou querendo dizer é que você não é o meu tipo.

- Porque o seu tipo são homens comuns que dão aula de ginástica e colecionam trenzinhos.

- Isso mesmo. - Finalmente ele estava pegando o espírito da coisa.

- Eu sei por quê.

- Ah, então agora você está me analisando.

- Ei, depois de tantas horas com a dra. Sachs, estou qualificado para isso.

Veja, esses caras são seguros - disse ele. - Agora eu, eu sou o tipo de cara por

quem

você poderia realmente se apaixonar, por isso você está resistindo a mim.

Agora foi a vez dela de rir.

- Se o seu desempenho nesse torneio for da altura do seu ego, você não terá

com o que se preocupar. - Lily virou-se na direção do camping. As poucas

janelas iluminadas

e os cumes brilhantes das tendas sobressaíam na escuridão, junto com duas

fogueiras que ainda ardiam.

- Você vai me deixar aqui? - Ele pareceu incrédulo.

- Depende - disse ela.

- De quê?

- Se você vai ou não me seguir. - Não olhou para trás. Precisava se controlar.

Ele provavelmente não estava acostumado a mulheres que se afastavam dele.

Bem, ela,

com certeza, também não estava acostumada a homens que falavam sobre paixão, portanto estavam empatados.

349

## Capítulo 39

- Noventa e nove quilômetros, noventa e oito quilômetros..." - cantavam Charlie

e Ashley conforme o trailer avançava veloz pela rodovia ensolarada, deixando

para

trás um restaurante de beira de estrada.

Lily achou que iria mesmo precisar de mais alguns quilômetros para conseguir

dar aula para Charlie. A menina tinha se mostrado recalcitrante durante a aula

particular

naquele dia e ela já estava ficando sem paciência.

Abruptamente, Charlie parou de cantar.

Somente Ashley continuou:

- "... pára um pouquinho, descansa um pouquinho..."

- Tio Sean, pare! - gritou Charlie. - Agora! Você precisa parar agora!

Lily virou para trás, alarmada com o tom de pânico da sua voz. Sean reagiu automaticamente, parando no acostamento.

- O que houve?

- Você precisa voltar até aquele restaurante! E tem de ser neste exato momento! - Ela estava quase histérica.

- Querida, tem banheiro no trailer.

- Por favor, volte - implorou. - Por favor. Eu vi uma coisa.

Lily sentiu o olhar cético de Sean. Seus instintos femininos lhe diziam para respeitar Charlie, e seus instintos estavam ficando cada vez mais aguçados.

350

Quando Lily contou à irmã por que queria usar o Winnebago, Violet lhe dissera:

"Lembre-se, quando o assunto é maternidade, você sabe mais do que imagina."

Lily fez sinal por trás deles com o polegar, pedindo a Sean para voltar.

- Estamos num bom ritmo hoje - disse ela. - Podemos parar por alguns minutos.

Lily esperava que não fosse mais um animal morto. A visão inevitável de animais mortos estirados no acostamento fazia Charlie chorar. Quando ela chorava, Ashley

chorava também e isso fazia com que os quilômetros passassem com excruciante lentidão.

Como a estrada estava completamente vazia até onde alcançava a vista,

Sean fez um retorno direto, cruzando um canteiro central infestado de mato.

Tão logo virou

para o restaurante, Charlie correu para a porta. Tanto Lily quanto Sean gritaram por ela, mas a menina saiu correndo porta afora assim que o trailer parou.

Cameron saltou correndo atrás da irmã, tão protetor quanto qualquer adulto.

Sean pegou Ashley e todos saíram em fila para encontrar Charlie na área gramada reservada

para piqueniques, apontando animada para uma placa escrita a mão que pendia de uma mesa.

- Está vendo? - disse. - Está vendo? Eu sabia que era o que eu tinha visto.

Está dizendo: "Dá-se para quem gosta de animais", e isso quer dizer que podemos ficar

com ele.

- Com ele quem? - perguntou Cameron.

- Para uma criança que não sabe ler, ela até que leu aquela placa bem rapidinho - cochichou Sean.

Aos pés da mesinha de piquenique havia uma tigela de alumínio cheia de água

suja e um saco de doze quilos de ração, metade derramada sobre a grama e coberta de formigas

vermelhas.

- Vai ver alguém já o pegou - sugeriu Lily, aliviada por não encontrar nenhum

sinal de vida. A última coisa de que precisavam era de um animal perdido.

- Não, tem alguém aqui, sim. Eu vi quando a gente passou - insistiu Charlie. Ela

andou pelo lugar. - Olá! - chamou. - Tem alguém aí?

351

Um garoto desmilingüido com pernas e braços desengonçados e uma

expressão triste apareceu do outro lado dos limites do terreno do restaurante,

no alto de um declive

que dava para um riacho. Estava acompanhado do irmão também

desmilingüido e talvez um ano mais novo. Por fim, um vulto branco e preto

passou como um raio: um cachorro

subindo aos pinotes o declive.

- Viu só? - disse Charlie. - Viu só? Aqui, cãozinho - chamou, batendo palmas e

simulando beijinhos. - Aqui, cãozinho.

O animal corria de um lado para outro, um poço de energia. Ashley riu

encantada e balbuciou para o cachorro. Cameron manteve distância, embora

Lily percebesse que

ele estava intrigado.

- Você está dando esse cachorro? - perguntou Charlie, os olhos arregalados.

- Preciso dar - respondeu o menino mais velho. - A nossa cadela deu cria e o

meu pai disse que não podemos ficar com os filhotes.

Lily limpou a garganta.

- Charlie, a gente precisa mesmo ir andando.

- Espere - murmurou Sean, pondo a mão livre em seu braço e oferecendo um

sorriso relaxado que fez Lily pensar naquela noite delirante de beijos. Não importava

o

quanto tentasse, não conseguia parar de pensar naquela noite.

- Ele é mansinho? - perguntou Charlie. - Posso fazer carinho nele?

- Nela - corrigiu-a o menino mais novo. - Ela tem seis meses e é muito esperta.

E limpinha também, não faz nada dentro de casa, nem fuça o lixo, mas o meu

pai disse

para a gente não voltar com ela para casa hoje.

O irmão assobiou e bateu na perna.

- Aqui, Babe!

A cadelinha parou de correr, suas orelhas sedosas como bandeiras a meio mastro. Então se virou para trás com a barriga se arrastando na grama e abanou o rabo ao se aproximar dos meninos.

- Você pode fazer carinho nela, se quiser - disse o mais jovem. - Nós a chamamos de Babe porque ela era a menorzinha da ninhada. É a única que sobrou.

352

- Babe, como Babe Didrikson - disse Charlie, a voz baixa carregada de bom augúrio.

- Meu Deus, faça alguma coisa - Lily disse a Sean. - Pode ser perigoso.

- Cachorrinha linda, Babe lindinha - disse Charlie, sua voz tão macia e doce como uma canção. A cadela virou de barriga para cima, as patinhas para o ar,

submetendo-se

às vontades da menina. - Veja - disse Charlie quando Babe lambeu a sua mão

-, já ficamos amigas.

Lily sacudiu a cabeça.

- De jeito nenhum - disse ela. - Não podemos ter um cachorro. Vamos levá-la

até a próxima cidade e deixá-la num abrigo para cães. Assim, ela vai para uma

família

que precise e possa cuidar dela.

Os quatro encararam Lily junto com os dois irmãos.

- Sem cachorro! - ela reiterou. - Vocês não sabem o que é ter um cachorro.

Principalmente um que não se conhece. É bem provável que tenha vermes.

- Ela já foi vermifugada - disse o irmão mais velho. Lily cruzou os braços.

- Um cachorro parte o seu coração, vocês sabem disso, não sabem? Um cachorro nunca vive mais do que o dono.

- Ah, Lily! - disse Charlie, coçando o peitinho peludo da cadelinha.

- Sem cachorro - disse ela -, e ponto final!

- Quietinha, Babe! - Lily manteve os olhos grudados no novo membro da família

que tinha se unido a eles há dois dias e oitocentos quilômetros. O plano de Lily

de

deixar a cachorrinha num abrigo em Elko, em Nevada, fora rejeitado por quatro

protestos veementes.

"Você não se desfaz assim de um animal só porque ele causa problemas", dissera-lhe Sean.

"É", concordara Charlie.

Até mesmo Cameron tomara partido. "É

Lily virara-se para Ashley. "Sua vez", dissera-lhe.

353

"É", respondera Ashley.

E agora, é claro, a adorada vira-lata se tornara responsabilidade sua. Sean tinha ido tomar banho no banheiro do camping e Cameron havia levado as meninas para

o

parquinho, deixando-a a sós com a cadela. Babe estava imunda e a única forma de limpá-la era no chuveiro. Os banheiros do camping anunciavam claramente que não aceitavam

animais de estimação e, sendo assim, Lily não teve escolha. As duas ficaram enfiadas em um espaço do tamanho de um armário, lutando durante bons vinte

e cinco minutos

com o chuveirinho até a água sair limpa. Então saíram as duas molhadas, amarfanhadas e mal-humoradas. Babe tinha respingado todo o trailer por dentro correndo pelo

corredor, sacudindo-se e espirrando.

- Fique quieta - disse Lily novamente, avançando com a toalha. Era uma toalha

da Nordstrom, marca de qualidade normalmente reservada para as visitas.

Crystal detestaria

a idéia de ver suas toalhas boas usadas numa cadela. Lily pôs-se a enxugá-la

com a toalha felpuda de algodão egípcio, esfregando-a com força. Isso a fez parar imediatamente

de correr pelos cantos, pois uma das coisas que Babe mais gostava no mundo

era de ser esfregada. Tinham descoberto essa faceta sua instantaneamente quando o veterinário

a que a levaram, em Tooele, Utah, rira e fizera carinho em sua barriga durante

o check-up e a administração das vacinas.

"Ela tem menos de um ano", dissera o veterinário, confirmando a informação

dada pelos meninos, "e está em ótima forma."

Lily a esfregou bem com a toalha, determinada a deixar Babe limpa e seca até

a hora de partirem para a próxima parada do itinerário, uma partida de golfe em

Park

City. A cadela logo sucumbiu ao êxtase, ronronando como um gato e gemendo

ocasionalmente.

Sean entrou irritantemente limpo e relaxado depois do banho no camping.

- Nossa! - disse ele. - Está com cheiro de cachorro molhado aqui dentro.

Lily fuzilou-o com o olhar.

- Por que será?

Ele se abaixou e coçou o queixo da cadela.

- Não é que você é mesmo uma gracinha? - disse ele.

354

- Agora! - concordou Lily. - Bastou receber um tratamento de spa.

- Acho que você ganhou uma nova amiga. Lily sentou-se sobre os tornozelos.

- Ainda acho um erro mantê-la conosco.

- As crianças estão loucas por ela e vice-versa. Como isso pode ser um erro?

- Estar louco por alguém não é razão para ficar junto. - Encontrou os óculos

caídos e os colocou no lugar. As lentes estavam embaçadas, mas ela, teimosa,

os manteve

no lugar.

Sean riu.

- A sua lógica me diverte, Lily. Realmente me diverte.

- Estou apenas pensando nas crianças - disse ela. - Elas já perderam tanto.  
Se

alguma coisa acontecer com essa cadela...

- Eis o que vai acontecer com essa cadela - tornou ele com uma paciência  
exagerada. - Ela vai ser o nosso animal de estimação pelo tempo que tiver  
de

ser. Ninguém

sabe quanto tempo isso vai durar. Vamos fazer o possível para que dure para  
sempre.

- Nada dura para sempre - sussurrou ela, seu rosto de repente muito  
próximo do dele.

- Isso não quer dizer que não valha a pena tentar - disse ele, selando o  
pronunciamento com um beijo.

Ela quase derreteu, mas afastou-se.

- Você precisa parar com isso.

Ele riu e pôs a coleira nova em Babe.

- Ah, tá, vou parar, sim - disse. - No dia de São Nunca.

355

Capítulo 40

.Lily nunca precisara tanto de uma amiga íntima. Amiga íntima era aquela  
para

quem você ligava quando alguém a beijava e a fazia esquecer do mundo.

Amiga íntima

era aquela para quem você contava que estava apaixonada. Amiga íntima era

aquela que a aconselhava a não se iludir com um homem que só poderia representar problemas.

Crystal havia morrido e Lily não tinha mais ninguém com quem abrir o seu coração. Violet a encorajaria e lhe diria para mergulhar de cabeça. Edna encontraria alguma

razão espiritual profunda para a química inesperada entre ela e Sean. Ligar para a mãe estava fora de cogitação. Lily decidiu que estaria mais bem servida

se

tentasse

administrar sozinha os próprios sentimentos.

Uma coisa ela descobrira - não dormia mais como antes. Acordava no meio da

noite, sem conseguir parar de pensar em Sean Maguire. Tentava de tudo:

ouvir as meninas

ressonando, ler com uma lanterninha presa às páginas do livro, calcular

quantos quilômetros já haviam rodado. E, quando finalmente caía no sono,

acordava cedo demais,

os ouvidos atentos ao primeiro canto dos pássaros ao amanhecer. E, é claro, mesmo antes de despertar por completo, sua mente já estava novamente ocupada, pensando em Sean Maguire.

356

O aroma de café dizia-lhe que ele já havia levantado. Por que café tinha de cheirar tão bem? E por que ele fazia café todos os dias? Para lembrá-la do que

estava

se privando?

Ela forçou-se a ficar deitada até ouvi-lo sair, provavelmente para levar a cadela

para o seu passeio matinal. Então ficou mais um pouco na cama, com esperança de

voltar a dormir. Finalmente desistiu e levantou impulsionada por pensamentos

inquietantes, absurdos, e pelo aroma insidioso do café. Passou pé ante pé por

Charlie

e Ashley, que dormiam docemente enroscadas sob o edredom. Foi ao

banheiro, fazendo uma careta para a imagem que viu no espelho: pijamas

cinza de malha, rosto inchado,

cabelo despenteado.

- Você parece entediante até quando dorme - resmungou e escovou os dentes.

Saiu do banheiro e ficou olhando irritada para a cafeteira, seu botão vermelho

brilhando. Desligou-a e preparou uma xícara de chá de ginseng, desejando que

fosse

café. Uma barra orgânica de gergelim bastou como desjejum, o qual tomou enquanto olhava inconsolável para uma caixa de Froot Loops em cima da

mesa. Após uma fantasia

passageira, porém ardente, envolvendo o café, Froot Loops e o próprio Sean Maguire, Lily terminou o chá e decidiu controlar-se.

A seguir, vestiu shorts, uma camiseta da Wonder Bread, tênis e prendeu os cabelos num rabo-de-cavalo. Cada novo lugar que conheciam ela explorava com uma corrida.

Não era nenhuma atleta, mas mantinha a forma seguindo à risca a sua dieta.

Durante a viagem pelo país, correrá passando por ratos, cactos e arbustos do deserto de

Nevada. Correrá entre os belos picos nevados de Utah e do Colorado,

passando pelas grandes planícies do Meio-Oeste ao longo das margens arborizadas dos rios e das estradas montanhosas. Achou que se lamentaria por ter desistido de uma aventura na Itália, mas sua criança interior estava se divertindo para valer. Quando voltava para o trailer, quase sempre encontrava Sean Maguire e as crianças comendo rosquinhas recheadas e engajados num comportamento pouco apropriado, como imitar barulho de pum com o sovaco e cantar arrotando. Quem precisaria da Itália quando tinha isso?

357

Naquela manhã, tão logo saiu do trailer e fechou suavemente a porta, soube que estava num lugar especial. Uma quietude pairava no ar tão leve e translúcido como a neblina da manhã, isolando o chamado dos pássarosdas-cem-línguas e dos bacuraus-negros.

Chegamos, pensou. Este é o nosso destino. Pinehurst, Carolina do Norte.

Tinham chegado na noite anterior e aquela era a primeira vez que Lily via o lugar à luz do

dia: a terra dos campos de golfe mundialmente famosos e de um sem-número

de torneios classificatórios e nacionais, incluindo o Colonial Classic. Os cinco

tinham

atravessado o país apenas para que Sean pudesse jogar.

Obviamente Lily já havia lido sobre aquele lugar nos seus guias de viagem.

Aquela era uma comunidade pacata cercada de pinheiros-americanos imensos

e de pastos de

cor esmeralda rodeados por cercas brancas, onde ficavam os cavalos de caça.

Intrincados caminhos de terra batida para cavalgada serpenteavam por entre florestas

virgens. Cada casa pintada de branco parecia uma jóia numa almofada verde

de relva, idealizada como um cenário de cinema. Aquele era um lugar onde famílias famosas

se estabeleciam: os Firestone e os Beauregard, os Banfield e os Whitney.

Nenhum dos guias de viagem a tinha preparado para o esplendor do amanhecer sulista no momento do nascer do sol, a forma como a luz se derramava sobre os altos pinheiros

pontiagudos, o aroma do campo transportado pela brisa. Ela correu por um

bairro com o nome presunçoso de Royal Oaks, carvalhos reais, embora fosse

forçada a admitir

que havia algo de majestoso naquelas árvores de galhos abertos que

ladeavam a rua principal. Tara, Tara, Tara, pensou na fictícia fazenda sulista,

sob o ritmo da

sua respiração, ouvindo o som abafado dos seus pés em contato com o solo macio. Lily não precisou ir longe para encontrar o campo de golfe onde aconteceria o torneio.

Àquela hora o estacionamento estava deserto, exceto por dois caminhões de cinco eixos, um pintado com a bandeira americana tremulante e o outro de um

verde intenso.

Um deles continha um gerador enorme, e o outro, uma infinidade de equipamentos de alta qualidade, talvez para a contagem de pontos. No momento, eles estavam completamente inativos, dois gigantes adormecidos.

358

Ela reduziu para o ritmo de caminhada e passou por entre os caminhões até um anteparo de grama bem cortada, guarnecido por azaléias cor de-rosa e

uma cerca pintada

de branco. Uma placa na forma de um dedo indicador mostrava o caminho para o campo de treinamento.

Conforme seguiu pelo caminho coberto por pinhas caídas, sentiu-se como se

tivesse entrado numa floresta mágica de esmeraldas. O silêncio era tanto que

ela podia

ouvir o bater das asas de um pássaro acima de sua cabeça e as batidas do próprio coração. Não havia uma brisa sequer, embora a neblina da manhã esfriasse suas pernas

e braços nus.

Ela ouviu o som agora familiar de um taco em ação. Sean tinha praticado ou jogado todos os dias durante a travessia do país, e ela já estava acostumada ao som

do

deslocamento do ar causado pelo movimento da sua tacada, o toe da cabeça do taco batendo na bola sulcada. Então um silêncio demorado, extremamente

demorado, se seguia,

sucedido pelo baque abafado da bola caindo várias jardas adiante.

Interessante como ela reconhecia aquele barulho como sendo o de Sean batendo na bola e o de ninguém mais. Ela estava começando a conhecer o som e o ritmo do seu jogo.

Lily achou que veria vários jogadores praticando em fila no campo de treinamento. Em vez disso, viu apenas um. Sean pareceu-lhe tão solitário sob

a névoa da manhã,

o sol ainda fraco sobre ele. Estava concentrado de uma forma tão intensa que

parecia sob o efeito de um encantamento. Tanta era a sua absorção que Lily teve certeza

de ele não perceber a sua presença.

A cadela estava amarrada a um banco ao seu lado, sua respiração soltando pequenas baforadas no ar. Cada vez que ele batia numa bola, as orelhas dela se levantavam

e ela tremia por antecipação, mas nunca saía correndo atrás de uma delas.

Sean a tinha ensinado a recuperar as bolas distantes, mas só sob seu comando.

Ele manteve sua total concentração ao bater bola após bola muito além das marcas das jardas.

Lily ficou parada no caminho, relutante em interrompê-lo antes que acabasse

com todo o balde atrás dele. Seria justo se ele vencesse, pensou. Pelo bem das crianças,

agora dependentes dele, precisava sair-se bem. Mas Sean

359

era impulsionado por algo mais forte do que aquela necessidade poderosa. Ele

desejava aquilo mais do que qualquer oponente seu pudesse desejar.

- Bom dia - cumprimentou-o quando ele parou.

Babe começou a pular e espirrar em saudação, então se abaixou e

choramingou um pouquinho. Lily ainda era contra a idéia de manter a cadela,

mas, precisava admitir,

era divertido ver alguém entrar em êxtase cada vêz que a via.

- Bom dia, srta. Robinson, - Sean sorriu e secou a cabeça do taco.

- Isso não é serviço para o seu cadie? - ela perguntou.

- A última vez que o vi, ele estava de braços sob um mar de cobertores.

- Ele continuava assim quando eu saí também.

- Sou mole demais com ele.

- É provável.

Sean terminou de polir os tacos que tinha usado. Enquanto trabalhava, mantinha a atenção nela. Lily sentiu uma onda repentina de constrangimento.

Como sempre,

sentiu-se

em desvantagem por estar de shorts de malha e camiseta, em perfeito contraste com a camisa de golfe novinha dele que tinha acabado de sair do saco plástico e com as suas calças cinzaamarronzadas e vincadas.

- Pensei que encontraria mais jogadores aqui - disse ela. - Porque você veio tão cedo?

Ele exercitou os ombros.

- Preciso praticar mais do que qualquer um. Preciso recuperar o tempo perdido.

- Segundo o Red, você tem mais talento inato do que qualquer um neste campo.

- Talento é apenas uma parte do negócio. É preciso praticar como se você não

fosse receber ajuda nenhuma, qualquer que seja, da Mãe Natureza. Porque você não vai

recebê-la. Um jogador que esteja treinando nove horas por dia vai sempre

bater aquele que confia no seu dom natural. Entendeu?

- Por que tenho a sensação de que as coisas não são bem assim? - perguntou ela.

360

- Agora você falou igual ao meu empresário. - Ele apontou para um banco onde havia deixado seus sapatos comuns, uma garrafa térmica e uma caixa de

bolinhos Devil

Dogs. - Eu te ofereceria café - disse -, mas sei que você recusaria.

- Posso vir a surpreendê-lo qualquer dia desses. Posso simplesmente tomar café e comer um Devil Dog.

Ele abriu um sorriso.

- Eu gostaria de ver - disse. - Gostaria de ver você fazer um monte de coisas.

Ela sabia que a conversa estava se aproximando de um terreno perigoso, mas

avançava cada vez mais na direção dele, mesmo sabendo que não devia.

- Como o quê?

- Sei lá. Todo tipo de coisas. - Ele sentou-se e curvou-se para trocar os sapatos. - Ficar bêbada e tirar a blusa. Eu gostaria de ver isso.

- Você e todos os garotos da sétima série da América. Cresça, Maguire.

- Por quê?

- Porque você é um adulto. E devia se comportar de acordo com a sua idade.

- Gosto do meu lado de garoto de sétima série.

- Aparentemente, a American Golfer também. - Red Corliss chegou, vindo do

estacionamento. Entregou o tablóide para Sean. - Primeira página, meu

amigo. Você atraiu

a atenção deles na partida de Park City.

Sean teve um sobressalto, sorrindo encantado.

- Red, eu não estava te esperando.

Lily percebeu que Babe estava controlando o impulso de pular em cima da visita e cheirá-la. Sean parecia controlá-la com um gesto sutil da mão, o que

Lily achou

fascinante.

Assim que Lily se levantou para cumprimentar Red, entendeu como aquilo era

importante. Red Corliss era um empresário ocupado que não tinha tempo de ir

a todos os

eventos dos seus clientes.

- Red, você se lembra da Lily?

- Claro que sim. - Trocaram um aperto de mãos. - É bom encontrá-la em circunstâncias mais felizes - disse-lhe ele gentilmente.- Como estão as crianças?

- Estamos vivendo este verão um dia de cada vez- respondeu Sean. Sua frase inclusiva deu a Lily uma sensação de solidariedade para com ele. Tinham

uma intimidade

diferente, proveniente da devoção que partilhavam para com as crianças.

Talvez fosse isso, pensou ela. Talvez isso justificasse a química entre eles. Se

fosse assim,

então ela era sensata ao evitar se envolver com ele. Apaixonar-se por um homem porque ele tomava conta de três crianças que por acaso ela também amava não era uma boa idéia.

- Vamos ver se as crianças já levantaram - disse ela.

- Esta é a nossa última aquisição - Sean disse a Red, prendendo a guia à coleira nova de Babe. - O nome dela é Babe. Charlíe a avistou na beira da estrada e nós a adotamos.

- Ótimo - disse Red. - Quem sabe ela não fecha contrato com a Purina?

- Você não tem jeito mesmo - disse Sean.

Voltaram juntos para o camping. Lily observou Red com um certo divertimento.

Ele claramente estava acostumado a um padrão diferente de viagem. Crystal teria reconhecido

a marca do seu terno e dos seus sapatos. Lily sabia apenas que eram caros.

- Então, o que a imprensa esportiva tem a dizer? - perguntou ela. Ele deu o jornal para Lily. Tinha uma foto em close de Sean logo após ele ter dado uma

tacada,

quando seus olhos ainda acompanhavam o vôo da bola. A câmera ama esse homem, pensou, ao perceber que os fotógrafos tiraram partido das suas feições clássicas, dos

seus olhos azuis cristalinos, da tensão e da concentração do seu rosto.

A manchete acima da dobra do tablóide dizia:

"De Playboy a Homem de Família".

Ela leu alto e riu.

- Pode debochar à vontade - disse Red. - A imprensa está explorando essa imagem ao máximo. - Pegou o tablóide e o balançou para Sean. - Lembre-se

apenas de uma

coisa:

hoje você tem uma história que

362

eleva o astral das pessoas. Basta ferrar com a próxima rodada que amanhã você...

- Ele tem dado tacadas maravilhosas no treino - Lily o interrompeu. Era nova no

mundo do golfe profissional, mas sabia instintivamente que concentrar-se no

lado

positivo era a maneira mais certa de obter um bom resultado. - Ele e o Cameron, juntos, funcionam como uma máquina bem lubrificada.

- Sei disso. Queria que você tivesse um caddie mais experiente, mas talvez seja melhor ficar com ele. Ajuda no trabalho de RP também.

- Não é por isso que estou com o Cameron - disse Sean. - Estou com ele porque ele é bom.

363

Capítulo 41

Cameron estava sentado no banco do motorista do Winnebago, fingindo dirigir.

Teria que trabalhar como carregador de tacos na maior partida do verão e

estava cansado

de sentir medo - medo de ser caddie, medo de beijar uma garota, medo de dirigir. Estava sentado no banco confortável do motorista, sentindo a mola macia dos pedais

sob os seus pés e o grande volante sólido em suas mãos. Encontrava-se sozinho. Os outros estavam no campo de golfe, no churrasco de abertura do torneio. Ele tinha

aproveitado a oportunidade para dar uma escapada e tentar ligar para Becky, mas não conseguira. Ela ainda estava trabalhando.

Uma diferença de fuso horário de três horas era mesmo uma aporrinhção. Ele sentia tanta falta dela que às vezes doía o simples fato de respirar. Ela tinha

um papo

incrível, era engraçada, inteligente e nem um pouquinho preocupada com o que as pessoas pensavam dela. Até se tornarem amigos, Cameron não sabia como ela era liberada.

Alguns dos seus amigos íntimos tinham se afastado dele após o acidente e Becky dissera-lhe para parar de se preocupar com aquilo.

"A dra. Phil sempre diz que a gente se preocuparia menos com o que as pessoas pensam da gente se soubesse como elas raramente fazem isso."

Ele gostaria de poder dirigir até onde ficava Sonora, na Califórnia, para vê-la.

Droga, ele gostaria de conseguir dirigir e ponto final.

364

Ele sabia dirigir. Tinha sido o melhor aluno no treinamento de direção segura

na auto-escola. Saber dirigir não era o problema. Dar um tipo de chilique a partir

do momento em que sentava na frente do volante, esse sim é que era o problema.

Ainda assim, naquele momento, sentiu-se completamente calmo dentro do Winnebago. O camping estava praticamente deserto. A maioria dos jogadores

profissionais estava

hospedada nos resorts próximos do campo com serviço de quarto e piscina.

Sem contar com um trailer Airstream em forma de bala, Cameron tinha uma parte grande e reta

do parque só para si.

O pára-brisas emoldurava uma vista do riacho e do bosque adiante. Cameron

transformou aquela vista no quadro de uma estrada rolando à sua frente em toda a sua glória

asfaltada, levando-o direto até o horizonte. Descobriu que embora não fizesse

aquilo há anos, ainda se lembrava de como imitar o barulho do motor com a boca. O som

era o mesmo de quando tinha seis anos e fazia parte de uma família feliz. Em

pouco tempo estaria na metade do caminho para Memphis.

Ao sair de Phoenix, estacionou e imitou o barulho do freio. Aquilo era muita

idiotice. Ele deveria estar dirigindo de verdade.

Enfiou a mão no bolso dos shorts à procura das chaves. Ele não fazia idéia se

a chave da porta também funcionava na ignição, como num carro comum.

Não funcionava. Sentiu-se ao mesmo tempo aliviado e decepcionado.

Olhou para as chaves na sua mão. Elas estavam presas a uma etiqueta que dizia "Isca para pescaria Rex". Talvez fosse uma daquelas chaves. Talvez

fosse a chave onde

estava escrito "ignição".

Certo, agora ele não tinha mais desculpas. Tinha um estacionamento deserto

com todo o espaço do mundo. Tinha o Winnebago inteiro só para ele.

Estava

na hora. Dali

a pouco voltariam para o oeste novamente, para Comfort e para todos os problemas e dilemas que ainda estariam lá esperando por eles.

Cameron sentiu um início daquele ataque de pânico dentro do peito. Respirou

fundo e ignorou a sensação de enjôo. Logo desceu do carro para recolher os cabos

de água e eletricidade do trailer. Voltou para o banco do motorista.

365

Agora, pensou.

Cinto ajustado, chave na ignição. Marcha em ponto morto. O motor ganhou vida, o ronco reverberando por baixo da carroceria e então para dentro das suas entranhas.

Ele sentiu que apertava o volante com as mãos e forçou-se a relaxar.

- Agora, calma! - disse baixinho. - Vá com calma.

Pouco a pouco, soltou o freio de mão e passou a marcha. Foi fácil. Ele já havia

feito aquilo mentalmente umas mil vezes. A seguir, com a suavidade de um peixe deslizando

num riacho, deu a partida. Dirigindo. Foi devagar como se fosse uma velhinha,

mas não tinha problema. Aquele carro mais parecia uma barca e requeria

alguma prática.

Para ele, era como se estivesse voando. Dirigiu pelo parque, passando pelas vagas em ziguezague. Fez cada curva como se fosse um profissional, rapidamente percebendo

a hora certa de virar e o ângulo da curva. Deu três voltas pelo estacionamento

do parque e sentiu-se relaxado o suficiente para ligar o rádio. Aerosmith, perfeito.

Mais algumas voltas e baixou o vidro, o cotovelo apoiado na janela como um

caminhoneiro experiente.

Finalmente, virou à direita na direção da saída. A família devia estar cansada

depois de um dia inteiro de atividades. Achou que gostariam de uma carona para casa,

mesmo sendo ela a poucos quarteirões do campo de golfe.

Dirigiu abaixo do limite de velocidade permitido nas ruas residenciais que davam em Royal Oaks, mas não tinha problema. Não tinha ninguém atrás dele.

Quando virou para o estacionamento do campo de golfe, achou melhor ficar mais na borda para não entrar num engarrafamento. O churrasco ainda estava

a todo o vapor.

Ele pôde sentir o cheiro da carne assando e ouvir o balanço da música country

saindo dos alto-falantes.

O caminhão de um bufê estava encostado de ré para a sede principal e trabalhadores de uniforme branco corriam de um lado para outro. Uma garota

muito parecida com

Becky empurrava uma caçamba de lixo enorme na direção dos contêineres de

coleta de lixo.

Cameron prestou atenção nela por uma fração de segundo longa demais.

Quando voltou a atenção novamente para onde estava indo, um

366

segundo carrinho carregado de latas de lixo surgiu à sua frente, saindo de trás

do caminhão.

Embora estivesse dirigindo à velocidade de uma lesma, o impacto soou como

uma explosão. Todo o lixo foi cuspidos para fora das latas: pratos e xícaras descartáveis,

sabugos de milho e litros de molho de churrasco, guardanapos, cachorros-

quentes pela metade, pontas de cigarro e ketchup. Uma gororoba qualquer -  
salada de repolho,

talvez - caiu sobre o pára-brisas do Winnebago com um barulho gosmento.

Cameron, de alguma forma, conseguiu parar logo o trailer e desligou o motor.

Desceu apressado e saiu correndo na direção do incidente.

- Alguém se machucou? - perguntou, o pânico cravando-lhe suas garras novamente.

Um dos trabalhadores, cujo uniforme branco bordado com o nome Roy estava

agora todo respingado de molho rosê, fuzilou-o com o olhar.

- Não, seu panaca - disse o indivíduo. - Mas você vai ter que dar uma boa faxina por aqui.

- Claro que sim - disse Cameron. - Meu Deus, desculpe. Não vi você. - Ficou

olhando para o estrago, tentando pensar no que fazer primeiro. Uma pequena

multidão se

reunira à sua volta. As pessoas apontavam e trocavam comentários.

Ótimo.

Um repórter e um fotógrafo se aproximaram. O repórter gritava perguntas:

- Alguém se feriu? De quem é esse Winnebago? - Vírrou-se para Roy. - O

senhor viu o que aconteceu?

Roy inclinou a cabeça para Cameron.

- O panaca aqui não viu por onde estava dirigindo aquela coisa.

A lente da câmera e o repórter voltaram-se para Cameron. Ele chegou a pensar que, embora não quisesse exatamente morrer, se um raio por acaso aparecesse no céu e

o atingisse naquele exato momento se sentiria abençoado.

Mas não haveria bênção para ele, percebeu tão logo viu o tio abrindo caminho

por entre as pessoas, na sua direção.

367

Agora o bicho pega, pensou Cameron. Ele e o tio estavam se dando tão bem,

muito melhor do que ele já tinha se dado com o pai. Aparentemente, aquilo estava prestes

a terminar. Ele acabaria sendo apenas o boboca inútil que seu pai achava que

era; agora Sean pensaria a mesma coisa também.

- O movimento está fraco hoje, Donny? - Sean rosnou para o repórter.

Don pareceu indiferente.

- O senhor conhece esse jovem?

- Dá um tempo! - disse Sean, aproximando-se de Cameron.

- Olá - disse Sean.

Oh-oh. Cameron remexeu-se nervoso, esperando pela tempestade.

- Olá.

- Então você, ah, você estava dirigindo essa coisa?

Todos os tipos possíveis de desculpa ficaram entalados na sua garganta, mas tudo o que saiu foi:

- Estava.

- Você acha que consegue tirá-la do meio do caminho e dar uma limpeza nessa

sujeira?

Caramba, pensou Cameron, com todas aquelas pessoas olhando?

- Consigo - disse ele. Esperou não estar mentindo.

Sean deu uma olhada no pára-brisas com restos de salada de repolho ainda escorrendo. Estava com o rosto todo contraído, os lábios apertados, os olhos azuis cintilantes.

Cameron nunca o vira tão furioso assim.

- E você sabe como ligar o limpador de pára-brisas? - perguntou, a voz tão dura quanto todo o resto dele.

- Acho que sim. - Cameron estava com a boca seca, como se a vergonha

tivesse chupado toda a saliva existente nela. Então percebeu algo no tio.  
Não

era raiva o que

o estava mantendo tão duro e hirto. Era vontade de rir. Ele estava morrendo  
de

vontade de rir, fazendo o possível para se controlar.

Por fim, sem conseguir mais se conter, explodiu numa longa gargalhada.

- Então acho melhor você ligar o limpador de pára-brisas antes de dirigir  
essa

coisa de novo - disse-lhe.

368

Lily ficou satisfeita quando viu que Red Corliss assumira o comando da  
situação. Embora a administração de episódios como "lata de lixo versus  
trailer" não fizesse

parte das atribuições normais de seu ofício, ele não hesitou nem por um

momento quando pediu a Cameron para conduzi-lo até o lava-jato mais

próximo. Mais tarde,

todos se encontraram no hotel de Red, pois ele havia prometido um banho  
de

piscina a Charlie.

Ao lado do campo de golfe, o Colonial era um resort espaçoso e elegante  
que

hospedava grande parte dos melhores jogadores do torneio. Dois porteiros de

cartola vermelha

e fraque abriram as portas para a recepção tevestida de bronze e mármore.

Havia uma rotunda com teto de vitral e uma réplica do Cristo Velado, de

Giuseppe Sammartino,

ao centro. Lily parou no caminho para admirá-la. Aquela era uma das principais

obras primas que planejara estudar na Itália naquele verão, uma escultura tão

genuinamente

sofrida que era conhecida por levar as pessoas às lágrimas.

Ela quase chorou diante da réplica à mostra sobre um enorme pedestal

lustroso de mármore. Aquele retrato fiel do sofrimento era perturbador e ela

logo olhou para

Charlie, Cameron e Sean para ver se eles também estavam comovidos como

ela. Cameron estava ocupado observando duas adolescentes de cabelos

macios, minissaias

curtinhas

e frente-únicas, enquanto Charlie ensinava Ashley como pular amarelinha no

chão quadriculado de mármore branco e preto. Sean e Red continuaram a

andar, concentrados

na conversa. E Lily pegou-se sentindo saudades de Crystal com uma intensidade tão dolorosa que ficou sem ar. Não fazia idéia de que tipo de trabalho estava fazendo

com aquela família desmantelada. Em alguns momentos achava que estava indo bem. Cameron tinha finalmente conseguido dirigir, apesar dos resultados.

Ainda assim,

outras vezes sentia-se completamente perdida, tão perdida quanto Charlie na

primeira manhã em que acordara e descobrira que a mãe com quem tinha sonhado era exatamente

aquilo, um sonho apenas.

- Lily! - chamou Charlie, segurando-a pela mão. - Olhe a piscina!

Elas a viram através das portas envidraçadas no final da colunata do corredor.

Era um octógono azul-turquesa cintilante com uma réplica da Fontana di Trevi

e até

mesmo uma grande escada em caracol levando para o lado mais raso. O retrato perfeito da ostentação espalhafatosa.

Lily levou as meninas para o banheiro feminino e ajudou-as a vestirem os maiôs.

- Onde está o seu? - perguntou Charlie.

- Eu vou ficar só olhando. Charlie franziu todo o rosto, confusa.

- Ficar olhando? Você viu aquela piscina? Como você pode querer ficar só olhando?

- Não tem problema - disse Lily, mantendo a voz baixa. Não havia por que confessar àquela criança que ela passara a vida inteira com medo de água. A

única razão

pela qual sabia nadar era porque precisara passar num teste de salvamento na

faculdade e assim conseguir um certificado para lecionar nas férias de verão.

- Vamos lá, Lily, não vai ser a mesma coisa se você não entrar na água - disse

Charlie. Ela e Ashley estavam lindas em seus maiôs amarelos. O de Ashley tinha ainda

um babadinho no bumbum.

- Eu não trouxe maiô. - Lily tinha um no trailer, mas conseguira dar um jeito de

seguir viagem sem precisar usá-lo uma só vez.

- Nós vamos conseguir um para você - disse Charlie, num tom amável, porém

autoritário - exatamente, estranhamente, como sua mãe. - Tem uma loja do outro lado do corredor.

- Lojas de hotel são caríssimas.

- O tio Sean vai ganhar um milhão de dólares amanhã - disse Charlie, determinada. - Ele vai te dar dinheiro para o maiô.

- O seu tio não vai me dar nem um centavo! - ela se apressou em responder, na defensiva. - Eu tenho o meu próprio dinheiro.

- Então você vai usá-lo. Pegue o seu cartão de crédito e vamos encerrar o assunto. - Era exatamente o tipo de coisa que Crystal diria. Então Charlie começou a ficar

chateada. - Quero muito que você nade com a gente.

- Por favor - disse Ashley baixinho, como se tivesse entendido toda a conversa.

Lily deu um suspiro forte.

- Vocês duas. - Ela levou Ashley para o deque da piscina e a entregou para Sean. Por alguns segundos, Lily ficou com a boca seca e sem fala

diante daquele peito nu e musculoso, já molhado por um mergulho. Então  
lhe

explicou que tinha esquecido o maiô e teria de comprar um na boutique do  
hotel.

- Mande cobrar no meu quarto - disse Red, descansando de shorts com  
estampa havaiana e um charuto apagado entre os dentes.

- Não posso aceitar.

- Diga que fará isso ou vou fazer compras com você.

- Isso é uma conspiração - disse ela, saindo apressada para a loja. Charlie  
insistiu em ir junto. A menina fazia compras com o mesmo olhar clínico da  
mãe

para cor

e estilo, e logo descartou o maiô preto e o azul-marinho que Lily tinha  
escolhido.

- Experimente esse - disse ela, empurrando-lhe um biquini no cabide, por  
baixo

da porta. - E sem reclamar!

Era um biquini cereja, quase escandaloso, e, mesmo contra a sua vontade,  
Lily

foi obrigada a admitir que Charlie tinha razão. Ele era... um arraso. Antes  
que

pudesse

mudar de idéia, pediu à vendedora para cortar as etiquetas e finalizou a

compra. Morrendo de vergonha, voltou para o deque da piscina com Charlie.

Qualquer esperança sua de poder simplesmente passar despercebida foi destruída pela menina.

- Tio Sean, olha só a Lily! - gritou. - Ela me deixou escolher o biquini!

Com Ashley nos braços, ele virou-se na direção delas. O olhar que dirigiu para

Lily varreu-lhe o corpo como uma queimadura de sol.

- Bom trabalho, Charlie - disse. - Pule!

Lily foi discretamente até à borda da piscina, onde se sentou molhando os pés

no lado mais raso. A água estava deliciosa após um dia de fortíssimo calor sulista.

Imaginou-se afundando por completo, deixando a água cobrir-lhe o rosto, a cabeça, e esse mero pensamento fez com que recuasse. Esperava não chamar atenção para o

fato de não ter entrado na água, pois não gostaria de ter de explicar que tinha

medo. Aquilo parecia tão tolo, mas aquele velho pavor era muito real.

Enquanto Red observava as meninas na parte rasa da piscina, Sean nadou debaixo d'água e emergiu na frente de Lily.

- Você não entrou na piscina - disse ele.

- Estou molhando os pés.

- Quero ver você toda molhada.

- Você é um pervertido, sabia?

Ele nadou para trás, os braços abertos.

- Sou o Homem de Família do golfe. Você não lê as páginas esportivas?

- Então você devia agir como tal, não como um pervertido.

- Mas, querida, quando estou ao seu lado não consigo me controlar.

## Capítulo 42

Para falar a verdade, Lily tinha se tornado uma leitora ávida das páginas esportivas. Na manhã seguinte, quando abriu o caderno de esportes do

Raleigh Durham Gazette,

quase engasgou com o chá. Havia uma foto de Sean com a mão no ombro de

Cameron, sua cabeça jogada para trás numa gargalhada. O olhar de Cameron

era de um alívio

temeroso. A manchete dizia: "Calouro Azarado é Caddie no Torneio". O repórter, Donny Burns, tinha escrito uma nota jocosa sobre o "incidente da caçamba de lixo",

como ele o chamara.

"Vamos torcer para que a colisão do Winnebago de Sean Maguire com a caçamba de lixo do Bufê Carolina não seja um anúncio do que vai acontecer no torneio de sábado.

E vamos esperar ainda que o incidente cadie/bufê não afete o desempenho do jovem Cameron Holloway. Embora seu pedigree no golfe seja impecável - ele é

filho do falecido campeão do circuito PGA, Derek Holloway, e sobrinho de uma

vez campeão do Masters, Maguire -, Cameron Holloway ainda não tem experiência em jogos de torneio. Sua

performance como caddie de Maguire poderá ser a chave para uma carreira duradoura de sucesso, ou para sua derrota..."

- Lily, qual o problema? - perguntou Charlie, pegando sua granola.

Lily estava prestes a dobrar o jornal, mas mudou de idéia. Não havia razão para esconder aquilo. Ela virou a foto na direção de Charlie.

373

- O jornal publicou esse artigo extremamente inapropriado sobre seu tio e o seu

irmão.

Charlie analisou o artigo com atenção, enquanto Lily dava outra banana para

Ashley. Estavam apenas as três tomando o café da manhã. Sean e Cameron

tinham saído

de

madrugada para se aquecerem para a primeira rodada do torneio.

- Essa é uma boa foto do tio Sean - observou Charlie.

Não havia possibilidade de sair uma foto ruim dele, pensou Lily.

- Mas acho que o jornal se enganou - disse a menina. - O Cameron não é inexperiente em jogos de torneio. Lily virou a cabeça abruptamente.

- O que você disse?

- Que o jornal está errado. Uma vez, o Cameron foi caddie do papai.,. --

Charlene Louise Holloway. - Lily sorriu. - Você leu esse artigo sozinha.

Charlie colocou um punhado de granola dentro da boca, esperou acabar de mastigar e disse:

- A gente devia ir. O torneio começa na hora.

Lily prendeu os cabelos para trás num rabo-de-cavalo e pôs a viseira do patrocinador que fazia jogo com a bolsa e a garrafa de água: tudo de um branco reluzente,

com pontinhos nas cores primárias. Crystal ficaria apavorada. Seu senso de estilo teria sido gravemente violado.

"Um pouquinho de noção sobre moda poderia mudar a sua vida", ela diria.

Lily sorriu diante da lembrança. Crystal pensava mesmo daquela forma: mude

seu visual, mude sua vida.

- Você fica bem com essa viseira - disse Charlie. - Vai usar batom?

- Estou usando batom.

- Eu quis dizer batom de cor.

-Durante o dia?

- É claro.

Lily mostrou-lhe suas três opções e passou a que Charlie escolheu, uma cor chamada Melão Silvestre.

374

- E você devia usar meias do tipo sapatilha e não meias soquetes - aconselhou

Charlie.

- Você está usando meias soquetes.

- Estou, mas eu sou criança.

- Estou recebendo assessoria de moda de uma menina de oito anos. - Ela

bateu no ombro de Charlie. - Você é bem filha da sua mãe.

- Sou?

- Sem dúvida alguma. Essa é uma das razões por que eu te amo tanto. Lily percebeu o olhar intenso de Charlie.

- O que foi? - perguntou.

- Você nunca me disse isso antes - observou a menina.

- Bobagem. Digo isso para você o tempo todo - respondeu.

- Não. Não diz. Você diz "te adoro" o tempo todo, mas isso é diferente - insistiu ela.

Lily sentia uma grande e estranha mudança em seu íntimo. Dia após dia estava

ficando cada vez mais difícil manter distância daquela família, manter sua independência

intacta. Era tarde demais, reconheceu, para se proteger contra o sofrimento.

Tinha aberto mão dessa opção havia muito tempo. Agora, tudo o que podia fazer era preparar-se

para a queda. Deixou todos os seus sentimentos por Charlie transparecerem ao dizer:

- Você tem razão. Qual o problema comigo?

- Nenhum. É por isso que eu te amo tanto.

As duas levaram Babe para um último passeio antes de colocá-la na sua gaiola

no trailer. Mesmo com o ar-condicionado e o rádio ligados, Babe não seria uma

campista

feliz. Assim que atraiu a cadelinha para a gaiola com um biscoito canino, um

pensamento passou-lhe pela cabeça: veja no que a sua vida se transformou.

De mulher completamente independente e autônoma, ela tinha se transformado numa pessoa responsável por três crianças e uma cadela. Lily fechou a gaiola e saiu. O uivo queixoso de Babe podia ser ouvido da traseira do trailer.

Dando um largo sorriso para as meninas, perguntou:

- Estão prontas?

375

- Prontas - declarou Ashley.

Lily teve a costumeira briga com o carrinho dobrável de Ashley, que parecia

não se desdobrar nunca. Por fim conseguiu ajeitá-lo e prendeu a menina no lugar. Pôs

um pouco mais de protetor solar nos seus joelinhos gorduchos, embora tanto

as meninas quanto ela já estivessem besuntadas dele.

Ao empurrar o carrinho para os limites do Royal Oak Country Club, Lily logo

percebeu como tudo estava mudado. A atmosfera estava totalmente diferente;

o estacionamento

estava tão cheio quanto o de um aeroporto, toda a área lotada de

espectadores, técnicos, fiscais de campo e pessoas bem-vestidas que Lily não

conseguia identificar

bem. O próprio ar emanava uma energia diferente.

Uma pequena onda de excitação se seguiu assim que um carro enorme e reluzente abriu a multidão em duas como Moisés abriu o mar Vermelho e parou em frente à sede

do clube. -

- O que é isso? - perguntou Charlie.

- Parece uma Umusine Hummer - disse Lily. - Quem pode saber? Red Corlíss

juntou-se a elas, enxugando o suor da fronte ao atravessar o estacionamento.

- Veja só se não são as Meninas Wonder - disse ele, sorrindo alegremente.

- Quem é aquele ali? - Lily apontou para a limusine. Vislumbrou uma camisa

preta com o emblema da Nike passando feito uma bala antes de o homem alto

e atraente ser

engolido pela multidão.

- É o Beau Murdoch. O melhor jogador do ano, no ano passado.

- Quem são todas aquelas pessoas em volta dele? - perguntou ela.

- A comitiva dele. Deixe-me ver. Seu caddie, seu orientador de balanço, seu conselheiro de tacadas no green, seu agente publicitário, provavelmente o seu

advogado,

o seu terapeuta... e por aí vai.

- É impressionante.

- É um negócio da China! - Na entrada, mostraram seus crachás, Um funcionário mal-encarado ficou olhando para Lily.

- E a senhora é...?

376

Lily empertigou-se.

- Sou da comitiva do sr. Sean Maguire - disse em alto e bom som. Uma senhora idosa com um traje de golfe cor-de-rosa atrás deles na fila sorriu para

Charlie e

Ashley.

- Que bela família! - disse ela. - Ele é um homem de sorte.

Lily ficou vermelha ao se atrapalhar para agradecer o elogio e empurrar o carrinho pela área destinada ao público.

- Isso acontece o tempo todo - Charlie disse para Red. - As pessoas sempre pensam que somos uma família.

- Isso te aborrece? - perguntou Red.

- Não.

- Posso fazer parte da sua família também?

- Claro, Red. - Ela tomou-lhe a mão e se equilibrou na ponta dos pés. - Você pode ser o vovô.

- Muito engraçado - resmungou ele.

Lily sentiu-se extremamente gratificada com o comentário, embora tenha mantido a cabeça baixa e desviado os olhos de Red. Ele era muito bom em perceber os sentimentos

das pessoas, e ela, muito ruim em escondê-los. Aquele verão estava se transformando em algo que ela não poderia ter antecipado. A companhia de Sean e das crianças

pusera-a cara a cara com assuntos que normalmente escondia de si mesma, como o quanto sua vida era solitária e como ela prezava a ligação que descobrira ter com

os filhos de Crystal. E, claro, com Sean Maguire.

Lily observou Beau Murdoch afastar-se da esposa. Aquela troca de olhares apaixonados pareceu-lhe verdadeira, embora Lily se perguntasse como podiam

suportar os flashes

das máquinas fotográficas disparando enquanto tentavam se beijar. O casal

Murdoch tinha filhos gêmeos em um carrinho de bebê duplo, cada um com uma

babá para si.

- A mulher é da família Firestone - Red cochichou para Lily. - Como a aos  
pneus,

- Pensei que ela fosse a sra. Murdoch.

Os dois pareciam o rei e a rainha de um baile de formatura do ensino  
médio,

posando e sorrindo para as câmeras. Outro flash disparou e então foi a vez  
de

Lily com as crianças. Em pé diante da placa com o nome dos  
patrocinadores,

Lily surpreendeu-se com Charlíe e Ashley. As duas meninas tinham em  
abundância

o DNA de miss da mãe. Elas estavam simplesmente encantadas em serem  
fotografadas.

Lily não sabia dizer se sua apreensão apareceria ou não nas fotos. Até  
mesmo

durante os disparos dos flashes, sua cabeça estava em outro lugar. Ela sabia  
que o torneio

daquele dia não seria decisivo para a carreira de Sean. O golfe não tinha  
dessas coisas. Havia muitas chances de ele se sair bem - ou mal. Mas a

importância daquele

dia era enorme, significava o seu retorno ao topo do ranking do PGA.

Após baterem a foto, os repórteres viram Cameron e Sean se aquecendo a uma certa distância dali. Lily percebeu todos os olhares voltados para ele, alguns para vê-lo

perder, outros na esperança de vê-lo triunfar. Aquele era um esporte cruel, mas

do tipo que reunia multidões de tamanhos e densidades espantosos.

Acalme-se, Lily, disse a si mesma. Fora isso que o verão prometera ser.

Aquele era o objetivo de toda a odisseia que tinham encarado ao atravessar o

país.

- Eles parecem bem - disse Charlie, quase pulando de excitação. - Estou orgulhosa deles.

- Eu também. - Lily pegou Ashley, que acenou para os dois do outro lado dos

cordões de isolamento. Sean e Cameron as avistaram e Sean respondeu

soprando um

beijo.

Lily desejou guardar aquele momento em seu coração, pois aquela foi uma das

raras vezes em que acreditou que aquela família ficaria bem. Durante o verão,

vinha observando os pedaços quebrados transformarem-se num todo marcado

e fraturado. Não formavam o mesmo tipo de família da época em que Crystal e

Derek estavam vivos, mas formavam, sem sombra de dúvida, uma família. E,

muito embora Lily não tivesse planejado nada, também fazia parte daquela família. Não que tivesse pretendido descobrir aquilo naquele verão, aquilo é que a descobrira.

Todos os dias, acordava pensando neles e fazendo escolhas com eles em mente. Não se colocava em primeiro lugar. Mas o que mais a assustava era o

fato de aquela família

não lhe pertencer. Dependendo do resultado da partida, Sean poderia ser convidado a se mudar de Comfort, levar as crianças para sabe-se lá onde, enquanto batalhasse seu caminho na direção do ranking dos melhores do PGA. Quase fazia mais sentido para ela torcer por sua derrota, mas ela não conseguiria, é claro. Aquela família era um assunto infinitamente mais importante.

Capítulo 43

Horas mais tarde, Lily estava no décimo oitavo buraco, o coração entalado na garganta ao observar Sean terminar a rodada. Charlie estava à sua frente, o

peito

colado no cordão de isolamento. Ao seu lado estava Red, mascando o seu terceiro chiclete de nicotina. Tinham deixado Ashley no salão social com babás

do próprio clube campestre.

Os golfistas, em particular, eram pessoas muito férteis e havia uma infinidade

de outras crianças pequenas para brincar com ela.

Quando Lily viu Sean e Cameron subindo o fairway, fez o possível para manter o controle e não enterrar os dedos como garras nos ombros de Charlie.

Sean estava

a apenas duas tacadas da marcação do líder, Wyatt Allen. Red assegurou-lhe

que num campo com aquele grau de dificuldade tudo podia acontecer. O líder

poderia tropeçar.

Um oponente poderia alcançá-lo. Um desconhecido poderia surgir

inesperadamente e dominar o campo.

Lily achou a posição de espectadora bem agradável. Relaxante até. Havia uma

certa graça clássica numa partida de golfe. Ela gostava da forma educada como as pessoas

se deslocavam em massa ao longo do campo, os aplausos polidos, os momentos de silêncio, como uma inspiração suspensa quando os fiscais de campo levantavam suas placas de silêncio.

Mas não estava relaxada agora. Nem Charlie. Lily podia sentir a garotinha tremendo de excitação. Apesar dos problemas na escola, Charlie tinha talento

no que se

referia ao entendimento sobre jogos de torneio.

Lily percebeu Red olhando para ela.

- O que foi?

- Calma, o nosso garoto está se saindo muito bem. Charlie virou-se e olhou demoradamente para ele.

- Esse é um buraco muito importante, Red. O tio Sean vai ficar por uma ou duas tacadas, dependendo de como jogar agora. Se fizer um birdie, poderá chegar em segundo

lugar na rodada de amanhã.

- Quem é ele, mocinha? - perguntou um homem que ouvira sem querer a sua

conversa.

- É o meu tio Sean, Sean Maguire - disse Charlie.

As placas de silêncio se ergueram. Suas tranças giraram feito hélices de helicóptero quando se virou para observá-las.

O oponente disputando o segundo lugar era o próprio Murdoch, que não parecia nem um pouco preocupado em relação à sua capacidade de roubar a posição de Allen. Era

só uma questão de tempo. Ele deu a tacada perfeita, um layup que, tendo menos intensidade do que uma tacada de longa distância, o levou para perto da água. Sua próxima tacada o levaria para o green, e então ele daria uma outra na direção do buraco, fazendo um birdie e reivindicando o campeonato

para si. A não ser que Sean conseguisse o impossível e chegasse junto.

Sean e Cameron cochichavam no meio do fairway. Até mesmo atrás dos cordões de isolamento, Lily podia sentir a tensão que emanava deles.

Por causa da posição da sua bola, Sean precisaria tomar uma decisão crítica.

O buraco estava a mais ou menos trezentas jardas de distância, protegido por

um azar

de água ao lado de uma grande faixa de areia aberta na terra logo abaixo do declive do green. Wyatt Allen tinha feito par naquele buraco difícil, não uma

finalização

brilhante, mas uma que bastava para mantê-lo na liderança.

Um simples par já manteria Sean na competição. Um birdie lhe daria a segunda posição. Um quase impossível eagle - duas tacadas abaixo do par - significaria um

tiro certo para a vitória.

O mais seguro seria bater a bola até a borda do lago, algo razoavelmente fácil.

Então tudo o que teria a fazer seria dar uma tacada que sobrevoasse o lago e a

faixa

de areia para aterrissar no green, na esperança de um possível birdie.

Então, sobre o que ele e Cameron estavam discutindo?

Cameron estava tentando convencê-lo a usar um certo tipo de taco, que levaria

Sean apenas até a margem do lago, não para dentro dele.

Sean balançou a cabeça, recusando o taco. Em vez disso, pegou um taco para distâncias longas.

Uma exclamação coletiva elevou-se da plateia. Ele não ia tentar a rota segura.

Queria tentar arremessar a bola por cima do lago, por cima da faixa de areia e

chegar

aogreen com uma só tacada, tentando um eagk.

Red praguejou" baixinho:

- Não sei por que me importo.

- Ele nem bateu ainda - disse Lily, pensando positivamente. - Eu o vi dando essa tacada centenas de vezes neste verão.

- Existe uma diferença entre um campo projetado por Donald Ross e um campo

de treinamento.

- Quietos - disse ela. - Dê um voto de confiança para ele.

- Eu já dei - disse Red entre os dentes. - Ele está ferrando com esse voto exatamente agora.

- Quietos - disse ela novamente.

- É isso mesmo - sussurrou Charlie. - Quietos.

O comportamento de Cameron passou do protesto ao encorajamento. Aquilo

era, Lily sabia, sinal de que Cameron era um bom caddie. Mesmo quando o jogador dava uma tacada

ruim, quando resolvia seguir a jogada que tinha em mente, era papel do carregador ser encorajador, concordasse ou não com a estratégia.

Parabéns, Cameron, pensou ela.

Lily prendeu a respiração. Sentiu uma onda estranha de calor ao observar Sean. Mas, quando ele avançou para preparar a tacada, ela sentiu toda aquela

tensão ceder

até se transformar numa calma atípica. Ele podia conseguir. Certamente o universo não seria tão cruel a ponto de tirar-lhe isso.

Sean bateu na bola, uma pancada graciosa com um grande poder por trás dela - a marca registrada do seu balanço. Então não havia nada a fazer a não ser esperar.

O voo da bola de golfe parecia diminuir de velocidade na proporção da tensão das pessoas que a observavam. Aquele orbe branco e pequenino subiu num

arco como um foguete em direção ao firmamento.

Algumas pessoas conversaram com a bola: "Vai, vai, vai" ou "Sobe..."

Não que Sean tivesse tantos fãs. É que os verdadeiros fãs do esporte sempre queriam ver uma tacada audaciosa chegar ao seu destino. E aquilo era mais do

que uma

tacada audaciosa. Aquilo era uma ave-maria. Oração que Lily se pegou rezando assim que a bola atingiu o ápice do arco e começou sua descida na direção da terra.

Ou, no caso dessa tacada em particular, na direção da água.

Não, por favor, pensou, por favor, não caia dentro do lago.

- Meu Deus! - exclamou alguém próximo a ela. - Vai... vai cair no campo.

Lily não pôde acreditar no que via. A bola aterrissou na superfície macia do green. Tinha passado ileso pelo lago, onde várias bolas tinham parado para descansar.

Tinha passado ileso pela faixa de areia e aterrissado no green, a apenas poucos centímetros do buraco.

Ela deu uma olhada no monitor que mostrava o rosto de Sean - pura alegria, uma felicidade tão estonteante que seus olhos brilhavam.

- A bola bateu forte demais - murmurou Red, falando em meio aos aplausos e

gritos de encorajamento.

- E daí? - perguntou Lily.

Então um murmúrio de pesar coletivo percorreu a multidão. A bola desceu tão

forte que rolou para baixo do green, parando no fringe, parte de grama um pouco mais

alta e grossa adjacente ao green.

Pare por aí, Lily desejou ardentemente. Pare exatamente aí, que ele ainda consegue fazer um birdie.

A bola não parou. Ela rolou morro abaixo, pegando velocidade, para então cair,

como um pássaro alvejado no céu, dentro da faixa de areia.

Os murmúrios de decepção tornaram-se muxôxos de reprovação e frases do tipo "eu falei que não ia dar certo".

Lily sabia que os comentaristas esportivos teriam um dia cheio com aquilo.

Essa era a razão de Maguire ser um competidor e não um vencedor; diriam.

Ele acreditava

muito em si mesmo. Recusava-se a se sentir rebaixado por um jogo que premiava a humildade.

Ela percebeu que Wyatt Allen não parecia particularmente feliz com aquele resultado, e sentiu um renovado respeito por ele. Ele não se satisfazia em ganhar apenas

porque o seu oponente tinha feito uma jogada ruim.

Murdoch trazia uma expressão desafiadora no rosto, mas seu andar rápido e animado o traiu. Estava feliz em ver seu oponente com problemas.

Sua satisfação perversa, embora habilmente mascarada, ficou evidente para

Lily. Quando ele se posicionou para bater de leve na bola, direto para o green,

Lily pensou:

Vamos lá, seu cínico. Perca.

E, inacreditavelmente, ele perdeu.

O campeão perdeu sua pancadinha leve para o green. Sua bola bateu na faixa de areia, sulcando a terra fofa antes de parar a poucas jardas da de Sean.

Não se ouviram lamentos dos espectadores naquele momento, mas suspiros incrédulos, até mesmo revoltados.

Tão logo Lily segurou a mão de Charlie e apressou-se junto com a multidão para o último green, passaram por um comentarista que falava numa voz baixa

e animada:

- Senhoras e senhores, esta é uma seqüência de eventos inacreditáveis.

Simplesmente inacreditáveis. Parece que, por meio de técnicas completamente

diferentes, os

dois oponentes encontram-se exatamente na mesma posição. Agora haverá uma corrida desabalada para ver quem chega em segundo hoje.

Era a vez de Murdoch. Ele rodeou a faixa de areia como um leão em torno de

sua presa. Abaixou-se para analisar a posição da bola. Trocou idéias com a sua caddie,

que, aliás, era ainda mais jovem e mais bonita do que a sua esposa.

Momentos

depois, Murdoch fez sinal chamando um árbitro.

- O que ele está fazendo, Red? - perguntou Charlie.

- O filho-da-mãe vai tentar obter um alívio - resmungou Red.

- Filho-da-puta - disse Charlie.

Lily estava tensa demais para lhe chamar a atenção. Após uma demora excruciante, durante a qual seus nervos já abalados estiveram a ponto de levá-

la a um colapso,

ficou estabelecido que um formigueiro ao lado da bola do campeão constituía

uma condição de terreno anormal. Red confirmou que, fosse uma marmota ou

uma formiga,

as regras eram claras. Um animal lurador é o que faz tocas ou buracos para habitação ou abrigo, tal como um coelho, uma toupeira, os geomiídeos, uma salamandra -

ou até mesmo uma mísera formiga.

Como previsto, o truque funcionou. Foi declarado que a bola de Murdoch tinha

encontrado uma obstrução. Ele podia abandoná-la.

- Ele podia abandonar aquela bola dentro do buraco dele - resmungou Lily, sentindo-se decididamente maldosa.

- É isso mesmo - disse Charlie. - Bem dentro da orelha dele.

- O golfe é um jogo que não perdoa - o comentarista murmurou no seu microfone. - Um jogador precisa fazer uso de toda e qualquer vantagem que encontrar.

- Por que o Sean também não consegue um alívio? - quis saber Lily.

- Longe demais do formigueiro. - A voz de Red foi de puro sarcasmo. Assim

que Murdoch se preparou para bater na bola recém-posicionada, Lily tentou rogar aquela

mesma praga novamente. Dessa vez, ela pareceu não funcionar. Ele bateu uma bola alta e muito precisa na direção do green, caindo a uma distância muito próxima do buraco.

- O tio Sean bem que podia botar a bola no buraco agora - manifestou-se Charlie. - Neste exato momento, com uma tacada só.

Os espectadores à sua volta lançaram-lhe olhares afetuosos e indulgentes.

Lily jamais tolerara pessoas que tratavam as crianças com ar de superioridade.

- Ela tem razão - concordou Lily, - Ele precisa acertar o buraco na próxima tacada.

- É, e eu preciso ganhar na loteria - disse um homem numa voz entediada.

Por mais curioso que pareça, Cameron passou a impressão de extrema

segurança ao entregar um taco para Sean.

Sean ajeitou sua pegada o melhor que pôde nas circunstâncias. Sua bola se encontrava na parte terrosa do declive, junto à do azar de areia, impedindo-o

de ver a bandeira e forçando-o a dar uma tacada às cegas.

Ele bateu na bola. Uma névoa de areia obscureceu tudo. Então a bola foi libertada, subindo rapidamente a partir da borda do azar de areia. A bola nem

sequer tocou

o green, caindo exatamente dentro do buraco com um toe oco, rodopiando antes de se acomodar em seu novo lar.

Após um breve momento de silêncio e incredulidade, seguiu-se um

pandemônio. Gritos e aplausos travejaram nas laterais do campo. Era isso que

as pessoas tinham ido

lá para ver.

Sean levantou as mãos direto para o céu, num gesto de satisfação suprema.

Lily só se lembrou de respirar novamente quando o viu caminhar até o buraco,

abaixar-se, tirar a bola de lá e segurá-la alto. Então abraçou Cameron e deu-lhe um

beijo ruidoso na cabeça. Cameron estava feliz demais para se importar.

Charlie gritava e pulava, as marias-chiquinhas voando. Lily, por outro lado, não

proferiu nenhum som. Ficou olhando maravilhada para Sean, sentindo-se extremamente feliz por ele. Ele estava com o peito inflado de triunfo, o rosto

iluminado de alegria. A seguir, olhou diretamente para ela. Quando seus olhares se encontraram,

o mundo parou, o burburinho da multidão se transformou num ruído indistinto.

Ela não ouviu mais nada além do fluxo do sangue correndo em seus ouvidos,

não viu mais

nada além do sorriso em seu rosto.

Lily levou a mão ao coração. Embora soubesse que ele não poderia ouvi-la,

moveu os lábios claramente ao falar de todo o coração: - Estou tão orgulhosa

de você.

Ele pareceu entender. Alargou o sorriso e manteve os olhos vidrados nos dela

ao levar a bola aos lábios e beijá-la tão logo Beau Murdoch errou o buraco.

Capítulo 44

- Alguns dizem que foi um casamento por amor - disse o comentarista da

ESPN durante o resumo do noticiário da programação nacional daquela noite. -

Um jogador surgiu

do nada para conquistar o coração e a mente dos fãs do golfe do mundo inteiro...

A TV do salão social chamou repentinamente a atenção de todos. Lily estava

junto de Sean quando os cliques começaram a mostrar seu progresso, buraco após buraco.

Depois de toda aquela excitação pós-jogo, Red tinha ficado tomando conta das

crianças, enquanto Sean e Lily foram para o bar tomar um drinque e enfrentar

mais

publicidade, é claro. Lily não se importou. Sentiu-se como se estivesse entre amigos naquela noite. Sean também não, rindo diante das piadas bem-humoradas dos outros jogadores.

Ele parecia relaxado e à vontade, um homem no seu habitat natural.

- Esta foi uma grande vitória para Maguire - disse um dos comentaristas. - Ele

jogou tão bem que nos perguntamos por que ficou tanto tempo afastado.

- Bem, Chad - a comentarista disse com uma sinceridade forçada -, como você

sabe, Sean Maguire passou por uma grande mudança na sua vida pessoal. A

morte súbita

do seu irmão, o popular campeão Derek Holloway, encaixou-se com perfeição

no retorno de Maguire.

Lily tocou o braço de Sean.

- Vamos embora.

Ele recusou-se a sair e prestou atenção na TV. As pessoas à volta remexiam-se desconfortáveis em seus assentos.

- Jan, tenho certeza de que haverá muita especulação sobre o desempenho de

Maguire como conseqüência da sua tragédia - disse o comentarista, chamado

Chad. - Havia

muita coisa dependendo do seu desempenho e ele estava lidando com uma pressão enorme. Alguns irão se perguntar se isso foi um golpe de sorte ou se

ele está mesmo

de volta ao jogo.

- E também por que não deu o ar de sua graça até o seu irmão sair de cena. -

Jan lançou um olhar maldoso para o seu colega.

- Já ouvi o suficiente - disse Lily, imaginando-se com fumaça saindo pelas orelhas.

- Calma - aconselhou-a Sean. - Você precisa encarar essas coisas como um pum que alguém solta na igreja. Prenda a respiração por alguns minutos e o cheiro vai embora.

Como era de esperar, o compacto dos melhores momentos mostrou novamente as repetições do seu desempenho e Lily sentiu Sean liberando o ar preso em seus pulmões.

Então apareceu um close adorável do rosto de Cameron, enquanto ele e o tio

discutiam sobre uma tacada. Era um pouco surrealista vê-los na TV

- Vocês ficam maravilhosos juntos - disse Lily.

- Você também não fica mal - respondeu ele, chamando-lhe a atenção de volta

para a tela da TV

- Ah, meu Deus - sussurrou ela. - Por favor, não.

Red e o assessor de imprensa do patrocinador tinham avisado a todos eles para se considerarem vigiados em tempo integral pelas câmeras. Bem no final

da partida ela

havia se esquecido completamente do aviso.

A câmera focalizou-a em cheio e ela apareceu em destaque. Cada gesto e

nuance seus pareceram demasiadamente dramáticos. A mão subindo até o coração. As palavras

dirigidas apenas para Sean: Estou tão orgulhosa de você.

Então a cena voltou para Sean no momento em que olhou para ela e beijou a

bola.

-.. com esse tipo de devoção, será que o amor está muito longe? - o

comentarista concluiu com uma inflexão de voz artilosa e uma expressão séria.

- Tudo bem - disse Lily, o rosto afogueado ao se levantar do bar. - Preciso ir embora agora.

- Para onde? - perguntou Sean.

- Preciso cavar um buraco para enfiar a cabeça, está bem?

Lily sentiu todos os olhares no bar direcionados para ela tão logo tropeçou, cega de humilhação, rumo à saída. Estava aterrorizada. A câmera não tinha mentido, tinha

simplesmente desnudado a verdade que ela vinha tentando evitar desde que deixaram Comfort, no Winnebago da irmã.

Qualquer idiota poderia perceber como ela estava completa e inadvertidamente

apaixonada por aquele homem. Aquilo era muito constrangedor. Como faria

para encarar o mundo agora?

- Lily, espere! - Sean conseguiu alcançá-la no pátio. - Aonde você vai?

Ela deu uma risada levemente amarga.

- Não tenho muitas opções por aqui. - O que era uma verdade dolorosa. Não

podia dirigir sozinha, não podia esconder-se em casa com um pote de sorvete,

não podia

fugir de uma situação que a estava aterrorizando, muito embora seus instintos

gritassem para que saísse correndo.

- Vamos dar uma volta - disse ele. - Vamos para um lugar mais reservado. -

Deu-lhe a mão num gesto natural. - Aliás, algo que nunca tivemos nesta relação: privacidade.

Lily ficou com a boca seca. Aquela palavra que começava com "R". Ele acabara de pronunciá-la.

- Mas as crianças...

- O Red está tomando conta delas esta noite. - Sean parou e lhe deu aquele seu sorriso de falso pesar, do tipo que a fazia se derreter toda. - Pedi a ele para

fazer

isso. Pedi que ficasse com elas até tarde. Até muito, muito tarde.

- Sean, eu...

- Ei, STR. Azarão - chamou uma voz exageradamente simpática. Beau Murdoch e a esposa passeavam de braços dados pelo estacionamento.

- É o maioral em pessoa - disse Sean. Apertou a mão da esposa de Beau, Barbara, e a apresentou a Lily.

- Belo trabalho hoje - disse Murdoch. - Eu teria lhe cumprimentado antes, mas

você estava cercado pela multidão.

E você foi obrigado a ficar de boca fechada, lembrou-se Lily, embora tenha permanecido calada. Observou-os indo embora.

- Aposto que vocês serão ótimos amigos.

- Certamente.

Os Murdoch se abraçaram como um casal de namorados do ginásio e, por alguma razão, isso fez Lily sentir-se envergonhada.

- Tem certeza de que as crianças ficarão bem com o Red? - perguntou.

- Certeza absoluta. Ouvi dizer alguma coisa com relação a um outro mergulho

na piscina do hotel, e ele provavelmente vai ensiná-las a jogar vinte-e-um.

- Ah, meu Deus...

- Ah, que nada! Vinte-e-um é um aprendizado necessário.

- Não consta no meu currículo.

- acredite em mim, eu uso vinte-e-um muito mais do que contas longas de divisão.

- Quer saber de uma coisa? - disse ela. - Não vou deixar você me aborrecer hoje à noite. Hoje foi um dia incrível e não estou com vontade de me aborrecer.

- Eu nunca aborreço você - protestou ele.

- Está bem. Nunca. Já entendi. - Lily enfiou as mãos nos bolsos do moletom com capuz da Wonder Bread. - Você deveria perguntar o que eu achei tão incrível hoje.

- A minha partida.

Tudo com relação a você, pensou, desesperada para criticá-lo.

- Além disso.

- Tudo bem, o que mais?

- A Charlie leu um artigo no jornal hoje de manhã - disse-lhe, aflita para evitar

aquela palavra que começava com "R". - Eu teria lhe dado nota cem em compreensão

de texto.

Um sorriso surgiu no seu rosto.

- É mesmo?

- Ela está melhorando de verdade. Neste ritmo, estará pronta para a quarta

série no final do verão.

- Você é mesmo incrível, srta. Robinson.

- A Charlie é incrível. - Hesitou, pensando na interpretação de texto espontânea

da menina. - Acho que ela escondeu de nós que sabia ler. Sempre foi capaz de

ler

e simplesmente se recusava ou se bloqueava.

- Por que faria isso? Para chamar atenção? Lily franziu a testa, pensando sobre

o assunto.

O roubo em abril passado, isso sim fora um pedido clássico de atenção. Agora,

continuar a fingir que não sabia ler era algo mais complexo.

- Não tenho certeza - confessou ela. - Preciso pensar no assunto. Eu devia ter

me oferecido para ajudá-la há séculos. Se eu tivesse... - mordeu o lábio, sem

conseguir

terminar.

- Me escute, querida. - Sean pôs as mãos por trás da sua cintura, um gesto perfeitamente natural, mas que quase a desmontou. - Pare de pensar dessa

forma ou você

vai acabar ficando maluca.

- Não sou tão maluca assim. Se eu tivesse ajudado a Charlie antes, talvez nunca tivesse chamado a Crystal e o Derek para a reunião naquele dia de abril.

E então

eles nunca teriam...

- Que droga, Lily, pare! - disse Sean. - Você está se culpando por eles, da mesma forma que passou a vida inteira se culpando por causa do seu irmão.

Não é assim

que as coisas funcionam. Você não é tão importante assim. A chuva cai sobre

os justos e sobre os injustos, você não sabia?

- Isso é da Bíblia.

- Não fique tão surpresa. Sou um babacão, mas sei o catecismo. Escute, você já se puniu tempo demais por causa da Crystal e do Derek. Pare com isso.

Pare de pensar

que é responsável pelo estado do universo.

Ela o encarou, surpresa. Ele nunca tinha falado com ela com tamanha raiva.

Ele também parecia surpreso. Mas logo controlou a raiva e um grande sorriso

surgiu em seu rosto.

- Acho que o que estou querendo dizer é que está na hora de você tirar a blusa.

Ela fez tudo para não permitir que seu humor ou o brilho do seu olhar a perturbasse.

- Eu morreria de frio. - Afastou-se dele, mantendo as mãos nos bolsos e andando ao longo da trilha parcialmente iluminada. - E quanto ao Cameron, hoje? Ele foi demais.

- Ah, entendo, mudança de assunto.

- Bem, ele foi demais. - Ela recusou-se a dar o braço a torcer. - O Red recebeu

uma ligação da revista Teen People. Posso até ver a matéria: "De Vândalo a Vencedor".

- Estremeceu com exagero. - Uma estrela na família é suficiente.

- Então você me acha uma estrela?

- A mídia acha.

- Espero que digam que a minha rodada de hoje foi um sucesso graças a ele. Ele é o melhor caddie que eu já tive.

- Acho que você o fez suar um bocado naquele último buraco.

- Ei, eu é que suei.

- Foi você que decidiu tacar para o green. O Cameron queria que você desse duas tacadas para chegar lá.

- Às vezes você precisa se dar um empurrão.

- O Cameron definitivamente descobriu isso. Ele confiou plenamente em você. -

Lily sentiu vontade de tocá-lo, mas não se permitiu. - Ele está diferente desde o

incidente

com o Winnebago, você não acha? - Partiu para a rotina familiar de ficar

falando sobre as crianças. Essa era a relação deles, e ela queria que

permanecesse assim.

- Eu já devia ter lhe contado. Acho que você administrou bem a situação. No

início, não acreditei que o humor fosse a forma correta de lidar com isso, mas

agora

vejo que foi a resposta perfeita.

- Que bom, porque eu não consegui me segurar. Olho para o Cameron e vejo a

mim e ao Derek quando meninos. Nós éramos uns bobocas às vezes,

exatamente como ele.

- Essa é a solução, então, tratá-lo como o menino que ele é. - Lily suspirou.

-

isso que quero para todos três, Sean. Quero que se lembrem dos pais sem se

sentirem

impedidos pelo sofrimento e pela culpa.

- Já percebeu como nós sempre falamos das crianças? - perguntou ele  
repentinamente.

Perceber? Pois se ela fazia de propósito!

- Isso é um problema?

- Devíamos falar sobre nós.

- O único motivo de haver um "nós" é o fato de essas três crianças...

- Besteira, Lily. - Ele a agarrou sem lhe dar qualquer chance de fugir ou dar  
desculpas e a beijou forte e demoradamente, a boca aberta fazendo

movimentos com a

língua capazes de fazê-la esquecer sobre o que estavam discutindo ou se  
sequer estavam discutindo alguma coisa.

Esse era o problema com relação a Sean. Ele a fazia esquecer. Ele a fazia se  
esquecer de todas as coisas que tinha se programado para lembrar - de que  
deitar e levantar

cedo fazia uma pessoa produtiva. De que uma dieta balanceada aliada a  
exercícios planejados era indispensável para uma boa saúde. De que o amor  
era sempre o precursor

do sofrimento. Ele a estava fazendo esquecer-se daquilo e de repente ela  
também o estava beijando com uma vontade e uma intensidade jamais

sentidas antes.

Quando terminaram o beijo e ele gentilmente descolou seus lábios dos dela, Lily mal podia lembrar-se do próprio nome.

- Devíamos tomar um pileque e comemorar - disse ele. Despreocupada, ela respondeu:

- Sei de uma coisa que eu gostaria de fazer mais do que tomar um pileque.

- Srta. Robinson - sussurrou ele, contornando-lhe o queixo com o polegar -, a

senhorita é cheia de surpresas.

Lily deslizou as mãos sobre as dele, enlaçando os dedos nos seus. Sentiu-se relaxada e destemida, nada parecida consigo mesma.

- Você ficaria ainda mais surpreso se soubesse o que eu gostaria de fazer neste exato momento.

Ele riu, sua risada tão suave e macia quanto um beijo.

- Então não vou deixar você ir embora até me contar.

## Capítulo 45

Quando voltaram para o trailer, Sean não conseguia tirar os olhos de Lily.

Com as mãos trêmulas, ela umedeceu os lábios e os abriu, quase o enlouquecendo ao levar

um Devil Dog escurinho e fresquinho até a boca.

Ele observou seus dentes afundarem naquela massa tenra, observou seus

lábios se fecharem abocanhando aquele recheio macio. Lily fechou os olhos e

soltou um suspiro

que Sean geralmente só ouvia de uma mulher quando deitada de costas.

Ela mastigou devagar, em êxtase, e engoliu. Sob a mesa, Babe balançava o rabo. Por fim, Lily abriu lentamente os olhos.

- Isso... foi... incrível - disse ela ofegante. - Meus dentes estão cantando.

Sean empurrou uma xícara de café fumegante pela mesa.

- Café?

Ela deu um gole do café recém-passado que ele tinha preparado para tomar com os Devil Dogs.

- Estou na profissão errada - confessou. - Eu devia trabalhar para o fabricante

desses bolinhos.

- A cafeína vai te deixar acordada a noite inteira.

- Por mim, tudo bem. Ainda temos todos esses bolinhos para comer, Ele pegou um Devil Dog para si e outro para ela.

- Você é mesmo impressionante, Lily Robinson.

Ela lambeu um pouco do creme branco do canto da boca.

- Sou mesmo. Por quê?

- Não sei. Impressionante.

- Um mistério envolto num enigma?

- Você tirou as palavras da minha boca. Você simplesmente não é como a maioria das mulheres que conheço.

- Como? Seios muito pequenos? Cérebro muito grande?

- Você realmente faz uma ótima idéia de mim, não faz? - Era sempre assim que

as coisas aconteciam entre ele e as mulheres. Se Lily fosse como as outras, acabaria

abandonando-o. Era isso que as mulheres faziam. Elas o abandonavam. Ele parecia não saber como fazê-las ficar ou como desejar que ficassem.

- Tudo bem - disse Lily -, então me diga. Como sou diferente? Ele pôs de lado

os pensamentos perturbadores.

- Normalmente, antes de dormir com uma mulher, nós tomamos champanhe ou

tequila. Não café e bolinhos Devil Dogs.

Ela lambeu o creme dos dedos, um a um, pausadamente, como se soubesse o

que aquilo estava fazendo com ele.

- O que o faz pensar que vou dormir com você?

- Bem. - Ele debruçou-se sobre a mesa para gentilmente retirar-lhe os óculos e

colocá-los ao lado. - Na verdade, é só uma forma de falar. - Debruçou-se novamente,  
dessa vez para soltar o seu rabo-de-cavalo, observando seu cabelo se soltar.  
Adeus, Eulália, a bibliotecária, pensou. - O que quero dizer é que acho que não  
vamos  
dormir nem um pouquinho. - Levantou-se devagar, contornou a mesa e puxou  
Lily para si. - Isso se você concordar.  
Ela o beijou. Era a primeira vez que tomava a iniciativa e estava faminta.  
Sem  
ar. Por fim, recuou.  
- Você está com o gosto dos bolinhos - disse ela.

## Capítulo 46

Quando acordou, Lily tinha um sorriso nos lábios. Um sentimento de paixão, de  
um leve temor e de ternura lembrou-a da noite anterior, das horas furtivas que  
passara  
nos braços de Sean antes de Red trazer as crianças de volta. Embora o  
tempo deles tivesse sido limitado, Lily fora bem e completamente amada, e as  
memórias pulsavam

pelo seu corpo, disparando alarmes de incêndio em lugares escondidos. A noite anterior tinha sido uma revelação. Um sonho. Um êxtase mais suave e doce do que uma dúzia de De vil Dogs.

Sean Maguire, pensou, deixando o nome dele vagar por sua mente como uma

canção inesquecível. Sean Maguire. Estou apaixonada por Sean Maguire.

Era chocante e maravilhoso. Estava com mais medo do que jamais tivera em toda a sua vida, mas, pela primeira vez, não ia deixar o medo segurá-la. Esse

era o peso

que não sabia que carregava. Com o tempo, seu coração fora ficando cada vez

mais pesado, puxando-a para baixo, até que ela nem conseguia mais se

lembrar de manter

a cabeça erguida. Agora que finalmente tinha se libertado, algo inesperado estava acontecendo. Aquele peso tinha desaparecido. Ela estava leve como o

ar, feliz por

viver o momento em vez de planejar o futuro. Não se sentia mais a mesma, a

Lily

Robinson superorganizada e obstinada de antes. Sentia-se como Carmen,

como Dalila, como... Cleópatra.

Tudo bem, pensou, talvez não soubesse o que fazer a seguir. Naquele dia,

Sean teria uma rodada de entrevistas e algumas apresentações públicas, tudo

arrumado

por Red. Lily preferiu não aparecer, queria curtir seus sentimentos sem testemunhas. Estava parada, sozinha na cama, ouvindo, imaginando como seria dormir todas as noites

nos braços de Sean. Ninguém mais parecia ter levantado. Pegou o celular e saiu levando a cadela consigo. Apertando o moletom junto ao corpo, ligou para

Violet.

Mesmo

sendo cinco horas da manhã na costa oeste, precisava ouvir a voz da irmã.

Finalmente provara o doce sabor da revelação. Tinha uma irmã sábia em assuntos que ela

estava apenas começando a apreciar.

Violet atendeu no segundo toque. De início, Lily não conseguiu fazer mais nada

a não ser soluçar ao telefone. De alguma forma, conseguiu transmitir para a irmã que

aquelas lágrimas eram de alegria, não de sofrimento. Quando por fim conseguiu controlar-se, disse:

- Ah, Violet. Nunca me apaixonei antes. Não sei o que fazer.

- Você não tem de fazer nada. Apenas ame.

- Isso parece muito zen.

- Não sei nada sobre isso - confessou Violet. - Apenas sei que quando se está

amando de verdade não é preciso forçar ou questionar nada. Apenas deixe o amor fazer o seu trabalho.

- Foi exatamente o que fizemos ontem à noite.

Violet riu.

- É isso aí, Lily.

- É tão... tão imprudente.

- Você está se ouvindo? Imprudente, como se fosse um mau investimento ou

algo parecido. - Violet fez uma pausa. - O coração não funciona assim - acrescentou, parecendo

muito mais velha e sábia do que ela. - Apenas seja feliz com ele.

- Acho que buscar a felicidade com uma outra pessoa é como procurar pelo início do arco-íris. No minuto em que você pensa que o encontrou, ele some.

- Você é maluca, sabia?

- Já estou preocupada com o impacto disso sobre as crianças.

- As crianças vão adorar. Ver duas pessoas apaixonadas, como isso pode ser ruim? Elas levaram uma paulada perdendo os pais daquela maneira.

Precisam

acreditar em

algo novamente. Como em você e no Sean.

- Eu e o Sean - Lily murmurou, olhando para o dia enevoado. Uma parte dela

ainda não ousava acreditar no que estava acontecendo, mas esquivou-se de

dizer isso

à irmã. Os sentimentos ainda eram muito novos e intensos para serem

descritos. - Preciso ir - disse. - Mas... obrigada, Vi. Você sabe realmente o que

é importante

na vida.

Quando voltou para o trailer, Sean estava arrumando os cabelos das

meninas, movimentando-se rapidamente e falando com uma entonação de VOZ

que imitava, muito

precariamente, a de um cabeleireiro.

- Você só precisa de mais um pouquinho de volume aqui, querida - disse ele,

afofando os cabelos castanhos de Ashley enquanto ela ria. Charlie estava com

as trancinhas

de Heidi naquela manhã, presas no alto da cabeça. Com os fones ligados nos

ouvidos, Cameron brincava com o rádio. A cadela precipitou-se para dentro,

deixando uma

trilha de sujeira por todo o lugar.

Lily ficou parada por um momento sob o batente da porta. Todos lhe pareceram

tão queridos naquele mundo pequenino e calorosamente isolado do resto do mundo.

Sean avistou-a e ofereceu-lhe um sorriso que ela sentiu como um contato físico.

- Bom dia, madame - disse ele. - A senhora tem hora marcada?

- Infelizmente, não.

- Vou ver se consigo encaixá-la. Quer um Devil Dog? - ofereceu, segurando a

caixa.

Ela olhou dentro dos olhos dele.

- Talvez mais tarde.

- Quero nadar no hotel do Red de novo - disse Charlie. - A gente pode ir?

- Seu tio Sean tem algumas reuniões hoje.

- Mas é só à tarde - disse Charlie. - Por favor, Lily.

- Por mim, tudo bem - disse Sean.

Poucos minutos depois, tomaram o rumo do Colonial. Red tinha pedido o café

da manhã na piscina e os recebeu como um tio devotado.

- Bem-vindo à sua nova vida - disse para Sean. - A festa está prestes a começar.

O coração de Lily disparou ao se aproximar da borda da piscina. Estava para

botar o pé no lado mais raso quando mudou de idéia. Seguiu pela borda da piscina e subiu

até o trampolim. A água clara e plácida parecia muito distante, muito funda.

Seu coração acelerou e ela sentiu-se observada por Sean. Estava com medo, mas pela

primeira vez na vida iria ignorá-lo. Então, antes que pudesse mudar de idéia,

pulou e mergulhou. Não ofereceu resistência à água, não lutou para chegar à

superfície. Mergulhou fundo, sentiu os pés roçarem no piso e então subiu

devagar. Seu jeito de nadar era deselegante, mas conseguiu chegar à borda da piscina. Não se saíra tão mal, pensou.

Não se saíra nem um pouquinho mal.

Apoiou os braços na borda e ficou olhando para o céu ensolarado. Ouviu as meninas rindo e brincando na água com Sean. Red e Cameron estavam concentrados numa

conversa à mesa do café. Houve uma pausa naquele sofrimento incessante que lhes fizera companhia durante todo o verão.

Lily viu uma nuvenzinha no céu e fechou os olhos. Aquilo não era real. Na estrada, eram uma família. Mas o verão estava chegando ao fim e a realidade

os aguardava.

## Capítulo 47

O final do verão trouxe o retorno para Comfort e mudanças sobre as quais ninguém conversava, embora todos, exceto Ashley, pensassem constantemente sobre o que lhes

reservaria o futuro.

Para Sean, seria uma carreira que ele encarava com uma nova maturidade.

Não precisaria mais perder muito tempo viajando ou se preocupando com o ranking mundial,

mas apenas com a sua permanência no jogo.

Cameron conseguiu a carteira de motorista e, no mesmo pacote, uma certa trégua naquela raiva latente aliada à sensação de que a vida poderia ser

divertida de novo.

Ainda era o caddie de Sean nos torneios e estava contando os dias para Becky Pilchuk voltar do seu emprego de verão.

Charlie estava lendo. Talvez suas notas ainda acusassem um desenvolvimento

abaixo da média em algumas áreas, mas ela conseguia ler e entender e não temeu o início

das aulas como Lily reudara que fizesse.

Ashley desabrochou como uma rosa no final do verão. Ficou mais bonita e aprendia palavras novas a cada dia. Algumas vezes, ela e Lily se sentavam juntas à tardinha

para ver os álbuns de família.

- Mamãe - Ashley dizia, satisfazendo Lily.

- Nunca se esqueça disso - Lily sussurrava. - Por favor, nunca se esqueça.

- Tá. - Batia a mãozinha numa página. - Papai?

- Bem ali. - Lily apontava para uma foto de Derek. O fato de ele ter feito Crystal

tão infeliz não era algo que aquelas crianças precisassem saber. E, na verdade,

ao olhar para aquelas fotos de família, Lily percebia que um dia eles realmente

fizeram um ao outro felizes. Pelo menos, esperava que sim.

Agora de volta a Comfort, ela se recusava a dormir com Sean, embora isso não significasse o fim daquele desejo insano que a possuía. Mas estava preocupada; às

vezes, apavorada com o que poderia existir por trás daquele desejo. Aquilo não

era um amor de verão, um namorico de viagem que terminaria no Dia do Trabalho. Ela realmente temia que ele fosse o amor da sua vida. Lily tinha passado todos os anos da sua vida adulta evitando precisamente aquela situação, protegendo-se da insegurança e

da angústia. E estava plenamente ciente de que, com um homem como Sean,

a probabilidade de um desastre era enorme. Estavam juntos, mas e daí?

O Dia do Trabalho e o início das aulas estavam próximos e ela chegou a desejar que o ritmo de um novo ano letivo pudesse fazer aquela nova situação

assemelhar-se

com a sua antiga vida. Então procurou lembrar o que havia de tão maravilhoso

na sua antiga vida.

Era uma vida normal, disse a si mesma. Estável e previsível, tranqüila. A vida

com Sean e as crianças era simplesmente o oposto e isso não poderia ser bom para ela.

Na quinta-feira antes do fim de semana do Dia do Trabalho, eles se encontraram com Susie Shea, a assistente social que lhes dera suporte desde o início de toda aquela provação.

- Estou tirando o chapéu para vocês - disse ela para Sean e Lily. - As crianças estão se adaptando bem. - Hesitou e olhou para um e outro. - E quanto a vocês?

Lily entrou em pânico. Sean limpou a garganta.

- Nós também estamos nos adaptando - disse, um pouco sem jeito.

- Isso - concordou Lily. - Estamos nos adaptando. Susie fechou seu livro de registros e olhou para o relógio.

- Voltarei no mês que vem.

Assim que ela foi embora, Sean secou a fronte num gesto exagerado.

- Estou me sentindo como se tivesse chegado em casa com boas notas no boletim.

- E chegou - disse Lily. - Nós dois chegamos.

Mais tarde naquele dia, Violet e a família voltaram a Comfort para finalmente

pegar o Winnebago e ir ao torneio anual de golfe em Paradise Ridge. Embora

fosse de

manhã cedo, todos já estavam de pé quando eles chegaram.

A casa de Sean, pensou Lily. Quando tinha deixado de pensar naquela casa como a casa de Crystal?

Eles estavam esperando no caminho de carros ladeado por baldes, pedaços de

pano e um aspirador de pó. O trailer brilhava por dentro e por fora. Em contrapartida,

o logotipo da Wonder Bread tinha sido retirado. Lily fez as apresentações e as

crianças mais novas logo fizeram amizade, inventando um jogo no pátio dos

fundos com

regras que até mesmo Ashley parecia entender.

- Parabéns pela temporada - disse Rick, apertando entusiasmado a mão de Sean. - Foi impressionante, muito mesmo. Eu dei um jeitinho de fechar um contrato para

montar uma barraquinha no torneio desse fim de semana; portanto, vamos

torcer por você.

- Ei, obrigado. Isso é muito importante. - Ia ser uma grande partida com um bom prêmio. Acontecendo no lendário campo em Paradise Ridge, o torneio era

de alto nível

e de alto risco. Lily sabia que Sean estava pronto. Sabia também como ele estava nervoso.

- Meu Deus - murmurou Violet, dando um passo para trás e observando Sean

e o marido. - Ele é ainda mais bonito do que eu me lembrava.

Você não faz idéia, pensou Lily.

- Você já contou para a mamãe e para o papai? - perguntou Violet.

- Por que eu contaria?

- Bem, para começar, eles são a nossa família. As pessoas normalmente querem que suas famílias saibam... deixe para lá. - Violet balançou a mão, impaciente. - Você

é que sabe, Lily.

Rick, Violet e as crianças ficariam no trailer no campo de golfe. Violet convidou

Charlie e Ashley para passarem o dia com eles. Em poucos minutos, todos tinham ido embora, inclusive Cameron, que estava indo de carro a Portland pegar Becky na estação de Amtrak.

Lily olhou para Sean. Baixou a cabeça, tentando esconder o sentimento delicioso de antecipação que a acometera, mas não adiantou. Ele enxergava através dela,  
sempre.

Sean não disse uma palavra sequer, apenas entrou em casa com passos longos e apressados. Parecia quase zangado. Cautelosa, ela o seguiu, ficando

surpresa quando

ele a agarrou pelo pulso tão logo entrou em casa. Sean a puxou para si e beijou-a ardentemente, um beijo demorado e saboroso até fazê-la sentir-se tonta.

- Senti saudades de você - disse ele, pressionando suas costas na parede do corredor e despindo-a com as mãos: tirando-lhe os óculos, a blusa, os shorts,

enquanto

sua boca a deixava em brasa.

Lá no fundo, bem no fundo, Lily sentiu um impulso de protestar. Mas protestar

contra o quê? Queria aquilo tanto quanto ele, sentira tanta falta dele quanto ele

dela,

e os dois sabiam disso. Houve um certo atrevimento na forma como se

tocaram, uma voracidade que deveria tê-la deixado chocada, mas, em vez disso, deixou-a excitada.

Ela queria aquilo, ela o queria com uma necessidade ardente. Adorava aquela

sua sensação palpável de urgência, a forma como parecia querer engoli-la. Era

tão excitante

quanto perigoso ficar completamente nua na frente daquele homem, as roupas

numa pilha, seus braços a envolvendo num gesto de posse. Ela se rendeu ao seu peito nu,

ao seu ombro suado, um tanto surpresa consigo mesma diante do seu total abandono e paixão.

Os dois estavam ofegantes, Sean rindo um pouco, enquanto se recompunham.

- Srta. Robinson, preciso fazer da senhorita uma mulher honesta. Eu poderia ter dado um mau jeito na coluna, e olhe que tenho um torneio pela frente.

- Vou me lembrar disso. - Lily acabou de abotoar a blusa. - Você não tem uma

entrevista hoje? - Junto com o torneio, o departamento de publicidade de Red

tinha agendado

uma série de entrevistas com a imprensa.

Sean assentiu.

- Mais de uma. Estão mandando um carro para cá.

Mandar um carro. Aquilo parecia surrealista para Lily, quase tão surreal quanto

vê-lo dar uma entrevista na ESPN.

Ele a acompanhou até a porta e agarrou-a para mais um beijo.

- Não pense que vou me esquecer do que disse ainda há pouco, sobre fazer de

você uma mulher honesta - disse ele.

Eu sou uma mulher honesta, Lily quis dizer-lhe. E te amo de todo o coração.

Ainda acalorada após ter feito amor com Sean e sentindo-se estranhamente

fragilizada, Lily entrou na sala 105 da Escola Laurelhurst Country Day e tentou

agir

como se aquele fosse apenas o início de mais um ano letivo. Tentou fingir ser

ainda a antiga srta. Robinson, sem nada mais importante na vida do que

manter sua sala pronta

para o primeiro dia de aula. Ainda assim, ao grampear folhas novas de papel

para rascunho nos quadros de aviso, ao etiquetar as bandejas e rascunhar um

plano de

aula para a próxima quarta-feira, sentiu-se distraída e agitada.

Não era mais a mesma pessoa. Nem sombra do que fora antes. E, com certeza

absoluta, não se sentia confortável em sua nova pele.

Aquilo não tinha nada a ver com sentir-se confortável, diria a irmã.

Lily ouviu a batida ritmada de uma bola de basquete. Olhou pela janela e viu

um menino quicando uma bola na quadra da escola. Era Russell Clark, um dos

seus alunos

favoritos da terceira série. Como ele tinha crescido durante o verão, pensou.

Desejou que permanecesse aquele mesmo otimista inveterado de sempre.

Desejou que ele

nunca deixasse de ser assim.

Desviando o olhar da janela, fez um cartãozinho com o nome de cada aluno

para ser posto em cima da mesa, escrevendo cada nome em letra de forma e

depois em cursivo:

Loretta S., Deanna K., Pete M.... O terceiro ano marcava a transição da

linguagem pictográfica para a linguagem escrita.

O cavalete com bloco de papel estava pronto para a primeira aula. "O que fiz

nas minhas férias de verão?" foi o título, como sempre. Sem pensar,

Lily pegou-se escrevendo sua própria lista com uma caneta hidrográfica cor de

abóbora.

Fui acampar num Winnebago

Fiquei acordada a noite toda

Taquei uma bola de golfe a duzentas jardas

Aprendi a dançar em fila

Comi bolinhos recheados Devil Dogs

Me apaixonei

- Ora, ora - disse Edna, aparecendo à porta. Ela estava naquele seu estilo

calmo e costumeiro, com um vestido de batique e sandálias de contas. -  
Você

andou ocupada.

Eles têm Winnebagos e Devil Dogs na Itália?

O rosto de Lily corou tão logo arrancou a folha do cavalete e a amassou com

as duas mãos.

- Não fui para a Itália. - Explicou rapidamente que tinha passado o verão atravessando o país num Winnebago com as crianças da família Holloway e

com o tio delas.

Foi estranho contar aquilo em voz alta, Estranho e maravilhoso.

- Como elas estão? - perguntou Edna.

- Anos-luz à frente de onde estavam no começo do verão. Elas ainda têm muito

o que superar. - Deu um breve sorriso. - Há momentos inteiros, às vezes horas

ou até

mesmo dias, em que são como quaisquer outras crianças. Então acontece alguma coisa: chega uma carta endereçada a Crystal, ou uma delas encontra um antigo cartão

de contagem do Derek, e aí percebo que nunca vão realmente se livrar dessa dor.

- Não se trata de se livrar da dor, mas de administrá-la e seguir em frente - Ela

jogou o cabelo grisalho para trás. - Então você ficou o verão inteiro apaixonada

por ele e ainda não lhe contou?

Tinha desejado tanto que Edna não tivesse percebido.

- Bem, não em palavras.

- As palavras são importantes, Lily. Você sabe disso.

Pensou nos pais e na idéia de que as palavras podiam machucar. Também

podiam curar, sabia disso agora, mas não respondeu à sugestão de Edna.

Sentiu-se como uma estranha dentro da própria sala de aula, o lugar que costumava ser tão seguro e familiar para ela. Aquele tinha sido o seu mundo, o

seu

jardim, e seus alunos, suas flores. Agora sentia-se distraída pensando em

Sean e nas crianças, e sua idéia de lar adquirira um significado diferente.

- Estou exausta - confessou para Edna. - Pela primeira vez, posso finalmente

compreender o que uma mãe que trabalha fora enfrenta todos os dias.

- A maioria de nós se sai bem - Edna assegurou-lhe. - No entanto, os Holloway

estão lidando com circunstâncias extraordinárias. Andei pensando... talvez você devesse

tirar uma licença para ficar com essa família.

As palavras deixaram Lily sem ar.

- Eles não são a minha família.

- Ah, não? - Apontou para a folha amassada na mão de Lily. - Veja a sua lista.

Não estou sugerindo isso à toa. Você é uma das minhas melhores professoras

e sou uma

tola em dizer isso, mas, se quiser uma dispensa ou uma licença, eu a aprovarei

sem hesitar. A nova turma da terceira série vai se virar sem você. Os Holloway

talvez

não.

- Não posso acreditar no que você está me dizendo.

- O que ela está te dizendo? - O técnico Grég Duncan entrou na sala carregando sua prancheta e sorrindo de orelha a orelha.

- Não é da sua conta - disse Edna em tom brincalhão. - Como você está, Grég? Passou bem o verão?

- O verão foi bom - disse ele. - Olá, Lily.

- Olá.

- Pergunte o que vou fazer neste fim de semana - disse, seu sorriso se alargando. - Vamos, pergunte!

- Está bem, o que você vai fazer?

- Vou jogar no torneio em Paradise Ridge. Tinha uma vaga para um amador daqui e eu me qualifiquei para as finais.

Lily sorriu satisfeita para ele. Durante o verão aprendera a dar valor ao trabalho

árduo, ao talento e à concentração necessários para se ganhar uma partida de

golfe.

- Grég, isso é fantástico!

- Parabéns! - disse-lhe Edna. - Lily vai estar lá assistindo, não vai, Lily?

- Estarei na platéia com as crianças Holloway. O irmão delas vai ser caddie do

tio.

- Excelente! - disse ele. - Torçam por mim, senhoras!

## Capítulo 48

Cameron andava de um lado para outro na plataforma da estação de trem.

Sentira-se particularmente esquisito o dia inteiro desde o momento em que levantara muito

cedo e dissera ao tio:

"Vou até a cidade pegar a minha namorada na estação Antrak."

Há pouco tempo não podia imaginar-se entrando no Subaru da mãe e dirigindo

sozinho até Portland, ou mesmo dizendo para quem quer que fosse que fosse que Becky

Pilchuk era

sua namorada. Ainda assim, fizera as duas coisas e o mundo não acabara, portanto aquilo realmente era alguma coisa.

Sean pareceu-lhe distraído quando concordou em emprestar o carro. Ele tinha

quase certeza de que seu tio e Lily Robinson estavam juntos. Tinha suas suspeitas

desde o dia do torneio Colonial. Naquela noite, Red tinha levado tanto ele quanto as irmãs para um banquete onde saborearam uma deliciosa costela, batatas assadas e sundaes com calda quente de chocolate no restaurante chique do hotel. Cercados pelos melhores golfistas do país, Cameron não conseguiu se conter e agiu como um perfeito

tolo. Quando Phil Mickelson o cumprimentou pelo seu desempenho como caddie de Sean, ele se sentiu com três metros de altura. Pediu a cada jogador

que lhe fizesse

o mesmo elogio por escrito e o autografasse - Para Becky.

Quando voltaram para o trailer naquela noite, encontraram Lily e Sean sentados e calados à mesa, olhando um para o outro, uma caixa de

Devil Dogs pela metade entre eles. Os cabelos de Lily estavam soltos e os óculos ao seu lado. Havia uma energia diferente entre os dois e Cameron logo

entendeu por

quê. Não sabia explicar, mas estava claro como água que estavam juntos agora. Como um casal.

Isso o fez sentir-se estranho, não de uma forma negativa, mas da mesma

forma que se sentia quando pequeno, quando seus pais ainda eram carinhosos

um com o outro.

Ver o tio e Lily daquela maneira fez a terra parecer sólida sob seus pés.

Cameron achou que os dois abririam o jogo tão logo voltassem para casa, mas,

até agora,

nada. Ele não conseguia entender. Após o que tinha acontecido com seus pais, não via razão alguma para Sean e Lily adiarem o que queriam.

Ainda assim, sentiu-se desconfortável e extremamente nervoso enquanto

esperava Becky saltar do trem. Ao mesmo tempo, sentiu-se também

curiosamente adulto ao saber

que o pai dela aprovara sua idéia de pegá-la na estação. E lá estava ele, como

sempre, com aquela tristeza recorrente que o acompanhava como uma febre

baixa. Seu

pai e sua mãe estavam perdendo aquilo. Nunca conheceriam Becky, nunca o

veriam todo arrumado para um baile formal ou para receber o troféu do

campeonato estadual

de golfe. Nunca o veriam fazer algo importante na sua vida, nunca estariam lá

para ajudá-lo a decidir que faculdade cursar, para celebrar com ele ou para

criticá-lo.

Tinha tanta saudade deles que às vezes sentia vontade de dar um soco na parede.

Por toda a estação havia vários avisos chamando a atenção para a segurança e para a área de trânsito restrita aos passageiros, mas ele ignorou a todos e todos pareceram

ignorá-lo também, tão logo desceu um lance de escadas e subiu outro, surgindo na plataforma. Seu piso de macadame era dividido em vários segmentos na forma de losangos,

demarcados com faixas em alto-relevo para evitar que as pessoas escorregassem. Ele ficou parado num desses losangos e pensou no pai. Adra.

Sachs dissera que deveria

fazer isso com frequência, deveria pensar nos pais de uma forma concreta e deliberada. Para ele, seria melhor embrulhar cada pensamento e guardá-lo num lugar especial.

"Até mesmo os ruins?", Cameron perguntara-lhe certa vez.

"Até mesmo os ruins."

Cameron baixou os olhos e ficou olhando para os próprios sapatos. Pensou na

briga que tivera com o pai naquele último dia. Eu te odeio, seu filho-da-puta.

Espero

nunca mais ver a sua cara de novo.

Pode me odiar à vontade, seu merdinha. Agora vê se não se ferra no torneio desse fim de semana.

Até parece que você ia estar lá para ver eu me ferrar.

E isso deveria ajudar?, perguntou-se, passando para outro losango.

Enquanto

os pais das outras crianças as ensinavam a andar de bicicleta, seu pai o

ensinara a dirigir

um carrinho elétrico de golfe. Era tão pequeno que não conseguia alcançar os

pedais quando sentado, portanto ficava de pé como um cobrador de ônibus.

Da

primeira

vez que saiu com o carrinho foi parar direto em cima de uma lavadora de bolas

de golfe, deixando suas cerdas de náilon como bichos atropelados na estrada.

Mas o

pai não ficara zangado. Ele rira e mostrara a Cameron como tacar dentro do

green, e, desde então, Cameron acertava suas tacadas com uma precisão

incrível.

Você tem talento, o pai costumava dizer. Mas não se deixe enganar por isso. O

fato de saber que tem talento apenas faz de você uma pessoa preguiçosa. A verdade é

a seguinte: você terá de praticar duas vezes mais.

O pai de Cameron tinha vivido a vida daquela forma, dando duro, concentrando-se, nunca se fiando apenas no talento. Agora, o seu tio Sean, aquele sim era um exemplo

de talento puro. Não era nada comum alguém ganhar o Masters num ano e perder o cartão PGA no outro. Mas ele tinha mudado. Era um tipo de golfista

diferente agora,

tinha domínio sobre o próprio jogo.

Cameron não sabia com qual dos dois se parecia mais. Provavelmente tinha um pouco dos dois. Mas, na maior parte do tempo, era ele mesmo. Passou para outro losango.

Uma mulher empurrando um menininho num carrinho saiu do elevador. A criança tinha mais ou menos a mesma idade de Ashley, estava com o rostinho

todo lambuzado e um

sorriso que dizia para o mundo que era feliz sem nenhuma razão especial. O pai costumava sentar-se no chão com Ashley, empilhando blocos de encaixe para que ela os derrubasse e ele se fingisse de zangado. Isso costumava fazê-la rir incontrolavelmente, e o pai simplesmente adorava.

Será que ele sabia? Cameron sempre se perguntava a mesma coisa.

Se sabia, isso não tinha interferido na forma como a amara, com certeza. E de

alguma maneira Cameron podia sentir do fundo do coração que o amor do seu

pai por Ashley

não teria mudado mesmo se tivesse descoberto a verdade.

Aquilo significara o fim do amor dos seus pais, embora isso possivelmente tivesse acontecido bem antes de Ashley nascer. Fora o pai quem pulara a cerca primeiro

- com Jane. Ele sequer se importara em esconder. Sua mãe só levou as coisas

um pouco mais adiante e teve um bebê com outro homem. Naquela época, com certeza, a família

inteira estava em frangalhos. Às vezes você sai com a pessoa errada e faz a coisa errada porque não está pensando direito. Talvez tivesse sido isso o que

fizera

sua mãe.

Aquilo lhe pareceu uma coisa idiota, mas agora eles tinham Ashley. E Ashley

era... simplesmente uma dádiva. Uma dádiva boa demais para aquela família

tresloucada.

Passando ainda para outro losango, viu o menininho no carrinho olhar para ele

e piscou. Começou então a brincar de esconder o rosto atrás das mãos, mas a

mãe não

percebeu e logo afastou-se com ele. Cameron tentou parar de pensar na

própria família, mas havia lembretes por toda parte: um expositor de revistas

com uma manchete

sobre a batalha judicial de alguma celebridade sobre a custódia dos filhos. Um

folheto anunciando divórcios por \$99. Ele sentiu seu estômago se revirar por

medo

de que Ashley estivesse correndo risco. Se ela fosse embora, Cameron sabia que a família inteira ruiria. Eles tinham sobrevivido à morte dos pais aos

trancos e barrancos.

Mas perder Ashley...

Imaginou como poderia consultar um advogado sem deixar transparecer que

havia um problema. Poderia simplesmente entrar num escritório de advocacia e

dizer: "Esta

é uma situação puramente hipotética, mas, se uma criança é criada pelo tio por

causa da morte dos pais e, de repente, descobre-se que este tio não é parente biológico

dela, isso muda o seu tutor?"

Se essa fosse a lei, então estaria errada, pensou. Tão logo completasse dezoito anos, votaria para expulsar os idiotas que a tinham formulado.

Cameron empertigou-se. O barulho e a agitação da estação de trem pareceram

morrer tão logo um pensamento claro e perfeito veio-lhe à mente. Em menos

de dois anos

seria adulto perante a lei.

E ele era parente consanguíneo de Ashley. Então seria o seu tutor, Ninguém jamais a tiraria dele. Jamais.

Pela primeira vez em semanas, foi tomado por uma calma peculiar. Ashley

ficaria no lugar que era dela.

O trem silvou e bufou a caminho da estação, e Cameron tremeu diante da expectativa. Ficou surpreso com o número de pessoas que parecia haver dentro do trem e o tempo que demoravam para sair. Aquilo era pior do que um avião, quando todas as pessoas na sua frente demoravam uma eternidade para pegar os seus pertences do bagageiro acima das poltronas, Uma família composta de seis mexicanos desceu confusa, mas disfarçadamente relaxada, do vagão prateado de passageiros e piscou diante da luz.

Um homem sozinho com um terno tão limpo e bem passado que nem parecia ter ficado horas a bordo também desceu do trem, seus sapatos caprichosamente engraxados e brilhantes.

Havia também uma mulher num vestido tingido carregando uma gaiola de passarinho, e um casal de mochileiros que, pela idade, devia ser de universitários. Pela primeira vez desde o acidente, Cameron pôde imaginar-se daquele jeito algum dia, partindo em busca de um futuro.

Em abril passado, não pensara muito sobre o futuro. Tinha se arrastado dia após dia, andando à toa com pessoas que considerara como amigas. Agora,

sabia o que era

um amigo de verdade: alguém que se preocupava o bastante com você a ponto

de você desejar ser uma pessoa melhor, e ultimamente ele andava mesmo preocupado com isso.

Ser melhor. Sair-se melhor na escola, porque isso era importante. Admitiu de

má vontade que a escola era importante. Queria ir para a faculdade, conhecer

o mundo,

ser alguém especial, cuidar das irmãs.

No momento em que avistou Becky se espremendo para sair pela porta do vagão com uma bolsa de lona lotada, o enjoo cessou. Pela forma como ela esquadrinhava a plataforma,

Cameron percebeu que ela ainda não o tinha visto. Estava pronto para correr

na direção dela, quando hesitou por um momento. Ela estava... diferente. Bem

diferente.

Alguma coisa tinha acontecido com ela durante o verão, algo indefinível, porém

real. Ele se sentiu um pouco intimidado pela garota alta caminhando como uma

top model na direção da saída, os cabelos sedosos balançando nas costas.

Então ela o avistou e sorriu,

seus dentes exibindo um brilho branco estonteante no seu rosto bronzeado.

Aquela era a Becky que ele conhecia, brilhando por completo.

Ele correu ao encontro dela, serpenteando em meio à multidão de transeuntes.

E agora?, perguntou-se, na dúvida se deveria segurá-la e abraçá-la, talvez até

mesmo

beijá-la. Em vez disso, ficou lá parado como um idiota.

- Olá - disse ele.

- Olá. - Ela estava ficando vermelha por trás do bronzeado. - Obrigada por vir

me buscar.

- Não há de quê. Posso te ajudar? - Ele pegou sua bolsa de lona e tomaram o

rumo da saída. Estúpido, pensou. Estúpido, estúpido, estúpido.

Cameron ficou olhando furtivamente para Becky e percebeu que ela fazia o

mesmo. Os dois estavam agora mais vermelhos. Ele sentia as orelhas tão

quentes que sabia

que a vermelhidão era visível.

Cameron percebeu os cabelos de Becky quase brancos por causa do sol.

Nenhum dos dois parecia saber o que dizer, onde pôr as mãos ou os pés, os pensamentos ou os desejos.

- Meu carro está por aqui - disse ele, mostrando o caminho. Meu carro. Não o

carro da minha mãe, mas o meu. Finalmente aquilo soava natural. Ele abriu o

porta-malas

e pôs a bolsa lá dentro. E, num dado momento, por alguma razão, parou de

pensar no que fazer ou no que dizer. Virou-se para ela e pôs as mãos em seus

ombros. O contato

com sua pele foi bom. Perfeito.

- Senti saudades suas - disse, abaixou-se e beijou-a, simples assim. Seus lábios eram doces e quentes e ele sentiu uma onda de felicidade tão pura e cristalina como

nada que sentira desde o acidente.

Ela recuou e olhou para ele com os olhos brilhantes.

- Também senti saudades de você.

Ele pegou-lhe as duas mãos.

- Eu não te dei um beijo de despedida - disse. - Fiquei pensando nisso o verão

inteiro. Eu devia ter te beijado. Eu gostaria de ter te beijado

- Você me deu um beijo de boas-vindas. Isso é melhor.

Cameron acordou com um vento fresco entrando pela janela do seu quarto e soube que ia chover logo. Teve uma nítida percepção do tempo ao sentir a umidade do ar e

o calor do vento como o bafo de um fantasma respirando na sua nuca.

Levantou-se da cama e desceu as escadas, fazendo sinal de silêncio para a cadela, que o saudava guinchando extasiada e abanando o rabo. Ele abriu a

porta para a

manhã úmida, deixando a cachorrinha sair correndo na frente. Nuvens negras

e densas caíam baixas sobre o bairro e um vento soprava revirando as folhas e

mostrando

o seu avesso pálido.

Estranho ser o primeiro a levantar. Ele normalmente era o dorminhoco da família, principalmente após ter ficado fora até tão tarde na noite anterior. Com

Becky.

Cameron não conseguiu conter um sorriso, nem sequer tentou fazê-lo.

Arrepiou-se com o ar matutino e observou Babe cheirando as extremidades do

pátio. Deu uma olhada

involuntária no celular. Cedo demais para ligar para ela. Estava desesperado para ouvir sua voz, embora soubesse o que ela ia dizer. Perguntaria se ele já havia

conversado com o tio. Assim era Becky, direta e determinada. Quando ele lhe

contou sobre o seu dilema com relação a Ashley e a solução que tinha pensado, ela disse

que quanto mais tempo demorasse a contar para o tio pior ficaria a situação.

Pelo canto dos olhos, percebeu um movimento, virou-se e viu Charlie vindo na

sua direção. Ela estava com a mesma camisola longa e azul de Crystal, que vinha usando

para dormir desde o dia do acidente, em abril passado. Além de ser muito

comprida, a camisola já estava ficando puída por causa do uso, mas ninguém

jamais lhe diria

isso. Ao andar, Charlie segurou a barra da camisola com as duas mãos e, por

um breve momento, um momento estranho e onírico, os olhos de Cameron se

embaçaram e ele

imaginou aquela figura como a da mãe. Olha só você aí, querido. Tenho olhado

por todos vocês.

Então a visão foi embora e voltou a ser apenas Charlie novamente, parecendo

pequenina e talvez um pouco perdida.

- O que você está fazendo de pé tão cedo? - ele perguntou à irmã. Babe veio pulando para cheirá-la e saudá-la, até partir novamente arrastando o focinho pelo gramado

umedecido pelo orvalho da manhã. Charlie deu de ombros.

- Meus olhos simplesmente abriram.

A cadelinha voltou mais uma vez, curvando-se para brincar. Cameron encontrou uma bola de tênis esverdeada e coberta de pêlos na grama.

Pegando-a com dois dedos,

sacudiu o orvalho e a atirou para o lado mais distante do pátio. Babe saiu em

disparada atrás dela e a trouxe de volta, largando-a aos seus pés e olhando-o com olhos

esperançosos.

- Eca, está toda babada - observou Charlie.

- Vai ficar limpa já, já - disse ele, atirando a bola novamente e secando a mão

nos shorts.

- Por que você levantou tão cedo? - perguntou ela.

- Estou pensando em algumas coisas.

- Que coisas?

- Na Ashley - disse simplesmente. Ele e Charlie raramente tocavam no assunto. Agora, vendo sua expressão preocupada, achou que não deveria ter falado. Um trovão

soou ao longe. Charlie aconchegou-se ao irmão. Suas pantufas pequeninas batiam nos seus calcanhares. Ela realmente lhe pareceu pequena, pequena e assustada. Ele

pegou-lhe a mão.

- É o treinador Duncan, não é? - Charlie perguntou com a voz baixinha, porém

clara.

Cameron ficou petrificado. Estava a ponto de dizer que não sabia do que ela estava falando, mas estaria mentindo. Por que as pessoas mentem para as crianças? Elas

sempre acabam descobrindo a verdade, ou nunca se deixam enganar, para início de conversa. Além disso, Cameron já havia guardado esse segredo sozinho por bastante

tempo. Adorava golfe, mas detestava jogar para Duncan. Apenas não

conseguia descobrir como sair dessa situação. O que deveria falar para o tio?

"Não quero jogar

no time do Duncan porque a mamãe dormiu com ele." Ah, isso seria algo maravilhoso para contar para o irmão do seu pai.

Ele sentiu a garganta ficando seca e arranhando de repente.

- Você não precisa se preocupar com isso - disse.

Charlie olhou para o irmão e então para o pátio revolvido pelo vento. Os primeiros pingos grossos de chuva começaram a cair, molhando o calçamento

do caminho de

carros. Babe retornou com a bola e Cameron a atirou com força, extravasando

toda a raiva contida. Ele a atirou tão longe que a bola foi parar no quintal ao lado,

onde a cachorra não poderia encontrá-la. Podiam ver a pelagem vertical do rabinho dela abanando para a frente e para trás na grama alta e distante enquanto procurava

pela bolinha.

- Eu sabia que era ele - disse Charlie.

- Como? Quer dizer... quando você descobriu?

- A mamãe me contou. Em abril.

Cameron lembrou-se do exame de sangue que encontrara no carro, com data

da primeira segunda-feira de abril. Achou que a mãe estava tentando confirmar

uma suspeita.

Teria ela se chocado ou os resultados foram exatamente o que esperava?

- Você quer dizer que ela te contou? - perguntou ele, incrédulo.

- Acho que ela não queria, mas estava muito triste e então acabou contando.

Cameron sentiu uma raiva súbita da mãe, mas a raiva não tinha para onde ir.

- Tenho medo de que o treinador Duncan leve a Ashley embora - disse Charlie.

- Isso não vai acontecer. Ela é nossa irmã e eu vou tomar conta dela, custe o que custar.

Babe voltou arfando e largou a bola aos seus pés.

- Essa não é a mesma bola que você atirou - disse Charlie.

- Você tem razão - concordou ele, abaixando-se para pegar a bola azul

brilhante que a cachorrinha lhe trouxera. - Não tem problema. Bola é bola. - Ele

não a atirou

mais, segurando-a com uma das mãos e, com a outra, abraçando Charlie. Com

Babe saltitante, entraram em casa assim que pedrinhas de granizo do tamanho

de bolinhas

de gude começaram a bater no telhado. Mal tinham acabado de entrar, a tempestade passou. Enquanto preparava uma tigela de cereais para a irmã, Cameron sentiu-se curiosamente relaxado.

Em paz. Não ia mais passar cada momento da sua vida se preocupando com aquela família. Não estava mais preocupado. Ele tinha um plano.

## Capítulo 49

Lily nunca tinha convidado Sean para ir até a sua casa. Em virtude dos incidentes do verão, aquilo lhe parecia estranho. Havia deixado aquele homem

chegar mais

perto do que qualquer outra pessoa na sua vida, talvez até mesmo Crystal.

Havia coisas que ele sabia sobre o seu coração que ninguém mais tinha descoberto, talvez nem

ela mesma.

Já estava na hora. Violet tinha insistido em passar a noite com Charlíe e Ashley, que ficaram encantadas em voltar ao trailer, desta vez com outras crianças para

brincar. Cameron tinha saído com Becky; ela era oficialmente sua namorada

agora. Portanto, quando Sean telefonou para Lily e pediu para vê-la, ela o convidou para ir a sua casa, ao seu coração.

Lily estava um caco. Tinha arrumado a casa e feito faxina durante toda a tarde.

Tinha experimentado e descartado quatro roupas diferentes. O que usar para dizer

a um homem que você estava apaixonada por ele?

Escolheu um vestido rosa de verão com sandálias combinando e resistiu ao ímpeto de prender os cabelos num rabo-de-cavalo, pois ele parecia preferir seus cabelos

soltos. Pôs um pacote com seis latinhas de cerveja na geladeira. Então andou

de um lado para outro, esfregando as mãos. Estava se preparando para todos os tipos

de sofrimento, talvez até para a rejeição. Na verdade, ele nunca dissera que a

amava. Talvez a união deles estivesse baseada na preocupação mútua pelas crianças.

E pelo sexo, é claro. Comon uma adolescente com os hormônios em plena atividade, Lily não conseguia parar de pensar nisso O amor verdadeiro deveria

incluir mais coisas, pensou. Não deveria?

Aquilo era um absurdo. Não devia estar agindo assim. Ha poucos meses, sua

vida seguia exatamente como fora planejada. Desde que Crystal morrera e Sean e as crianças

entraram em cena, tinha perdido as rédeas da própria vida E agora mais essa?

Queria também abrir o seu coração para ele? Estava ficando maluca?

Enquanto andava pela casa, deu uma parada em frente ao porta-retratos com a foto dela e de Crystal em Haystack Rock. Aqueles olhos brilhantes e rostos

sorridentes

pareceram extremamente jovens para ela, como se pertencessem a duas pessoas estranhas. Naquele instante a angústia a atingiu como um soco no escuro, tão intensa

como no dia em que Sean lhe contara sobre o acidente. Lily cruzou os braços

sobre o peito e sentou-se, enquanto aquele sofrimento passava em ondas pelo

seu corpo.

Isso acontecia algumas vezes, justo quando começava a achar que tinha superado a dor, ela vinha esmagando tudo de novo, como uma tempestade destrutiva, um desastre

natural.

Ouviu uma batida na porta e levantou-se rapidamente. Ao correr para atendê-

la, enxugou os olhos. Era mesmo uma idiota. Não tinha nada que falar para aquele homem

que o amava. Isso só complicaria a situação.

Ele pareceu-lhe distraído quando ela o cumprimentou, deu-lhe um beijo maquinal, com o pensamento claramente voltado para alguém que não era ela.

Lily analisou-lhe

o rosto e percebeu que aquilo era mais do que distração.

- Precisamos conversar - disse ele, entrando a passos largos em sua sala de estar. Sean pareceu ocupar todo o espaço com sua presença.

Bem, pensou Lily. Não há clima para declarações românticas.

- Tudo bem - disse ela, determinada a não se deixar abater. - Sente-se e vamos conversar.

Ele sentou-se no sofá, mas não relaxou. Em vez disso, curvou-se para a frente

como um técnico no banco da reserva, os pulsos balançando apoiados sobre os joelhos,

a ponta dos dedos se encontrando, uma expressão aborrecida no rosto.

- Então, para que você veio? - Ficou irritada ao mesmo tempo que ele. Isso era

o que o amor tinha de louco. Podia mudar num piscar de olhos. Ela devia ter

seguido

sua intuição de não confiar no amor.

- Para dizer algo importante sobre uma família com a qual acho que você se importa - disse ele.

- Acha? Ah, você está falando da família com a qual passei o verão num trailer

junto com uma cadela? Nossa, mas o que lhe deu a entender que me importo

com ela?

Sean jogou a cabeça para trás, respirando fundo.

- Tudo bem, então não há dúvidas quanto ao seu comprometimento com essa

família. É por isso que estou aqui. Você tem o direito de saber. E eu não teria

lhe contado

se não tivesse provas.

Lily sentou-se.

- Provas?

Sean permaneceu de pé ao lhe entregar o envelope.

- Esta é uma cópia do exame de sangue que a Crystal fez na segunda-feira antes do acidente. Peguei uma cópia com o médico dela tão logo o Cameron me contou. O teste elimina qualquer dúvida. O tipo sanguíneo do Derek é AB, o da Crystal é B. O da Ashley é O, o que qualquer estudante de biologia do ginásio sabe que significa que a Ashley não pode ser filha do Derek.

As mãos de Lily começaram a tremer assim que largou o exame. Infelizmente,

lembrava-se muito bem das aulas de biologia da escola e sabia que aqueles resultados não eram brincadeira. Quase gaguejou ao formular a próxima pergunta:

- Então quem...?

- O pai é o Grég Duncan, o técnico de golfe - concluiu Sean -, e ele não sabe.

Lily percebeu que tinha parado de respirar. Voltou a respirar novamente com

pequenos engasgos nervosos. Grég Duncan. Tinha trabalhado com ele, saído

com ele. Certa

vez, até mesmo o beijara. Como não sabia disso? Crystal costumava avisá-la

para ficar longe dele. Ele é um jogador, dissera-lhe. Um aproveitador. Você consegue uma

pessoa melhor. Lily achava que Crystal torcia para ela arrumar alguém para namorar sério. Agora, perguntava-se se a amiga lhe dava tais conselhos por ela

mesma estar saindo com ele.

Lily deu um jeito de recuperar a voz.

- Isso é um completo absurdo.

Enquanto falava, comparava mentalmente Ashley com Grég. Cabelos

castanhos, olhos castanhos, grande coisa. Ashley também poderia ser filha de

Keanu Reeves, mas isso

não significava ser ele o seu pai. Ainda assim, Sean tinha entreaberto uma porta e ela não pôde resistir a dar uma espiada. Com o olho da mente, visualizou Crystal,

madrinha do time de golfe por três anos seguidos. Lily se lembrava disso porque havia insistido para ela abandonar aquele cargo tão logo o seu casamento desmoronara,

uma vez que já tinha o bastante com o que se ocupar. Mas Crystal recusara-se. Talvez, apenas talvez... Continuou a lembrar a expressão confusa da amiga

na noite

em que fora à sua casa e dissera: "O Derek tem outra mulher. E eu estou grávida."

- Ela teria me contado - disse Lily. - Ela me contava tudo.

- Aparentemente, não.

- Mesmo se isso tivesse acontecido, ela teria contado para o Grég.

- Não a Crystal. Ela precisava ser a vítima no divórcio. Receber pensão alimentícia para três crianças significava mais dinheiro e ela sabia que receberia mais de

um profissional do golfe do que de um técnico do ginásio.

- Que coisa mais horrorosa e cruel para se dizer.

- Não tão ruim quanto ter um filho com um homem e atribuir a paternidade a

outro.

Lily sentiu-se nauseada.

- A Crystal não faria isso. Simplesmente não faria. - Ficou olhando para os resultados do exame e lembrou-se daquele dia com uma clareza cristalina. Era

uma segunda-feira,

o mesmo dia em que Charlie começara a roubar. Bom Deus, pensou. Será que Charlie sabia? Já era horrível que Cameron soubesse. Sua mãe e seu

treinador. Não era de

admirar que tivesse destruído o campo de golfe.

- Qual a sua opinião, Lily? - perguntou Sean.

- Obviamente, pelo dia do resultado, ela não tinha certeza até bem pouco tempo antes de morrer. Talvez não quisesse saber. Até ver o resultado do exame, ela provavelmente

achava que a Ashley era filha do Derek.

- Ela podia não saber qual o DNA do bebê, mas com certeza sabia com quem

estava dormindo.

- Meu Deus, você a odiava mesmo, não é? Sean balançou a cabeça negativamente.

- Esta conversa não vai nos levar a lugar nenhum - disse. - Talvez a gente não

devesse nem ter começado. - Dirigiu-se para a porta.

- Espere - disse Lily, a voz bem baixa. Talvez baixa demais para ser ouvida. Se

ele não tivesse ouvido e continuasse a andar, ela não o chamaria de volta.

Mas ele ouviu. Então parou e virou-se para ela. Lily apertou as mãos até senti-

las doerem.

- Devemos contar para ele. - Assustou-se com as próprias palavras porque, ao

pronunciá-las, admitia a verdade. Aquela sensação de enjoo aumentou,

misturando-se com perguntas que nunca teriam resposta. O problema de ficar

zangada com uma pessoa morta, refletiu, era que nunca se podia sentar com ela, conversar até esgotar o assunto,

ouvir uma explicação, fazer comentários.

- Não é isso o que quero ouvir de você - disse ele.

- Não é meu papel dizer aquilo que você quer ouvir. Esse nunca será o meu papel, entendeu? - Seus olhos arderam, lacrimejantes e furiosos. O que ele esperava ao

ir até lá e contar aquelas coisas sobre sua melhor amiga, mulher a quem sempre amara, em quem confiara e respeitara a vida inteira?

- O Cameron e eu já conversamos sobre o assunto. Nós não vamos contar para ele.

Lily franziu o rosto diante da idéia de Cameron discutindo a infidelidade da mãe. Como você pôde fazer isso, Crystal?, quis gritar. Como você foi capaz,

com o treinador

do seu próprio filho?

- Sean, você não pode resolver esse assunto com uma mentira ou coisa parecida. O Grég merece saber, assim como a Ashley, quando tiver idade suficiente para entender.

- Você não está entendendo, Lily - disse Sean. - A Ashley está comigo porque

eu sou o parente consangüíneo das crianças. Se o Duncan é o pai, e não o meu irmão,

então eu não tenho relação nenhuma com ela. Ele sim. Portanto, não conte para ele.

- Não me ameace.

- Isso não é uma ameaça. Você não tem o direito. Você era amiga da Crystal.

Grande coisa. Eu sou o tutor dessa família e esta decisão cabe a mim.

Lily imaginou o que via em seus olhos além de raiva. Medo, talvez? Então disse a si mesma para não se preocupar com o que ele pensava ou sentia.

Aquela era uma conversa

completamente diferente da que pensara que teriam naquela noite. E aquele homem furioso e autoritário era completamente diferente do que ela achava que conhecia.

Segundo ele, estava claro que ela era apenas uma agregada naquela família.

Lily levantou-se, atravessou a sala e abriu a porta para Sean.

- Acho melhor você ir embora.

- Está bem. - Sean passou apressado por ela, então parou e virou-se. - Você tinha alguma coisa especial para me dizer?

Há apenas poucos minutos, sentira vontade de dizer que estava apaixonada por ele. Deveriam estar jantando agora, tomando uma garrafa de vinho, fazendo amor até tarde

da noite. Ela engoliu aquele nó apertado, entalado na sua garganta.

Graças a Deus ainda não tinha se declarado. Pelo menos não tinha entregado

o martelo para que ele acabasse de uma vez com ela. Então percebeu que se sentia acabada

da mesma maneira.

- Não. Nada de importante.

Após sua saída, Lily ficou imóvel. A noite caiu, mas ela nem sequer se importou

em acender a luz. Perguntou-se quanto tempo ficaria sentada ali, daquele jeito,

até

que alguém sentisse a sua falta. Seria ela uma daquelas pessoas esquecidas e

sem amigos sobre as quais a gente às vezes lê no jornal?

Costumava gostar da sua independência e solidão. Agora que tinha

experimentado um pouco da vida familiar, queria algo mais. E isso estivera tão

perto, ao alcance

das suas mãos. Sean queria somente uma coisa dela, somente a sua cooperação para lidar com Grég Duncan. Por que ela não lhe dera isso? O amor devia incluir cumplicidade.

Com certeza eles encontrariam uma solução boa para todos.

Pegou o telefone uma dúzia de vezes, mas sempre mudava de idéia. Ela era péssima para isso. Não sabia ser uma mulher apaixonada, e certamente não sabia lidar com

as conseqüências de uma discussão.

Na décima terceira vez em que pegou o telefone, a campainha tocou. Seu coração quase saiu pela boca. Então riu alto. Ele tinha voltado.

Com um sorriso franco nos lábios, acendeu a luz da varanda e abriu a porta.

- Oh - disse, o coração desacelerando. - Oi, mãe. Oi, pai. - Deulhes um abraço

maquinal e convidou-os a entrar.

- Decidimos vir para o jogo - disse-lhe o pai. - A Violet nos disse que vai ser um

torneio importante.

- A Vi disse a vocês para virem? A mãe demonstrou impaciência.

- Não. O que o seu pai disse foi que ela nos falou que ia ser um torneio importante... para você. Portanto, decidimos vir.

- Estamos hospedados no Hampton - acrescentou o pai. - Você já jantou? Jantar. Ela havia preparado um jantar para Sean, mas eles não tinham chegado até esta parte naquela noite.

- Deixe comigo - disse, com falsa vivacidade. - Vamos ver o que consigo improvisar por aqui.

Os três foram para a cozinha. Quando Lily apresentou o jantar que havia preparado - salada caprese, massa com lagosta e molho branco -, Sharon levantou as sobrancelhas.

- Isso não parece improvisado para mim. O pai de Lily concordou.

- E você também está muito bem-vestida para um improvisado. Ela deu uma risadinha.

- Não posso acreditar que vocês estão me criticando por causa disso. - Dois anos atrás, quando comunicara ao mundo que nunca iria se casar, Lily começara uma coleção

de pratos italianos coloridos do restaurante Scala. Jantou com os pais na sala

de jantar, tratando-os como convidados de honra. Ela mesma estava sem o menor apetite

e a mãe não demorou a perceber.

- O que está acontecendo? - perguntou.

- Nada. - Lily esforçou-se para erigir o velho muro, aquele que costumava protegê-la, mas havia perdido o jeito.

- Você sempre disse isso, a vida inteira - observou o pai.

- Porque vocês nunca quiseram saber a verdade - explodiu Lily, surpreendendo

a todos com sua sinceridade.

- E de onde foi que você tirou essa idéia? - perguntou a mãe.

- Você quer achar que estou bem, que a Violet está bem, que tudo está maravilhoso e que sempre foi assim nesta família.

Os pais trocaram um olhar atônito.

- Isso não é verdade - disse o pai, e a mãe acrescentou:

- Sempre lidamos de forma consciente com qualquer problema que cruzasse o

nosso caminho.

- Então por que nunca falamos sobre o Evan? - perguntou Lily. Pronto. Tinha

dito. Tinha ousado falar sobre aquela assombração que os atormentava, aquela cuja presença

todos sentiam, mas da qual ninguém falava. Dessa vez não os deixaria mudar

de assunto.

- Não há mais o que falar - disse a mãe. - Não há como superar uma perda como essa.

- E você deixou isso arruinar o seu casamento e bagunçar a vida das suas filhas - enfatizou Lily.

- Não sei por que você pensa assim - disse o pai. - Estamos casados há trinta e cinco anos e você e sua irmã estão bem.

Lily pressionou as palmas das mãos suadas sobre a mesa, como se para se preparar para o que vinha.

- Não posso falar por você ou pela mamãe, e não posso falar pela Vi. Mas eu

não estou bem. Não estou. Nem sequer consigo dizer para o homem que amo

que o amo de

verdade.

- E por que isso é culpa nossa? - O pai tirou um lenço do bolso e limpou os óculos.

- Não é, mas eu sempre me senti responsável pela morte do Evan. - Lily se ouviu murmurando aquelas palavras, mas ainda assim não conseguia acreditar

no que ouvira.

- Por que você acha que me senti assim?

A sala foi preenchida por um silêncio opressor. O pai começou a falar, mas a

mãe tocou-lhe a mão por cima da mesa para fazê-lo parar.

- Terence, me deixe falar com ela. Ela tem razão, e você sabe disso. Nunca fomos felizes depois que o Evan morreu. Nós apenas... vivemos. Mas, Lily, eu

nunca culpei

você. Como isso pôde passar pela sua cabeça? Eu culpei a mim mesma. Você,

eu poderia perdoar. A mim, nunca. E não existe ninguém mais cruel do que

uma mãe que não consegue se perdoar. - Enquanto falava, continuava a

segurar a mão do marido. Então Lily, com lágrimas nos olhos, pôs a mão sobre

a deles.

Capítulo 50

- Lily? Estou com medo de me esquecer da mamãe. - Charlie estava só de calcinhas, segurando a camisola com a qual dormira todas as noites desde o acidente. Com uma

expressão trágica no rosto, a menina levantou a roupa e Lily percebeu que ela

estava se abrindo nas costuras, a renda cheia de buraquinhos.

Lily pegou a camisola da sua mão e a colocou de lado, então se sentou na

cama e pôs Charlie no colo.

- Eu também - disse Ashley, pulando a bordo.

Lily sentiu o cheirinho delas e o calor dos seus corpinhos relaxando em contato

com o seu. Como vivi tanto tempo sem isso?, perguntou-se. Como vou continuar a viver

assim? Respirou fundo e evitou pensar no assunto. Quaisquer que fossem suas diferenças com Sean, elas não iam mudar sua devoção para com os filhos de Crystal.

Ao chegar lá naquela manhã, soubera que ele e Cameron já haviam saído para

o torneio. A sra. Foster estava tomando conta das meninas.

Charlie esfregava o tecido de seda gasto entre o polegar e o indicador.

- Ela está se desfazendo e, quando acabar, vou me esquecer dela. Lily pegou um espelho da Barbie em cima da mesa-de-cabeceira.

- Querida, isso é impossível. Olhe aqui. O que você vê?

- O meu rosto.

- E quem o seu rosto te lembra?

- É só o meu rosto.

- O rosto da sua mãe. - Lily estava surpresa por ter reparado isso também. Um

reflexo do rosto de sua melhor amiga em Charlie. - Você tem os olhos e o sorriso da

sua mãe, e a cada dia que passa vai ficar mais parecida com ela. Mais do que

tudo, você a tem no seu coração. Todo o amor que ela e o seu pai deram para

você está

aí dentro, e vai somente crescer. E seu, para você guardar para sempre, para sempre.

Ashley balbuciou alguma coisa e pegou o espelho com as duas mãos. Charlie

escorou-se em Lily.

- Eu preferia ter a minha mãe. E o meu pai.

- Eu sei, querida. Todos nós preferíamos. - Lily repousou o queixo sobre a cabecinha dela.

Charlie levantou-se e, com uma maturidade curiosamente adulta, dobrou a camisola com cuidado e a colocou numa gaveta mais baixa da cómoda.

Seus

movimentos tinham

a seriedade de um ritual e ela fechou a gaveta com um empurrão determinado.

- Acho que vou dormir com outra roupa - disse ela. - O tio Sean me deu uma

camiseta do American Chopper.

- Tenho uma ótima idéia - Lily disse. - Que tal eu levar vocês para o torneio de

golfe?

- O tio Sean disse que era para a gente ficar com a sra. Foster. Após a noite

anterior, ele tinha achado que Lily não apareceria para

vê-lo jogar. Sinal de que ainda não a conhecia. É claro que o mandara embora

da sua casa, de onde ele saía prontamente, mas a visita dos pais a tinha

convencido

de que valia a pena lutar pelo amor.

- Acabem de se vestir - disse a Charlie. - Vou dizer à sra. Foster que ela pode ir

embora.

Jogar sem Lily e as meninas assistindo era diferente. Sean percebeu isso no

momento em que deu sua primeira tacada, embora tenha tentado impedir que

a ausência

delas

afetasse o seu desempenho. A verdade era a seguinte: elas eram tudo para

ele, sua platéia, sua razão de jogar. Quando sabia que estavam assistindo,

podia ver cada tacada tão clara e limpa quanto o céu da manhã.

Sem elas, era só um jogo. Um jogo no qual, por acaso, era bom. Mas, ainda assim, apenas uma maneira de passar o tempo e ver como as coisas iam ficar.

Cameron analisou sua posição no campo. Era uma posição muito boa, ele já havia transposto a curva do fairway, o que lhe proporcionava uma boa tacada para o green.

- Qual o problema? - perguntou.

- Nada - disse Sean. - Por que a pergunta?

- Ora! Acabei de ver você bater.

- E eu parei exatamente onde precisava.

- Isso porque você é bom e tem sorte, mas é melhor começar a jogar o seu jogo.

Sean ficou olhando para o sobrinho, enquanto caminhavam juntos na direção

da bola.

- Você fala como o seu pai.

Cameron deu um leve sorriso e jogou os ombros para trás.

- É? - Quando alcançaram a bola, Cameron enfiou a mão no bolso e tirou a moedinha indiana, o velho amuleto de Sean. - Achei que você poderia precisar disso. Só

por desengano de consciência.

Sean assentiu com a cabeça e pegou a moeda. Deus sabia como o sobrinho queria que ele vencesse, portanto tentaria esquecer os seus problemas com Lily. Sentia-se

péssimo com relação à forma como as coisas tinham ficado. Talvez ele não devesse tê-la pressionado tanto. Fora medo e não raiva que o levara a agir daquele jeito,

medo de perder Ashley. Se não fosse seu parente consanguíneo, não teria como reivindicar a sua guarda.

Isso deixava Grég Duncan mais difícil de esquecer. Eram cordiais e profissionais, mas a conversa que tinham tido na noite anterior aumentara a tensão entre eles.

Após deixar a casa de Lily, Sean ficou um bom tempo dirigindo a esmo, pensando no que ela lhe havia dito. Você não pode resolver esse assunto com

uma mentira

ou coisa parecida. Lutando contra todos os seus instintos, foi até a casa do Grég e os dois tiveram uma conversa longa e difícil.

Na manhã seguinte, Sean contou para Cameron sobre o acordo que fechara com o treinador. E somente um motivo o fez jogar naquele dia: o olhar de alívio

no rosto

de

Cameron quando o fardo de estar a par da situação de Ashley passara para as

mãos de outra pessoa.

"Então é só terminar o torneio", dissera-lhe Cameron.

Ao olhar para o sobrinho agora, Sean pôde perceber o quanto ele havia amadurecido no verão. Não mais um menino enraivecido, ele ainda carregava

o fardo do sofrimento

que sempre faria parte dele, mas, agora, suportava-o como um homem.

- O quê? - perguntou Cameron.

- O que o quê?

- Você está me olhando de um jeito engraçado. O que foi?

- Nada - disse Sean. Então baixou a voz e contou-lhe a verdade: - Estou orgulhoso de você.

A reação de Cameron fez Sean perguntar-se por que não tinha dito aquilo antes.

- Eu também - disse-lhe o sobrinho.

Embora Sean mantivesse a liderança, Duncan tinha ganho no buraco anterior,

o que lhe dava o privilégio de tacar primeiro no número dezoito. Era um desafio, par

quatro,

quatrocentas jardas e a pressão ficava toda em cima de Duncan, que precisaria

de um eagle - quase impossível, dois abaixo do par - para ganhar.

A primeira tacada de Duncan voou trezentas e vinte jardas e aterrissou bem no

meio do fairway.

Pela primeira vez durante aquele torneio, Sean sentiu um nó no estômago.

Aquela não era uma boa hora para um ataque de nervos. Focalizou bem o buraco, medindo-o,

lembrando-se de todas as maneiras como o tinha acertado no passado. Queria

que Lily e as meninas estivessem lá. Droga, queria que Derek estivesse lá.

Derek era o

campeão, e não ele. Que estupidez a sua fingir ser capaz de ocupar o lugar do

irmão.

Sabia que estaria em maus lençóis no momento em que a lâmina de ferro

bateu na bola. Numa fração de segundo viu a tacada ir mal, uma pancada forte

demais que ultrapassou

os limites do fairway e caiu na grama alta.

- Uma penalidade de duas tacadas - murmurou o comentarista, alto o bastante

para que o escutassem.

Duncan aumentou a vantagem, sua tacada seguinte deixando a bola a uma distância ínfima do buraco. Os espectadores cochicharam e se remexeram em

bando, suas emoções

se alternando entre um jogador e outro.

Na área de grama alta, Sean preparou a tacada. Cameron não disse uma palavra sequer, mas o tio pôde sentir a tensão que emanava dele. Sean

estava tomado de

dúvidas.

O que, em nome de Deus, estava fazendo, e quem pensava que era? Derek Holloway?

Abaixou o taco até a grama grossa ao lado da bola. Viu a grama curvar-se e a

bola mover-se - levemente, imperceptivelmente -, uma batidinha de leve na lâmina do taco.

Um toque de nada, como um beijo fugaz. Mas, de qualquer maneira, um toque.

Então, tinha acabado. As regras eram claras. Ele teria de penalizar a si próprio.

Ninguém viu. Nem mesmo Cameron. Se não dissesse nada, se tacasse para fora da grama alta e voltasse para o jogo, ninguém ficaria sabendo.

Sean ia levantar a mão, determinado a fazer sinal para os fiscais de campo.

- Tio Sean - sussurrou Cameron -, por favor.

Então percebeu que o sobrinho tinha visto a bola se mover também. Era sempre assim no golfe, como na vida, sempre dava para ver. Nenhum erro passava despercebido.

Se fosse para Derek decidir, ele guardaria aquilo para si próprio, pois sempre

fazia o necessário para vencer. Mas aquele não era o jogo de Derek, refletiu. E

sim

o seu. Sean olhou bem nos olhos de Cameron e levantou a mão. Cameron deu a impressão de querer chorar, mas, ao mesmo tempo, uma admiração relutante iluminou seu rosto.

Os espectadores se alvoroçaram quando ele pediu a penalidade para si próprio. Até mesmo Duncan ficou atônito. Sean sentiu-se estranhamente calmo naquele momento.

Ficou aguardando para perder o torneio por uma tacada.

Então viu alguma coisa na platéia - um clarão branco com bolinhas gigantescas

e coloridas. Ficou paralisado e riu alto.

- Antes tarde do que nunca, meninas - disse, embora soubesse que elas não podiam ouvi-lo. As jaquetas e os bonés delas sobressaíam na multidão. - Antes

tarde do

que nunca.

Cameron estava rindo também.

- Eu sabia que elas viriam.

- Claro que você sabia - disse Sean. - Agora chegue para lá, que preciso botar

esta bola no green.

Justiça seja feita: Cameron não pareceu sequer duvidar do tio. Sean sentiu uma nova onda de energia. O simples fato de saber que Lily tinha ido, mesmo

após terem

trocado palavras amargas na noite anterior, encheram-no de confiança.

Preparou-se para tacar novamente.

Foi uma tacada milagrosa, uma daquelas que seria reprisada e comentada por

anos a fio. Sua tacada lançou a bola para fora do gramado rústico, por cima do

azar de

água, para cima da elevação do green até rolar pelo declive... para dentro do buraco.

A multidão irrompeu num clamor entusiasmado. Sean e Cameron saíram rumo ao green, desviando-se na direção dos cordões de isolamento para passarem na frente de

Lily

e das meninas.

Lily manteve os olhos em Sean.

- Você ainda pode ganhar - disse ela. - Ele não jogou ainda.

Ele olhou para Cameron e para as meninas, e, sentindo o amor deles elevar o

seu humor, perguntou-se se a vida oferecia algo melhor do que aquilo. Por algum motivo,

duvidou.

- Não tem importância - disse-lhe, falando em meio ao burburinho da multidão.

- Eu já ganhei.

Durante o verão, Lily tinha aprendido a gostar do sabor do champanhe, tanto

quanto de brindar o fim de um torneio com Sean Maguire. Aprendera que no

golfe as

vitórias

eram poucas e passageiras, e que não havia vergonha alguma em ficar em segundo lugar. Naquele dia, no entanto, murmurou "Não, obrigada" para os garçons no salão

social, enquanto tentava abrir caminho em meio à multidão, procurando por ele.

Diante da enxurrada de perguntas da imprensa após a final do torneio, Sean limitou-se

a dar respostas breves para repórteres incrédulos que simplesmente não conseguiam entender por que ele tinha dado um torneio tão importante de bandeja para um completo desconhecido.

- Eu não dei nada de bandeja para ele - garantiu a todos à sua volta. - Ele deu

duro e conseguiu exatamente o que merecia. Agora, se vocês me derem

licença, senhoras

e senhores...

Lily percebeu que Sean a estava ignorando. Ela havia engolido o seu orgulho

para ir até lá, mas talvez aquilo não fosse o suficiente para ele. Com muito esforço,

manteve um sorriso gentil nos lábios e cumprimentou as pessoas no salão.  
Lá

estavam seus pais e Violet, rodeando receosos a mesa do bufê.

A mãe pôs a mão em seu ombro. Não foi bem um abraço, mas quase isso.

Após as coisas que lhe dissera na noite passada, Lily a entendia melhor.  
Olhou

por cima do ombro

da mãe, mas Sean já havia deixado o salão.

- Venha falar com os filhos da Crystal - disse ela. Cameron estava com as  
duas

irmãs, dando as mãos a cada uma. As vezes, a adoração delas o deixava sem  
graça, mas

hoje ele parecia especialmente contente e Lily logo percebeu a razão: Becky

Pilchuk. Becky, que sem dúvida alguma acompanhara cada movimento seu  
no

torneio, estava

linda e elegante com os cabelos aloirados após um verão trabalhando fora  
da

cidade. Embora houvesse uma doçura na forma como ela e Cameron  
tratavam

um ao outro,

Lily conseguiu identificar um certo receio na menina. Isso fez com que  
sentisse vontade de gritar para ela: Não se segure. Você está apenas  
enganando a si

mesma.

Pare de se preocupar com o que poderá acontecer e siga em frente.

Lily avistou Grég Duncan falando ao celular no estacionamento e correu na direção dele.

- Com licença - murmurou, abrindo caminho até o hall de entrada do salão social. Não sabia o que lhe dizer. Ele tinha tido um caso com a sua melhor amiga. Sem saber,

tivera uma filha com ela e ainda dava um jeito de namorar o maior número possível de mulheres, incluindo ela própria. - Grég! - chamou-o.

Embora exibisse um sorriso de vencedor no rosto quando guardou o telefone,

sua expressão mudou ao ver Lily.

- Oi, Lily.

- Parabéns pela vitória! - E agora?, perguntou-se.

- Obrigado - disse ele. - Escute, Lily, eu...

- Sr. Duncan - alguém chamou, correndo com um microfone na mão. - Conte-

nos como o senhor se sente com a sua vitória. Para onde irá agora? - Outras pessoas se reuniram

ao seu redor.

Lily recuou, compreendendo que não adiantava tentar competir com repórteres

agressivos. Ainda assim, centenas de perguntas fervilhavam dentro dela, perguntas que

não tinham nada a ver com as dos repórteres esportivos. Você e a Crystal se amavam? Você a fez feliz?

Quando respondeu, Grég parecia estar se dirigindo a ela.

- Acho que vou embora de Comfort - disse ele. Lily tomou fôlego. Embora?

-. Corliss concordou em me representar e eu vou competir no Q-School

durante o outono e o inverno. Se tudo der certo, vocês me verão no circuito

PGA no ano que

vem.

Lily recuou e deixou-o gozar de toda a atenção que lhe era dispensada. Ir

embora. Mais perguntas assaltaram sua mente. Como você pode ir embora

agora? E a criança

que você fez? Isso não lhe interessa nem um pouco? Agora Lily tinha certeza

de que Grég Duncan precisava saber a verdade.

Quando ela se virou para voltar para o salão, quase esbarrou em Cameron.

- Onde estão as meninas? - perguntou-lhe, sem sequer tentar esconder sua preocupação.

- Com a Becky - disse ele. - Elas estão bem.

- E o seu tio?

Cameron apontou para trás. Ao longe, os trabalhadores estavam recolhendo as

arquitetadas e as cordas, colocando -as dentro dos caminhões. Uma figura solitária,

sua silhueta destacando-se contra o sol poente, estava na margem do último fairway.

Ao vê-la parada, completamente indecisa, Cameron disse:

O treinador Duncan sabe. Meu tio contou para ele ontem à noite.

Lily tomou fôlego, lutando para recuperar a voz. Primeiro o ceticismo, depois a

felicidade roubaram-lhe as palavras por um breve momento.

Então ele acabara falando com Grég. Apesar de tudo o que tinham conversado na noite passada, ou talvez por causa disso, Sean tinha lhe contado a verdade e ele,

ainda

assim, decidira ir embora. Ela não fazia idéia por que a sabedoria de Sean com relação à natureza humana sempre parecia surpreendê-la, mas como a surpreendia!

Lily pegou a mão de Cameron, sentindo necessidade de tocá-lo quando

finalmente perguntou:

- Você está bem?

Com uma dignidade incrivelmente adulta, ele gentilmente removeu a sua mão

da dela.

- Contanto que a Ashley fique conosco, ficaremos todos bem. Quando aquele

menino tinha ficado tão alto?, perguntou-se, levantando os olhos para ele. -

- Sua mãe foi a melhor amiga que eu já tive e eu a amava de todo o coração  
-

disse-lhe. - Mas não vou me desculpar por ela. Ela cometeu erros, assim como

qualquer

outra pessoa. E esse foi de lascar.

- Lily, ninguém mais diz "de lascar" hoje em dia. Ela tentou sorrir.

- O que estou tentando dizer é que ficar com raiva da sua mãe e do seu pai por

causa desse assunto não é uma boa idéia.

- Eu os amava, está bem? - disse ele baixinho. - E isso não vai mudar nunca.

Lily ficou com os olhos marejados.

- Eles tinham tantas coisas boas. Seu pai e sua mãe. Tanto amor. Eles amaram

você desde o primeiro momento em que o viram. Você reúne o melhor de cada

um deles,

Cam, você sabe disso?

Cameron ficou sem graça.

- Está bem, que seja.

- Certo. Não vou mais constrangê-lo. - Olhou para a elevação acima do fairuiay.

- Preciso ir.

Cameron sorriu.

- Eu sei. A gente cuida das meninas.

Iluminado pelas cores do sol poente, Sean parecia o personagem de um sonho e, por um momento, Lily sentiu medo de dizer alguma coisa, medo de

acordar e vê-lo

desaparecer

aos poucos. Então Sean virou-se para ela, que se sentiu uma tola. Nada na sua vida fora tão real quanto aquele momento.

- Você tem andado ocupado - disse ela. Ele enfiou os polegares nos bolsos traseiros.

- Você devia ter me contado. - Tentou mostrar-se aborrecida, mas não

conseguiu esconder a alegria na voz.

- Eu pretendia, mas tinha esse pequenino detalhe com relação a um torneio...

- Sean.

Ele abriu os braços e ela pressionou o seu corpo contra o dele, sentindo-se segura e abrigada, o coração tão extasiado que não conseguia sequer falar.

- Vai ficar tudo bem, Lily. O Duncan não quer saber disso.

Porque ele já tem o que quer, pensou ela. Um empresário dos bons, a carreira

dos seus sonhos.

- Você deu isso a ele - disse, afastando-se para analisar-lhe o rosto. - Você deu a vitória para ele hoje.

- Você - disse ele, baixando lentamente a boca até a dela - tem uma imaginação muito fértil.

Aquilo, percebeu Lily, foi o mais próximo de uma admissão que conseguiria por

parte dele. Momentos depois, nada mais importava, pois seu beijo selava uma

promessa

que ele lhe havia feito tempos atrás.

A brisa do anoitecer trouxe o friozinho do outono e ela aconchegou-se ainda

mais, ouvindo as batidas regulares do coração dele. Diga a ele, Lily, disse para

si mesma,

numa voz parecida com a de Crystal. Diga a ele agora.

Estava com medo, mas de uma vez por todas iria ignorá-lo. Deu um passo para

trás, mantendo as mãos entrelaçadas com as dele. A perspectiva da felicidade

extrema

era maior ainda do que o medo. Amar Sean tinha mudado a forma como

encarava o mundo. Às vezes, sentia-se como Dorothy em Oz, vendo as coisas

coloridas pela primeira vez. Finalmente estava pronta para lhe contar.

- Esta não é a vida que eu tinha planejado para mim - disse ela. - Sempre fui

uma pessoa planejadora. Às vezes, planejo até o último momento, mas,

quando estou com

você, com essa família, bem, todos os meus planos cuidadosos vão por água abaixo.

- Eu nunca planejei nada e veja só: nós dois caímos no mesmo lugar. É porque

era para ser assim, Lily. Acredite.

- Nós podemos ser um desastre juntos.

- Nós provavelmente já somos. E daí? Eu te amo, Lily. Amo quem sou quando

estou ao seu lado, e amo o fato de sermos loucos por essas crianças. -

Curvou-se e deu-lhe

outro beijo demorado. - Na verdade, nós devíamos fazer mais crianças.

Lily engasgou.

- Você está indo rápido demais.

- Você não quer mais filhos?

Ah, meu Deus, pensou. Ah, meu Deus!

- Eu te amo tanto, Sean. - No momento em que falou essas palavras, percebeu que tinha respondido à pergunta pelos dois. O medo fora embora.

Em seu lugar, como

uma fogueira acesa sob o seu coração, havia um sentimento constante de desejo e expectativa por tudo o que a vida tinha a oferecer. Ela sabia que tanto

poderia ser o

sofrimento como a felicidade, mas a diferença era que, agora, dava-lhe as

boas-vindas. Não tinha mais medo de ir aonde o seu coração pudesse levá-la.

- Já estava mais do que na hora de você dizer isso.

- Eu não sabia como - disse ela. - Não parecia... seguro. Diante disso, ele riu

baixinho e acariciou-lhe o rosto.

- Ah, Lily, nunca é, mas jamais deixe isso impedi-la de amar.

## Capítulo 51

Lily tinha certeza de que alguma coisa estava acontecendo. O convite escrito a mão por Charlie, e entregue em mão por Cameron, dava apenas uma pista:

"Por favor,

jante conosco no La Dolce Vita, sexta-feira, às 20:00. Traje: esporte-fino."

Charlie tinha escrito tudo certinho e ilustrado a mensagem com um desenho dos quatro

alinhados por altura. Do outro lado da folha havia um desenho de Lily, um desenho relativamente bom; Charlie a retratara como uma Barbie Malibu usando óculos.

A caligrafia de Charlie era clara e forte, um contraste com a forma trêmula e

insegura com a qual escrevera na terceira série. Sua professora da quarta série

disse

que ela estava dentro da média na maior parte das matérias. Ocasionalmente,

ela parecia se distrair um pouco, perdida na tristeza, mas sempre retornava. O

sofrimento

sempre seria um fato na vida de Charlie, uma faceta sua, mas ela não era mais

assombrada por uma dor que não viesse a superar e vencer. Sua exuberância natural tinha retornado durante o verão e Lily sentiu-se privilegiada por ter sido

testemunha desse processo.

Cameron voltou para o time de golfe e já havia ganho o primeiro torneio do ano. Nos finais de semana, trabalhava como caddie do tio. Lily adorava vê-los

juntos,

unidos por um propósito, Sean tratando-o de igual para igual e como o profissional que era. Embora Sean tivesse trocado um título de grande importância pela segurança de Ashley, estava subindo no ranking. Lily sabia

que ele jamais seria o campeão que seu irmão tinha sido. A diferença era que,

agora, ele não queria mais a carreira de Derek. Ele queria a sua.

Lily prendeu o convite na moldura do espelho da penteadeira e deu uma olhadinha no cabelo e na maquiagem - pela enésima vez. Sentiu uma certa formalidade com relação

àquela noite. Não seria apenas um jantar. O La Dolce Vita era um restaurante

luxuoso à beira do rio, com um chef famoso de Sorrento. Com seus jardins

elegantes e

ar luxuoso, era o tipo de lugar onde as pessoas iam comemorar

acontecimentos importantes - aniversários, bar mitzvahs e... noivados?

Após o

torneio, após as coisas

que tinham dito um para o outro, esse seria o próximo passo. Tinha de ser.

Mesmo após terem ido cada um para a sua casa naquela noite - pois Lily se recusava a dormir

com Sean para não confundir as crianças; mesmo a escola tendo começado

numa roda-viva de atividades, e mesmo sem nunca parecer sobrar tempo

suficiente para explorarem

o que ficara acertado entre eles, tinha de ser.

A campainha tocou, assustando-a a ponto de borrar o batom. Ela consertou

rapidamente o estrago. Então, ficando tensa, correu para abrir a porta.

Todos

entraram juntos,

enchendo a pequenina casa com sua presença. Lily olhou boquiaberta para

Sean. Um smoking. Sean estava usando um smoking. Ela ficou com os

joelhos bambos. Faria

ele idéia de como a abalava assim? E as crianças estavam lindas. Charlie com tranças presas em cima da cabeça como uma auréola, Ashley toda de rosa e

Cameron com um

terno que o fazia parecer adulto e lindo de morrer. Ficaram esperando, lindos e

brilhantes como moedas novas, sorrindo para ela.

- Uau! - disse Sean ao observá-la, seu olhar descendo da cabeça aos pés, e então subindo dos pés à cabeça. - Olhe só para você!

- Estou como qualquer outra pessoa.

- Vamos embora. O que estamos esperando? - Charlie pulava de excitação até

Cameron pôr a mão em seu ombro.

- Fique calma, debilóide - disse ele. - É só um jantar.

- Não é. O tio Sean vai pedir a Lily...

- Lily, colo - disse Ashley, puxando o seu vestido. - Por favor,

Lily não tirou os olhos de Sean ao pegar Ashley no colo.

Pedir o quê?, perguntou-se, dirigindo um olhar para Sean, que parecia agir naturalmente, assobiando entre os dentes. Ah, por favor, pensou. Por favor!

- Bonito - disse Ashley, puxando as contas do vestido de Lily. Ela o tinha comprado para aquela noite, embora os sapatos caros de couro preto e a bolsa

com pedrinhas

de ônix tivessem pertencido a Crystal. Abriu a bolsa para guardar as chaves e

encontrou uma tirinha de papel enrolada no forro de cetim. Sem conseguir resistir,

tirou o papel. Era uma mensagem de um biscoitinho da sorte que dizia: "A maré

leva e traz." Números da sorte: 44, 25, 61, 78, 99, 17. Perguntou-se por que

Crystal

guardara aquilo. Uma imagem da amiga formou-se em sua mente. Sinto tanto a

sua falta, pensou. Sempre sentirei.

Discretamente, pôs o papel de volta na bolsa. Então trocou um olhar com

Sean e perguntou-se se estaria demonstrando estar tão nervosa e perdida de amor como de

fato estava.

- Agüente firme, srta. Robinson - disse ele, implicando com ela. - Não vai doer

nem um pouquinho.

- Por favor, podemos ir agora? - Charlie perguntou, agoniada.

- Eu dirijo - disse Cameron.

Durante a breve corrida até o restaurante, Charlie e Ashley conversaram sem

parar. Lily continuou tentando olhar nos olhos de Sean, embora ele não lhe oferecesse

nada além de um sorriso furtivo e insinuante. Ela contentou-se, então, em contemplar a paisagem pela janela. As cores do outono estavam surgindo lentamente - folhas

reviradas, campos de margaridas amarelas ao longo da costa e montanhas tão

onduladas e brancas como velas contra o céu de topázio.

No restaurante, um manobrista com traje de gondoleiro tomou conta do carro.

- Chegamos cedo - disse Lily, olhando o relógio.

- É - concordou Charlie, segurando o seu suéter. - A gente queria dar uma olhada nos jardins. O tio Sean planejou assim. - Quase explodindo de excitação, Charlie

passou por baixo de um arco de loureiros que dava para os jardins bem arquitetados. Uma placa dizia que aquela era uma réplica dos jardins da Villa

dEste, em Tivoli, na Itália. Lily ficou encantada com as sebes caprichosamente aparadas, os caminhos com seixos simétricos e os caramanchões

românticos. As verbenas tardias perfumavam o ar e, pelo rio abaixo, botes e barcos de passeio deslizavam, banhados pelas cores do entardecer.

- Patinhos - disse Ashley, apontando para a borda do rio. - Quer os patinhos.

Cameron tirou Ashley dos braços de Sean.

- Vou levá-la para ver os patos. Vamos lá, Charlie.

- Vista o suéter - disse o tio, abaixando-se para ajudá-la a abotoá-lo. Um envelope grosso e brilhante nas cores vermelha, branca e verde escorregou do

bolso do

seu paletó e caiu no caminho revestido de lajotas. Charlie abaixou-se para pegá-lo.

- O que é isso? - perguntou Lily.

- Era para ser surpresa - disse Charlie, pulando novamente. - São...

- Passagens para a Itália - sussurrou Lily, reconhecendo a logomarca da Alitalia. Ela olhou maravilhada para Sean. - São passagens para a Itália - repetiu. Contou-as,

cinco ao todo, e viu que a data da partida era final de outubro, menos de um mês a partir de então.

Ele não falou nada, mas ficou vermelho. Vermelho. Sem a menor sombra de dúvida, isso era inédito.

- O que está acontecendo? - perguntou Lily. Sentiu-se trêmula, os sapatos de salto alto vacilando no chão. Sean estendeu a mão e puxou Lily até um banco

de pedra

curvo. Segurando Ashley e puxando Charlie pela mão, Cameron aproximou-se

mais do rio, embora Charlie continuasse a olhar para eles por cima do ombro.

Lily estava com dificuldades para respirar.

- Sente-se. - Sean pegou as passagens da mão dela e as pôs de lado.

- Que história é essa de Itália? - ela perguntou.

- O que você acha de passar o Natal em Amalfi? - perguntou, oferecendo-lhe

um sorriso. - Haverá um torneio em Brescia. O Red já arrumou tudo, inclusive a

vila em

Amalfi até o Ano-novo. A escola concordou em deixar as crianças fazerem uma

aprendizagem individual sob a sua supervisão. E a Edna é cem por cento a favor de você tirar uma licença. Já falei com ela.

Lily mal pôde processar a informação. Não estava acostumada às pessoas decidirem por ela, incluindo-a em seus planos.

- Nós não podemos simplesmente partir para a Itália...

- Tem razão. Preciso te pedir uma coisa antes. É isso, pensou Lily. Por favor,

seja isso.

Ela o viu apoiar-se sobre um joelho e seu coração criou asas. Percebeu as

crianças olhando para ela e, de alguma forma, pareceu-lhe certo tê-las como testemunhas

daquele gesto. Lily sentiu uma onda de gratidão por Crystal. Não somente pelas lembranças ou pelos anos de amizade; o legado que deixara para ela era

algo muito

mais precioso e inesperado. Uma família não precisava ter laços de sangue.

Aquela era a família que ela e Sean tinham criado. Tinham feito tudo ao contrário,

começando pelas crianças e então se encontrando durante o caminho. Não foram perfeitos, mas tinham feito o melhor. Vou tomar conta delas, Lily prometeu à amiga. Darei cada

centímetro do meu coração e nunca as abandonarei. Prometo.

- Lily, eu te amo - disse Sean. - Estou pedindo a você para casar comigo.

Lily ficou sem voz. Sabia que, se ele a forçasse a dizer alguma coisa agora, perderia o controle e arruinaria aquele momento chorando de felicidade.

Como ela não respondesse, ele pegou sua mão. Ela sentiu a frieza do metal deslizando pelo seu dedo, mas não ousou olhar para ele. Não queria tirar os olhos de

Sean com medo de quebrar o encanto.

- Sou eu que estou dizendo essas palavras - continuou ele -, mas não sou só

eu que estou pedindo. Somos nós. Eu e as crianças. Nós amamos você, Lily.

Queremos passar

o resto das nossas vidas com você.

Lily sentiu um aperto no peito ao se levantar, puxando-o pela mão.

- Sim parece uma palavra muito pequena e inadequada - disse.

- É tudo o que preciso ouvir de você. - Ele inclinou-se, beijou-a, um beijo não

muito demorado, e deu um passo para trás.

Ela o viu erguendo o polegar para as crianças. Então riu alto, sentindo-se mais

leve do que o ar, enquanto caminhavam para o restaurante. No hall, dois porteiros

abriram as portas. Com um constrangimento adorável, Sean pôs a mão na sua cintura e guiou-a para dentro do restaurante pouco iluminado.

- São só os dois? - perguntou a recepcionista.

- Não. - Sean virou-se e fez sinal para que as crianças os acompanhassem. -

Mesa para cinco.

Nota da autora

Um agradecimento especial para o detetive Scott Anderson, do Departamento

de Polícia de Bainbridge, para Jay, para o pessoal do Meadowmeer Golfe

Country Club e para

Lori Cross com seus olhos de águia. Como sempre, eu também gostaria de agradecer aos consultores da Port Orchard Brain Trust e Test Kitchen Rose Marie, Anjali, Kate,

Lois, RJ., Susan, Krysteen e Sheila pelo seu talento, generosidade e crítica literária. Sou profundamente grata à minha empresária, amiga e campeã Meg

Ruley e a

Martha Keenan e Dianne Moggy, da MIRA Books. Por fim, embora seja desnecessário dizer, vou fazê-lo de qualquer forma - obrigada a Jay, que sabe

que, como uma boa

partida de golfe, a vida é um processo de explorações e mudanças durante o qual temos todas as oportunidades de acertar.

Fim do livro